



EMILY
BRONTË

*O Morro
dos ventos
livrantes*

MARTIN  CLARET

o Morro
dos ventos
livrantes

EMILY BRONTË

*o Morro
dos ventos
livrantes*

TRADUÇÃO
SOLANGE PINHEIRO

MARTIN  CLARET



SUMÁRIO

[ANTERROSTO](#)

[FOLHA DE ROSTO](#)

[SUMÁRIO](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[IV](#)

[V](#)

[VI](#)

[VII](#)

[VIII](#)

[IX](#)

[X](#)

[XI](#)

[XII](#)

[XIII](#)

[XIV](#)

[XV](#)

[XVI](#)

[XVII](#)

[XVIII](#)

[XIX](#)

[XX](#)

[XXI](#)

[XXII](#)

[XXIII](#)

[XXIV](#)

[XXV](#)

[XXVI](#)

[XXVII](#)

[XXVIII](#)

[XXIX](#)

[XXX](#)

[XXXI](#)

[XXXII](#)

[XXXIII](#)

[XXXIV](#)

[POSFÁCIO](#)

[SOBRE A TRADUTORA](#)

[PÁGINA DE DIREITOS AUTORAIS](#)

INTRODUÇÃO

QUANDO O CÂNONE FOGE DA FORMA

Em *The English Novel from Dickens to Lawrence* (1970), Raymond Williams menciona os anos de 1847 e 1848 e os livros durante eles publicados, afirmando que esse período representou um momento decisivo na literatura inglesa, relacionando os romances às mudanças sociais e culturais ocorridas no Reino Unido nos últimos cinquenta anos. Entre as obras citadas por Williams, encontra-se *O Morro dos Ventos Uivantes*, de autoria de Emily Jane Brontë. E Williams — assim como tantos outros críticos literários antes e depois dele —, ao analisar o único romance produzido pela autora, o descreve como um acontecimento único, isolado: em suas próprias palavras, um romance sem precedentes ou antecedentes.

A estrutura do romance, com sua manipulação do tempo; uma história que começa a ser narrada já perto de seu fim, contada por personagens secundárias, uma das quais é testemunha presencial dos acontecimentos, mas não pode ser considerada neutra (deixando de lado a discussão da possibilidade ou não de um narrador ser absolutamente imparcial); a intensidade dos sentimentos, contidos na voz aparentemente controlada de Nelly Dean e retransmitidos ao leitor por intermédio do Sr. Lockwood, são algumas das características que têm causado repulsa nos leitores e críticos ou os fascinaram desde a publicação do romance. Elas permitem inúmeras interpretações da obra, seguindo linhas teóricas tão diferentes entre si quanto a análise marxista de Terry Eagleton (em *Myths of Power*) ou a visão feminista de Sandra Gilbert e Susan Gubar (em *The Madwoman in the*

Attic). E suas características também favorecem — conforme observou Eagleton — a divisão entre quem está a favor de Edgar Linton e os defensores de Heathcliff quando a discussão aborda a escolha de Catherine Earnshaw entre o amor que ela sente por Heathcliff, descrito por ela própria, talvez em uma das citações mais famosas e mencionadas da literatura mundial como “as rochas sempiternas sob a superfície — uma fonte de pouquíssimo prazer visível, mas necessário”, e o amor que ela sente por Edgar Linton, que se parece com “a folhagem nos bosques”, passível de ser alterado com o passar do tempo. E enquanto as discussões sobre a estrutura do romance continuam, sempre com novas perspectivas sendo apresentadas, de acordo com as diferentes correntes teóricas, e novos leitores vão sendo ou atraídos ou repelidos pela violência da narrativa, sobretudo relacionada a Heathcliff e a seu comportamento abertamente não vitoriano, não civilizado, *O Morro dos Ventos Uivantes* continua a ser a obra inclassificável, fascinante, que chocou a sociedade vitoriana no longínquo ano de 1847, data de sua primeira publicação.

Cabe agora mencionar outro ponto: em grande parte, o escândalo relacionado à obra logo depois de seu lançamento foi renovado na ocasião da publicação da “Biographical Notice of Ellis and Acton Bell”, escrita por Charlotte Brontë em 1850, e com a qual ela desejava acabar com todas as controvérsias a respeito da autoria de *O Morro dos Ventos Uivantes*, bem como de *Agnes Grey* e *The Tenant of Wildfell Hall*, escritos por sua irmã Anne. Se os romances das duas escritoras — então já mortas — juntamente com *Jane Eyre* (de autoria de Charlotte) haviam sido mal recebidos por determinados críticos, que os julgavam pouco decorosos, imorais ou brutais, com suas vívidas descrições de violência, menções explícitas aos danos causados pela bebida, e famílias que não correspondiam ao ideal vitoriano de felicidade e de harmonia, o ultraje foi intensificado quando se descobriu que os textos haviam sido escritos por mulheres — e, para piorar ainda mais a situação, mulheres solteiras filhas de um pastor da Igreja.

O Morro dos Ventos Uivantes não poderia ter sido escrito por uma moça; não era possível que suas personagens tivessem sido concebidas pela mente de uma jovem escritora. Em uma tentativa de mitigar o choque,

Charlotte fez da irmã a descrição até hoje em parte responsável pela visão que muitos leitores e até mesmo críticos têm de Emily Brontë: a de uma criatura simples, ligada à natureza, ignara das convenções sociais dos grandes centros urbanos, dotada de um talento que ela própria não tinha condições nem de avaliar e nem de controlar; a ideia de um escritor como um ser até certo ponto passivo, que trabalha sob o influxo de uma inspiração que se manifesta por conta própria e é mais forte que os seres humanos.

Contudo, essa visão de Charlotte, por mais que fosse bem intencionada, ou sincera, deixa de lado um dos aspectos mais singulares e menos discutidos da obra de Emily Brontë: o uso consciente da linguagem, que faz de *O Morro dos Ventos Uivantes* uma obra única, assim como as características mencionadas acima (múltiplos narradores, manipulação do tempo). Pois, se há um fator que isola *O Morro dos Ventos Uivantes* das demais obras da literatura inglesa do século XIX (e, podemos dizer também do XX), é a linguagem empregada pela escritora. Afinal, são poucos os romances que apresentam uma mescla tão evidente de uma linguagem bastante formal, entremeada de citações bíblicas e literárias, e de uma linguagem associada às classes pobres, trabalhadoras, como o dialeto. Esse aspecto também mereceu críticas contundentes na época do lançamento do romance, pois *literatura* implicava o uso da norma, do inglês falado pela restrita classe letrada; a associação dos dialetos com o texto escrito era inaceitável para os padrões vitorianos. Vale lembrar que, do outro lado do Atlântico, quase quarenta anos depois do lançamento de *O Morro dos Ventos Uivantes*, um escritor se aventurou a publicar um romance escrito inteiramente em inglês dialetal, totalmente afastado da norma considerada padrão ou culta. E assim como aconteceu com o romance de Emily Brontë, essa apropriação de uma forma de falar “errada” e “inculta” para narrar um texto literário ajudou a fazer de *As aventuras de Huckleberry Finn* uma obra controversa. Mark Twain foi muito mais radical — se é possível usar tal adjetivo para qualificar tanto o empenho do autor quanto o resultado literário — que Emily Brontë; porém, mesmo com o uso muito mais moderado do dialeto no romance inglês, o fato de uma mulher tê-lo usado

era inaceitável. Afinal, dialetos e linguagem de baixo calão, vistos então como um mesmo fenômeno linguístico, não eram formas adequadas de expressão para uma *dama*. Considerados sob essa perspectiva linguística, Brontë e Twain deixaram poucos descendentes no mundo literário: até meados do século XX, poucos autores produziram romances ou contos em que variantes dialetais e línguas minoritárias ou regionais não fossem usadas com o intuito de mostrar aquilo que é exótico, inferior; a oposição tendo de um lado os centros urbanos e o progresso social, econômico e cultural, e de outro as localidades afastadas, remotas, onde o *progresso* custava a chegar e os habitantes locais eram vistos pelo olhar dos visitantes metropolitanos como remanescentes de um passado atrasado, arcaico e destituído de cultura. Essa oposição, minuciosamente analisada (entre outros críticos) por Antonio Candido em *A Literatura e a Formação do Homem*, é inexistente nas obras de Brontë e de Twain — nelas, o dialeto não é uma manifestação de atraso social ou cultural, de inferioridade das pessoas que o usam; muito pelo contrário, ele é a prova mais evidente e precisa da inserção do ser humano em seu meio (espaço físico, geográfico, cultural e social). Pois é por meio da linguagem que o ser humano expressa sua visão de mundo; e mesmo os autores que não se afastam da norma considerada culta da língua, de uma forma ou outra, tentam marcar a individualidade das suas personagens não apenas com descrições de ações ou da aparência física, mas, acima de tudo, nos diálogos, no uso do léxico, em escolhas conscientes realizadas por meio de um processo que quase sempre não é evidente para o leitor quando este se dedica à leitura.

Temos então em *O Morro dos Ventos Uivantes* o uso consciente do dialeto de Yorkshire — condado ao norte da Inglaterra, região afastada dos grandes centros urbanos do Reino Unido —, e os comentários feitos por críticos, sobretudo no século XIX, apontavam unicamente para a impropriedade do uso do dialeto em uma obra literária. Essa controvérsia é sugestiva, aos olhos de pesquisadores e estudiosos do século XX (e XXI), por nos propor uma questão fundamental: por que um dialeto não poderia figurar em uma obra literária? Quais são os motivos que condenam seu uso no texto escrito, e seria justificada essa censura?

Os estudos dedicados a esse tema são relativamente recentes, realizados por poucos pesquisadores que usam recursos da linguística e da sociolinguística, aplicando-os à análise dos textos literários. Em termos puramente linguísticos, não há diferença entre a norma considerada culta ou padrão de uma língua e suas variantes não padrão; essa noção de diferença está, de modo geral, disseminada na sociedade, fora do meio acadêmico. Na visão do leigo, o dialeto é sempre associado ao erro, à falta de cultura, ao pouco letramento, até mesmo à pobreza, a um modo particular de pronunciar determinadas palavras de uma língua, a uma forma de falar que não tem uma forma escrita e é restrita a uma localidade ou a um grupo social. Para os linguistas, contudo, essa separação não existe. David Crystal, um dos mais conhecidos linguistas ingleses, afirma que somos todos falantes de um dialeto — até mesmo as pessoas que se esforçam para falar segundo as regras impostas pelas gramáticas normativas. A diferença entre “língua” e “dialeto” é tênue; estudos mais recentes, realizados principalmente nas duas últimas décadas do século XX, postulam não a existência de duas formas rígidas e fixas, opostas uma à outra — norma culta vs. dialetos — mas, a existência de *idioletos*, ou seja, a variação individual que faz com que cada falante de uma determinada língua seja um usuário único do acervo lexical a seu dispor.

O ser humano não se expressa sempre da mesma maneira; nossa fala varia segundo padrões e convenções sociais, e vivemos tão imersos nessas convenções que não paramos para analisar nossas escolhas, o modo como nos expressamos, sempre que nos comunicamos com alguém. Porém, essas variações são constantes; uma conversa entre amigos em um bar ou uma conversa entre membros da família na hora do almoço são situações de comunicação distintas que levam a usos específicos do léxico e até mesmo de estruturas da língua. Se pensarmos em outros tipos de interação, as variações chegam a um número praticamente infinito de possibilidades. Tendo a consciência de que esse falante invariável não existe, vemos que estabelecer uma diferença rígida entre o *certo* e o *errado* é impossível. Há uma série de normas sociais que ditam o que é aceitável em determinados contextos, incluindo aí a fala. A norma culta da língua é usada em situações

mais formais, mas mesmo dentro delas há uma variação. As formas que poderíamos classificar como mais espontâneas e mais distantes de uma norma fixa são usadas em nossa vida quotidiana, de maneira inconsciente.

O raciocínio acima vale para as chamadas situações de comunicação orais — conversas (in)formais. E o texto escrito? Se aceitarmos que uma pessoa usa o léxico segundo o ambiente ou as circunstâncias em que se encontra, como pensar nesse uso específico da língua? Afinal, em todo texto escrito há uma elaboração; se na linguagem falada as escolhas lexicais são — na maior parte das vezes — inconscientes, na linguagem escrita há um espaço muito maior para o uso deliberado do léxico. Entretanto, mesmo dentro desse universo há variações: um bilhete deixado para um membro da família não pode ser comparado a uma carta comercial ou a um texto acadêmico. Retornamos sempre à questão do uso, daquilo que pode ser considerado (im)próprio em determinada situação social, e que pouca relação tem com as normas prescritas pelo bom uso da língua.

Aceitando, portanto, tais distinções, como pensar especificamente no texto literário? Não seria a literatura uma mostra de um emprego sofisticadíssimo da linguagem, de um raciocínio elaborado? Assim sendo, caberia nela o uso daquilo que é espontâneo, corriqueiro, distante da norma, como um dialeto, ou uma forma muito pessoal de expressão? Para muitos críticos, a resposta é “não”. Contudo, se a literatura tem por objetivo retratar o ser humano inserido em uma sociedade, em uma época específica, e se a experiência humana é extremamente variada, e o homem não se manifesta sempre da mesma forma, já que seu comportamento e sua linguagem variam segundo as circunstâncias em que ele se encontra, é possível usar uma linguagem uniforme para retratar o que é mutável?

Outra vez, a resposta é “não”. Um texto literário que realmente retrate a complexidade do ser humano pode ser escrito com uma linguagem que procure se aproximar ao máximo daquilo que poderíamos chamar de naturalidade da fala. Os recursos de que o autor dispõe para chegar a tal resultado são variados. Um deles é o uso consciente dos desvios da norma, neles incluídos os dialetos. Pois aquilo que está tão intrinsecamente presente em nossas vidas — a linguagem — não pode ser restringido pelo

apego excessivo às normas. Aceitando que o dialeto não é um erro, e sim uma forma legítima de expressão, sua presença em um texto literário não o empobrece, pelo contrário. Ele ajuda a caracterizar personagens, relacionando-as a seu tempo e espaço.

Ao preparar a edição de 1850 de *O Morro dos Ventos Uivantes*, Charlotte Brontë fez, além das habituais correções de erros tipográficos, uma alteração na ortografia das falas da personagem Joseph, o principal falante do dialeto no romance, justificando que, embora ela fosse perfeitamente compreensível para quem conhecesse o dialeto, os habitantes do sul da Inglaterra teriam dificuldades para compreendê-la. Somente em edições posteriores, com um trabalho metódico de pesquisa, críticos conseguiram restabelecer o que provavelmente foi a concepção original de Emily Brontë para a criação de Joseph (os manuscritos tendo sido perdidos, não havia a possibilidade de cotejar com o texto escrito diretamente por ela). Estudos mais recentes feitos por pesquisadores ingleses mostram que a opinião de Charlotte Brontë não foi motivada unicamente pelo afeto que ela teria pela irmã: conforme aponta Petyt, sem ter a seu dispor recursos da linguística, da fonética e da fonologia, Emily Brontë demonstrou ter um ouvido muito bom e grande capacidade para representar a pronúncia dos habitantes da cidadezinha de Haworth, onde ela vivia, dispondo apenas das letras do alfabeto latino, sem conhecer o alfabeto fonético. Algumas das características apontadas por ela na fala do velho empregado Joseph estão presentes até hoje entre os falantes do dialeto, mais de cento e cinquenta anos depois da publicação do romance. E o dialeto continua a representar uma dificuldade para a leitura, não só dos leitores de inglês como língua estrangeira, mas também dos anglófonos. A edição da Norton, usada como referência para esta tradução, traz todas as falas de Joseph “traduzidas” em inglês padrão em notas de rodapé.

Essa dificuldade sentida pelo leitor nativo de inglês fica evidente no momento da tradução. O tradutor se depara com uma questão cuja resposta não é nem um pouco fácil ou simples: como traduzir um dialeto? As dificuldades para a tradução da norma considerada culta de uma língua já são grandes; se pensarmos em traduzir o que foge da norma, essas

dificuldades são multiplicadas. Em países onde existe uma grande variedade linguística — por exemplo, Itália, França, Espanha — qual deve ser o procedimento do tradutor? Escolher uma língua minoritária ou regional e usá-la de modo consistente para representar as falas dialetais? Mas, se não existe uma correspondência entre línguas, seria possível pensar em correspondência entre dialetos e línguas minoritárias? Piemontês, siciliano, lígure não são variantes do italiano, são línguas independentes que coexistem com o italiano padrão; da mesma maneira, gascão e picard não são variantes do francês; seria válido então traduzir um dialeto usando outra língua? E no caso do Brasil, onde a língua portuguesa é oficial e predominante em todo o território nacional, e onde casos de bilinguismo são restritos a áreas muito limitadas como as de colonização alemã, italiana ou ucraniana, quais seriam as possíveis estratégias de tradução para uma variante dialetal?

Existe uma norma considerada culta da língua portuguesa; bem como existem suas variantes não padrão, cujas características variam de acordo com diversos fatores: geográficos, sociais, culturais. A fala de um gaúcho é diferente da fala de um amazonense; entretanto, não existe uma uniformidade de fala dentro do Rio Grande do Sul ou do Amazonas. A individualidade do falante se manifesta segundo a situação em que ele se encontra; seu grau de letramento; a pessoa com quem ele conversa. Se aplicarmos essas variáveis aos milhões de brasileiros que vivem aqui, nós veremos que a busca de uma norma rígida é impossível, mas também é impossível pensar em desvios dessa norma que obedeçam a regras previsíveis e invariáveis. Contudo, estudos nas áreas da sociolinguística e da dialetologia oferecem para o tradutor vários recursos que podem ser usados para traduzir aquilo que parece ser intraduzível.

Ao se deparar com uma variante dialetal no texto em inglês, como é o caso de *O Morro dos Ventos Uivantes*, duas opções se apresentam para o tradutor. A primeira é a escolha deliberada por uma forma de falar que possa ser ligada a um estado brasileiro — por exemplo, a fala gaúcha. Entretanto, essa opção tem seus riscos: se o tradutor não for gaúcho, ele vai ter uma visão parcial, até mesmo estereotipada, do universo lexical e das

estruturas que compõem a fala dos habitantes do Rio Grande do Sul de maneira geral. Assim sendo, essa é uma opção que pode levar a uma representação caricata, pouco autêntica, reduzida a um punhado de expressões que o tradutor julga serem as mais representativas da fala desse *gaúcho típico*. No momento da leitura, os leitores de outros estados brasileiros podem até considerar que estão vendo uma legítima representação da fala gaúcha, mas esta parecerá muito afastada da realidade para todos aqueles que vivem no Sul.

A outra opção é o uso de variantes do português brasileiro que ocorrem de maneira bastante disseminada no território nacional e não podem ser imediatamente identificadas como pertencentes a uma variante regional específica. Por meio da pesquisa linguística, é possível verificar quais são os desvios da norma mais recorrentes, e usá-los na tradução. Esta foi a opção consciente feita nesta tradução no momento de traduzir as falas de todas as personagens que usam o dialeto de Yorkshire. Essas variações estão presentes na fala de grande parte da população brasileira, independente de escolaridade, da idade, da condição social; elas estão tão embrenhadas em nosso cotidiano que muitas vezes sequer as percebemos, pois as usamos de forma espontânea. Para dar uma rápida ideia para o leitor, citamos o uso de um único marcador de plural (*as palavra* no lugar de *as palavras*); transformação do *l* final das palavras e de encontros consonantais em *r* (*iguar* no lugar de *igual*; *grória* no lugar de *glória*); uso de pleonasmos e repetições (*vem rapidinho e entra correno dentro de casa...* no lugar de *vem rapidinho e entra correndo em casa...*); uso do pronome pessoal reto no lugar da forma oblíqua correspondente (...*eu bem que gostaria de ouvir ela!* no lugar de ...*eu bem que gostaria de ouvi-la!*). Essas alterações raramente são encontradas em textos escritos, contudo. Por mais que os estudos linguísticos tenham demonstrado que variantes não são erros, ainda é muito forte o apego à norma considerada culta da língua na hora de produzir um texto escrito. Esse fato pode ser visto com uma análise rápida das traduções de *O Morro dos Ventos Uivantes* em português: entre as décadas de 1940 e 2000, nove traduções da obra foram publicadas no Brasil, por diferentes editoras e tradutores. Em nenhuma delas houve uma

tentativa de mostrar para o público leitor que determinadas personagens não usam o inglês padrão.

As dificuldades para a tradução em português podem ser divididas em duas questões básicas: em primeiro lugar o uso do dialeto propriamente dito, para o qual não temos uma correspondência formal na língua portuguesa, e cuja solução envolveu os processos acima mencionados. E em segundo lugar, uma particularidade do dialeto, que dificilmente será percebida mesmo por leitores atentos do texto em inglês: o uso dos pronomes *thou* e *you*, cujo emprego obedece a regras rígidas ditadas pelas convenções sociais. Segundo tais regras, no dialeto de Yorkshire, *thou* jamais poderia ser usado para um homem se dirigir a uma mulher, ou para um empregado falar com seu patrão, ou para uma pessoa qualquer se dirigir a outra pessoa que tivesse uma posição social superior, incluindo aí o filho que fosse conversar com os pais. *Thou* somente poderia ser usado para conversas entre homens, ou então em situações em que existisse afeto envolvido, como, por exemplo, relacionamento entre pais e filhos, ou algum tipo de superioridade ou poder — um adulto se dirigindo a uma criança. Essa particularidade motivou o emprego, nesta tradução, de uma forma *ocê* (indicadora do uso inadequado do dialeto, quando Hareton Earnshaw fala com sua prima Catherine Linton, por exemplo) em oposição a *vosmecê* (para indicar o uso de *you* pelos falantes do dialeto). Ambas se opõem a *você, o senhor e a senhora*, empregados para traduzir o pronome *you*, quando usado pelas personagens que não são falantes do dialeto.

A presença de dialetos ou variantes não padrão em textos literários é sempre uma criação autoral, não um estudo científico. O escritor procura representar as variações na fala de uma maneira que soe fidedigna para ele, mas esse uso não obedece a prescrições linguísticas, ele se baseia de modo preponderante no conhecimento que o escritor tem de uma determinada região, ou mesmo de uma cidade, do país onde vive. No caso de Emily Brontë e *O Morro dos Ventos Uivantes*, a autora escreveu o romance em uma época em que os estudos de dialetologia estavam começando na Europa, principalmente na França, Itália e Alemanha (os primeiros resultados de tais estudos começaram a ser publicados na segunda metade

do século XIX). Contudo, as soluções encontradas para o problema de tradução proposto pela presença do dialeto em um texto literário foram fundamentadas em estudos dialetológicos e linguísticos da língua portuguesa. Essa abordagem foi usada com o intuito de evitar uma representação estereotipada das personagens falantes de dialeto, bem como de evitar o que Antonio Candido chamou de *estilo esquizofrênico*, ou seja, duas forças opostas atuando de forma evidente no texto (de um lado, a voz formal do narrador e das personagens ditas *cultas*, e do outro os momentos de diálogo em que as personagens *rústicas* se manifestam usando uma linguagem que se distancia demais da norma). É possível colocar objeções a tal postura dizendo que, no texto em inglês, existe esse distanciamento, corroborando tal afirmação com a presença das *traduções* das falas de Joseph nas notas de rodapé da edição da Norton. Teria sido possível também preparar outra tradução seguindo os padrões das demais encontradas no Brasil, em que a presença do dialeto é ignorada. Entretanto, sem querer entrar em uma discussão tão acirrada e insolúvel quanto a famosa *intenção do autor*, consideramos que deixar de lado uma característica tão marcante e significativa de uma obra literária é empobrecê-la, e privar os leitores da apreciação integral do texto. É também possível afirmar que Emily Brontë escreveu uma obra única não apenas pelas características que a tornaram famosa, como os múltiplos narradores e a manipulação do tempo, mas também pelo uso muito particular da linguagem. *O Morro dos Ventos Uivantes* tornou-se uma obra canônica, e um dos poucos romances do cânone do século XIX que fogem da norma, apresentando personagens que não usam o inglês padrão. Com o conhecimento linguístico que temos atualmente, não seria aceitável deixar de lado o uso do dialeto em uma tradução em nome de um apego a uma gramática normativa que é usada em ocasiões muito específicas — e até mesmo restritas — na comunicação entre os seres humanos.

* * *

Esta tradução tem sua origem na dissertação de mestrado de Solange Pinheiro, defendida em 2007 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação da Prof^a Dr^a Lenita Maria Rimoli Esteves. Os possíveis leitores que se

interessarem pelo tema poderão encontrar o texto da dissertação, no qual explicações mais detalhadas sobre a questão da tradução dos dialetos são dadas, consultando o site da USP.

EMILY BRONTË

*o Morro
dos ventos
livrantes*



I

1801.

Acabo de chegar de uma visita a meu senhorio — o solitário vizinho com quem eu talvez tenha de me preocupar. Esta é certamente uma bela região! Em toda a Inglaterra, não acredito que eu pudesse ter me instalado em um local tão completamente afastado do burburinho social. O Paraíso perfeito para um misantropo — e o Sr. Heathcliff e eu formamos um par adequado para dividir a desolação entre nós. Que criatura admirável! Ele mal poderia imaginar o impulso de simpatia que senti por ele ao perceber, enquanto eu me aproximava a cavalo, seus olhos negros se desviando cheios de suspeita sob suas sobranceiras, e seus dedos, com uma reserva obstinada, afundando-se ainda mais sob seu colete, quando anunciei o meu nome.

— Sr. Heathcliff? — perguntei.

Um aceno foi a resposta.

— Sr. Lockwood, seu novo inquilino, senhor. Permiti-me a honra de procurá-lo assim que cheguei para expressar a esperança de que não o tenha incomodado com minha insistência para arrendar a Granja da Cruz do Tordo: ontem, ouvi dizer que o senhor havia pensado...

— A Granja da Cruz do Tordo é propriedade minha, senhor — ele me interrompeu, com um estremecimento. — Eu não permitiria que ninguém me incomodasse, se eu pudesse evitar. Entre!

O “Entre!” foi dito entredentes, e expressava a ideia de “Vá para o diabo que o carregue!” Nem mesmo a cancela sobre a qual ele se apoiava fez um movimento que se harmonizasse com o que ele acabara de dizer, e acredito que essa circunstância me levou a aceitar o convite: eu senti interesse por um homem que parecia ainda mais exageradamente reservado do que eu.

Quando ele viu o peito de meu cavalo já praticamente empurrando a cancela, ele tirou a mão do colete para destrancá-la, e então me precedeu, taciturno, pelo caminho, chamando, enquanto entrávamos no pátio:

— Joseph, leve o cavalo do Sr. Lockwood, e traga um pouco de vinho.

Suponho que aqui tenhamos todo o contingente de domésticos, foi o que refleti ao ouvir o duplo comando. Não causa estranheza que o mato cresça entre as pedras e o gado seja o único a aparar as sebes.

Joseph era um homem de idade; não, um homem velho; muito velho, talvez, embora sadio e rijo.

— O Senhor nos proteja! — resmungou ele para si mesmo, com um tom de acentuada irritação, ao pegar o meu cavalo e fitar meu rosto com uma expressão tão azeda que eu, caridosamente, cogitei que ele provavelmente se valia da providência divina para digerir seu jantar, e que sua piedosa exclamação não se relacionava ao meu aparecimento inesperado.

O Morro dos Ventos Uivantes (*Wuthering Heights*) é o nome da moradia do Sr. Heathcliff. *Wuthering* é um expressivo termo regionalista que descreve o tumulto atmosférico a que é submetida a propriedade em épocas de tempestade. Uma ventilação saudável e revigorante eles devem ter lá no alto, em todas as ocasiões, na verdade: é possível adivinhar a força do vento do norte, soprando sobre a ribanceira, por causa da inclinação excessiva de uns poucos e esqueléticos abetos na parte de trás da casa, e por uma fila de raquíticos espinheiros que estiravam seus galhos em uma só direção, como se esmolassem os raios de sol. Felizmente, o arquiteto tinha sido previdente e fizera uma construção sólida: as janelas estreitas eram profundamente encravadas na parede, e as quinas protegidas por grandes pedras salientes.

Antes de atravessar o umbral, fiz uma pausa para contemplar com interesse uma quantidade de entalhes grotescos espalhados pela fachada, sobretudo sobre a porta principal, acima da qual, entre um emaranhado de grifos e de menininhos desavergonhados, percebi a data “1500”, e o nome “Hareton Earnshaw”. Eu teria feito alguns comentários, e solicitado uma rápida explicação a respeito do lugar para o taciturno proprietário, mas sua atitude, parado à porta, parecia exigir minha entrada rápida ou saída

imediate, e eu não tinha a menor vontade de aumentar sua impaciência, antes de inspecionar o interior da casa.

Um degrau nos conduziu à sala de estar da família, sem a intermediação de nenhum corredor ou passagem: aqui, esse cômodo é chamado de “a casa” por excelência. Ele inclui a cozinha e a sala, geralmente, mas eu acredito que no Morro dos Ventos Uivantes a cozinha tenha sido forçada a se retirar para outro local; pelo menos, eu distingi o burburinho de conversas, e o estrépito de utensílios culinários mais lá para dentro; e não consegui perceber sinais de a grande lareira ser usada para assar, cozinhar ou fazer pão, nem vi o brilho de panelas de cobre ou de escumadeiras de metal penduradas nas paredes. Um dos cantos, na verdade, refletia de forma esplêndida tanto a luminosidade quanto o calor em fileiras de imensos pratos de estanho, intercalados com canecas e jarros de prata, que se erguiam, uma prateleira depois da outra, em um vasto armário de carvalho, até o teto. Este último jamais havia sido fechado: toda sua anatomia se expunha aos olhos curiosos, a não ser por espaços em que uma estrutura de madeira repleta de bolos de aveia e de amontoados de pernis de vaca e de carneiro e presunto o escondia. Acima da chaminé se encontravam diversas armas velhas e ordinárias, um par de pistolas de arção, e, à guisa de ornamento, três caixas de chá pintadas com cores vistosas, colocadas sobre o console. O piso era de pedra branca e polida; as cadeiras, estruturas primitivas com costas altas e pintadas de verde, das quais uma ou duas espreitavam nas sombras, pesadas e pretas. Em um arco sob o armário, descansava uma grande cadela da raça *pointer*, de pelo marrom avermelhado, rodeada por uma penca de filhotes que ganiam, e mais cachorros se encontravam em outros cantos.

O cômodo e a mobília não seriam nada extraordinários se pertencessem a um pouco sofisticado fazendeiro do norte, de semblante teimoso e membros fortes realçados por calças na altura dos joelhos e botas. Tipos assim, sentados em suas poltronas, com a caneca de cerveja espumando na mesa redonda à sua frente, podem ser vistos em qualquer localidade a oito ou dez quilômetros entre estas colinas, se o visitante aparecer na hora certa, depois do jantar. Mas o Sr. Heathcliff contrasta de modo singular com sua

moradia e seu modo de vida. De aspecto, ele é um cigano de pele morena; quanto a suas roupas e maneiras, é um cavalheiro, quer dizer, tão cavalheiro quanto qualquer outro proprietário de terras: um tanto descuidado, talvez, mas mesmo assim sua negligência não lhe confere uma má figura, porque ele tem o porte ereto e uma boa aparência — e é bastante carrancudo. Possivelmente, algumas pessoas pensariam que ele tem uma dose daquele orgulho de quem nasceu em uma condição mais simples; dentro de mim, uma dose de simpatia me diz que ele não é nada disso: instintivamente, eu sei que sua reserva se origina de uma aversão a grandes demonstrações de sentimento — de manifestações de mútua cordialidade. Ele irá amar e odiar, ambos em segredo, e considerar um tipo de impertinência se, em retribuição, for amado ou odiado. Mas não, estou me precipitando — eu prodigamente atribuo minhas próprias características a ele. O Sr. Heathcliff pode ter razões totalmente diferentes das minhas para não estender a mão quando encontra um possível conhecido. Suponho que minha personalidade seja praticamente peculiar: minha querida mãe costumava dizer que eu nunca teria um lar confortável, e no verão passado eu demonstrei ser perfeitamente indigno de um.

Enquanto desfrutava de um mês de temperaturas amenas na costa, eu acabei ficando na companhia de uma criatura extremamente fascinante, uma verdadeira deusa aos meus olhos, enquanto ela não percebeu minha presença. Eu “nunca declarei meu amor” em palavras; entretanto, se os olhares têm uma linguagem, o maior dos idiotas teria sido capaz de adivinhar que eu estava perdidamente enamorado: finalmente ela me compreendeu, e me lançou um olhar — o mais doce olhar que se possa imaginar. E o que fiz eu? Confesso envergonhado — eu friamente me encolhi dentro de mim mesmo, como um caramujo; e a cada olhar eu ficava mais e mais glacial; até que, por fim, a pobre inocente foi levada a desconfiar de suas próprias percepções e, totalmente confusa por causa de seu suposto erro, persuadiu sua mãe a abandonar o local.

Devido a essa peculiar mudança de temperamento, granjeei a reputação de ser deliberadamente insensível; quão imerecida ela seja, só eu posso apreciar.

Sentei-me em uma cadeira perto da extremidade da lareira, no lado oposto àquele ao que meu senhorio se dirigia, e preenchi um intervalo de silêncio tentando acariciar a mãe canina, que havia abandonado sua ninhada e estava farejando minhas panturrilhas como uma loba, o focinho franzido, os dentes brancos ansiosos por um bocado.

Minha carícia ocasionou um rosnado longo e gutural.

— É melhor deixar a cachorra em paz — grunhiu o Sr. Heathcliff junto com ela, impedindo demonstrações mais ferozes com um pontapé. — Ela não está acostumada a ser mimada, e nem a ser mantida como animal de estimação.

E então, se encaminhando para uma porta lateral, ele chamou de novo:

— Joseph!

Joseph resmungou algo incompreensível das profundezas da adega, mas não deu indicações de que iria subir; então seu patrão desceu para encontrá-lo, deixando-me *vis-à-vis* com a maldosa cadela e uma dupla de ameaçadores e desgrenhados cães pastores, que partilhavam com ela um desconfiado controle de todos os meus movimentos.

Como eu não tinha a menor vontade de entrar em contato com aqueles dentes, permaneci imóvel; mas, imaginando que os animais não poderiam compreender insultos silenciosos, infelizmente eu me permiti piscar e fazer caretas para o trio; e algum movimento do meu rosto irritou tanto a madame que ela repentinamente se enfureceu e saltou nos meus joelhos. Eu a empurrei para trás, e me apressei a colocar a mesa entre nós. Esse procedimento atiçou toda a cambada. Meia dúzia de vilões de quatro patas, de vários tamanhos e idades, surgiram de covis ocultos e vieram para o centro do cômodo. Eu percebi que meus tornozelos e as bordas do meu casaco eram objeto de investidas; e, me defendendo da melhor maneira possível dos atacantes maiores com o atijador da lareira, fui forçado a pedir, em voz alta, a assistência de algum dos moradores da casa para restabelecer a paz.

O Sr. Heathcliff e seu empregado subiram os degraus da adega com uma apatia afrontante. Não acredito que eles tenham se movido um segundo

mais rápido do que o usual, embora a sala estivesse sob uma verdadeira tempestade de gritos e de latidos.

Felizmente, uma habitante da cozinha foi mais diligente; uma senhora cheia de vida, de mangas arregaçadas, braços expostos e faces afogueadas apareceu entre nós brandindo uma frigideira; e usou essa arma, e sua língua, com tal aptidão que a tempestade se acalmou de um modo mágico, e somente ela permanecia lá, arfando como o mar depois de ventos fortes, quando seu patrão reapareceu em cena.

— Que diabos está acontecendo? — perguntou ele, me olhando de um jeito que eu mal conseguia suportar depois de toda aquela descortesia.

— Que diabos, realmente! — resmunguei. — A vara de porcos possessos não poderia ter uma índole pior do que esses seus animais, senhor. Seria melhor se o senhor deixasse um estranho em meio a filhotes de tigre!

— Eles não avançam em pessoas que não mexem em nada — observou o Sr. Heathcliff colocando a garrafa à minha frente e recolocando a mesa em seu lugar. — Os cães fazem bem em vigiar a casa. Aceita um copo de vinho?

— Não, obrigado.

— Não foi mordido, foi?

— Se me tivessem mordido, eu teria deixado minha marca no perpetrador.

A expressão de Heathcliff se relaxou com um sorriso divertido.

— Ora, ora — disse ele —, o senhor está agitado, Sr. Lockwood. Vamos, aceite um pouco de vinho. Hóspedes são tão raros nesta casa que eu e meus cachorros, estou pronto a reconhecer, mal sabemos como recebê-los. À sua saúde, senhor!

Fiz uma mesura e retribuí a saudação, começando a perceber que seria tolice ficar emburrado por causa do mau comportamento de um bando de cachorros: além do mais, eu não queria dar a ele maiores ocasiões para se divertir às minhas custas, já que sua disposição estava obviamente se inclinando para esse lado.

Ele — provavelmente levado por prudentes considerações quanto à tolice de ofender um bom inquilino — relaxou um pouco seu estilo lacônico de suprimir pronomes e verbos auxiliares, e introduziu o que ele supunha ser um tópico de meu interesse, uma discussão sobre as vantagens e desvantagens do meu atual local de refúgio.

Achei-o inteligente na argumentação dos tópicos abordados; e, antes de voltar para casa, enchi-me de coragem e me ofereci para visitá-lo outra vez no dia seguinte.

Evidentemente, ele não desejava uma nova intrusão de minha parte. Mesmo assim, eu vou voltar. É impressionante como me sinto sociável em comparação a ele.



II

A noite de ontem começou nebulosa e fria. Eu estava pensando em passá-la ao pé da lareira em meu escritório, em vez de caminhar em meio às urzes e à lama para ir até o Morro dos Ventos Uivantes.

Contudo, ao voltar do jantar (N.B. Aqui estou jantando entre meio-dia e uma hora da tarde; a caseira, uma senhora amatronada que veio como parte do mobiliário junto com a casa, não compreendeu, ou não quis compreender, minha solicitação de ser servido às cinco horas), ao subir as escadas com essa intenção preguiçosa e entrar no escritório, vi uma empregadinha de joelhos, rodeada por esfregões e baldes de carvão, levantando uma poeira infernal enquanto extinguiu as chamas com punhados de cinza. Esse espetáculo me fez bater em retirada na mesma hora; peguei meu chapéu e, após uma caminhada de pouco mais de seis quilômetros, cheguei aos portões do jardim de Heathcliff bem a tempo de escapar dos primeiros e finos flocos de uma nevasca.

Naquele desolado morro, a terra estava endurecida sob uma geada negra, e o ar fazia com que todo o meu corpo tremesse. Não conseguindo remover a corrente, saltei a cancela e, indo rapidamente pelo caminho de pedras ladeado por irregulares arbustos de groselha, eu bati em vão à porta para poder entrar, até que os nós dos meus dedos começaram a doer e os cachorros uivaram.

Moradores desgraçados, exclamei mentalmente, vocês merecem o perpétuo isolamento da espécie humana, por causa de sua acintosa falta de hospitalidade. Eu, pelo menos, não manteria minhas portas trancadas durante o dia. Não me importa — eu vou entrar!

Tendo me decidido, agarrei a aldraba e bati com força. Joseph, com sua expressão azeda, projetou o rosto através de uma janela do estábulo.

— O que é que vosmecê qué? — gritou ele. — O patrão tá lá nos campo. Dê a vorta no fim do establo se quisé falá com ele.

— Não tem ninguém em casa para abrir a porta? — gritei em resposta.

— Num tem ninguém fora a patroinha; e ela num vai abri nem que vosmecê fique fazeno sua baruiada horríve até de noite.

— Por quê? Você não pode lhe dizer quem eu sou, hein, Joseph?

— Eu?! De jeito nenhum! Eu é que num vô tê nada com isso — murmurou a cabeça, desaparecendo.

A neve começou a cair com maior intensidade. Eu peguei a aldraba para fazer nova tentativa, quando um jovem, sem casaco, e levando um forcado ao ombro, apareceu no pátio atrás da casa. Ele me chamou a atenção com um grito, dizendo-me para acompanhá-lo e, depois de passar por uma lavanderia e por uma área pavimentada onde se encontravam um depósito para carvão, um poço e um pombal, nós finalmente entramos no amplo, aquecido e confortável cômodo onde eu havia sido recebido anteriormente.

O ambiente resplandecia deliciosamente com o brilho de um imenso fogo, composto de carvão, turfa e madeira; e perto da mesa, posta para uma abundante refeição noturna, tive o prazer de observar a “patroinha”, uma criatura de cuja existência eu não havia suspeitado antes. Fiz uma mesura e esperei, acreditando que ela me convidaria para me sentar. Ela me olhou, recostada em sua cadeira, e permaneceu imóvel e silenciosa.

— Mas que tempo ruim! — observei. — Receio, Sra. Heathcliff, que a porta possa sofrer as consequências do serviço descuidado de seus criados: tive muito trabalho para fazer com que eles me ouvissem!

Ela não abriu a boca. Eu fiquei olhando — e ela também. Ou, pelo menos, ela manteve seus olhos fixos na minha pessoa, de um jeito frio e insensível, extremamente embaraçoso e desagradável.

— Sente-se — disse o jovem secamente. — Logo ele chega.

Obedeci; e tossi em seco, chamando a malvada Juno, que se dignou, nesse segundo encontro, a agitar a ponta de seu rabo, como sinal de que reconhecia minha pessoa.

— Belo animal! — recomecei. — A senhora tenciona se desfazer dos filhotes?

— Não são meus — disse minha cordial anfitriã, em um tom mais hostil do que o próprio Heathcliff teria empregado.

— Ah, seus favoritos são aqueles! — prossegui, indicando uma indistinta almofada que estava cheia de alguma coisa parecida com gatos.

— Uma estranha escolha de favoritos — observou ela, desdenhosa.

Infelizmente, era um amontoado de coelhos mortos. Eu tossi em seco uma vez mais, e me aproximei da lareira, repetindo meu comentário a respeito das péssimas condições do tempo.

— O senhor não deveria ter saído — disse ela, levantando-se e tentando pegar no console da lareira duas das latas pintadas.

Antes, ela estava abrigada da luz; agora, eu enxergava bem seu semblante e seus contornos. Ela era esguia, e aparentemente mal havia alcançado a idade adulta: formas admiráveis, e o mais belo rostinho que eu jamais tivera o prazer de fitar: traços delicados, muito regulares; cachos louros, ou melhor, dourados, caindo soltos sobre seu pescoço delicado; e os olhos — tivessem eles uma expressão agradável, seriam irresistíveis. Para a sorte de meu coração sensível, o único sentimento que eles expressavam oscilava entre o desprezo e um tipo de desespero pouquíssimo natural para ser neles detectado.

As latas estavam quase fora do alcance dela; eu esbocei um gesto para ajudá-la; ela se voltou para mim como um avaro se voltaria para alguém que tentasse auxiliá-lo a contar seu dinheiro.

— Não desejo sua ajuda — disse ela, ríspida. — Posso pegá-las sozinha.

— Perdão! — apressei-me a retrucar.

— O senhor foi convidado para o chá? — ela quis saber, atando um avental sobre seu bem cuidado vestido preto; depois ficou imóvel, segurando uma colher cheia de chá sobre a chaleira.

— Eu gostaria muito de tomar uma xícara — respondi.

— O senhor foi convidado? — ela tornou a dizer.

— Não — retuquei com um meio sorriso. — A senhora é a pessoa indicada para fazê-lo.

Ela jogou o chá de volta na lata, com colher e tudo, e tornou a se sentar, emburrada, a testa franzida, e o rubro lábio inferior saliente como o de uma criança prestes a chorar.

Enquanto isso, o jovem jogara sobre o corpo um casaco bastante usado e, permanecendo ereto à frente das chamas, me olhou com desdém com o canto dos olhos, dando a exata impressão de que havia entre nós uma rivalidade de morte não resolvida. Fiquei pensando se ele era um empregado ou não; suas roupas e seu modo de falar eram grosseiros, totalmente desprovidos da superioridade perceptível no Sr. e na Sra. Heathcliff; seus cabelos bastos, castanhos e crespos estavam despenteados e mal cuidados, as suíças cobriam-lhe desordenadamente as faces, conferindo-lhe uma expressão grosseira, e suas mãos eram queimadas de sol como as de um trabalhador comum. Todavia, sua postura era desembaraçada, quase ativa, e ele não demonstrava nem um pouco da presteza de um empregado para servir a dona da casa.

Na ausência de provas que indicassem claramente sua posição, considerei mais prudente me abster de observar sua conduta curiosa e, cinco minutos depois, a chegada de Heathcliff me aliviou, de certa maneira, de minha situação incômoda.

— Como pode ver, senhor, eu vim, conforme havia prometido! — exclamei, tentando me mostrar alegre. — E eu receio que vá ficar preso aqui, por causa do mau tempo, por uma meia hora, se o senhor puder me abrigar durante esse período.

— Meia hora? — disse ele, sacudindo os flocos brancos de suas roupas. — Fico pensando por que o senhor escolheria o auge de uma nevasca para perambular por aí. O senhor sabe que corre o risco de se perder nos pântanos? As pessoas que conhecem a charneca com frequência se perdem em tardes como esta, e posso lhe garantir que não há possibilidade de o tempo mudar agora.

— Talvez eu possa conseguir um guia entre seus rapazes, e ele poderia permanecer na Granja até de manhã; o senhor poderia me ceder alguém?

— Não, não posso.

— Ah, deveras? Bem, então terei de confiar na minha própria sagacidade.

— Hum.

— Vosmecê vai fazê o chá? — perguntou o rapaz do casaco surrado, transferindo seu olhar selvagem de mim para a moça.

— Ele vai tomar chá? — perguntou ela, se dirigindo a Heathcliff.

— Faça-o logo, sim? — foi a resposta, dada de modo tão rude que tive um sobressalto. O tom com que as palavras foram ditas revelou uma natureza verdadeiramente perversa. Não me sentia mais inclinado a chamar Heathcliff de criatura admirável.

Quando os preparativos terminaram, ele me convidou com um:

— Agora, senhor, traga sua cadeira. — E todos nós, incluindo o jovem rústico, nos aproximamos da mesa, um silêncio austero predominando enquanto nós tomávamos a refeição.

Fiquei pensando — se eu havia sido a causa do embaraço, cabia a mim tentar acabar com ele. Eles não poderiam permanecer todos os dias tão amargos e taciturnos, e era impossível, por mais que eles tivessem o gênio ruim, que a carranca visível em todos os rostos fosse a expressão habitual deles.

— É estranho — eu disse no intervalo entre tomar uma xícara de chá e ser servido de outra —, é estranho como os hábitos podem moldar nossos gostos e ideias; muitas pessoas não conseguiriam imaginar a existência de felicidade em uma vida tão afastada do mundo como a que o senhor vive, Sr. Heathcliff; contudo, eu me arrisco a dizer que, rodeado por sua família, e com sua amável esposa que é a fada benfazeja que vela sobre seu lar e seu coração...

— Minha amável esposa! — interrompeu ele, com um ar de escárnio quase diabólico em seu rosto. — Onde está ela... minha amável esposa?

— A Sra. Heathcliff, sua esposa, eu quero dizer.

— Ah, sim... Oh! O senhor estaria dizendo que o espírito dela assumiu o posto de anjo da guarda e zela pela prosperidade do Morro dos Ventos Uivantes, mesmo que seu corpo não esteja mais entre nós. É isso?

Percebendo que eu havia cometido um erro, tentei corrigi-lo. Eu deveria ter percebido que havia uma disparidade grande demais entre as idades deles para que fossem marido e esposa. Ele estava perto dos quarenta anos, um período de vigor mental em que o homem raramente alimenta a ilusão

de se casar por amor com mocinhas: esse sonho é reservado para consolo de nossos anos de velhice. Ela não aparentava dezessete anos.

E então uma ideia me passou pela mente: o camponês ao meu lado, que está tomando o chá em uma tigela e comendo o pão com as mãos sem lavar, pode ser o marido dela. Heathcliff Junior, é claro. Eis a consequência de ficar enterrada viva: ela se degradou ao se unir a esse boçal, por ignorar completamente que existem pessoas melhores! Uma tristeza — devo tomar cuidado para não lhe dar motivos de se arrepender de sua decisão.

Este último pensamento pode parecer convencido; não era. A meu ver, meu vizinho de mesa era praticamente repulsivo. Eu sabia, por experiência própria, que eu era razoavelmente atraente.

— A Sra. Heathcliff é minha nora — disse Heathcliff, confirmando minha hipótese. Ao falar, ele dirigiu um olhar peculiar para ela, um olhar de ódio, a não ser que ele possuísse um conjunto de músculos faciais tão perversos que, ao contrário do de outras pessoas, não correspondesse à linguagem de sua alma.

— Ah, certamente... Agora eu entendo; o senhor é o feliz possuidor da fada benfazeja — observei, voltando-me para meu vizinho.

A situação ficou ainda pior: o rapaz enrubesceu intensamente, e cerrou o punho dando a impressão de premeditar um ataque. Porém, ele na mesma hora pareceu se controlar, e apaziguou a tempestade com um palavreado brutal, dito em voz baixa em minha honra, ao qual eu, contudo, tive o cuidado de não prestar atenção.

— O senhor não foi feliz em suas conjecturas! — observou meu anfitrião. — Nenhum dos dois tem o privilégio de possuir a sua boa fada; o marido dela morreu. Eu disse que ela era minha nora; portanto, ela deve ter se casado com meu filho.

— E este jovem é...

— Decididamente, não é meu filho!

Heathcliff sorriu de novo, como se fosse um gracejo ousado demais atribuir-lhe a paternidade daquele rapaz grosseiro.

— Meu nome é Hareton Earnshaw — grunhiu o moço — e eu aconselharia o senhor a respeitá-lo!

— Eu não lhe faltei com o respeito — foi minha resposta, e eu me divertia internamente com a dignidade com que o rapaz se apresentara.

Ele fixou os olhos em mim por mais tempo do que eu tive vontade de ficar olhando para ele, temendo a tentação de dar-lhe uns sopapos, ou então de tornar minha hilaridade audível. Comecei a me sentir nitidamente deslocado naquele agradável círculo familiar. A sombria atmosfera espiritual predominava, quase anulando a luminosidade dos confortos domésticos ao meu redor; e eu resolvi ser cauteloso quanto a me aventurar sob aquele teto pela terceira vez.

A refeição tendo sido concluída, e ninguém tendo pronunciado sequer uma palavra que abrisse uma conversa agradável, eu me aproximei da janela para observar o tempo.

Uma triste visão eu tive: a noite escura caindo antes da hora, e o céu e os morros se misturando em um implacável rodamoinho de vento e de neve sufocante.

— Não acredito que eu consiga voltar para casa agora sem o auxílio de um guia — não pude deixar de exclamar. — Os caminhos já devem estar debaixo da neve, e mesmo que não estivessem, não creio que eu conseguisse enxergar um palmo à frente do nariz.

— Hareton, leve aqueles doze carneiros para o alpendre do celeiro. A neve vai cobri-los se forem deixados ao ar livre a noite inteira; e coloque uma tábua na frente deles — disse Heathcliff.

— O que devo fazer? — continuei, com irritação crescente.

Não houve resposta para minha pergunta; ao olhar ao redor, vi somente Joseph trazendo um balde de mingau para os cães, e a Sra. Heathcliff, reclinada na direção do fogo, se divertindo ao queimar um monte de palitos de fósforo que haviam caído do console da lareira quando ela recolocara as caixas de chá em seus lugares.

Joseph, depois de ter se livrado de seu fardo, inspecionou o cômodo com ar crítico e, com uma voz roufenha, resmungou:

— Eu só fico pensano como é que vosmecê pode ficá aí preguiçano ou fazeno coisa pió, quano todo mundo saiu trabaiá. Mas vosmecê num serve

de nada, e vô perdê meu tempo se ficá falano; vosmecê nunca vai se indireitá, e vai pro inferno, iguar sua mãe antes de vosmecê.

Por uns instantes, imaginei que essa bela peça de eloquência fosse dirigida a mim; e, suficientemente irritado, dei um passo à frente na direção do velho patife com a intenção de chutá-lo para fora da porta.

Contudo, a Sra. Heathcliff me deteve com sua resposta.

— Velho hipócrita escandaloso! — retrucou ela. — Não tem medo de ser levado pelo diabo a cada vez que menciona o nome dele? Eu lhe digo que deve deixar de me provocar, ou vou solicitar o seu desaparecimento como um favor especial. Fique quieto e olhe aqui, Joseph — prosseguiu ela, pegando um livro longo e negro de uma prateleira. — Eu vou lhe mostrar como já progredi na Magia Negra... e logo vou ter poder para me livrar de todos vocês. A vaca vermelha não morreu por acaso; e seu reumatismo dificilmente pode ser visto como uma bênção do Senhor.

— Oh, marvada, marvada! — arquejou o velho. — Livrai-nos do mal, Senhor!

— Não, réprobo! Você é um pária; vá embora, ou vou feri-lo de verdade! Vou mandar fazer figuras de cera e de barro de vocês todos; e o primeiro que ultrapassar os limites que eu impuser, irá... Não vou dizer o que irá acontecer com ele... mas vocês vão ver! Vá embora, estou de olho em você!

A bruxinha pôs uma expressão de falsa malignidade em seus belos olhos, e Joseph, tremendo com autêntico horror, saiu apressado, rezando e exclamando “marvada” enquanto saía.

Eu achei que o comportamento dela deveria ser induzido por um tipo de senso de humor perverso; e, agora que estávamos a sós, tentei fazer com que ela se interessasse pela minha situação difícil.

— Sra. Heathcliff — disse eu, com toda a seriedade —, a senhora deve me perdoar por perturbá-la... Eu tomo essa liberdade, pois, com esse rosto, tenho certeza de que a senhora não pode deixar de ter um bom coração. Por favor, indique-me alguns pontos do caminho pelos quais eu possa me guiar até minha casa. Eu tenho tanta noção de como chegar lá quanto a senhora tem de como chegar até Londres!

— Pegue o caminho pelo qual veio — ela respondeu, se aconchegando em uma cadeira, com uma vela, e o longo livro aberto à sua frente. — É um conselho breve, mas o melhor que posso lhe oferecer.

— Então, se a senhora ficar sabendo que fui descoberto morto em um brejo, ou em um buraco cheio de neve, sua consciência não vai lhe segredar que isso foi em parte responsabilidade sua?

— Como assim? Não posso servir-lhe de guia. Eles não me deixariam ir até o final do muro do jardim.

— *A senhora!* Eu ficaria aflito se lhe pedisse para cruzar o umbral por minha causa, em uma noite como esta! — exclamei. — Eu gostaria que a senhora me *indicasse* o caminho, não o *mostrasse*; ou então, que persuadisse o Sr. Heathcliff a me arranjar um guia.

— Quem? Aqui estamos apenas ele, Earnshaw, Zillah, Joseph e eu. Qual de nós o senhor gostaria que fosse?

— Não há outros moços na propriedade?

— Não, somos somente nós.

— Então quer dizer que serei forçado a ficar.

— Isso o senhor pode combinar com seu anfitrião. Eu não tenho nada que ver com essa história.

— Espero que isso lhe ensine a não fazer mais caminhadas intempestivas nestes morros — exclamou a voz severa de Heathcliff lá da porta da cozinha. — E quanto a ficar aqui, não tenho acomodações para hóspedes; o senhor terá que dividir uma cama com Hareton, ou com Joseph, se bem lhe aprouver.

— Posso dormir em uma cadeira nesta sala — repliquei.

— Nada disso! Um estranho é um estranho, seja ele rico ou pobre. Não me agrada permitir que alguém tenha liberdade neste local enquanto estou desprevenido — retrucou aquele grosseiro desgraçado.

Com esse insulto, minha paciência chegou ao limite. Soltei uma exclamação indignada e passei rapidamente por ele na direção do jardim. Na minha afobação, trombei com Earnshaw. Estava tão escuro que eu não conseguia achar a saída, e, enquanto caminhava às cegas, ouvi outra amostra do modo educado como eles se tratavam uns aos outros.

A princípio, o jovem pareceu demonstrar simpatia por mim.

— Eu vou com ele até o parque — ele disse.

— Você vai com ele para o inferno! — exclamou seu patrão, ou qualquer que fosse o relacionamento entre eles. — E quem vai cuidar dos cavalos, hã?

— A vida de um homem é mais importante do que negligenciar os cavalos por uma noite; alguém tem de ir — murmurou a Sra. Heathcliff, com mais gentileza do que eu esperava.

— Não porque vosmecê quer! — retrucou Hareton. — Se vosmecê simpatiza com ele, é melhor ficar calada.

— Então eu espero que o fantasma dele assombre vocês; e espero que o Sr. Heathcliff nunca consiga outro inquilino, até que a Granja fique em ruínas — respondeu ela, ríspida.

— Ove só, ove só, ela tá mardichoano eles! — resmungou Joseph, em cuja direção eu estivera caminhando.

Ele estava sentado ali perto, ordenhando as vacas com o auxílio de uma lanterna, a qual eu agarrei sem cerimônia e, gritando que eu a devolveria no dia seguinte, corri para a saída lateral mais próxima.

— Patrão, patrão, ele tá robano a lanterna! — exclamou o ancião, correndo atrás de mim. — Ei, Rosnador! Ei, cachorro! Ei, Lobo, pega ele, pega ele!

Quando abri a portinha, dois monstros peludos pularam na minha garganta, jogando-me no chão e extinguindo a luz, enquanto uma gargalhada insolente, de Heathcliff e de Hareton, foi a gota d'água que fez transbordar o pote de minha fúria e humilhação.

Felizmente, as feras pareciam mais interessadas em esticar as patas, e bocejar e agitar as caudas, do que em me devorar vivo; mas eles não admitiam sair do lugar, e fui forçado a ficar deitado até que seus pérfidos donos sentissem vontade de me libertar: então, sem chapéu e tremendo de raiva, ordenei aos hereges que me deixassem partir — o risco seria deles de me manter um minuto a mais ali — com inúmeras ameaças incoerentes de retaliação que, em sua indefinida virulência, faziam pensar no Rei Lear.

A veemência da minha agitação acarretou uma violenta hemorragia nasal, e mesmo assim Heathcliff ria, e mesmo assim eu censurava. Eu não sei como a cena teria sido concluída se não houvesse por perto uma pessoa mais racional que eu, e mais benevolente que meu anfitrião. Era Zillah, a corpulenta empregada, que acabou saindo para saber a causa de tamanha comoção. Ela achou que alguém tinha me atacado com violência e, não ousando enfrentar seu patrão, dirigiu sua artilharia vocal contra o patife mais jovem.

— Muito bonito, Sr. Earnshaw — exclamou ela. — Só tô pensando o que vosmecê vai aprontar da próxima vez! A gente vai matar as pessoa na porta da nossa própria casa? Eu tô vendo que esse lugar aqui nunca que vai servir pra mim; olha só o pobre do moço, ele tá afogando! Shhh, shhh! vosmecê num pode de continuar assim; entra, e eu vou dar um jeito nisso. Aí, fica calmo.

Com essas palavras, ela subitamente jogou uma caneca de água gelada no meu pescoço, e me levou para a cozinha. O Sr. Heathcliff foi atrás, sua accidental alegria dando rapidamente lugar à sua morosidade habitual.

Eu estava me sentindo péssimo, tonto e fraco; e sendo assim forçado, devido às circunstâncias, a aceitar abrigo sob o teto dele. Ele disse para Zillah me dar um cálice de brandy, e então foi para o outro cômodo, enquanto ela se compadecia de meus infortúnios e, tendo obedecido às ordens dele, o que me fez me sentir um pouco melhor, me levou até uma cama.



III

Enquanto me conduzia para o andar superior, ela me recomendou que eu ocultasse a vela e não fizesse barulho, pois seu patrão tinha umas ideias estranhas a respeito do quarto em que ela me colocaria, e nunca permitira de boa vontade que alguém nele dormisse.

Eu perguntei a razão.

Ela não sabia, foi a resposta; ela morava lá há apenas um ou dois anos; e eles tinham uns modos tão estranhos que ela não podia se dar ao luxo de fazer perguntas.

Estando entorpecido demais para eu próprio querer fazer perguntas, fechei minha porta e dei uma olhada ao redor, procurando a cama. A mobília se resumia a uma cadeira, um armário com prateleiras para roupas, e um grande móvel de carvalho, com aberturas quadradas no alto, semelhantes a janelas de carruagem.

Tendo me aproximado desse móvel, olhei dentro dele, e percebi que era um tipo curioso de cama antiquada, convenientemente projetada para evitar a necessidade de cada membro da família ter um quarto só seu. Na verdade, ele formava uma pequena alcova, incluindo uma janela, cujo peitoril servia de mesa.

Eu afastei os painéis laterais e entrei segurando minha vela; fechei-os novamente, e me senti protegido da vigilância de Heathcliff e dos demais.

O peitoril, onde eu havia colocado minha vela, continha uma pequena pilha de livros mofados em um dos cantos; e a tinta que o recobria estava toda coberta com letras rabiscadas. Esses escritos, contudo, não eram mais do que um nome repetido em todos os tipos de caracteres, grandes e pequenos — *Catherine Earnshaw*, aqui e acolá variando para *Catherine Heathcliff*, e depois mudando para *Catherine Linton*.

Sentindo uma apatia entorpecente, recostei minha cabeça na janela, e continuei a soletrar Catherine Earnshaw — Heathcliff — Linton, até meus

olhos se fecharem; mas eles não haviam ficado cinco minutos em repouso quando irrompeu do escuro um clarão de letras brancas, tão cintilantes quanto espectros — o ar fervilhava com Catherines; e me erguendo para afugentar o nome importuno, percebi que o pavio da minha vela se reclinava sobre um dos velhos livros, deixando o local com cheiro de pergaminho queimado.

Apaguei a vela e, sentindo-me muito mal por causa do frio e da náusea persistente, sentei-me, e abri o volume danificado em meus joelhos. Era um Testamento, com impressão de péssima qualidade, e que tinha um terrível cheiro de mofo: a folha de rosto trazia a inscrição — “Catherine Earnshaw, seu livro”, e uma data que remontava há cerca de um quarto de século.

Eu o fechei, e peguei outro, e mais outro, até ter examinado todos. A biblioteca de Catherine era seleta, e seu estado de dilapidação mostrava que ela havia sido bem usada, embora nem sempre com um propósito legítimo; raro era o capítulo que havia escapado de um comentário escrito à pena e tinta — ou pelo menos assim parecia — cobrindo cada espaço em branco deixado pelo tipógrafo.

Alguns deles eram frases soltas; outras partes assumiam a forma de um diário mantido com regularidade, rabiscado em uma caligrafia infantil e canhestra. No alto de uma página extra, que provavelmente fora considerada um tesouro ao ser descoberta, eu me diverti ao ver uma excelente caricatura de meu amigo Joseph, feita com traços toscos, mas mesmo assim, expressivos.

Um interesse pela desconhecida Catherine surgiu em mim no mesmo instante, e comecei imediatamente a decifrar seus desbotados hieróglifos.

“Um domingo horrível”, começava o parágrafo abaixo. “Eu gostaria que meu pai voltasse. Hindley é um substituto pavoroso — a conduta dele para com Heathcliff é atroz — H. e eu vamos nos rebelar — demos nosso primeiro passo esta noite.”

“O dia todo choveu torrencialmente; não pudemos ir à igreja, então Joseph se sentiu obrigado a reunir os fiéis no sótão; e, enquanto Hindley e sua esposa ficavam se aquecendo no andar de baixo perto de um agradável fogo — fazendo qualquer coisa menos ler suas Bíblias, tenho certeza disso

— Heathcliff, eu e o infeliz do moço que trabalha nos campos recebemos ordens de pegar nossos livros de orações e de subir. Fomos colocados em fila, sobre um saco de milho, gemendo e tremendo, e esperando que Joseph também fosse tremer, de modo que ele pudesse nos fazer uma homilia mais curta, para seu próprio benefício.”

“Leda ilusão! O culto demorou precisamente três horas; e mesmo assim meu irmão teve o desplante de exclamar, ao nos ver descendo:”

“O que é isso?! Já acabaram?!”

“Nas tardes de domingo, tínhamos permissão para brincar, se não fizéssemos muito barulho; agora, uma mera risadinha é suficiente para nos colocarem de castigo nos cantos da parede!”

“Vocês esquecem que tem quem mande aqui”, disse o tirano. ‘Eu vou acabar com o primeiro que me tirar do sério! Eu insisto em manter o perfeito decoro e silêncio. Oh, menino, foi você? Frances, querida, puxe o cabelo dele ao passar; eu o ouvi estalando os dedos.’”

“Frances puxou o cabelo dele com vigor, e então foi e se sentou nos joelhos de seu marido; e lá eles ficaram, como dois bebês, se beijando e falando bobagens o tempo todo — um palavreado tolo do qual nós nos envergonharíamos.”

“Nós nos ajeitamos o melhor que pudemos com o que tínhamos a nosso dispor sob o arco do armário. Eu havia acabado de amarrar nossos aventais juntos, e de pendurá-los como se fossem uma cortina, quando entra o Joseph, que tinha ido fazer um serviço nos estábulos. Ele destrói o meu trabalho, puxa as minhas orelhas e grunhe:

“Patrão cabô de sê interrado, o dia do Senhor nem terminô, as palavra dos Evangéio ainda tá nas vossa zoreia, e cêis tem corage de brincá! Que vergonha! Sente aí, criançada ruim! Tem muitos livro bom se cêis quisé lê eles: sente aí e pense nas vossas arma!”

“Assim dizendo, ele nos obrigou a ficar em certa posição de modo que pudéssemos receber, da lareira distante, um fraco raio de luz para iluminar o texto do calhamaço que ele nos forçou a pegar.”

“Eu não conseguia aceitar a tarefa. Peguei meu volume desconjuntado pela lombada e o joguei no canil, afirmando que eu odiava bons livros.”

“Heathcliff jogou o dele no mesmo lugar com um pontapé.”

“E então houve um alvoroço!”

“Seo Hindley!” —, gritou nosso capelão. ‘Patrão, vem cá. A dona Cathy rasgô a capa do *Érmo da Sarvação*; e o Heathcliff fez um buraco com os pé na primera parte d’ *O Largo Caminho da Dstruição*! É horríve dimais vosmecê dexá eles andá desse jeito. Hum! Patrão véio tinha dado uma boa coça neles — mas ele morreu!”

“Hindley veio correndo de seu paraíso ao pé da lareira e, agarrando um de nós pelo colarinho e o outro pelo braço, empurrou-nos para a parte dos fundos da cozinha, onde, Joseph garantiu, o ‘Capeta’ iria nos buscar, tão certo como nós estarmos vivos; e, com esse consolo, cada um de nós procurou um canto separado para esperar a chegada dele.”

“Eu peguei este livro e um tinteiro em uma prateleira, e escancarei a porta da casa para conseguir alguma luz, e fiquei escrevendo por uns vinte minutos; mas meu companheiro está impaciente e propôs que nós deveríamos pegar o casaco da mulher da ordenha e, agasalhados com ele, fugir para a charneca. Uma bela sugestão — e então, se o velho azedo vier, ele pode acreditar que sua profecia se cumpriu — sob a chuva nós não podemos ficar mais molhados, nem com mais frio, do que aqui.”

* * *

Suponho que Catherine tenha realizado seu projeto, pois a frase seguinte abordava outro assunto; ela se queixava, chorosa:

“Eu nunca poderia pensar que Hindley fosse me fazer chorar desse jeito!”, ela escreveu. “Minha cabeça dói, eu mal posso encostá-la no travesseiro; e mesmo assim não consigo parar. Pobre Heathcliff! Hindley o chama de vagabundo, e não permite mais que ele se sente conosco, e nem que faça as refeições conosco; e, ele diz que Heathcliff e eu não temos mais permissão para brincar juntos, e ameaça mandá-lo embora de casa se nós desobedecermos às suas ordens.”

“Ele anda culpando nosso pai (como ele ousa?) por tratar H. com muita generosidade; e jura que vai colocá-lo em seu devido lugar...”

* * *

Comecei a cabecear, sonolento, sobre a página esmaecida; meus olhos vaguearam do manuscrito para a parte impressa. Vi um título ornamentado de vermelho: “Setenta Vezes Sete Vezes, e o Primeiro do Septuagésimo Primeiro. Um Piedoso Sermão feito pelo Reverendo Jabes Branderham, na Capela de Gimmerden Sough.” E enquanto eu, semiconsciente, revolia o cérebro tentando adivinhar o que Jabes Branderham faria com o seu tema, me afundei na cama e adormeci.

Tristes são as consequências de uma refeição péssima e de um péssimo temperamento! O que mais poderia ter me feito passar uma noite tão pavorosa? Não me recordo de outra que eu possa chegar a comparar com esta, desde que sou capaz de sofrer.

Comecei a sonhar, quase antes mesmo de perder a noção de onde eu estava. Achei que era manhã, e eu havia saído para voltar para casa, tendo Joseph como guia. A neve se acumulava em muitos metros de altura em nosso caminho; e, enquanto prosseguíamos com dificuldade, meu companheiro me aborrecia com reprimendas constantes por eu não ter trazido um cajado de peregrino, dizendo-me que eu nunca conseguiria chegar em casa sem um cajado desse tipo, e orgulhosamente brandindo uma clava pesada, ou foi assim que eu entendi que o objeto se chamava.

Durante uns instantes eu achei absurdo que eu fosse precisar de tal arma para ser admitido em minha própria residência. Então, outra ideia passou pela minha mente. Eu não estava indo para casa; nós estávamos a caminho para ouvir o famoso Jabes Branderham fazer sua pregação baseado no texto “Setenta Vezes Sete Vezes”; e ou Joseph, ou o pregador, ou eu, havia cometido o “Primeiro do Septuagésimo Primeiro”, e deveria ser publicamente exposto e excomungado.

Chegamos à capela. Na verdade, eu havia passado por ela em minhas caminhadas, duas ou três vezes; ela se situa em uma depressão do terreno, entre dois morros — uma depressão pouco acima de um pântano, cuja turfa úmida, assim dizem, é excelente para embalsamar os poucos corpos lá colocados. O teto tem se mantido intacto, mas, com um estipêndio de apenas vinte libras por ano, e uma casa com dois cômodos, que ameaçam rapidamente se tornar um só, nenhum clérigo vai assumir as

responsabilidades de pastor, ainda mais quando se comenta continuamente que seu rebanho prefere deixá-lo passar fome a ter de aumentar seus rendimentos se tiver de tirar um *penny* de seus bolsos. Entretanto, em meu sonho, Jabes tinha uma assembleia de fiéis repleta e atenciosa: e ele pregava — bom Deus — que sermão! Dividido em *quatrocentas e noventa partes*, cada uma delas correspondendo a uma pregação comum do púlpito, e cada uma discutindo um pecado específico! Onde ele os procurava, não posso dizer; ele tinha uma maneira muito particular de interpretar a frase, e parecia necessário que o membro da congregação devesse cometer diferentes pecados em cada ocasião.

Os pecados tinham características muito peculiares — transgressões estranhas que eu nunca imaginara anteriormente.

Oh, quão cansado eu fiquei. Como eu me contorcia, e bocejava, e cabeceava, e acordava! Como eu me beliscava e me cutucava, e esfregava meus olhos, e me levantava, e me sentava outra vez, e dava cotoveladas em Joseph perguntando se Branderham *já* acabaria!

Eu estava condenado a ouvir tudo; finalmente, ele chegou ao “*Primeiro do Septuagésimo Primeiro*”. Nesse momento crítico, uma inspiração súbita se apoderou de mim; eu me senti compelido a me levantar e a denunciar Jabes Branderham como o pecador que cometera o crime que nenhum cristão tem de perdoar.

— Senhor! — exclamei. — Sentado aqui, entre estas quatro paredes, de uma vez só, eu suportei e perdoei a quatrocentas e noventa partes de seu discurso. Setenta vezes sete vezes eu peguei meu chapéu e estive a ponto de partir, e setenta vezes sete vezes o senhor, de modo absurdo, forçou-me a voltar para meu lugar. A quadringentésima nonagésima primeira vez é demais. Companheiros de martírio, ataquem-no! Joguem-no ao chão, e transformem-no em pó, para que o lugar que o conhece não o reconheça mais!

— *Tu és o Homem!* — exclamou Jabes, depois de uma pausa solene, reclinando-se sobre sua almofada. — Setenta vezes sete vezes tu contorceste teu rosto com bocejos; setenta vezes sete vezes aconselhei-me com minh’alma. Olhai! Esta é a fraqueza humana; também ela pode ser

absolvida! O Primeiro do Septuagésimo Primeiro surgiu. Irmãos, executai contra ele a sentença escrita. Tal honra têm todos os Seus santos!

Com essa palavra final, toda a congregação, brandindo seus cajados de peregrino, fechou-se de imediato em torno de mim como um só corpo, e eu, não tendo arma para usar em minha defesa, comecei a lutar com Joseph, meu atacante mais próximo e mais enfurecido, para pegar o dele. Em meio à multidão unida, diversos cajados se chocaram; golpes, dirigidos à minha pessoa, caíam sobre outras cabeças. Logo em seguida, a capela ressoava com golpes e contragolpes. A mão de cada pessoa se abatia sobre seu próximo; e Branderham, não desejando permanecer ocioso, extravasou todo o seu fervor desferindo vigorosos tapas sobre as tábuas do púlpito, os quais foram tão bem sucedidos que, finalmente, para meu indizível alívio, eles me acordaram.

E o que era aquilo que me havia sugerido o tremendo tumulto, o que havia feito o papel de Jabes na contenda? Simplesmente o galho de um abeto que tocava minha gelosia, enquanto o vento soltava seus lamentos, e chocava seus cones secos contra os vidros!

Fiquei escutando, em dúvida, por um instante; detectei o que me perturbava, então me virei e caí no sono, e sonhei outra vez; se possível, um sonho ainda mais desagradável que o anterior.

Dessa vez, eu lembro que estava deitado no compartimento de carvalho, e ouvi nitidamente as rajadas do vento, e os sons da nevasca; ouvi, também, o ramo de abeto repetindo seu som irritante, e identifiquei a origem do som; mas ele me aborrecia tanto que eu resolvi silenciá-lo, se fosse possível; e pensei ter-me levantado e tentado abrir os postigos. O gancho estava fixado na fechadura, circunstância que eu havia observado quando estava acordado, mas da qual havia me esquecido.

“Devo acabar com esse barulho, de qualquer jeito!” murmurei, rompendo o vidro com os nós dos dedos, e esticando o braço para agarrar o galho inoportuno: todavia, ao invés dele, meus dedos se cerraram em torno dos dedos de uma mãozinha fria como gelo!

O intenso horror do pesadelo se apoderou de mim; tentei puxar meu braço, mas a mão havia se aferrado a ele, e uma voz extremamente

melancólica soluçou:

— Deixe-me entrar... deixe-me entrar!

— Quem é você? — perguntei, lutando, enquanto isso, para me libertar.

— Catherine Linton — respondeu a voz trêmula (por que pensei eu em Linton? Eu havia lido vinte *Earnshaws* para cada *Linton*). — Eu voltei para casa, eu me perdi na charneca!

Enquanto ela falava, eu divisei, indistintamente, o rosto de uma criança olhando pela janela. O terror me fez ficar cruel; e, percebendo que era inútil tentar empurrar a criatura, puxei seu pulso na direção do vidro quebrado, e o esfreguei para frente e para trás até que o sangue correu e encharcou a roupa de cama: mesmo assim, ela gemia, “Deixe-me entrar!”, e continuou a segurar com força, quase me enlouquecendo de medo.

— E como posso? — acabei perguntando. — *Solte-me*, se quer que eu deixe você entrar!

Os dedos afrouxaram a pressão, eu puxei os meus através da abertura, apressadamente empilhei os livros em uma pirâmide na frente da abertura, e tapei os ouvidos para deixar de ouvir a dolorosa súplica.

Fiquei com a impressão de ter mantido os ouvidos tapados por mais de quinze minutos, contudo, no instante em que os destapei, lá estava o lamentoso pedido uma vez mais!

— Suma daqui! — gritei. — Nunca vou deixar você entrar, nem que você implore por vinte anos!

— Faz vinte anos — lamentou a voz —, vinte anos; tenho estado perambulando por vinte anos!

No mesmo instante, um ligeiro arranhar se fez ouvir lá fora, e a pilha de livros se moveu como se tivesse sido empurrada para frente.

Tentei me levantar, mas não conseguia mexer um membro; e então gritei em voz alta, em um delírio apavorado.

Para meu embaraço, percebi que o grito não havia sido imaginário. Passos rápidos se aproximaram da porta de meu quarto; alguém a abriu por completo, com uma mão vigorosa, e uma luz brilhou através das aberturas no alto da cama. Eu me sentei, ainda tremendo e secando o suor da minha testa: o intruso pareceu hesitar, e falou consigo mesmo em voz baixa.

Finalmente, ele disse quase sussurrando, claramente sem esperar uma resposta:

— Tem alguém aqui?

Achei mais prudente confessar minha presença, pois eu reconheci o modo de falar de Heathcliff, e temi que ele pudesse procurar mais detidamente se eu me mantivesse quieto. Com essa intenção, me virei e abri os painéis. Não esquecerei tão cedo o efeito produzido por minha ação.

Heathcliff estava parado perto da entrada, vestindo a camisa e as calças, com uma vela pingando sobre seus dedos, e seu rosto estava tão branco quanto a parede por trás dele. O primeiro estalido da madeira causou-lhe um sobressalto como se fosse um choque elétrico: a vela saltou de suas mãos e caiu a poucos passos de distância; e seu nervosismo era tamanho que ele mal conseguia pegá-la.

— É somente seu hóspede, senhor — disse eu em voz alta, desejando poupar-lhe a humilhação de expor ainda mais sua covardia. — Infelizmente, eu gritei dormindo, por causa de um pesadelo terrível. Sinto muito por tê-lo perturbado.

— Oh, vá para o inferno, Sr. Lockwood! Gostaria que o senhor fosse... — começou a dizer meu anfitrião, colocando a vela sobre uma cadeira, pois ele não conseguia segurá-la com firmeza.

— E quem colocou o senhor neste quarto? — prosseguiu ele, fincando as unhas nas palmas das mãos, e cerrando os dentes com força para evitar as convulsões de seus maxilares. — Quem foi? Estou com vontade de mostrar a porta da rua para essa pessoa agora mesmo!

— Foi sua criada, Zillah — retruquei, saltando para o chão e rapidamente vestindo minhas roupas. — Eu não me importaria se o senhor a mandasse embora, Sr. Heathcliff; ela bem que merece isso. Suponho que ela estivesse com vontade de ter mais uma prova de que o lugar é mal assombrado, às minhas custas. Bem, ele é; está fervilhando com fantasmas e demônios! O senhor tem razão em mantê-lo fechado, posso lhe garantir. Ninguém vai lhe ser grato por uma noite de sono neste antro!

— O que o senhor está querendo dizer? — perguntou Heathcliff. — E o que o senhor está fazendo? Deite-se e fique o resto da noite, já que o senhor

está aqui; mas, pelo amor de Deus! Não repita esse barulho horrível. Nada poderia desculpá-lo, a não ser que sua garganta estivesse sendo cortada!

— Se o diabrete tivesse entrado pela janela, ela provavelmente teria me estrangulado! — repliquei. — Eu não vou aguentar as perseguições de seus hospitaleiros ancestrais novamente. O Reverendo Jabes Branderham não seria seu parente pelo lado materno? E aquela petulantezinha, Catherine Linton, ou Earnshaw, ou qualquer que seja o nome dela — ela deve ter sido uma criança trazida por uma bruxa, alminha malvada! Ela me disse que tem estado vagando pela Terra nos últimos vinte anos: um castigo bem merecido por seus pecados mortais, tenho certeza!

Mal essas palavras haviam sido pronunciadas, eu me lembrei da associação dos nomes de Heathcliff e de Catherine no livro, fato que havia escapado à minha lembrança por completo até ser então reavivado. Enrubesci pensando em minha falta de consideração; porém, sem demonstrar maior consciência da ofensa, me apressei a acrescentar:

— A verdade, senhor, é que eu passei a primeira parte da noite... — Nesse momento, eu me detive; estava prestes a dizer “folheando aqueles velhos livros”, mas isso iria revelar meu conhecimento de seu conteúdo, não somente o impresso, mas também o manuscrito; portanto, me corrigindo, eu prossegui —, soletrando diversas vezes o nome rabiscado no peitoril da janela. Uma ocupação monótona, com o intuito de me fazer sentir sono, assim como contar carneiros, ou...

— *O que* o senhor está querendo dizer, falando *comigo* desse jeito! — tropejou Heathcliff com uma veemência selvagem. — Como... como o senhor *ousa*, debaixo de meu próprio teto... Oh, Deus! Ele está louco para falar dessa maneira! — e ele bateu com força na cabeça, enraivecido.

Eu não sabia se deveria ficar ofendido com seu linguajar, ou continuar a minha explicação; mas ele parecia ter sido tão profundamente afetado que eu senti dó dele e continuei a falar de meus sonhos, afirmando que eu nunca ouvira o nome “Catherine Linton” antes, mas que o fato de lê-lo repetidas vezes produzira uma impressão que se personificara quando eu não mais tinha minha imaginação sob controle.

Lentamente, Heathcliff se colocou à sombra da cama, enquanto eu falava, e acabou se sentando quase escondido por trás dela. Contudo, eu percebia, devido à sua respiração irregular e entrecortada, que ele lutava para controlar um violento acesso de emoção.

Não desejando demonstrar que eu percebera sua perturbação, continuei a me arrumar fazendo bastante barulho, olhei meu relógio, e fiz um comentário a respeito da duração da noite:

— Nem três horas ainda! Eu juraria que já eram umas seis horas da manhã. O tempo não passa, aqui — com certeza, nós fomos deitar às oito horas!

— Sempre às nove horas no inverno, e sempre nos levantamos às quatro — disse meu anfitrião, reprimindo um gemido e, como eu julgava, pelo movimento de seu braço, secando uma lágrima dos seus olhos.

— Sr. Lockwood — acrescentou ele —, o senhor pode ir para meu quarto; o senhor vai apenas ficar no caminho se descer tão cedo, e sua gritaria infantil mandou meu sono para os diabos.

— O meu também — repliquei. — Eu vou ficar andando no pátio até o alvorecer, e então vou embora; e o senhor não precisa temer que eu repita minha intromissão. Agora estou curado do desejo de procurar prazer na sociedade, seja no campo ou na cidade. Um homem sensato deve encontrar companhia suficiente em si mesmo.

— Deliciosa companhia! — murmurou Heathcliff. — Pegue a vela e vá para onde bem desejar. Vou encontrá-lo em seguida. Fique longe do pátio, entretanto; os cães estão soltos, e a casa... Juno fica de guarda lá, e... não, o senhor pode apenas ficar andando pelas escadas e corredores... mas, suma daqui! Irei encontrá-lo em dois minutos.

Obedeci, no que dizia respeito a sair do quarto; quando, sem saber aonde os corredores estreitos levavam, fiquei parado, e fui testemunha, involuntariamente, de uma mostra de superstição da parte de meu senhorio, que contradizia, de modo estranho, sua aparente sensatez.

Ele subiu na cama e escancarou as gelosias, deixando-se dominar, ao abri-las, por uma incontrolável crise de choro.

— Entre! Entre! — soluçava ele. — Cathy, venha. Oh, venha... *uma vez* mais! Oh, meu tesouro, ouça-me *desta vez*... Catherine, finalmente!

O espectro demonstrou ter o capricho comum dos espectros: não deu sinal de vida; mas a neve e o vento revoltearam violentamente, chegando até onde eu estava, e apagando a luz.

Havia tanta angústia naquela efusão de pesar que acompanhou o delírio, que minha compaixão me fez deixar de lado sua loucura, e eu me afastei em parte irritado por ter ouvido, e embaraçado por ter mencionado meu ridículo pesadelo, já que ele ocasionara aquela agonia, embora o motivo estivesse além de minha compreensão.

Desci cauteloso para o andar térreo e cheguei à parte dos fundos da cozinha, onde um clarão do fogo, amontoado de forma compacta, me permitiu acender de novo minha vela.

Nada dava sinal de vida, a não ser um gato com pelo rajado em tons de cinza, que se esgueirou de entre as cinzas e me saudou com um miado lastimoso.

Dois bancos, em forma de semicírculo, praticamente rodeavam a lareira; em um deles eu me deitei, e o gato cinzento saltou para o outro. Estávamos os dois cochilando antes que alguém invadissem nosso retiro; e essa pessoa foi Joseph, descendo penosamente por uma escada de madeira que desaparecia no telhado por meio de um alçapão: a entrada para seu torreão, eu suponho.

Ele lançou um olhar sinistro para a pequena chama que eu havia atizado entre as grades da lareira, espantou o gato de seu posto elevado e, acomodando-se no lugar vago, começou a operação de encher um cachimbo de uns oito centímetros com tabaco; minha presença em seu santuário era claramente vista como uma desfaçatez grande demais para ser comentada. Em silêncio, ele levou o cachimbo aos lábios, cruzou os braços e ficou soltando baforadas.

Eu o deixei desfrutar daquele prazer, sem ser perturbado; e depois de dar a última tragada, e soltando um profundo suspiro, ele se levantou, e partiu de modo tão solene como havia chegado.

Passos mais ágeis se aproximaram em seguida, e então eu abri a boca para dizer “bom dia”, mas fechei-a de novo, o cumprimento sem ser feito, pois Hareton Earnshaw estava fazendo suas preces, *sotto voce*, em uma série de pragas dirigidas a todos os objetos que ele tocava, enquanto vasculhava um canto procurando uma picareta ou pá para abrir caminho por entre a neve. Ele lançou um olhar por sobre os ombros na direção do banco, dilatando as narinas e com tanta disposição para trocar cortesias comigo quanto com meu companheiro, o gato.

Julguei por seus preparativos que a saída era permitida e, abandonando meu duro leito, esbocei um movimento para segui-lo. Ele percebeu e indicou com a ponta da pá uma porta que dava para o interior, comunicando com um som inarticulado que aquele era o lugar para onde eu deveria me dirigir se mudasse de lugar.

A porta se abria para o interior da casa, onde as mulheres já estavam ativas, Zillah mandando faíscas chaminé acima com um colossal fole, e a Sra. Heathcliff, ajoelhada ao pé da lareira, lendo um livro à luz do fogo.

Ela mantinha a mão entre a fonte de calor e seus olhos, e parecia absorta em sua ocupação; abandonando-a somente para censurar a empregada por cobri-la de faíscas, ou para, de vez em quando, afastar um cachorro que enfiava o focinho com muita familiaridade em seu rosto.

Surpreendi-me ao também ver Heathcliff ali. Ele estava parado perto do fogo, de costas para mim, acabando de passar uma violenta repreensão à pobre Zillah, que, de quando em quando, interrompia seu serviço para pegar a ponta do seu avental e soltar um gemido indignado.

— E você, sua inútil... — começou ele a dizer para a nora quando entrei, e usando um epíteto tão inofensivo quanto pata ou ovelha, mas geralmente representado por um travessão — cá está você com sua ociosidade de novo! Os demais ganham o seu pão; você vive de minha caridade! Deixe esse lixo de lado, e descubra alguma coisa para fazer! Você há de me pagar pelo tormento de tê-la constantemente sob meus olhos! Está me ouvindo, maldita vadia?

— Vou deixar meu lixo de lado, porque o senhor pode me obrigar, caso eu me recuse — respondeu a mocinha, fechando o livro e jogando-o em

uma cadeira. — Mas, embora o senhor possa praguejar até cansar, não vou fazer nada a não ser o que eu queira fazer!

Heathcliff ergueu o braço, e a mocinha rapidamente se colocou a uma distância segura, obviamente já conhecendo o peso daquela mão.

Não tendo a menor vontade de me divertir com uma briga de gato e cachorro, entrei rapidamente, como se estivesse ansioso para compartilhar o calor da lareira e inocente quanto à briga interrompida. Cada um deles teve decoro o suficiente para evitar maiores hostilidades: Heathcliff colocou as mãos nos bolsos, para evitar tentações; a Sra. Heathcliff fez beicinho e se encaminhou para uma cadeira afastada, onde ela manteve sua palavra se fingindo de estátua durante o resto de minha permanência.

Ela não foi longa. Eu não aceitei me juntar a eles para o café da manhã e, ao primeiro clarão da aurora, aproveitei uma oportunidade para fugir para o ar livre, agora límpido e calmo, e frio como o gelo intangível.

Meu senhorio me gritou para que eu parasse, antes mesmo de eu alcançar a extremidade do jardim, e se ofereceu para me acompanhar através da charneca. E foi bom ele tê-lo feito, pois toda a encosta do morro era um oceano revolto e branco, as elevações e descidas não indicando as correspondentes subidas e depressões no solo: muitos buracos, pelo menos, haviam sido nivelados pela neve; e montes de pedra, refugio das pedreiras, apagados do mapa que a minha caminhada do dia anterior havia deixado impresso em minha mente.

Eu havia observado em um lado da estrada, a intervalos de seis ou sete metros, uma fileira de pedras colocadas em pé, continuando por toda a extensão do pântano: elas haviam sido empilhadas e cobertas de cal com o propósito de servirem como guias no escuro e, também, quando uma nevasca, como a que acontecera ontem, confundia os pântanos profundos de ambos os lados com o caminho em terra firme: mas, com a exceção de um ponto sujo aparecendo aqui e acolá, todos os traços de sua existência haviam desaparecido; e meu companheiro julgou necessário me advertir com frequência a desviar para a esquerda ou para a direita, quando eu imaginava estar seguindo, de forma correta, as curvas da estrada.

Nós praticamente não conversamos, e ele parou na entrada do parque da Granja, dizendo que eu não poderia cometer erros ali. Nossas despedidas se limitaram a uma rápida medida, e então eu segui em frente, confiando em meus próprios recursos, pois a casa do porteiro não tem ocupantes ainda.

A distância do portão até a Granja é de uns três quilômetros: acredito que eu tenha conseguido transformá-los em seis, por eu me perder por entre as árvores, e por me afundar na neve até o pescoço, um infortúnio que somente aqueles que passaram por ele podem avaliar. De qualquer modo, fosse qual fosse meu perambular, o relógio batia doze horas quando eu entrava em casa; isso significava exatamente uma hora para cada quilômetro do caminho habitual que vinha do Morro dos Ventos Uivantes.

Minha governanta e seus subordinados correram para me saudar; exclamando, em tumulto, que eles haviam me dado por perdido: todos pensavam que eu havia morrido a noite passada, e eles estavam imaginando como deveriam proceder para fazer uma busca por meus restos mortais.

Eu lhes pedi que fizessem silêncio, agora que eles haviam visto que eu estava de volta, e, entorpecido até a alma, me arrastei para o andar de cima, onde, depois de colocar roupas secas, e de caminhar de um lado para outro por uns trinta ou quarenta minutos para restabelecer o calor do corpo, retirei-me para meu escritório tão fraco quanto um gatinho, quase fraco demais para apreciar o belo fogo e o café fumegante que a criada havia preparado para que eu me reanimasse.



IV

Criaturas inconstantes somos nós! Eu, que me havia determinado a ficar afastado de todo contato social, e agradecia aos céus por, finalmente, encontrar-me em um lugar onde esse contato era praticamente impossível — eu, pobre-diabo enfraquecido, depois de lutar até o anoitecer contra o desânimo e a solidão, fui finalmente forçado a me render; e, com o pretexto de me informar a respeito dos itens necessários para minha permanência, roguei à Sra. Dean, quando ela trouxe a ceia, que se sentasse enquanto eu comia, esperando sinceramente que ela se revelasse uma pessoa que gostasse de conversar, e ou me animasse, ou me fizesse adormecer com sua conversa.

— A senhora vive aqui há muito tempo — comecei a falar. —Dezesseis anos, não foi o que a senhora disse?

— Dezoito, senhor; eu vim quando a patroa se casou, para servir-lhe de companhia; depois de sua morte, o patrão me manteve aqui como governanta.

— Ah, sim.

E então se seguiu uma pausa. Ela não gostava de conversar, eu receei, a não ser que fosse a respeito de seus próprios problemas, e eles dificilmente poderiam me interessar.

Entretanto, tendo permanecido por certo tempo perdida em reflexões, com um punho em cada joelho, e suas feições vermelhas carregadas por uma expressão meditativa, ela exclamou:

— Ah, os tempos mudaram tanto desde então!

— Sim — observei. — A senhora testemunhou muitas mudanças, suponho?

— Sim, e muitos problemas também — disse ela.

Ah, vou virar o tema da conversa para a família de meu senhorio! — pensei comigo mesmo. Um bom assunto para começar — e aquela bela

menina viúva, gostaria de conhecer a história dela: se ela é desta região, ou, como é mais provável, uma criatura forasteira que os nativos arrogantes não reconhecem como parte da família.

Com tal intenção, perguntei à Sra. Dean por que Heathcliff havia alugado a Granja da Cruz do Tordo, preferindo viver em uma situação e em uma residência tão inferiores.

— Ele não é rico o suficiente para manter a propriedade em boas condições? — perguntei.

— Rico, senhor! — retrucou ela. — Quanto dinheiro ele tem, ninguém sabe, e ele aumenta a cada ano. Sim, de fato, ele é rico o suficiente para viver em uma casa melhor que esta, mas ele é muito cainho... avarento; e, se ele tivesse pensado em se mudar para a Granja, assim que ouvisse falar de um bom inquilino ele não iria tolerar perder a oportunidade de ganhar um pouco mais. É estranho uma pessoa ser tão gananciosa, quando ela é sozinha no mundo!

— Ele teve um filho, pelo que eu entendi?

— Sim, teve — ele morreu.

— E aquela jovem, a Sra. Heathcliff, é a viúva dele?

— Sim.

— De que lugar ela veio?

— Ora, senhor, ela é filha do meu falecido patrão; Catherine Linton era seu nome de solteira. Eu a criei, pobrezinha! Eu gostaria que o Sr. Heathcliff se mudasse para cá, assim nós poderíamos ficar juntas de novo.

— Catherine Linton, mas que coisa! — exclamei, espantado. Mas um momento de reflexão me convenceu de que não era a minha fantasmagórica Catherine. — Então — prossegui — o nome de meu antecessor era Linton?

— Era.

— E quem é aquele Earnshaw, Hareton Earnshaw, que vive com o Sr. Heathcliff? Eles são parentes?

— Não, ele é sobrinho da falecida Sra. Linton.

— Primo da jovem, então?

— Sim, e o marido dela também era seu primo — um do lado da mãe; o outro, do lado do pai. Heathcliff se casou com a irmã do Sr. Linton.

— Eu reparei que a casa do Morro dos Ventos Uivantes tem o nome “Earnshaw” entalhado sobre a porta da frente. Eles são uma família antiga?

— Muito antiga, senhor; e Hareton é o último deles, assim como a nossa Srta. Cathy é a última dos nossos — quero dizer, dos Lintons. O senhor esteve no Morro? Peço-lhe desculpas por perguntar, mas eu gostaria de saber como ela está passando!

— A Sra. Heathcliff? Ela estava com boa aparência, e é muito bonita; contudo, eu acho que ela não parece estar muito feliz.

— Oh meu Deus, isso não me espanta! E o que o senhor achou do patrão?

— Uma criatura bastante áspera, Sra. Dean. Ele não é assim?

— Ele é áspero como a lâmina de um serrote, e tão duro quanto uma pedra! Quanto menos o senhor interferir com ele, melhor.

— Ele deve ter tido seus altos e baixos na vida para ficar assim tão intratável. A senhora conhece alguma coisa da história dele?

— É a história de um cuco, senhor. Sei tudo a respeito dela, a não ser onde ele nasceu, quem foram os pais dele, e como ele conseguiu ganhar dinheiro no início. E Hareton foi posto de lado como um passarinho implume! O pobre garoto é o único, em toda a paróquia, que nem ao menos imagina como foi enganado!

— Bem, Sra. Dean, seria uma ação caridosa se a senhora me falasse um pouco a respeito de meus vizinhos; sinto que não vou conseguir dormir se for me deitar; então, seja gentil e sente-se para conversar comigo um pouco.

— Oh, é claro que sim, senhor! Só vou pegar minha costura, e então lhe faço companhia tanto quanto o senhor quiser. Mas o senhor se resfriou; eu o vi tremendo, e o senhor tem de tomar um pouco de mingau para botar o frio para fora do corpo.

A boa mulher saiu apressada; eu me encolhi perto do fogo; minha cabeça queimava, e o resto do corpo estava enregelado: além do mais, meus nervos e cérebro estavam excitados, quase beirando a insanidade. Isso fez com que eu me sentisse não exatamente desconfortável, mas quase com medo, como ainda estou, de que haja sérias consequências dos incidentes de hoje e de ontem.

Ela retornou logo em seguida, trazendo-me uma tigela fumegante e uma cesta com costuras; e, tendo colocado a primeira junto à grade da lareira, sentou-se, evidentemente se sentindo feliz por me ver tão sociável.

Antes de eu vir morar aqui, começou ela, sem esperar outro convite para iniciar sua história, eu estava a maior parte do tempo no Morro dos Ventos Uivantes, porque minha mãe havia sido ama do Sr. Hindley Earnshaw, que era o pai de Hareton, e eu peguei o costume de brincar com as crianças. Eu fazia alguns serviços também, e ajudava na fenação, e ficava ali na fazenda, pronta para fazer qualquer coisa que alguém me pedisse para fazer.

Em uma bela manhã de verão — era o começo da colheita, eu me lembro disso — o Sr. Earnshaw, o antigo patrão, desceu, pronto para viajar; e, depois de dizer para Joseph o que deveria ser feito durante o dia, ele se voltou para Hindley, e para Cathy e para mim — pois eu estava sentada tomando meu mingau junto com eles — e disse, dirigindo-se ao filho:

— Então, meu formoso rapaz, hoje vou até Liverpool. O que posso trazer para você? Pode escolher que você quiser; mas, que não seja algo grande, pois vou andando na ida e na volta, noventa e seis quilômetros de cada vez, é uma boa caminhada!

Hindley escolheu uma rabeca; então o patrão fez a mesma pergunta para a Srta. Cathy: ela recém completara seis anos de idade, mas montava qualquer cavalo do estábulo, e escolheu um chicote.

Ele não se esqueceu de mim, pois tinha um bom coração, embora às vezes fosse bastante severo. Ele prometeu me trazer um punhado de peras e de maçãs, e então se despediu dos filhos beijando-os, e partiu.

A espera foi longa para todos nós — durante os três dias de sua ausência — e frequentemente a pequena Cathy perguntava quando ele voltaria para casa. A Sra. Earnshaw o esperava na hora da ceia, no terceiro dia; ela ficou postergando a refeição hora após hora; não havia sinais da chegada do patrão, contudo, e finalmente as crianças se cansaram de correr até o portão para dar uma olhada. E então escureceu; a patroa queria que os filhos fossem para a cama, mas eles insistiram para que ela os deixasse ficar acordados; e, pouco antes das onze horas, o ferrolho da porta foi erguido

devagarinho e o patrão entrou. Ele se jogou em uma cadeira, rindo e gemendo, e pediu que ninguém se aproximasse, pois estava morto de cansaço — ele não faria outra caminhada daquelas nem se fosse para ganhar os três reinos.

— E, no final das contas, para ficar arrasado! — disse, abrindo seu sobretudo, que ele trazia como um fardo em seus braços. — Olhe aqui, minha esposa, nunca fiquei tão exausto em minha vida por nenhum outro motivo; porém, a senhora deve considerá-lo como um presente de Deus, embora ele seja quase tão escuro como se tivesse vindo do diabo.

Nós nos juntamos ao redor dele e, por sobre o ombro da Srta. Cathy, eu dei uma espiada em um menino sujo, esfarrapado e com cabelos negros; grande o suficiente para andar e falar — na verdade, seu rosto demonstrava mais idade que o de Catherine. Entretanto, quando ele ficou em pé, não fez mais que olhar ao redor, e repetir, inúmeras vezes, umas bobagens que ninguém conseguia entender. Eu fiquei assustada, e a Sra. Earnshaw estava pronta para colocá-lo da porta para fora; ela realmente ficou furiosa, perguntando como o patrão pôde ter a ideia de trazer aquele cigano para dentro de casa, quando eles já tinham seu próprio menino para alimentar e criar? O que ele pretendia fazer com a criança, e ele tinha enlouquecido?

O patrão tentou explicar o ocorrido; porém, ele estava mesmo quase morto de cansaço, e tudo que eu consegui entender, entre as broncas da patroa, foi a história de ele de ter encontrado a criança faminta e desabrigada, e sem conseguir dizer algo inteligível, nas ruas de Liverpool, onde o patrão o pegara e tentara descobrir quem era o proprietário. Ninguém sabia a quem o menino pertencia, ele contou, e como tanto seu dinheiro como seu tempo eram limitados, achou melhor trazê-lo para casa imediatamente a ter de fazer despesas desnecessárias por lá, pois ele estava determinado a não deixar o menino do jeito que ele o encontrara.

Bem, a conclusão foi que a patroa reclamou até se acalmar, e o Sr. Earnshaw me disse para dar um banho no menino e dar-lhe roupas limpas, e colocá-lo para dormir com seus filhos.

Hindley e Cathy se contentaram em ficar olhando e ouvindo até que a paz fosse restabelecida; então, os dois começaram a vasculhar os bolsos do

pai procurando os presentes que ele lhes prometera. Hindley era um menino de quatorze anos, mas quando ele tirou do bolso o que havia sido uma rabeca, feita em pedaços dentro do sobretudo, rompeu a chorar; e Cathy, ao saber que o patrão havia perdido o chicote dela ao cuidar do desconhecido, deu mostras de seu temperamento fazendo caretas e cuspiendo na criaturinha estuporada, recebendo em troca um sonoro tapa do pai para aprender a ter modos mais educados.

Os dois se recusaram terminantemente a aceitar o menino na cama com eles, ou até mesmo em seu quarto, e eu não tinha mais juízo, então o coloquei no patamar da escada, esperando que ele tivesse ido embora até de manhã. Por acaso, ou talvez atraído por ouvir a voz do patrão, o menino se esgueirou até a porta do quarto do Sr. Earnshaw, que o encontrou lá ao sair. Perguntas foram feitas para descobrir como o menino fora parar ali; fui obrigada a confessar, e como recompensa por minha covardia e falta de humanidade, fui mandada embora da casa.

Esse foi o primeiro contato de Heathcliff com a família. Ao voltar uns dias depois, pois eu não considerava meu banimento perpétuo, descobri que os patrões o haviam batizado “Heathcliff”; este era o nome de um filho que havia morrido na infância, e tem servido para ele, desde então, tanto como nome como sobrenome.

A Srta. Cathy e ele eram então unha e carne; mas Hindley o odiava, e, para ser sincera, eu também; e nós o atormentávamos e procedíamos em relação a ele de modo vergonhoso, pois eu não era sensata o suficiente para perceber minha injustiça, e a patroa nunca disse uma palavra a favor dele ao vê-lo maltratado.

Ele dava a impressão de ser uma criança taciturna e paciente, endurecida, talvez, por maus-tratos: ele suportava os golpes de Hindley sem piscar ou derramar uma lágrima, e meus beliscões faziam com que ele apenas respirasse fundo, e abrisse os olhos como se ele tivesse se machucado por acidente e ninguém tivesse culpa disso.

Esse estoicismo fez o velho Earnshaw ficar furioso quando descobriu que seu filho perseguia a pobre criança sem pai, como ele chamava o menino. Ele se apegou a Heathcliff de modo estranho, acreditando em tudo

que ele dizia (e, por falar nisso, ele falava muito pouco mesmo, e geralmente a verdade), e mimando-o muito mais do que a Cathy, que era endiabrada e caprichosa demais para ser a favorita.

Assim, desde o início ele trouxe descontentamento para a casa; e na época da morte da Sra. Earnshaw, que ocorreu menos de dois anos depois, o jovem patrão havia aprendido a considerar seu pai como um opressor, e não como amigo, e Heathcliff como um usurpador dos carinhos e dos favores de seu pai, e ele foi ficando cada vez mais amargo por remoer essas desfeitas.

Por certo tempo eu me solidarizei com ele, porém, quando as crianças ficaram com sarampo e eu tive de tomar conta deles, e subitamente assumir as responsabilidades de mulher, eu mudei de ideia. Heathcliff ficou extremamente doente, e quando o estado dele estava mais preocupante, ele queria que eu ficasse constantemente ao pé de sua cama; suponho que ele achasse que eu fazia muita coisa por ele, e ele não tinha discernimento para perceber que eu era obrigada a fazê-lo. Entretanto, devo dizer isso, ele era a criança mais sossegada de que uma ama jamais cuidou. A diferença entre ele e as outras crianças me obrigou a ser menos parcial. Cathy e o irmão me davam um trabalho espantoso; ele era dócil como um cordeirinho, embora fosse a dureza de caráter, e não a doçura, que fazia com que ele desse pouco trabalho.

Ele sarou, e o médico afirmou que sua cura se devia, em grande parte, a mim, louvando-me por meus cuidados. Fiquei orgulhosa com seus elogios, e abrandei um pouco meus modos em relação à criatura que fora a causa de eu recebê-los, e assim Hindley perdeu seu último aliado; mesmo assim, eu não conseguia gostar de Heathcliff, e com frequência pensava o que tanto o patrão admirava no menino taciturno que nunca, ao menos que eu me lembre, retribuiu sua indulgência com um único gesto gratidão. Ele não era insolente para com seu benfeitor, era apenas insensível, embora soubesse perfeitamente o domínio que tinha sobre as afeições do patrão, e tivesse consciência de que bastava ele se manifestar e toda a casa seria obrigada a se curvar aos seus desejos.

Como exemplo, eu me lembro de o Sr. Earnshaw uma vez ter comprado dois potros na feira da paróquia, e dado um para cada menino. Heathcliff

ficou com o mais bonito, mas logo o potro ficou manco e, assim que ele descobriu isso, disse a Hindley:

— Você tem de trocar de cavalo comigo; não gosto do meu, e se você se recusar, vou contar para seu pai das três surras que você me deu esta semana, e mostrar para ele meu braço, que está roxo até o ombro.

Hindley mostrou-lhe a língua, e deu-lhe um tapa na orelha.

— É melhor você fazer isso agora mesmo — insistiu Heathcliff, fugindo para o pátio (eles estavam no estábulo) — você tem de fazer, e se eu falar a respeito desses tapas, você vai recebê-los de volta com juro.

— Fora daqui, cachorro! — exclamou Hindley, ameaçando-o com um peso de ferro usado para pesar batatas e feno.

— Jogue-o — replicou Heathcliff, permanecendo imóvel —, e então eu vou contar como você se vangloriou de que iria me colocar da porta para fora assim que seu pai morresse, e ver se ele não vai fazer isso com você agora mesmo.

Hindley atirou o peso de ferro, atingindo-o no peito, e Heathcliff caiu no chão, mas imediatamente se levantou cambaleando, sem fôlego e pálido; se eu não tivesse impedido, ele teria ido na mesma hora procurar o patrão, e teria tido a vingança completa fazendo seu estado interceder por ele, e a punição recairia sobre quem havia causado aquilo.

— Pegue o meu potro então, cigano! — disse o jovem Earnshaw. — E eu espero que ele quebre seu pescoço; pegue-o, e maldito seja, seu intruso esfarrapado! Tire tudo que meu pai possui, e só depois lhe mostre o que você é, filho de Satã. E fique com o potro, espero que ele lhe arrebe os miolos com um coice!

Heathcliff havia ido soltar o animal para transferi-lo para seu próprio estábulo. Estava passando por trás dele quando Hindley concluiu sua fala empurrando-o para baixo das patas do potro e, sem se deter para ver se seus desejos haviam sido realizados, saiu correndo tão rápido quanto possível.

Eu fiquei surpresa ao testemunhar a frieza com que o menino se recompôs e retomou sua tarefa, trocando as selas e tudo o mais, e depois se sentando em um monte de feno para se recuperar do abalo que o golpe violento havia causado, antes de entrar em casa.

Eu o persuadi facilmente a me deixar dizer que o culpado por seus ferimentos fora o cavalo; ele pouco se importava com qual história fosse contada, com a condição de conseguir o que queria. Ele reclamava tão pouco, na verdade, de brigas como essa, que eu acreditava mesmo que ele não fosse vingativo — e estava completamente equivocada, como o senhor vai saber.



V

Com o passar do tempo, o Sr. Earnshaw começou a enfraquecer. Ele havia sido ativo e saudável, contudo, suas forças o abandonaram subitamente; e quando ficou confinado ao pé da lareira, ele se tornou insuportavelmente irritadiço. Qualquer coisinha o afligia, e suspeitas de que sua autoridade estava sendo contestada quase o faziam perder o controle.

Isso se notava com clareza se alguém tentasse dar ordens a seu favorito ou exercer controle sobre ele: ele ficava extremamente irado se uma palavra fosse dita contra o garoto, e parecia ter metido na cabeça a ideia de que, por ele gostar de Heathcliff, todos o odiavam, e desejavam lhe fazer mal.

Isso prejudicava o garoto, pois o mais gentil entre nós não desejava aborrecer o patrão; portanto, nós aceitávamos sua parcialidade, e essa aceitação era um belo alimento para o orgulho e o mau gênio do menino. Mesmo assim, de certo modo tínhamos de agir assim; duas ou três vezes as demonstrações de desprezo por parte de Hindley, quando o pai estava por perto, fizeram com que o velho ficasse enfurecido. Ele pegou a bengala para bater no filho, e tremeu de raiva por não conseguir fazê-lo.

Finalmente, nosso cura (nós tínhamos um cura que aumentava seus rendimentos dando aulas para os pequenos Linton e Earnshaw e cultivando seu pedacinho de terra) aconselhou que o jovem fosse estudar, e o Sr. Earnshaw concordou, embora sem entusiasmo, e disse:

— Hindley é um ninguém, e nunca vai prosperar, aonde quer que vá.

Eu sinceramente esperava que então nós fôssemos ter um pouco de paz. Pensar que o patrão pudesse sofrer em consequência de suas próprias boas ações me deixava penalizada. Eu imaginava que o descontentamento provocado pela idade e a doença tivessem sua origem em problemas familiares, assim como ele também pensava; na verdade, o senhor sabe, era o organismo dele que estava enfraquecendo.

Mesmo com tudo isso, nós até que poderíamos ter vivido razoavelmente bem se não fosse por duas pessoas, a Srta. Cathy e Joseph, o criado; aposto que o senhor o viu lá no Morro. Ele era, e ainda é, com toda a probabilidade, o mais irritante e convencido fariseu que jamais revirou uma Bíblia para escarafunchar promessas para si próprio e lançar pragas em seu próximo. Com seu artifício de fazer sermões e discursos piedosos, ele conseguiu exercer grande influência sobre o Sr. Earnshaw, e quanto mais o patrão enfraquecia, maior influência ele conquistava.

Ele vivia perturbando o patrão com suas preocupações a respeito da sua alma, e em relação a uma educação rígida para os filhos. Ele o encorajava a considerar Hindley um réprobo; e, noite após noite, resmungava regularmente uma longa série de histórias contra Heathcliff e Catherine; sempre tendo o cuidado de lisonjear a fraqueza do Sr. Earnshaw ao colocar a maior parte da culpa na menina.

Sem dúvidas, ela tinha um temperamento como eu nunca tinha visto em uma criança antes; e ela nos fazia perder a paciência cinquenta vezes — ou até mais — por dia: do instante em que ela descia, até a hora de ela ir dormir, nós não tínhamos um momento de tranquilidade, sem saber se ela não estaria fazendo alguma coisa errada. Sua vivacidade estava sempre no ponto máximo, a língua, sempre afiada — cantando, rindo, e atormentando a todos que não seguissem seu exemplo. Uma criaturinha travessa e cheia de vida ela era — mas ela tinha os olhos mais fermosos e o sorriso mais doce, e os pés mais ágeis da paróquia; e, afinal, acredito que ela não quisesse nos causar mal; pois quando ela fazia alguém chorar de verdade, o que normalmente acontecia era ela chorar junto, e fazer com que a pessoa se acalmasse para, por sua vez, poder consolá-la.

Ela era apegada demais a Heathcliff. O maior castigo que alguém poderia inventar para ela era mantê-la separada dele: contudo, ela era repreendida muito mais que qualquer um de nós por causa dele.

Ao brincar, ela gostava demais de fazer o papel de patroinha, usando as mãos com liberalidade e dando ordens para seus companheiros: ela agiu assim comigo, mas eu não iria tolerar tapas e ordens; e então a fiz ficar sabendo disso.

Ora, o Sr. Earnshaw não aceitava brincadeiras por parte dos filhos: ele sempre havia sido rígido e severo com eles; e Catherine, por sua vez, não conseguia entender por que seu pai ficava cada vez mais nervoso e menos paciente, agora que estava doente, do que o era quando tinha boa saúde.

As rabugentas censuras dele fizeram surgir nela um prazer malicioso em provocá-lo; ela nunca se sentia tão feliz como nas ocasiões em que estávamos todos a repreendendo de uma vez só, e ela nos contestando com seu olhar insolente e atrevido e suas respostas prontas; caçoando das maldições religiosas de Joseph; me atormentando; e fazendo exatamente o que seu pai mais detestava, mostrando como sua falsa insolência, que ele acreditava ser verdadeira, tinha mais poder sobre Heathcliff do que a bondade dele; e como o menino faria qualquer coisa que ela pedisse, e o que o *patrão* quisesse ele fazia só quando estava de acordo com os seus próprios desejos.

Depois de se comportar tão mal quanto fosse possível o dia todo, às vezes ela vinha fazer as pazes, cheia de doçura, à noite.

— Não, Cathy — o velho patrão costumava dizer, — não posso te amar; ocê é pior que teu irmão. Vai fazer tuas orações, filha, e pede perdão a Deus. Fico pensando que tua mãe e eu podemos nos arrepender de te ter criado!

A princípio, isso a fazia chorar; depois, o fato de ser continuamente repelida a deixou insensível, e ela ria se eu lhe dissesse que ela deveria se arrepender de seus erros, e implorar para ser perdoada.

Finalmente, chegou a hora em que os cuidados do Sr. Earnshaw na Terra se acabaram. Ele morreu tranquilamente em sua poltrona em uma noite de outubro, sentado ao pé da lareira.

Um vento forte soprava ao redor da casa e rugia na chaminé: dava a impressão de ser violento e tempestuoso, entretanto, não era frio, e todos nós estávamos juntos — eu, um pouco afastada da lareira, ocupada com meu tricô, e Joseph lendo sua Bíblia perto da mesa (pois nessa época os empregados geralmente se sentavam na casa, depois de terminado o serviço). A Srta. Cathy tinha estado doente, e isso a fez ficar tranquila; ela

se recostava nos joelhos do pai, e Heathcliff estava deitado no chão com a cabeça no colo dela.

Eu me lembro de o patrão, antes de começar a cochilar, acariciando os fermosos cabelos dela — ele ficava feliz demais ao vê-la gentil — e dizendo:

— Por que ocê não pode ser sempre uma boa minina, Cathy?

E ela voltou o rosto para o dele, e riu, e respondeu:

— E por que o senhor não pode ser sempre um bom homem, pai?

Mas, assim que ela viu que ele estava irritado de novo, ela beijou a mão dele e disse que iria cantar para ele dormir. Ela começou a cantar em voz baixa, até que os dedos dele se soltaram dos dela, e a cabeça dele pendeu para o peito. Então, eu lhe disse para ficar calada e não se mexer, receando que ela pudesse acordá-lo. Durante a meia hora seguinte ficamos todos sem soltar um pio, e teríamos ficado ainda mais; porém Joseph, tendo terminado a leitura do capítulo, se levantou e disse que tinha de acordar o patrão para fazer as orações e ir dormir. Ele se aproximou e o chamou pelo nome e tocou seu ombro, mas ele não se mexeu — então Joseph pegou a vela e olhou o patrão.

Eu achei que havia alguma coisa errada quando ele colocou a vela de lado e, pegando cada uma das crianças pelo braço, disse-lhes em voz baixa que eles “devia ir depressinha lá pra cima e ficar quietinho — eles podiam fazer as orações sozinhos aquela noite — ele tinha outras coisa pra fazê”.

— Antes disso, eu vou falar boa-noite para meu pai — disse Catherine, enlaçando o pescoço dele com os braços, antes que pudéssemos impedi-la.

A pobrezinha descobriu na hora o que havia acontecido — ela gritou:

— Oh, ele morreu, Heathcliff! Ele morreu!

E os dois começaram a chorar tanto que partia o coração.

Juntei meus lamentos aos deles, ainda mais altos e mais tristes; mas Joseph perguntou o que passava pela nossa cabeça para fazer um barulho daqueles por um santo que ia para o céu.

Ele me mandou colocar meu casaco e ir rapidamente até Gimmerton em busca do médico e do pastor. Eu não conseguia entender qual seria a serventia de qualquer um deles naquela hora. Entretanto, eu fui, em meio ao

vento e à chuva, e trouxe um deles, o médico, comigo; o outro disse que viria pela manhã.

Deixando Joseph para explicar o que havia acontecido, corri até o quarto das crianças; a porta estava escancarada, e vi que os dois não haviam se deitado, embora já passasse de meia-noite; mas eles estavam mais calmos, e não precisavam de mim para consolá-los. Os pobrezinhos estavam se consolando um ao outro com pensamentos melhores que eu poderia ter; nenhum pároco no mundo jamais imaginou o céu de modo tão belo quanto eles o fizeram, em sua conversa inocente; e, enquanto eu soluçava e ouvia, não consegui deixar de desejar que nós todos estivéssemos lá, sãos e salvos.



VI

O Sr. Hindley voltou para casa para o funeral e — algo que nos espantou, e fez com que os vizinhos ficassem mexericando em todos os cantos — trouxe com ele uma esposa.

O que ela era, e onde nascera, ele nunca nos informou; provavelmente, ela não tinha nem dinheiro nem nome que lhe servissem de recomendação, ou ele dificilmente teria mantido o matrimônio escondido do pai.

Não que ela pudesse ter perturbado muito a casa por conta própria. Cada objeto que ela viu, desde o instante em que cruzou a soleira da porta, pareceu enchê-la de deleite; assim como qualquer coisa que acontecia ao seu redor, exceto os preparativos para o funeral, e a presença das pessoas de luto.

Eu achei que ela não tinha muito tino, por causa de seu comportamento durante o funeral; ela correu para seu quarto, e fez com que eu a acompanhasse, embora eu devesse estar vestindo as crianças; e lá ela se sentou, tremendo e contorcendo as mãos e perguntando incessantemente:

— Eles já foram embora?

E então ela começou a descrever, com emoção histérica, o efeito que a visão de roupas de luto exercia sobre ela; e se sobressaltou, e tremeu, e, finalmente, começou a chorar — e quando eu lhe perguntei qual era o problema, ela respondeu que não sabia, mas ela tinha tanto medo de morrer!

Eu imaginei que ela estivesse tão perto de morrer quanto eu. Ela era bastante magra, mas jovem, e com boa compleição, e seus olhos brilhavam como diamantes. Eu percebi, sem dúvida, que subir as escadas a deixava ofegante, que o menor ruído repentino fazia todo seu corpo estremecer, e que às vezes ela tossia de modo inquietante: porém, eu não tinha a menor ideia do que esses sintomas indicavam, e não me inclinava a simpatizar com ela. Geralmente, nós não fazemos amizade com forasteiros, Sr. Lockwood, a não ser que eles queiram ser nossos amigos em primeiro lugar.

O jovem Earnshaw havia mudado consideravelmente nos três anos de sua ausência. Ele havia emagrecido, perdido as cores, e falava e se vestia de modo muito diferente; e, no exato dia de seu retorno, ele disse que Joseph e eu deveríamos, a partir de então, nos alojar na parte dos fundos da cozinha, e deixar a casa para ele. Na verdade, ele queria colocar tapetes e papel de parede em uma saleta vazia para transformá-la em sala de estar; entretanto, sua esposa manifestou tamanho prazer ao ver o chão branco e a grande lareira faiscante, os pratos de estanho, e os armários com prateleiras, e o canil e o amplo espaço de que se dispunha ali, onde eles normalmente ficavam sentados, que ele julgou as mudanças desnecessárias para o conforto dela, e abandonou seu projeto.

Ela também demonstrou prazer ao encontrar uma irmã entre seus novos conhecidos, e ela tagarelava com Catherine, e a beijava, e andava para lá e para cá com ela, e dava-lhe inúmeros presentes, no começo. Sua afeição se esgotou depressa, contudo, e quando ela ficou irritadiça, Hindley se tornou um tirano. Um poucas palavras da parte dela, demonstrando não gostar de Heathcliff, foram suficientes para despertar nele todo seu antigo ódio pelo menino. Ele o expulsou da companhia deles, colocando-o junto com os criados, privou-o das lições do cura, e insistiu que ele deveria trabalhar nos campos, obrigando-o a se esforçar tão arduamente quanto qualquer outro rapaz da fazenda.

A princípio, Heathcliff suportou bem sua degradação, porque Cathy lhe ensinava o que aprendia, e trabalhava ou brincava com ele nos campos. Os dois prometiam crescer tão rudes quanto selvagens, já que o jovem patrão negligenciava por completo o comportamento deles e suas ações, desde que eles ficassem longe dele. Ele sequer teria tomado providências para que eles fossem à igreja aos domingos; porém, Joseph e o cura o repreenderam por seu descuido quando os dois se ausentaram, e isso o fez se lembrar de mandar dar uma surra em Heathcliff, e que Catherine ficasse sem o jantar ou a ceia.

Mas, um dos maiores divertimentos deles era correr para a charneca e permanecer lá o dia todo, e o subsequente castigo passou a ser motivo de risadas. O cura poderia determinar tantos capítulos quanto quisesse para

Catherine aprender de cor, e Joseph poderia surrar Heathcliff até seu braço doer; eles esqueciam tudo no instante em que estavam juntos novamente, ou, pelo menos, no instante em que haviam elaborado um novo e perverso plano de vingança; e muitas vezes eu chorei em silêncio ao vê-los tornando-se mais inconsequentes a cada dia, e eu sem ousar dizer uma palavra por ter medo de perder a pouca ascendência que ainda tinha sobre as criaturas abandonadas.

Uma noite de domingo, aconteceu de eles serem banidos da sala de estar por terem feito barulho, ou uma infração inofensiva desse tipo, e quando fui chamá-los para a ceia, não consegui encontrá-los em lugar nenhum.

Reviramos a casa de cima a baixo, e o pátio e os estábulos; não conseguimos encontrá-los e, finalmente, enfurecido, Hindley disse que deveríamos trancar as portas, e declarou que ninguém deveria deixá-los entrar naquela noite.

Todos foram dormir; e eu, ansiosa demais para me deitar, abri minha gelosia e coloquei a cabeça para fora e fiquei escutando, embora chovesse, determinada a deixá-los entrar apesar da proibição, caso eles voltassem.

Pouco depois, percebi o som de passos vindo pela estrada, e a luz de uma lanterna bruxuleou através do portão.

Coloquei um xale na cabeça e corri para evitar que eles acordassem o Sr. Earnshaw batendo à porta. Lá estava somente Heathcliff; fiquei assustada ao vê-lo sozinho.

— Onde está a Srta. Catherine? — exclamei, apressada. — Não sofreu um acidente, espero?

— Na Granja da Cruz do Tordo — respondeu ele —, e eu deveria estar lá também, mas eles não tiveram a gentileza de me convidar para ficar.

— Bem, você vai ter o que merece! — respondi. — Você nunca vai ficar contente até ser mandado embora para cuidar de sua vida. A troco de quê vocês foram andando até a Granja?

— Deixe-me tirar minhas roupas molhadas, e eu conto tudo para você, Nelly — retrucou ele.

Eu lhe pedi que tivesse cuidado e não acordasse o patrão, e enquanto ele se trocava e eu esperava para apagar a vela, ele prosseguiu:

— Cathy e eu fugimos da lavanderia para passear à vontade e, vislumbrando as luzes da Granja, pensamos que poderíamos ir lá só para ver se os Linton passavam suas noites de domingo em pé, tremendo nos cantos da casa, enquanto o pai e a mãe se sentavam comendo e bebendo, e rindo e cantando, e queimando os olhos na frente do fogo. Você acha que eles fazem isso? Ou lendo sermões, e sendo catequizados por um empregado, e sendo obrigados a aprender uma coluna de nomes da Escritura, se eles não responderam corretamente?

— Provavelmente não — respondi. — Eles são bons meninos, sem dúvida, e não merecem o tratamento que vocês recebem por sua má conduta.

— Não sermone, Nelly — disse ele. — Mas que tolice! Nós corremos do alto do Morro até o parque, sem parar — Catherine completamente derrotada na corrida, porque estava descalça. Você vai ter de procurar os sapatos dela no pântano amanhã. Nós nos esgueiramos por um pedaço da cerca que está quebrado, e nos plantamos em uma floreira sob a janela da sala de estar. A luz vinha através dela; eles não haviam fechado os postigos, e as cortinas estavam apenas parcialmente fechadas. Nós dois conseguimos olhar lá dentro ficando em pé no embasamento e nos segurando no peitoril, e vimos — ah!, que coisa linda — um lugar esplêndido acarpetado de vermelho, e cadeiras e mesas cobertas de tecido vermelho, e o teto muito branco com bordas douradas, uma cascata de gotas de cristal pendendo do centro em correntes de prata, e espalhando a suave luz das velas. Os velhos Linton não estavam lá. Edgar e sua irmã tinham o cômodo totalmente para eles; eles não deveriam estar felizes? Nós teríamos achado que estávamos no céu! E então, adivinhe o que suas boas crianças estavam fazendo? Isabella — acho que ela tem onze anos de idade, um ano mais nova que Cathy — estava deitada no chão no canto mais afastado da sala, aos gritos, berrando como se bruxas estivessem enfiando agulhas em brasa no corpo dela. Edgar estava perto da lareira, chorando silenciosamente; no centro da mesa estava sentado um cachorrinho, balançando a pata e ganindo; pelas

mútuas acusações dos dois, nós percebemos que o cachorro quase havia sido feito em pedaços entre eles. Que idiotas! Era essa a diversão deles! Brigar para ver com quem ficaria um amontoado de pelos, e cada um deles começou a chorar porque ambos, depois de lutar para ter a posse do cachorro, se recusavam a ficar com ele. Nós demos gargalhadas às custas das criaturinhas mimadas, nós sentimos muito desprezo por eles, mesmo! Quando você me veria desejando alguma coisa que Catherine quisesse? Ou nos pegar sozinhos, nos divertindo em gritar, e em soluçar, e em rolar no chão, um em cada canto da sala? Eu não trocaria, nem que pudesse ter mil vidas, minha situação aqui pela de Edgar Linton na Granja da Cruz do Tordo; nem que eu tivesse o privilégio de jogar Joseph do torreão mais alto, ou de pintar a fachada da casa com o sangue de Hindley!

— Shhh! Shhh! — interrompi. — Você ainda não me contou, Heathcliff, como Catherine ficou para trás?

— Eu disse que nós demos risada — respondeu ele. — Os Lintons nos ouviram e, de comum acordo, voaram para a porta; houve um silêncio, e então um grito, “Oh, mamãe, mamãe! Oh, papai! Oh mamãe, venha cá. Oh, papai, oh!”. Eles gritaram mesmo, alguma coisa parecida com isso. Nós fizemos um barulho horrível para assustá-los ainda mais, e então saltamos da janela, porque alguém estava tirando as trancas e nós achamos melhor fugir. Eu estava segurando Cathy pela mão, e lhe pedia que andasse depressa, quando de repente ela caiu no chão.

— Corra, Heathcliff, corra! — ela sussurrou. — Eles soltaram o buldogue e ele me pegou!

O maldito tinha agarrado o tornozelo dela, Nelly; eu ouvi o maldito bufando. Ela não gritou — não! ela teria se envergonhado de fazer isso, mesmo que tivesse sido apanhada pelos chifres de uma vaca louca. Mas, eu gritei; vociferei pragas o suficiente para aniquilar qualquer demônio da cristandade, e peguei uma pedra e a enfiei na mandíbula dele e tentei com todas as minhas forças empurrá-la goela abaixo. Finalmente, um idiota de um empregado apareceu com uma lanterna, gritando:

— Segure, Fúção, segure!

Ele mudou o jeito de falar, entretanto, ao ver o que era a presa do Fujão. O cachorro estava sufocado, sua língua grande e vermelha pendendo mais de um palmo para fora da boca, e de seus beiços corria uma baba sanguinolenta.

O homem ergueu Cathy; ela estava se sentindo mal, não por medo, tenho certeza, mas por causa da dor. Ele a carregou para dentro da casa; eu o segui, resmungando maldições e planos de vingança.

— Quem foi pego, Robert? — disse Linton em voz alta, da entrada.

— Fujão pegou uma menininha, senhor — retrucou ele — e tem um garoto aqui — acrescentou, me segurando — que parece ser um pilantra! É provável que os ladrões estivessem planejando fazê-los entrar pela janela para abrir as portas para a corja depois que todos estivessem dormindo, e assim eles poderiam matar todos nós com facilidade. Cale a boca, seu ladrão desbocado! Você vai parar na cadeia por causa disso. Sr. Linton, não solte sua arma!

— Não, não, Robert! — disse o velho tolo. — Os patifes sabem que ontem foi meu dia de pagamento; eles acharam que seriam espertos e me pegariam. Entre; vou lhes dar uma bela de uma recepção. Aí, John, feche a corrente. Dê um pouco de água para o Fujão, Jenny. Afrontar um magistrado em seu lar, e no dia do Senhor, ainda por cima! Até onde vai chegar a insolência deles? Oh, minha cara Mary, veja só! Não tenha medo, não é mais do que um menino. E, no entanto, o canalha tem uma expressão tão maldosa! Não seria uma bondade para com este país enforcá-lo imediatamente, antes que ele mostre sua natureza em suas ações, assim como mostra em suas feições?

Ele me empurrou sob a luz do candelabro, e a Sra. Linton colocou os óculos na ponta do nariz e ergueu as mãos, horrorizada. As covardes das crianças também se aproximaram, Isabella balbuciando:

— Coisa pavorosa! Coloque-o no sótão, papai. Ele é igual ao filho da mulher que lia a sorte e que roubou meu faisão domesticado, não é, Edgar?

Enquanto eles me observavam, Cathy recuperou os sentidos; ela ouviu as últimas palavras e deu risada. Edgar Linton, depois de um olhar fixo e

inquisitivo, teve presença de espírito suficiente para reconhecê-la. Ele nos vê na igreja, você sabe, embora raramente nos encontremos em outro lugar.

— Essa é a Srta. Earnshaw! — sussurrou ele para a mãe — E veja como Fujão a mordeu, como o pé dela está sangrando!

— A Srta. Earnshaw? Tolice! — exclamou a dama. — A Srta. Earnshaw correndo pelos campos com um cigano! E, contudo, meu querido, a menina está de luto, com certeza está, e ela pode ter ficado aleijada para o resto da vida!

— Quanto imperdoável descuido por parte do irmão! — exclamou o Sr. Linton, desviando o olhar de mim para Catherine. — Fiquei sabendo por intermédio de Shielders (era o cura, senhor), que ele a deixa crescer em completo paganismo. Mas quem é este? Onde ela foi arrumar este companheiro? Oh! Eu digo que ele é aquela estranha aquisição que meu finado vizinho fez em sua viagem para Liverpool; um pequeno lascar, ou um pária da América ou da Espanha.

— Um menino malvado, de qualquer maneira — observou a velha senhora —, e muito inapropriado para uma casa decente! Reparou em sua linguagem, Linton? Estou chocada por meus filhos terem tido de ouvi-la.

Recomecei a praguejar (não fique brava, Nelly), e então Robert recebeu ordens de me botar para fora. Eu me recusei a sair sem Cathy; ele me arrastou para o jardim, enfiou a lanterna na minha mão, me garantiu que o Sr. Earnshaw seria informado a respeito do meu comportamento e, mandando-me sair imediatamente, fechou a porta de novo.

As cortinas ainda estavam erguidas em um dos cantos; e eu voltei a assumir meu posto de espia, porque, se Catherine tivesse manifestado o desejo de voltar, eu tencionava estilhaçar os vidros da janela em milhares de pedacinhos, a não ser que eles a deixassem sair.

Ela ficou sentada em silêncio no sofá. A Sra. Linton tirou-lhe o casaco cinzento da empregada, que nós havíamos emprestado para nosso passeio, balançando a cabeça, e recriminando-a, eu suponho; ela era uma jovem dama, e eles faziam diferença entre o tratamento dado a ela e a mim. Então a criada trouxe uma bacia com água morna e lavou os pés dela; e o Sr. Linton preparou um cálice de vinho quente, e Isabella despejou um prato de

bolos em seu regaço, e Edgar ficou boquiaberto, um pouco afastado. Em seguida, eles enxugaram e pentearam o lindo cabelo dela, e lhe deram um par de chinelos enormes, e levaram-na para perto do fogo, e eu a deixei lá, tão feliz quanto ela pudesse estar, dividindo sua comida entre o cãozinho e Fújão, cujo nariz ela beliscava enquanto ele comia; e acendendo uma chama de vida nos vazios olhos azuis dos Lintons; um pálido reflexo de seu próprio rosto encantador. Eu vi que eles estavam repletos de uma admiração estúpida; ela é tão incomensuravelmente superior a eles. A qualquer um na Terra, não é, Nelly?

— Esse caso vai ter maiores consequências do que você está pensando — respondi, cobrindo-o e apagando a luz. — Você não toma jeito, Heathcliff, e o Sr. Hindley vai ter de tomar medidas drásticas, garanto que vai.

Minhas palavras provaram ser mais verdadeiras do que eu desejava. A infeliz aventura deixou Earnshaw furioso. E então o Sr. Linton, para remediar a situação, nos fez uma visita no dia seguinte; e fez tal sermão para o jovem patrão a respeito dos rumos que ele dava para sua família, que ele foi forçado a dar mais atenção ao cumprimento de suas obrigações.

Heathcliff não levou uma surra, mas lhe disseram que se ele ousasse dirigir a palavra à Srta. Catherine, seria mandado embora; e a Sra. Earnshaw tomou para si a tarefa de manter sua cunhada devidamente vigiada, quando ela voltasse para casa, usando artimanhas, não a força. Se tentasse usar a força ela teria descoberto que isso seria impossível.



VII

Cathy ficou na Granja da Cruz do Tordo durante cinco semanas, até o Natal. Nessa época, seu tornozelo estava completamente curado, e os modos dela haviam melhorado muito. Nesse intervalo, a patroa lhe fez várias visitas e começou seu plano de reforma tentando aumentar o amor-próprio da menina com roupas finas e adulações, as quais ela aceitou prontamente: e assim, ao invés de uma criaturinha selvagem e sem chapéu pulando para dentro de casa, e correndo para nos abraçar até perdermos o fôlego, desmontou de um belo pônei negro uma pessoa muito digna, com cachos castanhos que caíam sob um chapéu de pele de castor enfeitado com plumas, e um longo sobretudo que ela era forçada a segurar com as duas mãos para poder andar.

Hindley ajudou-a a desmontar, exclamando, deliciado:

— Ora, Cathy, você está linda! Eu mal reconheceria você. Você está parecendo uma dama, agora. Isabella Linton não pode ser comparada a ela, pode, Frances?

— Isabella não tem seus dotes naturais — replicou sua esposa —, mas ela deve se controlar para não ficar selvagem de novo. Ellen, ajude a Srta. Catherine a trocar de roupa. Cuidado, querida, você vai despentear seus cachos. Deixe-me desatar seu chapéu.

Eu tirei o casaco dela, e cintilaram sob ele um grande vestido de seda xadrez, calças brancas e sapatos lustrosos; e, embora seus olhos brilhassem de alegria quando os cachorros se aproximaram aos saltos para recepcioná-la, ela mal ousou tocá-los, por medo de que eles pudessem ficar se esfregando em suas magníficas roupas.

Ela me beijou carinhosamente; eu estava coberta de farinha, fazendo o bolo de Natal, e não seria possível ter me dado um abraço. E então ela olhou ao redor procurando Heathcliff. O Sr. e a Sra. Earnshaw ficaram observando, ansiosos, o encontro deles, supondo que assim poderiam julgar,

até certo ponto, se tinha ou não fundamento a esperança que eles alimentavam de separar os dois amigos.

Não foi fácil descobrir Heathcliff, a princípio. Se ele era descuidado e ninguém se ocupava dele antes da ausência de Catherine, a situação havia ficado dez vezes pior desde então.

Ninguém, a não ser eu, jamais tinha a consideração de lhe dizer que ele era um menino sujo, e de lhe pedir que se lavasse uma vez por semana; e crianças da sua idade raramente sentem um prazer natural com a água e o sabão. Portanto, sem mencionar as roupas dele, que haviam sido usadas durante três meses no serviço em meio ao lamaçal e ao pó, e seus cabelos bastos e despenteados, a pele de seu rosto e das suas mãos estava assustadoramente encardida. Ele tinha razão de se esgueirar para trás do escano, ao ver tão graciosa e elegante donzela entrar em casa, em vez de uma desgrehada réplica de si mesmo, conforme ele esperava.

— Heathcliff não está aqui? — perguntou ela, tirando as luvas, e mostrando dedos incrivelmente brancos pela falta do que fazer, e por ficarem dentro de casa.

— Heathcliff, pode aparecer — exclamou o Sr. Hindley, se deliciando com o desconcerto do rapaz e feliz por ver o lamentável estado em que ele teria de se apresentar. — Pode vir e desejar as boas vindas à Srta. Catherine, como os outros empregados.

Cathy, vislumbrando o amigo em seu esconderijo, correu abraçá-lo; ela imediatamente lhe deu uns sete ou oito beijos no rosto. Depois parou, se afastou e desandou a rir, exclamando:

— Ora, como você está sujo e emburrado! E como... como está engraçado e zangado! Mas é porque estou acostumada com Edgar e Isabella Linton. Mas, Heathcliff, você se esqueceu de mim?

Ela não deixava de ter razão ao fazer a pergunta, pois a vergonha e o orgulho lançaram uma dupla sombra nas feições dele, deixando-o imóvel.

— Dê-lhe um aperto de mãos, Heathcliff — disse o Sr. Earnshaw, condescendente. — Uma vez ou outra, isso é permitido.

— Nunca! — replicou o menino, finalmente conseguindo falar. — Eu não vou ficar aqui para ser motivo de caçada, não vou tolerar isso!

E ele teria se afastado, mas a Srta. Cathy tornou a segurá-lo.

— Eu não queria rir de você — disse. — Eu não consegui me conter. Heathcliff, me dê um aperto de mãos pelo menos! Por que você está emburrado? É que você está com uma aparência estranha. Se você lavar seu rosto e pentear os cabelos, vai ficar tudo bem. Mas você está tão sujo!

Preocupada, ela olhou os dedos enegrecidos que ela retinha entre os seus, e também seu vestido, que ela temia que não tivesse melhorado de aspecto ao entrar em contato com as roupas dele.

— Você não precisava ter me tocado! — respondeu ele, seguindo o olhar dela e puxando sua mão. — Eu fico sujo tanto quanto eu quiser, e eu gosto de ser sujo, e eu vou ficar sujo.

E com essas palavras ele saiu correndo da sala, entre as demonstrações de alegria do patrão e da patroa, e para séria perturbação de Catherine, que não conseguia compreender por que suas observações tinham produzido tamanha demonstração de mau gênio.

Depois de fazer o papel de camareira para a recém-chegada e de colocar meus bolos no forno, e de alegrar a casa e a cozinha com lareiras condizentes com a véspera de Natal, eu me preparei para me sentar e me divertir cantando, sozinha, apesar das declarações de Joseph sobre os alegres hinos que eu havia escolhido serem algo muito próximo de música profana.

Ele havia se retirado para seu quarto para fazer suas orações particulares, e o Sr. e a Sra. Earnshaw mantinham a patroazinha ocupada com vários objetos vistosos comprados para que ela presenteasse os pequenos Lintons, em retribuição pela bondade deles para com ela.

Eles os haviam convidado para passar a manhã no Morro, e o convite havia sido aceito, com uma condição: a Sra. Linton implorara que seus queridinhos fossem cuidadosamente mantidos longe daquele “garoto horrível que dizia pragas”.

Por causa dessas circunstâncias, fiquei sozinha. Senti o delicioso aroma das especiarias que eram aquecidas; admirei os brilhantes utensílios de cozinha, o relógio polido, enfeitado com azevinho, as canecas de prata enfileiradas na bandeja, prontas para ficarem repletas de cerveja quente

aromatizada na hora da ceia; e, acima de tudo, a imaculada pureza do objeto de meus maiores cuidados: o piso bem esfregado e varrido.

Eu dei merecidos parabéns silenciosos para cada objeto, e então eu lembrei como o velho Earnshaw costumava vir quando tudo estava limpo e me chamar de “moça trabalhadeira”, e deixar cair uma moeda de um xelim em minhas mãos, como presente de Natal; e daí eu comecei a pensar no carinho que ele tinha por Heathcliff, e o temor dele de que o menino fosse negligenciado depois de sua morte; e isso naturalmente me fez pensar na situação do pobre do garoto naquela ocasião, e mudei de ideia e parei de cantar e comecei a chorar. Logo me dei conta, entretanto, de que faria mais sentido tentar remediar alguns dos erros dele do que ficar derramando lágrimas. Eu me levantei e fui até o pátio para procurar o garoto.

Ele não estava longe; eu o encontrei alisando a farta pelagem do novo pônei no estábulo, e alimentando os outros animais, conforme o costume.

— Ande logo, Heathcliff — eu falei. — A cozinha está tão confortável; e Joseph está lá em cima; ande logo, e deixe-me vestir você com boas roupas, antes que a Srta. Cathy desça, e então vocês podem se sentar juntos, com toda a lareira só para vocês dois, e conversar bastante até a hora de dormir.

Ele continuou a trabalhar e sequer voltou a cabeça para mim.

— Venha... você não vai vir? — continuei. — Tem um bolinho para cada um de vocês, quase pronto; e você vai precisar de uma meia hora para se arrumar.

Esperei uns cinco minutos, porém, não tendo recebido resposta, deixei-o lá. Catherine ceou com o irmão e a cunhada: Joseph e eu nos juntamos para uma refeição pouco agradável temperada com reprovações de um lado e petulância do outro. O bolo e o queijo de Heathcliff permaneceram sobre a mesa a noite toda, para as fadas. Ele deu um jeito de continuar a trabalhar até as nove horas da noite, e então marchou silencioso e severo para seu quarto.

Cathy ficou acordada até tarde, organizando uma porção de coisas para receber seus novos amigos: ela veio até a cozinha, uma vez, para falar com

seu velho amigo, mas ele havia ido embora, e ela ficou lá o suficiente para perguntar o que estava acontecendo com ele, e então saiu.

Ele acordou cedo de manhã; e, como era feriado, levou seu mau humor para a charneca, não reaparecendo até a família ter saído para a igreja. O jejum e a reflexão pareciam tê-lo deixado com melhor disposição. Ele ficou por perto de mim durante certo tempo, e tendo juntado coragem, exclamou, abruptamente:

— Nelly, faça-me ficar decente, eu vou ser bom.

— Já era hora, Heathcliff — disse eu. — Você *magoou* Catherine; ela está triste por ter voltado para casa, se é que posso dizer isso! Parece que você sente inveja dela, porque os outros se preocupam mais com ela do que com você.

A ideia de *invejar* Catherine era incompreensível para ele, mas ele compreendia bem demais a ideia de magoá-la.

— Ela disse que estava triste? — perguntou ele, com ar muito sério.

— Ela chorou quando eu lhe disse que você tinha saído de novo hoje de manhã.

— Bem, *eu* chorei a noite passada — retrucou ele —, e eu tinha mais motivos para chorar do que ela.

— Sim, você tinha o motivo de ter ido para a cama com o coração cheio de orgulho e o estômago vazio — disse eu. — Pessoas orgulhosas criam grandes tristezas para si mesmas. Mas, se você se envergonha de sua suscetibilidade, você deve pedir perdão, veja bem, quando ela voltar. Você deve se aproximar e pedir para dar-lhe um beijo, e dizer... você sabe melhor do que eu o que dizer, apenas faça isso com sinceridade, e não como se você achasse que ela se transformou em uma estranha por causa de seu lindo vestido. E agora, embora eu precise preparar o jantar, vou achar um tempinho para arrumar você de modo que Edgar Linton fique parecendo um boneco ao seu lado: e ele parece mesmo. Você é mais novo e, mesmo assim, aposto, você é mais alto e tem os ombros muito mais largos; você poderia derrubá-lo em um piscar de olhos: você não acha que poderia?

A face de Heathcliff se iluminou por um momento; e logo em seguida ficou melancólica, e ele suspirou.

— Mas, Nelly, se eu o derrubasse vinte vezes, isso não faria com que ele ficasse menos bonito, ou eu mais bonito. Eu queria ter cabelos loiros e uma pele clara, e me vestir e me comportar bem, e ter uma chance de ser tão rico quanto ele vai ser!

— E chorar chamando a mamãe a cada instante — acrescentei —, e tremer se um garoto da região erguesse a mão contra você, e ficar o dia inteiro sentado em casa por causa de uma chuva. Oh, Heathcliff, você não está sendo inteligente! Chegue perto do espelho, e vou lhe mostrar o que você deveria desejar. Você vê essas duas linhas entre seus olhos, e essas sobrancelhas espessas que, em vez de se erguerem em um arco, se afundam no meio, e esses dois vilões negros, tão profundamente enterrados, que nunca abrem corajosamente suas janelas, mas ficam à espreita sob elas, como espiões do diabo? Deseje acabar com essas rugas amargas, erguer suas pálpebras com franqueza, e transformar os vilões em anjos inocentes, que de nada suspeitam e nada temem, e sempre veem amigos onde não têm a certeza de encontrar inimigos, e aprenda a fazer isso. Não fique com a expressão de um cachorro maldoso que parece saber que são merecidos os pontapés que recebe e, no entanto, odeia o mundo todo, assim como a pessoa que dá os pontapés, por causa de seus sofrimentos.

— Em outras palavras, devo desejar os olhos azuis de Edgar Linton, e sua testa lisa — retrucou ele. — Eu desejo; e isso não vai me ajudar a consegui-los.

— Um bom coração ajudaria você a ter uma face fermosa, meu garoto — prossegui —, mesmo que você fosse um negro de verdade, e um coração ruim vai transformar a pessoa mais fermosa em alguma coisa pior que a feiúra. E agora que você já acabou de se lavar, de se pentear e de ficar emburrado; diga-me se você não se considera bem bonito? Eu vou lhe dizer, eu considero. Você tem tudo para ser um príncipe disfarçado. Quem sabe, seu pai poderia ser o Imperador da China, e sua mãe, uma rainha da Índia, cada um deles podendo comprar, com os rendimentos de uma semana, o Morro dos Ventos Uivantes e a Granja da Cruz do Tordo juntos? E você foi sequestrado por marinheiros malvados e trazido para a Inglaterra. Se eu estivesse em seu lugar, eu teria ideias elevadas a respeito de meu

nascimento; e as ideias a respeito de quem eu fosse me deveriam dar coragem e dignidade para suportar as opressões de um fazendeirinho!

E assim eu fui tagarelando; e Heathcliff gradualmente perdeu sua carranca, e começava a ter uma aparência bastante agradável quando, de repente, nossa conversa foi interrompida por um rumor estrepitoso se aproximando pela estrada e entrando no pátio. Ele correu para a janela, e eu, para a porta, bem a tempo de presenciar os dois Lintons descendo da carruagem da família, cobertos de casacos e de peles, e os Earnshaws desmontando de seus cavalos — eles frequentemente iam a cavalo para a igreja no inverno. Catherine pegou uma das mãos de cada criança e as conduziu para dentro de casa, e fez com que elas se sentassem perto do fogo, que rapidamente colocou um pouco de cor em suas faces pálidas.

Eu incitei meu companheiro a andar depressa e a mostrar seu bom gênio, e ele obedeceu de boa vontade; mas quis o azar que, enquanto ele abria a porta que levava para a cozinha por um lado, Hindley a abrisse do outro. Eles se encontraram, e o patrão, irritado ao vê-lo limpo e alegre, ou talvez desejando manter sua promessa para a Sra. Linton, empurrou-o bruscamente para a cozinha e, cheio de raiva, mandou Joseph “manter a criatura fora da sala; mande-o para o sótão até o fim do jantar. Ele vai ficar enfiando os dedos nas tortas, e roubando as frutas, se for deixado sozinho com elas por um minuto”.

— Não, senhor — não pude deixar de responder —, ele não vai tocar em nada, não vai — e, eu suponho, ele deve ter a parte que lhe cabe das guloseimas, tanto quanto nós.

— Ele vai ter a parte que lhe cabe das minhas palmadas, se eu o apanhar aqui no andar de baixo de novo antes do anoitecer — exclamou Hindley. — Suma daqui, seu vagabundo! Mas o que é isso! Você está tentando se fazer de elegante, não está? Espere até eu botar as mãos nesses cachos elegantes... veja se eu não vou deixá-los um pouco mais longos!

— Já estão longos o suficiente — observou o jovem Linton, espiando pela porta. — Só fico pensando se a cabeça dele não dói por causa deles. É como a crina de um cavalo caindo sobre os olhos!

Ele fez essa observação sem nenhuma intenção de insultar; mas a natureza violenta de Heathcliff não estava pronta para suportar a aparente impertinência de alguém que ele parecia odiar, mesmo então, como um rival. Ele agarrou uma tigela de purê de maçã, a primeira coisa que caiu em suas mãos, e a jogou com força no rosto e no pescoço de Edgar; e este, na mesma hora, começou uma lamúria que fez Isabella e Catherine virem correndo para a sala.

O Sr. Earnshaw agarrou o culpado no mesmo instante e o levou para seu quarto, onde, sem dúvida, ministrou-lhe um remédio amargo para acalmar a fúria incontrolável, pois ele reapareceu vermelho e sem fôlego. Eu peguei um pano de cozinha e, bastante irritada, esfreguei o nariz e a boca de Edgar, afirmando que ele bem merecia aquilo por ter se metido no assunto. Sua irmã começou a chorar, querendo ir para casa, e Cathy ficou parada, envergonhada, enrubescendo por causa de tudo.

— Você não deveria ter falado com ele! — disse ela, censurando o jovem Linton. — Ele estava de mau humor, e agora você arruinou sua visita, e ele vai ser surrado; eu odeio quando ele é surrado! Não vou conseguir comer. Por que você falou com ele, Edgar?

— Eu não falei — soluçou o menino, fugindo das minhas mãos e terminando o processo de purificação com seu lenço de cambraia. — Eu prometi para mamãe que não diria uma palavra para ele, e não disse!

— Bem, não chore — retrucou Catherine, cheia de desprezo. — Você não morreu... não cause ainda mais problemas... meu irmão vem vindo... fique quieto! Já chega, Isabella! Alguém machucou *you*?

— Ora, ora, crianças... em seus lugares! — exclamou Hindley, irrompendo na sala. — Aquele bruto me irritou de verdade. Da próxima vez, jovem Linton, tome a justiça em suas mãos — isso vai abrir-lhe o apetite!

O pequeno grupo recuperou a tranquilidade de espírito ao ver o fragorante banquete. Eles estavam famintos depois da cavalcada, e foram facilmente consolados, já que nenhum grande mal os havia atingido.

O Sr. Earnshaw trinchava grandes pedaços de carne; a patroa os alegrou com uma conversa animada. Eu fiquei atendendo à mesa, atrás da cadeira

dela, e fiquei agastada ao ver Catherine, com os olhos secos e uma expressão de indiferença, começar a cortar uma asa de ganso em seu prato.

Uma criança insensível, pensei comigo mesma. Com quanta facilidade ela deixa de lado os problemas de seu antigo companheiro de brincadeiras. Não poderia imaginar que ela fosse tão egoísta.

Ela levou um bocado aos lábios, e em seguida colocou o garfo no prato: suas faces se enrubesceram, e as lágrimas correram por elas. Ela deixou o garfo cair no chão, e rapidamente mergulhou sob a toalha para esconder sua emoção. Eu não mais a chamei de insensível, pois percebi que ela estava vivendo em um purgatório o dia todo, ansiosa para encontrar uma oportunidade de ficar sozinha ou de fazer uma visita a Heathcliff, que havia sido trancado pelo patrão, conforme eu descobri ao tentar levar para ele às escondidas um prato de comida.

À noite nós dançamos. Cathy implorou para que Heathcliff fosse solto então, já que Isabella Linton não tinha parceiro; suas súplicas foram em vão, e eu fui designada para suprir a falta.

Nós deixamos toda a tristeza de lado, excitados por causa da movimentação, e nosso prazer foi ainda maior com a chegada da banda de Gimmerton, composta por quinze instrumentos: um trompete, um trombone, clarinetes, fagotes, trompas, e uma viola da gamba, além dos cantores. Eles passam por todas as casas respeitáveis, e recebem contribuições todos os Natais, e nós achamos que ouvi-los era uma diversão de primeira.

Depois de cantados os costumeiros hinos natalinos, nós lhes pedimos que tocassem canções e músicas típicas. A Sra. Earnshaw amava música, e então eles tocaram por muito tempo.

Catherine também amava a música, mas disse que ela soava ainda mais melodiosa do alto das escadas, e sumiu no escuro; eu a segui. Eles fecharam a parte de baixo da casa, sem sequer notar nossa ausência, havia tanta gente ali. Catherine não se deteve no topo da escada, mas continuou a subir, até o torreão onde Heathcliff estava confinado, e o chamou. Ele teimosamente se recusou a responder por algum tempo; ela insistiu, e finalmente o convenceu a se comunicar com ela através da porta.

Eu deixei os coitadinhos conversando sem serem importunados, até eu achar que os músicos fossem parar de tocar, e os cantores fossem comer alguma coisa; então, subi a escada para avisar Catherine.

Ao invés de encontrá-la do lado de fora, ouvi sua voz vinda lá de dentro. A macaquinha havia se esgueirado pela claraboia de um dos torreões, pelo telhado, até a claraboia do outro torreão, e foi com muita dificuldade que consegui persuadi-la a sair.

Quando ela saiu, Heathcliff saiu junto com ela; e Catherine insistiu que eu deveria levá-lo para a cozinha, já que Joseph havia ido para a casa de um vizinho, para ficar longe do som daquilo que ele gostava de chamar de nossa “cantoria do diabo”.

Eu disse para os dois que não tinha a menor intenção de encorajar as artimanhas deles; mas, como o prisioneiro estava sem comer desde o jantar do dia anterior, fingi não ver que ele estava enganando o Sr. Hindley daquela vez.

Ele desceu; eu coloquei um banco para ele perto do fogo e lhe ofereci um bom prato de comida; mas ele se sentia mal e só comeu um pouco, e minhas tentativas de distraí-lo foram inúteis. Ele fincou os cotovelos nos joelhos, e o queixo nas mãos, e permaneceu envolto em uma meditação silenciosa. Quando eu lhe perguntei em que ele pensava, ele respondeu muito sério:

— Estou tentando decidir como vou me vingar de Hindley. Não me importa quanto tempo eu tenha de esperar, se eu conseguir realizar esse desejo um dia. Espero que ele não morra antes de mim.

— Que vergonha, Heathcliff! — disse eu. — Cabe a Deus punir os malvados; nós temos de aprender a perdoar.

— Não, Deus não sentirá a mesma satisfação que eu — retrucou ele. — Eu só gostaria de saber o melhor jeito! Deixe-me em paz, e vou fazer meus planos: enquanto estou pensando nisso, não sinto dor.

Mas, Sr. Lockwood, eu esqueci que essas histórias podem não entreter o senhor. Estou aborrecida por ter falado desse jeito; e seu mingau gelado, e o senhor fechando os olhos de sono! Eu poderia ter contado a história de Heathcliff, tudo que o senhor precisaria ouvir, em meia dúzia de palavras.

Então, calando-se, a caseira se levantou e começou a deixar de lado a costura; contudo, eu não me sentia capaz de sair de perto da lareira, e estava longe de fechar os olhos de sono.

— Sente-se, Sra. Dean — exclamei —, por favor, fique sentada, por mais meia hora! A senhora agiu muito bem ao me contar a história com tantos detalhes. É desse jeito que eu gosto; e a senhora deve terminá-la do mesmo jeito. Estou mais ou menos interessado em cada personagem que a senhora mencionou até agora.

— O relógio já vai bater onze horas, senhor.

— Não me importa; não estou acostumado a ir me deitar tão cedo. Uma ou duas horas da manhã é cedo demais para quem fica dormindo até as dez horas.

— O senhor não deveria se deitar até as dez horas. O começo da manhã já passou há muito tempo antes desse horário. A pessoa que não cumpriu metade do seu dia de trabalho até as dez horas se arrisca a deixar a outra metade sem fazer.

— Não obstante, Sra. Dean, torne a sentar-se; porque amanhã eu tenciono alongar a noite até a tarde. Estou prognosticando para mim um resfriado persistente, no mínimo.

— Espero que não, senhor. Bem, o senhor deve permitir que eu faça um salto de uns três anos; nesse período de tempo, a Sra. Earnshaw...

— Não, não, não vou permitir nada disso. A senhora conhece a disposição de espírito na qual uma pessoa está sentada sozinha, e a gata está lambendo seu filhote no tapete à sua frente, e a pessoa observa essa atividade com tanta atenção que, se a gata se esquece de uma orelha, a pessoa fica seriamente irritada?

— Um temperamento muito preguiçoso, eu diria.

— Pelo contrário, um temperamento exaustivamente ativo. E é o meu, agora, e, portanto, continue minuciosamente. Eu percebo que as pessoas nestas paragens passam a ter, em relação aos moradores da cidade, o valor que uma aranha em um calabouço tem em relação a uma aranha em um chalé, para seus respectivos ocupantes; e, contudo, a atração mais profunda não se deve inteiramente à situação do observador. Elas realmente vivem

mais seriamente, mais voltadas para si mesmas, e menos para as mudanças superficiais e as coisas frívolas externas. Aqui, eu consigo imaginar um amor eterno como quase possível; e eu era incrédulo quanto a qualquer amor que durasse um ano. Um dos modos de vida se assemelha a colocar um homem faminto frente a um único prato, no qual ele deve concentrar todo o seu apetite, e fazer justiça a esse prato; o outro se assemelha a colocar esse homem frente a uma mesa com pratos feitos por cozinheiros franceses. Ele talvez possa obter igual quantia de prazer do conjunto, mas cada parte é, a seu parecer, e em sua lembrança, um mero átomo.

— Oh, aqui as pessoas são iguais às de qualquer outro lugar, quando alguém chega a nos conhecer — observou a Sra. Dean, um tanto intrigada com minha fala.

— Perdoe-me — respondi. — A senhora, minha boa amiga, é uma evidência contundente contra essa afirmativa. A não ser por uns poucos provincianismos de pouca monta, a senhora não tem as maneiras que eu estou habituado a considerar como características de sua classe. Tenho certeza de que a senhora tem pensado mais do que a maioria dos empregados pensa. A senhora foi obrigada a cultivar suas capacidades reflexivas, por não ter oportunidades para desperdiçar sua vida com ninharias.

A Sra. Dean deu risada.

— Eu certamente me considero uma pessoa firme e sensata — disse ela —, não exatamente por viver entre os morros e ver um grupo de rostos, e uma série de ações, do começo ao fim do ano; mas me foi imposta uma rígida disciplina, que me deu sabedoria; e, além disso, eu já li mais do que o senhor possa pensar, Sr. Lockwood. O senhor não poderia abrir um livro desta biblioteca em que eu não tenha dado uma olhada, e não tenha aproveitado algo dele, a não ser que seja em grego ou latim, ou em francês; e esses eu sei distinguir um do outro: e isso é tanto quanto o senhor pode esperar da filha de um homem pobre.

Entretanto, se devo continuar minha história como se ela fosse contada por uma pessoa faladeira, é melhor eu prosseguir; e ao invés de pular três

anos, fico contente em passar para o verão seguinte; o verão de 1778, ou seja, quase vinte e três anos atrás.



VIII

Na manhã de um lindo dia de junho, o primeiro fermoso bebê de quem eu fui ama, e o último da velha linhagem dos Earnshaw, nasceu.

Nós estávamos ocupados com a fenação em um campo distante, quando a menina que geralmente levava nosso café da manhã veio, uma hora mais cedo, correndo ao longo do campo e subindo pelo caminho, e me chamando enquanto corria.

— Oh, mas que minino tão esprêndido! — disse ela, ofegante. — O garoto mais lindo que já viveu! Mas o doutor diz que a patroa vai s' imbora; ele diz que ela está com tuberculose todos esses meses. Eu ouvi ele falando para o Sr. Hindley, e agora ela não tem nada que a segure aqui, e ela vai morrer antes do inverno. Você tem de voltar para casa agora mesmo. Você é que vai cuidar do bebê, Nelly; alimentar com leite e açúcar, e cuidar dele, dia e noite. Eu queria estar no seu lugar, porque ele vai ser todo seu quando não tiver mais patroa!

— Mas ela está muito doente? — perguntei, deixando cair meu ancinho, e atando minha touca.

— Acho que sim; e mesmo assim ela está com uma cara tão boa — retrucou a menina —, e fala como se achasse que vai viver para ver o bebê crescer e virar um homem. Ela está louca de alegria, ele é tão lindo! Se eu fosse ela, tenho certeza de que eu não ia morrer. Eu ia ficar melhor só de ver o bebê, apesar do que Kenneth diz. Eu fiquei louca com ele. A Sra. Archer levou o anjinho lá para baixo para o patrão ver, o rosto dele estava começando a se iluminar, quando o velho agourento aparece, e diz: “Earnshaw, é uma bênção sua esposa ter sido poupada para deixar esse filho para você. Quando ela chegou, eu tive a certeza de que nós não ficaríamos muito tempo com ela; e agora, devo dizer, o inverno provavelmente vai dar cabo dela. Não fique agitado, e não se preocupe muito com isso, não dá

para fazer nada. E, além disso, você deveria ter tido mais juízo para não escolher um fiapo de gente como ela!”

— E o que o patrão respondeu? — perguntei.

— Eu acho que ele praguejou... mas eu não me importei com ele, eu estava era fazendo força para ver o minino — e ela tornou a descrevê-lo, cheia de emoção. Eu, tão zelosa quanto ela, corri aflita para casa, para admirá-lo, embora estivesse muito triste por causa de Hindley; no coração dele, havia espaço apenas para dois ídolos, sua esposa e ele próprio; ele adorava os dois, e idolatrava um deles, e eu não conseguia imaginar como ele iria encarar a perda.

Quando chegamos ao Morro dos Ventos Uivantes, lá estava ele, parado na porta da frente; e, quando passei, perguntei como estava o bebê?

— Quase pronto para sair correndo por aí, Nell! — retrucou ele, com um sorriso alegre.

— E a patroa? — me arrisquei a perguntar. — O médico diz que ela...

— O médico que vá para o inferno! — interrompeu ele, com o rosto vermelho. — Frances está muito bem! Ela vai estar muito bem daqui a uma semana. Você vai indo lá para cima? Você diz para ela que eu vou lá, se ela prometer não falar? Eu saí de lá porque ela não ficava de boca fechada; e ela tem de... diga-lhe que o Sr. Kenneth falou que ela precisa de repouso.

Dei a mensagem para a Sra. Earnshaw; ela parecia estar em excelente disposição, e replicou, alegre:

— Eu mal falei uma palavra, Ellen, e ele saiu duas vezes, chorando. Bom, diga que eu prometi não falar; mas isso não me obriga a não rir dele!

Pobre alma! Até uma semana antes de sua morte aquele coração alegre nunca a abandonou; e seu marido persistia obstinadamente, não, furiosamente, em afirmar que a saúde dela melhorava a cada dia. Quando Kenneth avisou que os remédios dele eram inúteis naquele estágio da doença, e que ele não precisava fazer o Sr. Hindley gastar ainda mais com seus serviços, ele replicou:

— Eu sei que você não precisa... ela está bem... ela não precisa mais de seus cuidados! Ela nunca esteve tuberculosa. Era uma febre, e já passou

— o pulso dela está tão lento quanto o meu agora, e seu rosto, com a mesma temperatura do meu.

Ele contou a mesma história para a esposa, e ela pareceu acreditar nele; porém, uma noite, enquanto estava apoiada no ombro dele, dizendo que ela achava que conseguiria se levantar no dia seguinte, uma crise de tosse se apoderou dela — uma crise muito fraca. Ele a carregou nos braços; ela passou os braços no pescoço dele, seu rosto se alterou, e ela estava morta.

Assim como a menina havia antecipado, a criança, Hareton, ficou inteiramente em minhas mãos. O Sr. Earnshaw, desde que o visse saudável, e nunca o ouvisse chorar, estava feliz, no que dizia respeito ao filho. Quanto a ele próprio, ficou desesperado; o desgosto dele era daquele tipo sem lamentos. Ele não chorava, nem rezava: ele praguejava e blasfemava, execrava Deus e os homens, e se entregava a uma devassidão sem limites.

Os empregados não conseguiram suportar sua conduta tirânica e maldosa por muito tempo: somente nós dois, Joseph e eu, ficamos. Eu não tinha coragem de deixar meu pupilo; e, além disso, o senhor sabe, eu tinha sido irmã de criação do patrão, e desculpava o comportamento dele com mais prontidão do que um estranho o faria.

Joseph permaneceu para intimidar os arrendatários e os trabalhadores, e porque era vocação dele estar onde houvesse bastante maldade para ele reprovar.

O mau comportamento e as más companhias do patrão davam um belo exemplo para Catherine e Heathcliff. O jeito de ele tratar o menino era suficiente para transformar um santo em um demônio. E, para ser sincera, parecia que o garoto *estava* possuído por alguma coisa diabólica naquele período. Ele se deliciava ao testemunhar Hindley se degradando além da possibilidade de recuperação; e a cada dia ficava mais notável por seu gênio selvagem e sua ferocidade.

Eu mal poderia descrever o inferno que era a casa em que nós estávamos. O cura deixou de nos visitar, e chegamos a tal ponto que nenhuma pessoa decente se aproximava de nós, a não ser que as visitas de Edgar Linton para a Srta. Cathy pudessem ser consideradas uma exceção. Aos quinze anos de idade, ela era a rainha da região; não havia uma que lhe

fosse igual, e se transformou mesmo em uma criatura arrogante e teimosa! Eu reconheço que não gostava dela depois de crescida; e eu a aborrecia com frequência tentando subjugar sua arrogância; contudo, ela nunca demonstrou não gostar de mim. Ela era de uma constância admirável para com seus antigos amigos; até mesmo Heathcliff mantinha um domínio inalterável sobre as afeições dela, e o jovem Linton, com toda sua superioridade, achou difícil causar uma impressão igualmente profunda.

Ele era meu antigo patrão; o retrato dele está ali, sobre a lareira. Ele costumava ficar pendurado de um lado, e o da esposa do outro; mas o dela foi removido, caso contrário o senhor poderia ver um pouquinho do que ela era. Dá para o senhor ver?

A Sra. Dean ergueu a vela, e eu divisei um rosto de traços delicados, extraordinariamente parecido com o da jovem senhora lá no Morro, mas mais pensativo e com uma expressão mais amável. Era um belo retrato. O cabelo longo e claro era ligeiramente ondulado nas têmporas; os olhos eram grandes e sérios; uma imagem graciosa, quase em excesso. Eu não me espantei por Catherine Earnshaw ter podido esquecer seu primeiro amigo por causa de uma criatura como aquela. Eu me espantei muito mais por ele, tendo uma mentalidade que correspondesse à sua aparência, ter se encantado com quem eu supunha ter sido Catherine Earnshaw.

— Um retrato muito agradável — disse eu para a caseira. — É parecido com ele?

— Sim — respondeu ela —, mas ele tinha melhor aparência quando estava animado; essa é sua expressão costumeira; de modo geral, ele não tinha vivacidade.

Catherine havia mantido o contato com os Lintons desde sua permanência de cinco semanas com eles; e como ela não tinha a menor vontade de mostrar seu lado mais grosseiro na companhia deles, e tinha o bom senso de sentir-se envergonhada por ser grosseira onde havia recebido uma invariável cortesia. Ela conquistou, involuntariamente, a velha dama e o cavalheiro, com sua franca cordialidade; ganhou a admiração de Isabella, e o coração e a alma do irmão da moça — conquistas que, desde o início, a

lisonjearam, pois ela era cheia de ambição, e a fizeram adotar uma dupla personalidade sem intencionalmente desejar enganar ninguém.

No local onde ela ouvia Heathcliff sendo chamado de “patife e vulgar” e “pior do que um animal”, ela tomava o cuidado de não agir como ele; porém, em casa, ela tinha pouca vontade de praticar os bons modos que somente fariam com que ela servisse de caçoadá, e de controlar uma natureza rebelde quando isso não lhe traria nem crédito nem louvores.

O Sr. Edgar poucas vezes juntava coragem para visitar abertamente o Morro dos Ventos Uivantes. Ele tinha pavor da reputação de Earnshaw, e se abstinha de encontrá-lo; contudo, ele sempre era recebido com nossas melhores tentativas de cortesia: o próprio patrão evitava ofendê-lo, sabendo por que ele ia lá, e se ele não conseguia ser gentil, se mantinha fora do caminho. Eu até acho que as idas de Edgar lá não eram apreciadas por Catherine. Ela não era ardilosa, nunca se fazia passar por namorada, e evidentemente fazia objeções ao encontro de seus dois amigos; pois quando Heathcliff mostrava desprezar Linton na presença dele, ela não tinha como concordar com ele, como fazia na sua ausência; e quando Linton mostrava sentir repulsa e antipatia por Heathcliff, ela não ousava tratar os sentimentos dele com indiferença, como se o desprezo em relação a seu companheiro fosse de pouca consequência para ela.

Muitas vezes eu me diverti com a desorientação e com os problemas não revelados dela, que ela inutilmente tentava esconder de mim e da minha zombaria. Isso pode parecer falta de bondade; mas ela era tão orgulhosa que era realmente impossível sentir dó da confusão dela, até que ela fosse castigada e ficasse mais humilde.

Finalmente, ela acabou trocando confidências comigo, e passou a confiar em mim. Não havia uma só pessoa que ela pudesse tornar sua conselheira.

O Sr. Hindley havia saído de casa uma tarde, e, por causa disso, Heathcliff se deu o direito de ter um dia de folga. Ele havia chegado aos dezesseis anos de idade nessa época, eu acho, e sem ter feições desagradáveis ou uma deficiência de intelecto, ele conseguia causar uma

repulsa tanto quanto à sua personalidade quanto ao físico, da qual seu aspecto atual não guarda traços.

Em primeiro lugar, nessa época ele havia perdido o benefício de sua educação inicial: o trabalho pesado e contínuo que começava logo cedo e se prolongava até tarde, extinguiu qualquer curiosidade que ele um dia tivesse tido pela busca do conhecimento, ou qualquer amor pelos livros ou pelos estudos. Seu sentimento de superioridade da infância, instilado nele pelos obséquios do velho Sr. Earnshaw, desaparecera. Por muito tempo ele lutou para ficar no mesmo nível de Catherine em relação aos estudos, e desistiu com um silêncio sofrido, porém, silencioso: mas ele desistiu por completo, e não havia como convencê-lo a dar um passo no sentido de melhorar, já que ele percebeu que deveria, necessariamente, chegar abaixo de seu antigo nível. E então a aparência pessoal se adequou à deterioração mental; ele passou a ter um andar arrastado, e uma aparência ignóbil; sua personalidade naturalmente reservada foi exagerada até se transformar quase em um excesso doentio de morosidade insociável; e ele passou a sentir um prazer amargo, ao que parecia, em excitar a aversão e não a estima de seus poucos conhecidos.

Catherine e ele ainda eram companheiros constantes, nos períodos em que ele podia descansar do trabalho; mas ele havia deixado de expressar sua afeição por ela em palavras, e fugia com uma suspeita irritada dos seus carinhos juvenis, como se tivesse a consciência de que não seria recompensada tanta demonstração de afeição por ele. Nessa ocasião específica, ele entrou na casa para anunciar sua intenção de não fazer nada, enquanto eu ajudava a Srta. Cathy a arrumar seu vestido: ela não esperava que ele resolvesse não fazer nada o dia todo e, imaginando que teria a casa toda para si mesma, tinha dado algum jeito de informar ao Sr. Edgar da ausência do irmão, e estava então se preparando para recebê-lo.

— Cathy, você vai estar ocupada esta tarde? — perguntou Heathcliff. — Você vai sair?

— Não, está chovendo — respondeu ela.

— Então, por que você está usando esse vestido de seda? — disse ele.
— Ninguém vai vir aqui, espero?

— Não que eu saiba — gaguejou a senhorita. — Mas você deveria estar nos campos agora, Heathcliff. Uma hora já se passou depois do jantar; eu achei que você tinha saído.

— Não é sempre que Hindley nos libera de sua maldita presença — observou o menino. — Não vou mais trabalhar hoje, vou ficar com você.

— Ah, mas Joseph vai contar — sugeriu ela. — É melhor você ir!

— Joseph está fazendo um carregamento de cal lá do outro lado das Colinas de Pennistow; ele vai ficar lá até escurecer, e nem vai ficar sabendo.

E assim dizendo ele foi até a lareira, e se sentou. Catherine pensou por alguns instantes, com as sobrancelhas franzidas — ela achou necessário amenizar a notícia da chegada de intrusos.

— Isabella e Edgar Linton falaram de fazer uma visita esta tarde — disse ela, depois de um minuto de silêncio. — Como está chovendo, acho difícil eles virem; mas eles podem vir, e se vierem, você corre o risco de levar uma repreensão desnecessária.

— Mande a Ellen dizer que você tem compromisso, Cathy — insistiu ele. — Não me troque por esses seus amigos lamentáveis e tolos. Às vezes, eu sinto vontade de reclamar que eles... mas eu não...

— Que eles o quê? — exclamou Catherine, encarando-o com uma expressão perturbada. — Oh, Nelly! — acrescentou ela, de modo petulante, afastando com um gesto brusco a cabeça de minhas mãos. — Você estragou os meus cachos! Já chega, me deixe sozinha. Você está a ponto de reclamar de quê, Heathcliff?

— De nada; só dê uma olhada no almanaque lá naquela parede. — Ele apontou para uma folha de papel emoldurada pendurada perto da janela, e prosseguiu. — As cruzes marcam as tardes que você passou com os Linton, e os pontos as que você passou comigo — está vendo? Eu tenho feito as marcas todos os dias.

— Sim... uma grande bobagem; como se eu fosse prestar atenção! — replicou Catherine com um tom de voz petulante. — E que sentido isso faz?

— É para mostrar que eu *realmente* presto atenção — disse Heathcliff.

— E eu deveria ficar o tempo todo sentada com você? — quis saber ela, ainda mais irritada. — E o que eu ganho com isso? Você conversa a respeito

de quê? Você poderia ser mudo, ou um bebê, pelas coisas que você diz para me divertir, ou por qualquer coisa que você faça!

— Você nunca me disse antes que eu falava muito pouco, ou que você não gostava de minha companhia, Cathy! — exclamou Heathcliff, bastante agitado.

— Não é companhia nenhuma quando as pessoas não entendem nada e não sabem o que dizer — disse ela, baixinho.

O companheiro dela se levantou, mas não teve tempo para expressar seus sentimentos de forma mais profunda, pois as patas de um cavalo foram ouvidas nas pedras, e, tendo batido à porta com gentileza, o jovem Linton entrou, o rosto brilhando de alegria por causa do convite inesperado que havia recebido.

Sem dúvida, Catherine reparou na diferença entre seus amigos enquanto um entrava e o outro saía. O contraste parecia aquilo que a pessoa vê ao trocar uma região carvoeira desolada e montanhosa por um vale belo e fértil; e a voz dele, e seus cumprimentos eram tão opostos quanto seu aspecto. Ele tinha um modo de falar baixo e gentil, e pronunciava as palavras assim como o senhor o faz: bem menos grosseiro do que nós falamos aqui, e mais delicado.

— Eu não cheguei cedo demais, cheguei? — disse ele, lançando um olhar na minha direção. Eu havia começado a limpar a louça, e a arrumar algumas gavetas no lado mais afastado do armário.

— Não — respondeu Catherine. — O que você está fazendo aí, Nelly?

— Meu trabalho, senhorita — repliquei. (O Sr. Hindley me havia dado instruções para estar sempre presente em quaisquer visitas que Linton decidisse fazer.)

Ela ficou parada atrás de mim e me disse em voz baixa e irritada:

— Saia daqui com seus espanadores! Quando temos visita em casa, os empregados não ficam fazendo faxina onde os convidados se encontram!

— É uma boa oportunidade, já que o patrão não está em casa — respondi em voz alta. — Ele odeia que eu fique fazendo isso quando ele está presente. Tenho certeza de que o Sr. Edgar vai me desculpar.

— Eu odeio que você fique fazendo isso na *minha* presença — retrucou a jovem de forma imperiosa, não dando tempo para que seu convidado falasse. Ela não havia conseguido recuperar o equilíbrio desde a briguinha com Heathcliff.

— Eu sinto muito por isso, Srta. Catherine — foi minha resposta, e continuei a me dedicar à minha ocupação.

Ela, supondo que Edgar não pudesse vê-la, arrancou o pano da minha mão e me beliscou no braço, com um aperto bem forte, e com muita maldade.

Eu já disse que não gostava dela, e que sentia prazer em mortificar sua vaidade de vez em quando; além do mais, ela me machucara de verdade, então eu me levantei e gritei:

— Ah, senhorita, mas essa é uma coisa muito feia! A senhorita não tem o direito de me beliscar, e não vou tolerar isso!

— Eu não encostei em você, sua mentirosa! — exclamou ela, os dedos se agitando para repetir a ação, e suas orelhas vermelhas por causa da raiva. Ela nunca tinha sido capaz de esconder seus sentimentos, eles sempre faziam com que seu rosto todo ficasse em chamas.

— E então o que é isto? — retruquei, mostrando para desmenti-la uma prova arroxeadada e incontestada.

Ela bateu o pé, hesitou por uns instantes e então, impelida irresistivelmente pelo espírito maldoso que havia dentro dela, me deu no rosto uma bofetada dolorosa, que me encheu os olhos de lágrimas.

— Catherine, querida! Catherine! — interveio Edgar, muito chocado com o duplo crime de falsidade e de violência cometido por seu ídolo.

— Saia da sala, Ellen! — repetiu ela, o corpo todo tremendo.

O pequeno Hareton, que me seguia por todos os lugares e estava sentado perto de mim no chão, ao ver minhas lágrimas, começou ele próprio a chorar, e soluçou em voz alta queixas contra a “malvada Tia Cathy”, o que a fez dirigir sua fúria contra o pobrezinho: ela agarrou os ombros dele e o sacudiu até que o coitado ficou branco, e Edgar, inconscientemente, segurou as mãos de Cathy tentando soltar o menino. Em um segundo uma das mãos se libertou, e o espantado jovem a sentiu

estapeando sua própria orelha de um modo que não poderia ser confundido com uma brincadeira.

Ele se afastou, consternado. Eu peguei Hareton nos meus braços e fui para a cozinha com ele, deixando a porta de comunicação aberta, pois estava curiosa para ver como eles iriam acertar as suas diferenças.

O insultado visitante se dirigiu para o lugar onde havia deixado seu chapéu, pálido e com os lábios trêmulos.

Muito bem, eu disse para mim mesma. Receba o aviso e vá embora! É muita bondade permitir que você tenha um vislumbre do verdadeiro gênio dela.

— Para onde você está indo? — perguntou Catherine, avançando para a porta.

Ele desviou dela e tentou passar.

— Você não pode ir! — exclamou ela, imperiosa.

— Eu tenho de ir, e irei! — retrucou ele, em voz baixa.

— Não — persistiu ela, segurando a maçaneta —, não agora, Edgar Linton! Sente-se; você não pode me deixar neste estado. Eu passaria mal a noite inteira, e não vou me sentir mal por sua causa!

— E eu posso ficar depois de você ter me estapeado? — perguntou Linton.

Catherine ficou em silêncio.

— Você me fez sentir medo, e ter vergonha de você — prosseguiu ele —, e eu não vou voltar aqui outra vez!

Os olhos dela começaram a brilhar, e as pálpebras a tremer.

— E você mentiu deliberadamente! — disse ele.

— Eu não menti! — exclamou ela, recobrando a voz. — Eu não fiz nada deliberadamente... Bom, vá, se você quiser... saia daqui! E agora eu vou chorar... vou chorar até ficar doente!

Ela caiu de joelhos ao lado de uma cadeira e começou a chorar de verdade.

Edgar persistiu em sua decisão até chegar ao pátio; lá ele ficou. Resolvi encorajá-lo.

— A patroa é terrivelmente geniosa, senhor! — disse eu em voz alta. — Tão difícil quanto qualquer criança encanizada; é melhor o senhor voltar para casa, ou então ela vai ficar doente, só para nos aborrecer.

Aquela criatura meiga olhou com o canto dos olhos pela janela: ele tinha tantas condições de partir quanto um gato tem condições de abandonar um rato moribundo ou um passarinho devorado pela metade.

Ah, eu pensei, não tem como salvá-lo. Ele está condenado, e corre ao encontro de seu destino!

E foi isso o que aconteceu; ele se voltou com um gesto abrupto, foi rapidamente para a casa de novo, fechou a porta atrás dele; e, quando eu entrei pouco depois para informá-los de que Earnshaw havia voltado para casa bêbado como uma cabra, pronto para virar a casa de pernas para o ar (seu estado de espírito habitual nessas condições), eu vi que a briga havia simplesmente estabelecido uma intimidade maior — havia destruído as amarras da timidez juvenil e permitido que eles abandonassem o disfarce da amizade e confessassem que estavam apaixonados.

A notícia da chegada do Sr. Hindley fez com que Linton se dirigisse rapidamente para seu cavalo, e Catherine para seu quarto. Eu fui esconder o pequeno Hareton e tirar a munição da arma do patrão, com a qual ele gostava de brincar em sua excitação insana, para risco das vidas de qualquer um que o provocasse, ou mesmo chamasse sua atenção em demasia; e eu havia tido a ideia de remover as balas, para que ele causasse menos danos se ele chegasse a atirar com a arma.



IX

Ele entrou, vociferando pragas que davam medo de ouvir; e me apanhou no ato de esconder seu filho no armário da cozinha. Hareton tinha um pavor imenso de enfrentar tanto os carinhos selvagens quanto a fúria enlouquecida do pai; pois em um dos casos ele corria o risco de ser esmagado por abraços e beijado até a morte, e no outro, de ser jogado na lareira, ou atirado contra a parede; e o pobrezinho ficava absolutamente imóvel onde quer que eu decidisse colocá-lo.

— Aí, finalmente eu o encontrei! — exclamou Hindley, me puxando para trás pelo cangote, como um cachorro. — Valham-me céus e inferno, vocês se mancomunaram para matar essa criança! Agora eu sei por que é que ele está sempre longe das minhas vistas. Mas, com o auxílio de Satã, eu vou fazer você engolir a faca de trincar, Nelly! Você não precisa dar risada; porque eu acabei de enfiar Kenneth, de cabeça para baixo, no pântano do Cavalo Negro; e dois dá na mesma que um... E eu quero matar um de vocês, e não vou sossegar enquanto não matar!

— Mas eu não gosto da faca de trincar, Sr. Hindley — respondi —, ela andou cortando arenques. Eu preferiria levar um tiro, se o senhor puder fazer a gentileza.

— Você preferiria ir para o inferno! — disse ele — E é para lá que vai. Não há lei na Inglaterra que possa impedir um homem de manter seu lar decente, e o meu anda abominável! Abra a boca!

Ele segurou a faca e empurrou a ponta dela entre meus dentes: mas, no que me diz respeito, eu nunca tinha muito medo dos delírios dele. Eu cuspi, e afirmei que ela tinha um gosto horrível; eu não engoliria aquilo de jeito nenhum.

— Oh — disse ele, me soltando —, estou vendo que esse horrível bandidinho não é o Hareton: peço desculpas, Nell. Se for ele, ele merece ser esfolado vivo por não ir correndo me receber, e por gritar como se eu fosse

um bicho-papão. Cria desnaturada, vem cá! Eu vou te ensinar a conquistar um pai bondoso e desiludido. Então, você não acha que o garoto ficaria mais bonito se fosse tosado? A tosa deixa um cachorro mais feroz, e eu gosto de coisas ferozes... me arrume uma tesoura... uma coisa feroz e bem aparada! Além do mais, é um pedantismo dos diabos... uma vaidade desgraçada... apreciar as nossas orelhas: já somos burros o suficiente sem elas. Quietinho, menino, quietinho! Ora, assim, é o meu queridinho! Shhh, seca os teus olhos... Fica bonzinho; me beija; o quê? Não vai beijar? Me beija, Hareton! O diabo que te carregue, me dá um beijo. Valha-me Deus, como se eu pudesse criar um monstro como este! Tão certo quanto eu estar vivo, vou quebrar o pescoço deste moleque!

O pobre do Hareton estava gritando e se contorcendo nos braços do pai com todas as suas forças, e redobrou os gritos quando Hindley o carregou para o andar de cima e o pendurou sobre o corrimão. Eu gritei que ele iria assustar Hareton até que ele tivesse um ataque, e corri para salvá-lo.

Quando me aproximei deles, Hindley se inclinou para frente sobre a balaustrada para ouvir um ruído vindo lá de baixo, quase esquecendo o que ele mantinha em suas mãos.

— Quem é? — perguntou ele, ao ouvir alguém se aproximando do pé da escada.

Eu também me inclinara, querendo avisar Heathcliff, cujo passo eu reconhecera, para que não se aproximasse; e no instante em que meus olhos se afastaram de Hareton, ele fez um movimento brusco, se soltou das mãos descuidadas que o seguravam, e caiu.

Mal houve tempo para sentir um arrepio de pavor antes de percebermos que o pobre infeliz estava salvo. Heathcliff se aproximara lá embaixo no momento crítico; devido a um impulso natural, ele amainara a queda do menino, e colocando-o em pé, olhara para cima para descobrir o causador do acidente.

Um avarento que vendesse seu bilhete de loteria por cinco xelins, para descobrir no dia seguinte que havia perdido cinco mil libras na negociação, não poderia ter uma expressão mais consternada do que ele teve ao perceber o Sr. Earnshaw lá em cima. O rosto dele demonstrava, com mais clareza do

que palavras poderiam fazê-lo, a angústia mais profunda por ter se transformado no instrumento que frustrara a sua própria vingança. Ouso dizer que, se estivesse escuro, ele teria tentado remediar seu erro esmagando a cabeça de Hareton nos degraus; mas nós havíamos testemunhado o salvamento; e em instantes eu estava lá embaixo segurando meu precioso pupilo perto do meu coração.

Hindley desceu com mais vagar, sóbrio e desconcertado.

— É culpa sua, Ellen — disse ele —, você deveria tê-lo mantido longe das minhas vistas; você tinha de tê-lo tirado das minhas mãos! Ele está machucado?

— Machucado! — exclamei, furiosa. — Se ele não morrer, certamente vai se transformar em um idiota! Oh! Eu fico pensando por que a mãe dele não se levanta do túmulo para ver como o senhor o trata. O senhor é pior que um pagão, tratando sua própria carne e sangue desse jeito!

Ele tentou tocar a criança, que, ao perceber que estava comigo, parou de soluçar de pavor no mesmo instante. Quando o pai encostou um dedo nele, entretanto, ele voltou a gritar mais alto do que antes, e se debatia como se estivesse tendo convulsões.

— Não se intrometa com a vida dele! — continuei. — Ele o odeia... todos o odeiam... essa é a verdade! Que bela família o senhor tem; e a que belo estado o senhor chegou!

— E vou chegar a um estado ainda mais bonito, Nelly! — disse o desgraçado, voltando à sua rudez. — Agora, você e ele, vão embora. E, preste atenção, Heathcliff! suma você também, e fique bem longe do meu alcance e dos meus ouvidos. Eu não mataria você hoje à noite, a não ser que eu ateasse fogo à casa; mas isso só vai acontecer se eu estiver com vontade...

Ao dizer isso, ele pegou uma garrafa de meio litro de *brandy* do armário, e despejou um pouco de bebida em um copo.

— Não, não faça isso! — supliquei. — Sr. Hindley, preste atenção. Tenha piedade deste pobre menino, se o senhor não se importa consigo mesmo.

— Qualquer um vai cuidar melhor dele do que eu — respondeu ele.

— Tenha piedade de sua própria alma! — disse eu, tentando tirar o copo da mão dele.

— Eu é que não! Pelo contrário, eu vou sentir um prazer imenso em encaminhá-la para a perdição, para punir seu Criador — exclamou o blasfemo. — Um brinde à danação eterna!

Ele tomou a bebida e, impaciente, mandou-nos sair; finalizando seu comando com uma série de pragas horríveis, ruins demais para serem repetidas ou lembradas.

— É uma pena que ele não possa se matar de tanto beber — observou Heathcliff, resmungando um eco das pragas quando a porta foi fechada. — Ele está fazendo o melhor possível; mas sua constituição física o desafia. O Sr. Kenneth diz que ele apostaria sua égua no fato de Hindley sobreviver a qualquer homem deste lado de Gimmerton, e ir para o túmulo como um pecador encanecido; a não ser que um acaso feliz e inesperado atravessasse seu caminho.

Eu fui para a cozinha e me sentei para embalar meu cordeirinho até ele dormir. Eu achei que Heathcliff havia se dirigido ao estábulo. Depois eu descobri que ele havia ido somente até o lado de trás do escano, onde se estirou em um banco perto da parede, afastado do fogo, e permaneceu em silêncio.

Eu estava embalando Hareton em meu colo, e cantando baixinho uma canção que começava assim:

Era tarde da noite, os bebê chorava,
E dibaxo da terra, a mãe só iscuitava

quando a Srta. Cathy, que havia escutado o alvoroço lá no seu quarto, colocou a cabeça no vão da porta e sussurrou:

— Você está sozinha, Nelly?

— Sim, senhorita — respondi.

Ela entrou e se aproximou da lareira. Eu, supondo que ela ia dizer alguma coisa, ergui o olhar. O rosto dela tinha uma expressão que parecia perturbada e ansiosa. Seus lábios estavam ligeiramente entreabertos, como

se ela tencionasse falar; e ela inspirou, mas da sua boca saiu só um suspiro, e não palavras.

Eu voltei a cantar, não tendo ainda esquecido o recente comportamento dela.

— Onde está Heathcliff? — perguntou ela, me interrompendo.

— Está trabalhando no estábulo — foi minha resposta.

Ele não me contradisse; talvez tivesse começado a cochilar.

E então se seguiu outra longa pausa, durante a qual eu percebi uma ou duas lágrimas correndo pelas faces de Catherine e caindo no chão.

“Estará ela arrependida de sua vergonhosa conduta?”, me perguntei. “Isso seria uma novidade, mas ela pode dizer o que ela quiser... não vou ajudá-la!”

Não, ela não se dava ao trabalho de se preocupar com qualquer assunto, a não ser seus próprios problemas.

— Oh, meu Deus — finalmente exclamou ela. — Sou tão infeliz!

— É uma pena — observei. — A senhorita é difícil de contentar! Tantos amigos e tão poucas preocupações, e não consegue ficar contente!

— Nelly, você guarda um segredo para mim? — continuou ela, se ajoelhando perto de mim e voltando seus olhos sedutores para meu rosto com aquele tipo de olhar que acaba com o mau humor, mesmo quando a pessoa tem todo o direito do mundo de senti-lo.

— Vale a pena manter esse segredo? — perguntei, menos emburrada.

— Sim, e ele está me incomodando, e preciso desabafar! Eu quero saber o que eu devo fazer. Hoje, Edgar Linton me pediu em casamento, e eu lhe dei uma resposta. Então, antes de eu dizer para você se foi uma resposta afirmativa ou uma recusa, diga-me qual ela deveria ter sido.

— Mas que coisa, Senhorita Catherine, como posso eu saber? — retruquei. — Com certeza, considerando a cena que a senhorita fez na presença dele hoje à tarde, eu diria que seria mais sensato recusar o pedido: já que o Sr. Linton fez a proposta depois dela, ele deve ser ou irremediavelmente estúpido ou um tolo aventureiro.

— Se você continuar a falar assim, não vou dizer mais nada — replicou ela, petulante, se levantando. — Eu o aceitei, Nelly. Não demore, diga se eu

estave errada!

— A senhorita o aceitou? Bem, então qual é a vantagem de discutir a questão? A senhorita deu sua palavra, e não pode voltar atrás.

— Mas diga se eu deveria ter aceitado! Diga! — exclamou ela, com voz irritada, esfregando as mãos uma na outra, e franzindo as sobrancelhas.

— Há muito que considerar antes de essa questão ser respondida de modo adequado — disse eu, com voz admoestatória. — Em primeiro lugar, a senhorita ama o Sr. Edgar?

— E quem não amaria? É claro que amo — respondeu ela.

E então eu a submeti ao seguinte interrogatório: para uma moça de vinte e dois anos, ele não era descabido.

— E por que o ama, Senhorita Catherine?

— Tolice, eu o amo; já basta.

— De jeito nenhum; a senhorita precisa dizer o motivo.

— Bem, porque ele é uma pessoa agradável, e uma boa companhia.

— Ruim — foi meu comentário.

— E porque ele é jovem e alegre.

— Ainda é ruim.

— E porque ele me ama.

— Isso não faz diferença.

— E ele vai ser rico, e eu vou gostar de ser a mulher mais importante das redondezas, e vou sentir orgulho de ter um marido assim.

— Pior ainda! E agora diga, como a senhorita o ama.

— Assim como todo mundo ama... Você é uma tola, Nelly.

— De jeito nenhum. Responda.

— Eu amo o chão sob os pés dele, e o ar acima de sua cabeça, e tudo que ele toca, e cada palavra que ele diz... Eu amo todos os olhares dele, e todos os seus gestos, eu o amo por inteiro, completamente. Pronto!

— E por quê?

— Não... você está brincando com o assunto; é muita maldade! Não é brincadeira para mim! — disse a jovem, fechando a cara e se voltando para o fogo.

— Longe de mim estar brincando, Senhorita Catherine — retruquei. — A senhorita ama o Sr. Edgar porque ele é bonito, e jovem, e alegre, e rico, e ama a senhorita. Este último ponto não vale nada. A senhorita provavelmente o amaria sem que ele a amasse; e ele a amando, a senhorita não o amaria, a não ser que ele possuísse os quatro atrativos anteriores.

— Não, é claro que não... Eu somente sentiria pena dele — eu o odiaria, talvez, se ele fosse feio, e um palhaço.

— Mas há muitos outros homens jovens, bonitos e ricos no mundo; talvez mais bonitos, e mais ricos do que ele é. O que a impediria de amá-los?

— Se há alguém, não está no meu caminho; não vi ninguém como Edgar.

— A senhorita pode ainda ver alguém; e ele não vai ser sempre bonito e jovem, e pode não ser rico para sempre.

— Ele é agora; e eu só preciso pensar no presente. Eu gostaria que você fosse mais sensata ao falar.

— Bem, isso encerra a questão. Se a senhorita só precisa pensar no presente, case-se com o Sr. Linton.

— Não quero sua permissão para isso! Eu *vou* me casar com ele; entretanto, você ainda não me disse se eu estou certa.

— Totalmente certa, se as pessoas estão certas ao se casarem pensando somente no presente. E agora, vamos ouvir aquilo que a está deixando infeliz. Seu irmão vai ficar contente; a velha senhora e o cavalheiro não vão objetar, suponho; a senhorita vai escapar de uma casa desorganizada e sem conforto e vai viver em uma casa rica e respeitável; e a senhorita ama Edgar, e Edgar ama a senhorita. Tudo parece tão tranquilo e fácil; onde se encontra o obstáculo?

— *Aqui!* E *aqui!* — replicou Catherine, batendo com uma das mãos na testa, e com a outra no peito. — Em qualquer lugar que a alma habite... em minh' alma, e no meu coração, tenho certeza de que estou errada.

— Isso é muito estranho! Não consigo entender.

— É o meu segredo! Mas se você não caçoar de mim, eu vou explicá-lo; eu não consigo fazer isso com perfeição, mas vou dar para você uma

ideia de como me sinto.

Ela se sentou ao meu lado de novo: sua expressão ficou mais triste e séria, e suas mãos entrelaçadas tremiam.

— Nelly, você nunca tem sonhos estranhos? — disse ela de repente, depois de alguns minutos de reflexão.

— Sim, de vez em quando — respondi.

— Eu também. Já tive em minha vida sonhos que permaneceram comigo para sempre, e mudaram minhas ideias; eles se misturaram à minha pessoa, como o vinho se mistura à água, e mudaram a cor da minha mente. E este é um deles; vou contá-lo, mas preste atenção para não dar risada em nenhuma parte dele.

— Ah, não, Senhorita Catherine! — exclamei. — Já somos tristes o suficiente sem invocar fantasmas e visões que nos deixem perplexos. Vamos, vamos, fique feliz, e goste de si mesma! Veja o pequeno Hareton; *ele* não está sonhando com nada triste. Com quanta doçura ele sorri ao dormir!

— Sim, e com quanta doçura o pai dele pragueja em sua solidão! Você se lembra dele, suponho, quando ele era assim como esse bebê gordinho, quase tão pequeno e inocente. Contudo, Nelly, vou fazer você ouvir; o sonho não é comprido; e não tenho condições de me sentir feliz esta noite.

— Eu não vou ouvir, eu não vou ouvir! — repeti, apressada.

Eu era supersticiosa em relação aos sonhos naquela época, e ainda sou; e Catherine tinha um ar triste e pouco costumeiro que me fez temer alguma coisa que me levasse a formular uma profecia e a prever uma catástrofe pavorosa.

Ela estava contrariada, mas não continuou a falar. Aparentemente buscando outro assunto, ela prosseguiu pouco depois.

— Se eu estivesse no céu, Nelly, eu me sentiria extremamente infeliz.

— Porque a senhorita não está pronta para ir para lá — respondi. — Todos os pecadores seriam infelizes no céu.

— Mas não é por isso. Uma vez eu sonhei que estava lá.

— Eu já lhe disse que não vou ouvir os seus sonhos, Senhorita Catherine! Vou dormir — interrompi de novo.

Ela riu, e me segurou, pois eu havia me movido para me levantar da minha cadeira.

— Não é nada demais — exclamou ela. — Eu só ia dizer que o céu não parecia ser meu lar; e eu fiquei com o coração partido de tanto chorar para voltar para casa; e os anjos estavam tão revoltados que eles me jogaram bem no meio das urzes no alto do Morro dos Ventos Uivantes, onde eu acordei soluçando de alegria. Isso basta para explicar meu segredo, bem como o outro sonho. Eu não tenho mais motivos para me casar com Edgar Linton do que tenho para ficar no céu; e se o desgraçado do dono desta casa não tivesse rebaixado tanto Heathcliff, eu nem pensaria nisso. Casar-me com Heathcliff agora me degradaria; por isso, ele nunca vai saber quanto eu o amo; e o amo não por ele ser bonito, Nelly, mas por ele ser mais eu do que eu própria sou. Não sei de que as nossas almas são constituídas, mas a dele e a minha são iguais, e a de Linton é tão diferente quanto um raio de luar de um relâmpago, ou a geada do fogo.

Antes de ela terminar de falar, eu me dei conta da presença de Heathcliff. Tendo percebido um movimento ligeiro, virei minha cabeça e o vi se levantando do banco e saindo discretamente, em silêncio. Ele havia escutado a conversa até Catherine dizer que casar-se com ele a degradaria, e então ele se afastou para não ouvir mais nada.

Minha companheira, sentada no chão, não podia se dar conta da presença dele, ou de sua saída, por causa do encosto do escano, mas eu tive um sobressalto e lhe disse para ficar quieta!

— Por quê? — perguntou ela, olhando ao redor, nervosa.

— Joseph chegou — respondi, oportunamente aproveitando o ruído das rodas da carroça na estrada —, e Heathcliff vai entrar com ele. Nem sei dizer se ele não estava na porta neste instante.

— Oh, não daria para ele me escutar ali na porta! — disse ela. — Dê cá o Hareton, enquanto você prepara a ceia, e quando ela estiver pronta, me diga para jantar com você. Eu quero enganar minha consciência intranquila, e me convencer de que Heathcliff não tem a menor ideia a respeito do assunto. Ele não tem, não é? Ele não sabe o que significa amar?

— Não vejo motivos para ele não saber, tanto quanto a senhorita — retruquei —, e se a *senhorita* for a escolha dele, ele vai ser a criatura mais infeliz que jamais nasceu! Assim que a senhorita se tornar a Sra. Linton, ele vai perder a amiga e a amada, tudo! Já parou para pensar em como ele vai aguentar a separação, e como ele vai aguentar ficar praticamente abandonado no mundo? Porque, Senhorita Catherine...

— Ele, praticamente abandonado? Nós, separados? — exclamou ela, com um tom de voz indignado. — Quem é que vai nos separar, diga-me? Essa pessoa teria o mesmo destino de Mílon! Não enquanto eu viver, Ellen, nem por nenhuma criatura mortal. Todos os Lintons sobre a face da Terra seriam aniquilados antes que eu pudesse consentir em abandonar Heathcliff. Oh, não é isso que eu tenciono; não é isso que eu quero dizer! Eu não seria a Sra. Linton se tivesse de pagar tal preço! Ele vai continuar a ser para mim o que tem sido durante a vida inteira. Edgar vai ter de se livrar de sua antipatia, e tolerá-lo, no mínimo. Ele vai fazer isso, quando souber quais são meus verdadeiros sentimentos em relação a Heathcliff. Nelly, agora eu estou entendendo, você acha que eu sou extremamente egoísta, mas nunca passou pela sua cabeça que, se Heathcliff e eu nos casássemos, nós seríamos mendigos? Por outro lado, se eu me casar com Linton, posso ajudar Heathcliff a sair de sua condição, e tirá-lo das garras do meu irmão.

— Com o dinheiro de seu marido? — perguntei. — A senhorita vai descobrir que ele não é tão dócil quanto imagina: e, embora eu não esteja em posição de julgar, acho que esse é o pior motivo que a senhorita já deu para ser a esposa do jovem Linton.

— Não é! — retrucou ela. — É o melhor! Os outros representam a satisfação de meus caprichos; e por amor a Edgar também, para deixá-lo satisfeito. Mas esse é por causa de uma pessoa que contém em si os meus sentimentos por Edgar e por mim. Eu não consigo me explicar, mas com toda certeza você e todas as pessoas têm a ideia de que há, ou deveria haver, uma existência sua que vai além de você. Qual seria o significado de minha criação se todo meu ser estivesse contido apenas em mim mesma? Meus maiores sofrimentos neste mundo têm sido os de Heathcliff, e eu vi e senti cada um deles desde o início; minha maior razão de viver é ele. Se tudo

mais desaparecesse, e *ele* permanecesse, eu ainda continuaria a existir; e, se tudo mais permanecesse, e ele fosse destruído, o Universo se transformaria em um completo estranho. Eu não seria parte dele. Meu amor por Linton é como a folhagem nos bosques. O tempo vai alterá-lo, sei muito bem disso, assim como o inverno altera as árvores. Meu amor por Heathcliff se parece com as rochas sempiternas sob a superfície: uma fonte de pouquíssimo prazer visível, mas necessário. Nelly, eu *sou* Heathcliff... Ele está sempre, sempre em meus pensamentos; não como uma coisa prazerosa, não mais do que eu sou sempre uma fonte de prazer para mim, mas, como meu próprio ser... Então, não mencione outra vez nossa separação; ela é impossível, e...

Ela fez uma pausa, e escondeu o rosto nas dobras do meu vestido; porém, eu a afastei com força. Já não tinha mais paciência para as tolices dela!

— Se eu consigo encontrar algum sentido em sua falta de sentido — disse eu —, isso só serve para me convencer da sua ignorância em relação aos deveres que a senhorita assume ao se casar; ou então, que a senhorita é uma moça malvada e sem princípios. Mas não me perturbe com mais segredos. Não vou prometer guardá-los.

— Você vai guardar esse? — perguntou ela, ansiosa.

— Não, não vou prometer — repeti.

Ela estava pronta para insistir, quando a entrada de Joseph acabou com nossa conversa, e Catherine afastou sua cadeira para um canto, e cuidou de Hareton enquanto eu preparava a ceia.

Depois de ela estar pronta, meu companheiro de serviço e eu começamos a brigar para ver quem levaria um pouco de comida para o Sr. Hindley; e nós não chegamos a um acordo até ela estar quase fria. Então, concordamos que esperaríamos que ele pedisse, se desejasse alguma coisa, pois nós tínhamos particularmente medo de aparecer na frente dele quando ele havia passado algum tempo sozinho.

— E por que que ele ainda num vortô dos campo, a essas hora? Qu' é qu' ele tá prontano? Óia só que preguiçoso! — perguntou o velho, procurando Heathcliff ao seu redor.

— Eu vou chamá-lo — retruquei. — Ele está no celeiro, não tenho dúvidas.

Eu fui e chamei, mas não obtive resposta. Ao voltar, sussurrei para Catherine que eu tinha certeza de que ele havia ouvido boa parte do que ela dissera; e disse como eu o havia visto saindo da cozinha no momento em que ela reclamara da conduta do irmão em relação a ele.

Ela se levantou de um salto, assustada, largou Hareton no escano, e saiu correndo para procurar pessoalmente o amigo, sem perder tempo para pensar por que ela estava tão agitada, ou como a conversa dela poderia tê-lo afetado.

Ela ficou fora por tanto tempo que Joseph sugeriu que nós não deveríamos esperar mais. Ele conjecturou, astutamente, que os dois estavam se ausentando para evitar ouvir sua bênção, que já estava atrasada. Eles eram “tão ruim quanto se podia esperá deles”, afirmou ele. E, em intenção deles, ele acrescentou aquela noite ao habitual quarto de hora dedicado à reza antes da refeição uma oração especial, e teria juntado mais uma ao terminar de dar graças, se a jovem patroa não tivesse se precipitado sobre ele com uma ordem apressada para ele correr pela estrada, e, onde quer que Heathcliff tivesse ido, encontrá-lo e fazer com que ele voltasse imediatamente!

— Eu quero falar com ele, e eu *tenho de falar*, antes de subir — disse ela. — E o portão está aberto, ele está em algum lugar onde não pode nos escutar; porque ele não respondeu, embora eu o tivesse chamado com voz bem alta lá do abrigo das ovelhas.

A princípio, Joseph objetou; entretanto, ela estava ansiosa demais para que alguém a contradissesse; e, finalmente, ele colocou o chapéu na cabeça, e saiu resmungando.

Nesse meio de tempo, Catherine ficou andando de um lado para o outro, exclamando:

— Só fico pensando onde ele está. Fico pensando onde ele *pode* estar! O que eu disse, Nelly? Já esqueci. Ele estava aborrecido por causa do meu mau humor desta tarde? Oh, Deus! Diga-me o que eu falei e que possa ter

magoado Heathcliff. Eu quero que ele venha. Eu queria mesmo que ele voltasse!

— Quanto barulho por nada! — exclamei, embora eu mesma estivesse preocupada. — Qualquer coisinha assusta a senhorita! Com certeza, não é motivo para grandes sustos que Heathcliff tenha saído para um passeio à luz da lua na charneca, ou mesmo se deitado, emburrado demais para conversar conosco, no telheiro de feno. Aposto que ele está por lá. Vamos ver se eu não o faço sair!

Eu saí para reiniciar minhas buscas; o resultado delas foi decepção, e a busca de Joseph terminou do mesmo jeito.

— Esse moleque tá cada dia pió! — observou ele, ao reentrar. — Ele dexô o portão todo aberto, e o pôni da menina pisotiô duas carrera de mio, e saiu andano, bem no meio dos campo! De quarqué manera, patrão vai fazê um baruião dos diabo amanhã, e bem que faz ele. Ele é a paciência em pessoa com essas criatura descuidada e ruim; é a paciência em pessoa! Mas ele num vai sê sempre assim não! Vosmecê tudo vão vê, vão sim. Vosmecês num divia de provocá ele à toa.

— Você encontrou Heathcliff, seu pateta? — interrompeu Catherine. — Você saiu à procura dele, como eu mandei?

— Eu preferia de percurá o cavalo — replicou ele. — Fazia mais senso. Mas, num dá pr' eu percurá nem cavalo nem home numa noite como essa — preta que nem carvão. E o Hathecliff num é o tipo de criatura que vai vim pra mode *meu* assobio... pode sê que ele fique mais manso iscuitano *vosmecê*!

Aquela *era* uma noite muito escura para o verão: as nuvens pareciam indicar trovoadas, e eu disse que seria melhor todos nos sentarmos; a chuva que se aproximava certamente faria Heathcliff voltar para casa sem maiores problemas.

Contudo, não houve jeito de persuadir Catherine a ficar tranquila. Ela continuou a andar de um lado para outro, do portão até a porta, em um estado de agitação que não admitia descanso; e finalmente resolveu se acomodar em um lado da parede, perto da estrada, onde, sem prestar atenção às minhas súplicas, e nem à trovoadas, e nem aos grandes pingos de

chuva que começaram a cair ao lado dela, ela permaneceu, chamando de tempos em tempos, e então ouvindo, e então chorando sentida. Ela ganhava de Hareton, ou de qualquer criança, em uma boa e desesperada crise de choro.

Perto da meia-noite, enquanto ainda estávamos acordados, a tempestade desabou sobre o Morro com toda a força. O vento soprava com violência, e os trovões, ou um ou o outro partiu ao meio uma árvore lá perto da quina da casa; um grande galho caiu sobre o telhado, e derrubou uma parte da chaminé do lado leste da casa, e pedras e fuligem caíram ruidosamente na lareira da cozinha.

Nós achamos que um raio havia caído entre nós, e Joseph se pôs de joelhos, implorando para o Senhor se lembrar dos patriarcas Noé e Lot; e, assim como em tempos d'antanho, poupar os justos e abater os infiéis. Eu fiquei com a impressão de que aquilo deveria ser um julgamento para nós também. Para mim, Jonas era o Sr. Earnshaw, e eu chacoalhei a maçaneta de seu antro, para ter a certeza de que ele estava vivo. Ele respondeu, com voz bastante audível, de uma maneira que levou meu companheiro a vociferar com mais ímpeto do que antes, que uma grande distinção fosse feita entre os santos como ele, e os pecadores como seu patrão. Mas o clamor passou em vinte minutos, deixando a todos ilesos, a não ser Cathy, que ficou completamente encharcada por recusar-se obstinadamente a se abrigar, e por ficar sem chapéu e sem xale, pegando tanta chuva quanto possível nos cabelos e nas roupas.

Ela entrou e se deitou no escano, toda encharcada como estava, voltando a face para o encosto, e escondendo-a entre as mãos.

— Ora vejam — exclamei, tocando os ombros dela —, a senhorita não está determinada a causar sua própria morte, está? Sabe que horas são? Meia-noite e meia. Vamos! Vamos para a cama; não faz sentido ficar esperando por muito mais tempo aquele menino tolo; ele deve ter ido para Gimmerton, e vai ficar por lá agora. Ele acha que nós não vamos ficar de atalaia por causa dele até tarde; pelo menos, ele deve achar que só o Sr. Hindley deve estar acordado; e ele há de preferir não ter a porta aberta pelo patrão.

— Não, ele num tá em Gimmerton! — disse Joseph. — Eu é que num ia me espantá se ele tivesse no fundo dum lodaçá. Esse aviso dos céu num foi à toa, e eu dava um'oiada nisso, minina... Vosmecê pode de sê a próxima. Gradeça aos céu por tudo! Tudo concorre pra ajudá os que são eleito, e que são erguido do pó! Vosmecê bem sabe o que as Escritura diz...

E ele começou a citar vários textos, dando-nos as referências dos capítulos e dos versículos em que poderíamos encontrá-los.

Eu, tendo inutilmente implorado para a caprichosa menina que se levantasse e tirasse suas roupas molhadas, deixei-o pregando, e ela, tremendo, e fui para a cama com o pequeno Hareton, que dormia tão profundamente como se todos estivessem dormindo ao redor dele.

Ouvi Joseph pregando por mais um tempo depois disso; então percebi seus passos lentos na escada, e então caí no sono.

Ao descer um pouco mais tarde do que de costume, eu vi, com a ajuda dos raios de sol que atravessavam frestas da veneziana, a Srta. Catherine ainda sentada perto da lareira. A porta da casa estava escancarada, também; a luz entrava por seus vidros abertos; Hindley havia descido, e estava em pé perto da lareira da cozinha, abatido e sonolento.

— O que você tem, Cathy? — ele estava dizendo, quando entrei. — Você está com uma cara tão triste quanto um filhote de cachorro afogado. Por que você está tão amarrotada e pálida, filhota?

— Eu me molhei — respondeu ela, relutante — e estou com frio, é isso.

— Ah, ela é tão desobediente! — exclamei, percebendo que o patrão estava razoavelmente sóbrio. — Ela ficou encharcada com a chuva de ontem e ficou sentada aí a noite toda, e eu não consegui fazer com que ela saísse do lugar.

O Sr. Earnshaw nos encarou, surpreso.

— A noite toda — repetiu. — O que a fez ficar acordada, não foi medo da trovoada, certo? Os trovões acabaram faz tempo.

Nenhum de nós queria mencionar a ausência de Heathcliff, tanto quanto fosse possível escondê-la; então eu respondi que não sabia o que a tinha levado a ficar acordada; ela nada disse.

A manhã estava agradável e fresca; eu abri as janelas, e na mesma hora o cômodo se encheu com os deliciosos aromas do jardim; mas Catherine me disse, petulante:

— Ellen, feche a janela. Estou enfriando! — e os dentes dela batiam de frio quando ela se encolheu procurando se aproximar ainda mais das brasas praticamente apagadas.

— Ela está doente — disse Hindley, sentindo o pulso dela. — Acho que por isso ela não quis ir para a cama. Maldição! Não quero ser importunado com mais doenças aqui. O que fez você ficar na chuva?

— Correno atrás dum par de carça, como sempre! — grunhiu Joseph, aproveitando a oportunidade, devido à nossa hesitação, para botar sua língua venenosa para trabalhar. — E no seu lugar, patrão, eu simplesmente ia dá com a porta na cara deles tudo, cavaleiro ou não. Num tem um dia que o patrão num saia e que o tar do Linton num venha às escondida pra cá; e a dona Nelly, ela é uma beleza de moça! Ela fica sentada esperano vosmecê vortá na cozinha; e vosmecê entra por uma porta e o mocinho sai por outra; e, então, a nossa fidarguinha vai dá suas namoricada ela tamém! Que jeito feroso de sê, ficá andano no meio dos campo, depois da meia-noite, com aquele minino horrive, o diabo de cigano do Heathcliff! Eles pensa que *eu* sô cego; mas eu num sô, nada disso! Eu vi o moço Linton, indo e vindo, e eu vi *vosmecê* (dirigindo seu discurso à minha pessoa); sua inúti, sua bruxa suja! vim rapidinho e entrá correno dentro de casa, no minuto que vosmecê escuta o baruido das pata do cavalo do patrão na estrada.

— Fique quieto, bisbilhoteiro! — exclamou Catherine. — Não seja insolente na minha presença! Edgar Linton veio ontem aqui por acaso, Hindley; e fui *eu* quem lhe disse para ir embora, porque eu sabia que você não gostaria que ele se encontrasse com você do jeito que você estava.

— Você está mentindo, Cathy, sem dúvida —, respondeu seu irmão —, e você é uma tola das grandes! Mas vamos deixar Linton de lado, por enquanto. Diga-me, você não estava com o Heathcliff a noite passada? Fale a verdade, agora. Você não precisa ter medo de prejudicá-lo: embora eu o odeie tanto quanto sempre odiei, ele me fez um favor agora há pouco, e isso vai fazer com que eu sinta dor na consciência se quebrar o pescoço dele. E

para evitar isso, vou mandá-lo cuidar de sua vida hoje mesmo; e depois de ele ter ido, é melhor vocês todos tomarem cuidado, pois meu bom gênio vai estar ao dispor de vocês!

— Eu não cheguei a ver Heathcliff a noite passada — respondeu Catherine, começando a soluçar amargamente —, e se você o colocar da porta para fora, eu vou com ele. Mas, talvez você não tenha a oportunidade... talvez, ele tenha ido embora! — E ao dizer isso ela desandou em uma incontrolável lamentação, e o restante de suas palavras foi incompreensível.

Hindley despejou sobre ela uma torrente de insultos depreciativos, e mandou-a ir para o quarto imediatamente, ou então parar de chorar por uma bobagem! Eu a forcei a obedecer; e nunca irei me esquecer do modo de ela agir, quando chegamos a seu quarto. Fiquei apavorada. Eu achei que ela estava enlouquecendo, e implorei a Joseph que fosse correndo buscar o médico.

Aquele era o começo do delírio; o Sr. Kenneth, assim que viu Catherine, declarou que ela estava gravemente enferma; ela tinha uma febre. Ele fez uma sangria nela, e disse-me que ela deveria ser alimentada com soro de leite e mingau feito com água, e que eu tomasse cuidado para ela não se jogar escada abaixo, ou pelas janelas; e então ele foi embora, pois tinha muito que fazer na paróquia, onde três ou quatro quilômetros era a distância comum entre um chalé e outro.

Embora eu não possa dizer que eu fosse uma enfermeira carinhosa, e Joseph e o patrão não fossem melhores que eu, e embora nossa paciente fosse tão rabugenta e obstinada quanto um paciente possa ser, ela se recuperou.

A velha Sra. Linton nos fez inúmeras visitas, pode ter certeza, e organizou tudo, e nos repreendeu e nos deu ordens; e quando Catherine estava convalescendo, ela insistiu em levá-la para a Granja da Cruz do Tordo: e nós nos sentimos gratos quando nos livramos da doente. Mas a pobre dama teve motivos para se arrepender de sua bondade; tanto ela quanto o marido contraíram a febre, e morreram com um pequeno intervalo entre um e outro.

Nossa jovem patroa voltou para casa mais petulante, mais veemente e mais altiva do que nunca. Desde a noite do temporal, não tínhamos mais tido notícias de Heathcliff, e um dia, quando ela havia me provocado intensamente, eu tive a infeliz ideia de culpá-la pelo desaparecimento dele (e a culpa era dela mesmo, como ela bem sabia). A partir de então, e por muitos meses, ela deixou de falar comigo, a não ser na qualidade de mera empregada. Joseph também foi banido; ele *falava* o que pensava, e a repreendia como se ela ainda fosse uma menininha; e ela se considerava uma mulher, e nossa patroa, e achava que sua recente enfermidade lhe dava o direito de ser tratada com consideração. E o médico tinha dito que ela não suportaria ser muito contrariada, que ela deveria fazer o que quisesse; e nos olhos dela havia um brilho mortal dirigido a qualquer pessoa que ousasse enfrentá-la ou contrariá-la.

Ela se mantinha afastada do Sr. Earnshaw e dos companheiros dele; e, aconselhado por Kenneth, e devido às sérias ameaças de ataque que com frequência acompanhavam suas explosões de raiva, seu irmão permitia que ela fizesse tudo o que quisesse, e geralmente evitava atizar seu temperamento irascível. Ele era indulgente *demais* ao satisfazer todos os caprichos dela; não por afeto, mas por orgulho; ele desejava ardentemente vê-la honrando a família ao se unir aos Lintons; e, desde que ela o deixasse em paz, ela podia nos tratar a todos como escravos, ele pouco se importava!

Edgar Linton, assim como milhares de homens antes dele, e milhares depois dele, estava apaixonado; e ele se considerava o homem mais feliz do mundo no dia em que a conduziu à capela de Gimmerton, três anos depois da morte de seu pai.

Muito contra os meus desejos, fui persuadida a deixar o Morro dos Ventos Uivantes e a acompanhar Catherine aqui para a Granja. O pequeno Hareton estava com quase cinco anos de idade, e eu havia começado a ensinar-lhe as primeiras letras. Nós nos despedimos com tristeza, mas as lágrimas de Catherine foram mais poderosas que as nossas. Quando eu me recusei a vir, e quando ela percebeu que suas súplicas não me comoviam, ela foi se lamentar com o marido e com o irmão. O primeiro me ofereceu um salário magnífico; o outro me deu ordens de fazer as malas. Ele não

queria mulheres em casa, ele disse, quando não havia uma patroa; quanto a Hareton, o cura deveria se encarregar dele, de um jeito ou de outro. E então eu não tive outra escolha a não ser fazer o que me ordenavam. Eu disse para o patrão que ele havia se livrado de todas as pessoas decentes apenas para se arruinar um pouco mais rápido; me despedi de Hareton com um beijo; e desde então, ele se transformou em um desconhecido; é muito estranho pensar nisso, mas não tenho a menor dúvida de que ele se esqueceu de tudo a respeito de Ellen Dean e de que, em outra época ele significara para ela mais que tudo no mundo, e ela para ele!

Nessa altura de sua narrativa, a caseira casualmente olhou o relógio sobre a chaminé, e ficou espantada ao ver o ponteiro dos minutos indicando meia hora depois da uma. Ela não admitiu nem pensar em ficar mais um instante. Na verdade, eu mesmo me sentia bastante disposto a adiar a continuação de sua história: e agora que ela desapareceu para descansar, e que eu fiquei meditando por mais uma ou duas horas, devo reunir coragem para também ir me deitar, apesar da dolorosa moleza que sinto na cabeça e nas pernas.



X

Um belo início para uma vida de ermitão! Quatro semanas de tortura, de agitação e de enfermidade! Oh, esses ventos soturnos, e os céus sombrios do norte, e as estradas intransitáveis, e os morosos médicos de aldeia ! E, oh, a escassez de rostos humanos, e, pior de tudo, a terrível advertência de Kenneth, de que eu não devo alimentar esperanças de sair de casa antes do começo da primavera!

O Sr. Heathcliff acabou de me honrar com uma visita. Cerca de sete dias atrás ele me mandou um par de tetrazes, os últimos da temporada. Canalha! Ele não está totalmente isento de culpa quanto a esta minha enfermidade; e bem que eu tinha muita vontade de lhe dizer isso. Mas, ai de mim! Como poderia eu ofender um homem que foi caridoso o suficiente para se sentar ao pé da minha cama por um bom tempo, e falar de outros assuntos que não fossem pílulas e doses de remédios, bolhas e sanguessugas?

Esse foi um intervalo até que agradável. Estou fraco demais para ler; entretanto, sinto-me como se pudesse desfrutar de algo interessante. E por que não chamar a Sra. Dean para terminar sua história? Consigo me lembrar de seus incidentes principais, até o ponto em que ela chegou. Sim, lembro-me de que seu protagonista havia fugido, e que ninguém tivera notícias dele por três anos; e que a heroína havia se casado. Vou chamá-la; ela vai ficar feliz por me encontrar com disposição para uma conversa animada.

A Sra. Dean apareceu.

— O senhor vai tomar o remédio só daqui a vinte minutos — começou ela a dizer.

— Esqueça-se disso! — repliquei. — Eu gostaria de ter...

— O médico disse que o senhor deve parar de tomar os pós.

— Tenha misericórdia! Não me interrompa. Venha e sente-se aqui. Afaste seus dedos dessa sombria legião de vidros. Tire o seu tricô do bolso... isso... e agora continue a história do Sr. Heathcliff, desde o ponto

em que a senhora a interrompeu, até o momento presente. Ele terminou sua educação no continente, e voltou como um cavalheiro? Ou ele conseguiu auxílio para fazer seus estudos na universidade? Ou ele fugiu para a América, e conquistou honras derramando sangue em seu país de adoção? Ou fez fortuna de modo mais imediato, nas estradas inglesas?

— Ele pode ter feito um pouquinho de todas essas atividades, Sr. Lockwood; mas eu não poderia garantir nada. Eu já disse antes que eu não sabia como ele ganhou seu dinheiro; e nem tenho ideia dos meios que ele empregou para elevar sua mente daquele estado de ignorância selvagem em que havia caído; mas, com sua permissão, vou continuar do meu jeito, se o senhor acha que isso vai diverti-lo e não vai deixá-lo cansado. O senhor está se sentindo melhor esta manhã?

— Muito.

— Mas que boa notícia!

Vim com a Senhorita Catherine para a Granja da Cruz do Tordo; e, para minha deliciosa decepção, ela se comportou de um modo infinitamente melhor do que eu ousava esperar. Ela parecia ter um carinho excessivo pelo Sr. Linton; e até mesmo demonstrava bastante afeição pela irmã dele. Os dois se preocupavam muito com o conforto dela, com certeza. Não era o espinho que se voltava para as madressilvas, mas as madressilvas que rodeavam o espinho. Não havia concessões mútuas; um ficava inflexível, e os outros cediam; e quem *consegue* ser intratável e genioso, quando não se depara nem com oposição, nem com indiferença?

Eu percebi que o Sr. Edgar tinha um medo profundo de alterar o estado de espírito dela. Ele escondia isso dela; mas se alguma vez me ouvisse responder de modo mais brusco, ou visse qualquer outro empregado ficar ressentido por causa de alguma ordem imperiosa dela, ele demonstrava sua perturbação com uma expressão fechada, o que nunca acontecia por causa dele próprio. Muitas vezes, ele me repreendeu por minha impertinência, afirmando que uma punhalada não lhe poderia infligir uma dor maior do que a que ele sentia ao ver sua esposa contrariada.

Para não magoar um patrão gentil, eu aprendi a ser menos sensível; e, durante um espaço de seis meses, a pólvora parecia tão inofensiva quanto a

areia, porque nenhum fogo se aproximou dela para explodi-la. Catherine tinha seus períodos de melancolia e de silêncio, de vez em quando: eles eram respeitados com um silêncio compreensivo da parte do marido, que os atribuía a uma alteração na constituição dela, ocasionada por sua grave enfermidade, já que ela nunca tinha sido sujeita a depressões de espírito antes. A volta da luz à face dela era recebida por um fulgor similar por parte do marido. Acredito poder afirmar que os dois realmente sentiam uma felicidade profunda e crescente.

E essa felicidade terminou. Bem, nós *temos* de pensar em nosso bem-estar em longo prazo; as pessoas meigas e generosas têm apenas uma justificativa melhor que as pessoas dominadoras para serem egoístas. E tudo se acabou quando as circunstâncias fizeram cada um deles perceber que seu próprio interesse não era a maior das preocupações nos pensamentos do outro.

Em uma noite amena de setembro, eu vinha vindo do pomar com uma pesada cesta de maçãs que estivera colhendo. Havia escurecido, e a lua aparecia por sobre o grande muro do pátio, fazendo com que sombras indefinidas espreitassem nos cantos das inúmeras partes salientes do prédio. Eu coloquei meu fardo nos degraus da porta da cozinha, e fiquei lá para descansar e respirar um pouco mais do ar puro e fresco; meus olhos estavam fixos na lua, e eu dava as costas para a entrada, quando ouvi uma voz por trás de mim dizer:

— Nelly, é você?

Era uma voz grave, e com uma entonação não característica da nossa região; entretanto, havia alguma coisa no modo de pronunciar o meu nome que fez com que ela soasse familiar. Eu me virei para descobrir quem havia falado, temerosa, pois as portas estavam fechadas, e eu não havia visto ninguém ao me aproximar dos degraus.

Algo se moveu sob o pórtico; e ao me aproximar, eu percebi um homem alto vestido com roupas escuras, com um rosto moreno e cabelos escuros. Ele se encostava à parede, e mantinha os dedos no ferrolho, como se tencionasse abrir a porta por conta própria.

Quem será?, pensei. O Sr. Earnshaw? Ah, não! A voz não se parece em nada com a dele.

— Fiquei esperando aqui por uma hora — começou ele a falar de novo, enquanto eu continuava a olhar fixamente —, e, durante esse tempo todo, tudo por aqui está tão silencioso quanto a morte. Não ousei entrar. Você não me reconhece? Olhe, não sou um estranho!

Um raio de luar incidiu sobre suas feições; as faces eram pálidas e parcialmente cobertas por suíças negras; as sobrancelhas baixas, olhos fora do comum profundamente encravados no rosto. Eu me lembrei dos olhos.

— Homessa! — exclamei, sem saber se o encarava como um visitante deste mundo, e ergui minhas mãos, espantada. — Homessa! Você está de volta? É você mesmo? É?

— Sim, Heathcliff — retrucou ele, desviando rapidamente os olhos de mim para as janelas, que refletiam um sem-fim de luas brilhantes, mas não mostravam luzes vindas de dentro da casa. — Eles estão em casa? Onde está ela? Nelly, você não está feliz... não precisa ficar tão perturbada. Ela está aqui? Fale! Eu quero dar uma palavrinha com ela... com sua patroa. Vá, e diga-lhe que uma pessoa de Gimmerton deseja vê-la.

— Como ela vai receber a notícia? — exclamei. — O que ela vai fazer? A surpresa me deixa espantada... vai deixá-la fora de si! E você é Heathcliff? Mas tão diferente! Não, não dá para entender. Você entrou para o exército?

— Vá e leve minha mensagem — interrompeu ele, impaciente. — Estarei no inferno até que você o faça!

Ele ergueu o ferrolho, e eu entrei; mas quando cheguei à sala onde o Sr. e a Sra. Linton se encontravam, não consegui me convencer a seguir em frente.

Finalmente, com o pretexto de perguntar se eles desejavam que as luzes fossem acesas, abri a porta.

Eles estavam sentados juntos perto de uma janela cujas gelosias estavam abertas e deixavam ver, além das árvores do jardim e do parque verdejante e selvagem, o vale de Gimmerton, com uma longa linha de neblina que serpenteava quase até o topo (pois assim que passamos pela

capela, como o senhor deve ter reparado, o rego que corre lá dos pântanos se junta ao ribeiro que segue a borda do vale). O Morro dos Ventos Uivantes se erguia acima daquela névoa prateada; mas nossa antiga casa não estava visível — ela fica do outro lado, mais para baixo.

Tanto o cômodo quanto seus ocupantes e a cena para a qual eles olhavam, davam uma impressão de paz maravilhosa. Eu relutei em cumprir a tarefa, e estava quase indo embora sem comunicar a mensagem, depois de ter feito a pergunta a respeito das velas, quando compreender que agia feito uma tola me fez voltar e murmurar:

— Uma pessoa de Gimmerton deseja vê-la, senhora.

— O que essa pessoa deseja? — perguntou a Sra. Linton.

— Eu não perguntei — respondi.

— Bem, feche as cortinas, Nelly — disse ela —, e traga o chá. Eu volto logo.

Ela saiu do cômodo; o Sr. Edgar perguntou, sem se preocupar com o assunto, quem era.

— Uma pessoa que a patroa não espera — repliquei. — Aquele Heathcliff, que costumava viver na casa do Sr. Earnshaw; lembra-se dele, senhor?

— O quê?! O cigano... o menino que trabalhava nos campos? — exclamou ele. — Por que você não disse isso para Catherine?

— Shhhh! O senhor não deveria chamá-lo por esses nomes, patrão — disse eu. — Ela se sentiria muito triste ao ouvir o senhor. Ela ficou praticamente inconsolável quando ele fugiu; acho que a volta dele vai fazê-la ficar radiante.

O Sr. Linton se dirigiu a uma janela do outro lado do cômodo, que dava para o pátio. Ele a abriu, e se debruçou para fora. Eu suponho que eles estivessem lá embaixo, pois ele exclamou, rapidamente:

— Não fique aí fora, querida! Traga a pessoa para cima, se for uma visita pessoal.

Em poucos instantes, eu ouvi o soar do ferrolho, e Catherine se precipitou para cima, sem fôlego e agitada, excitada demais para

demonstrar alegria; na verdade, pela expressão do rosto dela, seria mais fácil se supor uma terrível calamidade.

— Oh, Edgar, Edgar! — disse ela, ofegando, e jogando os braços ao redor do pescoço dele. — Oh, Edgar, querido! Heathcliff voltou... ele voltou! — E ela transformou o abraço em um apertão.

— Ora, ora — disse seu marido, irritado —, não me estrangule por causa disso! Ele nunca me pareceu ser um tesouro maravilhoso. Não há necessidade de ficar tão excitada!

— Eu sei que você não gostava dele — respondeu ela, reprimindo um pouco a intensidade de sua alegria. — Entretanto, por amor a mim, vocês devem ser amigos agora. Posso dizer para ele entrar?

— Aqui? — disse ele. — Na sala?

— E onde mais? — perguntou ela.

Ele pareceu embaraçado, e sugeriu a cozinha como um local mais adequado para Heathcliff.

A Sra. Linton olhou-o com uma expressão estranha — em parte zangada, em parte rindo da suscetibilidade dele.

— Não — acrescentou ela depois de alguns instantes —, eu não posso me sentar na cozinha. Arrume duas mesas aqui, Ellen; uma para seu patrão e a Srta. Isabella, que são fidalgos; outra para Heathcliff e para mim, que pertencemos às classes inferiores. Assim você fica satisfeito, querido? Ou devo mandar acender o fogo em algum outro lugar? Se for assim, dê suas instruções. Eu vou descer e reter meu hóspede. Temo que a alegria seja grande demais para ser verdadeira!

Ela estava pronta para sair correndo de novo; mas Edgar a impediu.

— *Você* o convida para subir — disse ele, dirigindo-se a mim —, e, Catherine, tente ficar feliz sem ser irracional! Não há necessidade de a casa inteira testemunhar sua acolhida a um empregado fugitivo como se ele fosse seu irmão.

Eu descí e encontrei Heathcliff esperando sob o pórtico, evidentemente antecipando um convite pra entrar. Ele me seguiu sem dizer uma palavra, e eu o introduzi na presença de meu patrão e de minha patroa, cujas faces em fogo traíam sinais de uma conversa acalorada. Mas as da patroa se

iluminaram com outro sentimento quando seu amigo apareceu na porta; ela correu na direção dele, pegou as duas mãos dele e o levou até Linton; e então ela pegou os dedos relutantes de Linton e os introduziu à força nas mãos de Heathcliff.

Agora podendo vê-lo com clareza à luz do fogo e das velas, eu fiquei espantada, ainda mais do que antes, ao testemunhar a transformação de Heathcliff. Ele havia crescido e se transformado em um homem alto, de porte atlético e com boa constituição, e ao lado dele meu patrão tinha um corpo esguio e quase juvenil. O porte ereto de Heathcliff sugeria que ele tivesse pertencido ao exército. Suas feições eram muito mais maduras que as do Sr. Linton, tanto pela expressão quanto pela aparência resoluta; elas tinham uma aparência inteligente, e não traziam marcas de sua antiga degradação. Entretanto, uma ferocidade parcialmente civilizada ainda espreitava sob as sobrancelhas baixas e nos olhos cheios de um fogo negro, mas ela estava sob controle; e suas maneiras eram até mesmo dignas, totalmente destituídas de grosseria, embora fossem severas demais para serem graciosas.

A surpresa de meu patrão era igual à minha, ou até a excedia: ele ficou parado por um minuto, sem saber como se dirigir ao menino que trabalhava nos campos, como ele o havia chamado. Heathcliff soltou a mão fina dele, e ficou parado olhando-o, até Linton se resolver a falar.

— Sente-se, senhor — acabou ele dizendo. — A Sra. Linton, lembrando os velhos tempos, pediu-me que o acolhesse com cordialidade, e, é claro, eu fico feliz quando acontece alguma coisa que a deixe contente.

— E eu também — respondeu Heathcliff —, especialmente se for qualquer coisa em que eu tome parte. Ficarei uma ou duas horas, com todo prazer.

Ele sentou-se no lado oposto ao de Catherine, que mantinha o olhar fixo nele, como se temesse que ele pudesse desaparecer se ela desviasse os olhos. Ele não ergueu os olhos para ela com frequência; um olhar rápido de vez em quando era suficiente; mas ele refletia, cada vez com mais confiança, o deleite indisfarçável que ele bebia nos olhos dela.

Eles estavam absorvidos demais na alegria mútua para se sentirem embaraçados. Mas o Sr. Edgar não; ele ficou pálido, por puro aborrecimento, um sentimento que alcançou seu ponto mais alto quando sua esposa se levantou e, atravessando o tapete, segurou de novo as mãos de Heathcliff, rindo como alguém que está fora de si.

— Amanhã eu vou achar que foi um sonho! — exclamou ela. — Não vou conseguir acreditar que eu vi você, e o toquei, e falei com você uma vez mais — e, no entanto, Heathcliff, seu malvado! Você não merece esta acolhida. Ficar ausente e em silêncio por três anos, sem jamais pensar em mim!

— Um pouco mais do que você andou pensando em mim! — murmurou ele. — Ouvi falar de seu casamento, Cathy, não faz muito tempo; e, enquanto esperava no pátio lá embaixo, fiquei pensando no seguinte plano: dar não mais do que uma olhada rápida em seu rosto, uma expressão de surpresa, talvez, ou de prazer fingido; depois acertar minhas contas com Hindley; e então impedir a ação da lei sendo eu mesmo meu carrasco. Sua acolhida afastou tais ideias de minha cabeça; mas tome cuidado para não me encontrar com outra expressão da próxima vez! Não, você não vai me afugentar de novo. Você ficou triste por minha causa, não ficou? Bem, havia motivos. Passei por maus bocados desde que ouvi sua voz pela última vez, e você deve me perdoar, pois eu lutei unicamente por você.

— Catherine, por favor, sente-se, ou então tomaremos chá frio — interrompeu Linton, se esforçando para manter o tom de voz habitual e a necessária dose de cortesia. — O Sr. Heathcliff vai fazer uma longa caminhada, onde quer que ele vá se hospedar esta noite; e eu estou com sede.

Ela assumiu seu posto à frente do bule; e a Srta. Isabella entrou, tendo sido chamada pelo sino; então, depois de colocar as cadeiras deles no lugar, eu saí da sala.

A refeição mal durou dez minutos. A xícara de Catherine ficou intacta, ela não conseguia nem comer nem beber. Edgar havia derramado o chá no pires, e mal engolira um bocado.

O convidado deles não estendeu sua permanência aquela noite por mais de uma hora. Eu perguntei, quando ele ia saindo, se ele iria para Gimmerton?

— Não, para o Morro dos Ventos Uivantes — respondeu ele. — O Sr. Earnshaw me convidou quando fui visitá-lo hoje de manhã.

O Sr. Earnshaw *o* convidara! E *ele* havia ido visitar o Sr. Earnshaw! Fiquei examinando essa afirmação até me cansar depois de ele ter partido. Estaria ele se revelando um hipócrita, e vindo para a região com o intuito de fazer o mal dissimuladamente? Eu fiquei pensando — eu tinha um pressentimento, no fundo do meu coração, de que teria sido melhor ele ficar longe daqui.

No meio da noite, fui acordada de meu primeiro sono pela Sra. Linton se esgueirando para dentro de meu quarto e se sentando na minha cama, e puxando-me os cabelos para me acordar.

— Não consigo dormir, Ellen — disse ela, à guisa de desculpa. — E quero um ser vivo que me faça companhia em minha alegria! Edgar está emburrado, porque me sinto feliz com uma coisa que ele não acha interessante. Ele se recusa a abrir a boca, a não ser para dizer coisas mesquinhas e tolas; e ele afirmou que eu era cruel e egoísta por falar quando ele se sentia tão mal e com sono. Ele sempre dá um jeito de ficar doente com o menor contratempo! Eu fiz alguns comentários elogiosos em relação a Heathcliff, e ele, ou por causa de uma dor de cabeça, ou por uma pontada de inveja, começou a chorar; então, eu me levantei e saí de perto dele.

— E qual é a vantagem de elogiar Heathcliff para ele? — respondi. — Quando eram moleques, os dois sentiam aversão um pelo outro, e Heathcliff também detestaria do mesmo modo ouvir o Sr. Linton sendo elogiado, é a natureza humana. Deixe o Sr. Linton em paz em relação a esse assunto, a não ser que a senhora queira uma briga declarada entre eles.

— Mas isso não demonstra uma fraqueza muito grande? — prosseguiu ela. — Não sou invejosa: nunca me senti magoada por causa do brilho do cabelo loiro de Isabella, ou por causa da alvura da pele dela; da elegância requintada dela, ou pelo carinho que toda a família lhe devota. Até mesmo

você, Nelly, se nós de vez em quando discutimos, você apoia Isabella, na hora; e eu cedo como uma mãe tola; eu a chamo de querida, e a fico mimando até ela ficar de bom humor. O irmão dela fica feliz ao nos ver em bons termos, e isso me deixa feliz. Mas, os dois são muito parecidos; eles são crianças mimadas, e acham que o mundo existe para fazer as vontades deles; e, embora eu goste de agradecer os dois, eu acho que um bom castigo também faria bem para eles.

— A senhora está enganada, Sra. Linton — disse eu. — Eles agradam a senhora: eu sei o que aconteceria se eles não o fizessem! A senhora pode muito bem satisfazer os caprichos temporários deles, já que eles vivem para antecipar os seus menores desejos. Contudo, vocês podem acabar brigando por algo que é importante para ambos os lados; e então as pessoas que a senhora considera fracas são muito capazes de ser tão obstinadas quanto a senhora!

— E então lutaremos até a morte, não lutaremos, Nelly? — retrucou ela, rindo. — Não! eu garanto, tenho tanta fé no amor de Linton que eu acredito que eu poderia matá-lo, e ele não teria vontade de se vingar.

Eu a aconselhei a dar ainda mais valor ao marido por causa da afeição dele.

— E eu dou — respondeu ela —, mas ele não precisa chorar por ninharias. É uma coisa infantil; e, ao invés de se derreter em lágrimas por eu ter dito que Heathcliff agora é digno da apreciação de qualquer pessoa, e que seria uma honra para o homem mais importante da região tê-lo como amigo, ele deveria ter dito isso por amor a mim, e ter se sentido feliz por eu estar feliz. Edgar tem de se acostumar com ele, e pode muito bem gostar dele. Considerando como Heathcliff tem motivos para fazer objeções a ele, tenho certeza de que ele se comportou muito bem!

— E o que a senhora acha da ida dele ao Morro? — perguntei. — Ele está mudado em todos os aspectos, aparentemente, quase um cristão: estendendo a mão direita em sinal de amizade a todos os inimigos ao seu redor!

— Ele explicou isso — respondeu ela. — Eu fiquei tão espantada quanto você. Ele disse que foi até lá para pedir informações a meu respeito,

para você, supondo que você ainda morava lá; e Joseph contou para Hindley, que saiu e começou a fazer perguntas a Heathcliff a respeito do que ele tinha feito, de como ele tinha vivido; e, finalmente, convidou-o para entrar. Havia algumas pessoas jogando cartas; Heathcliff se juntou a elas; meu irmão perdeu um pouco de dinheiro para ele e, descobrindo que ele tinha uma boa quantia em mãos, pediu-lhe que ele voltasse de novo à noite, com o que Heathcliff consentiu. Hindley é descuidado demais para escolher suas amizades com prudência; ele não se dá ao trabalho de refletir a respeito dos motivos que ele poderia ter para desconfiar de uma pessoa a quem ele tratou tão mal. Mas Heathcliff afirma que seu motivo principal para renovar o contato com seu antigo perseguidor é o desejo de se instalar em algum lugar nas proximidades da Granja, e um sentimento de afeição pela casa onde nós vivemos juntos, bem como a esperança de que eu possa ter mais oportunidades de vê-lo lá do que eu poderia ter caso ele se instalasse em Gimmerton. Ele tenciona oferecer uma quantia considerável pela permissão de se hospedar no Morro; e, sem dúvida, a cobiça do meu irmão vai levá-lo a aceitar os termos; ele sempre foi ganancioso, embora o que ele pegue com uma das mãos ele jogue fora com a outra.

— É um belo local para um homem jovem se instalar! — eu disse. — A senhora não teme as consequências, Sra. Linton?

— Para meu amigo, de jeito nenhum — retrucou ela. — A cabeça dele é forte e vai mantê-lo afastado do perigo; um pouco por Hindley, mas ele não pode ficar moralmente pior do que já é; e eu vou defendê-lo de quaisquer injúrias físicas. Os acontecimentos desta noite me reconciliaram com Deus e com a humanidade! Eu havia me rebelado ferozmente contra a providência divina. Oh, eu passei por uma infelicidade muito, muito profunda, Nelly! Se aquela criatura soubesse quão profunda, ele teria vergonha de perturbar o fim dela com sua petulância. Foi gentileza para com ele que me levou a enfrentar tudo sozinha: se eu tivesse expressado a agonia que eu sentia com tanta frequência, ele teria aprendido a ansiar pelo fim dela tão ardentemente quanto eu. Entretanto, já passou, e não vou me vingar por causa da tolice dele; consigo aguentar qualquer coisa, daqui para frente! Se a mais vil das criaturas me esbofeteasse na face, eu não somente

lhe ofereceria a outra face, mas lhe pediria perdão por tê-la provocado; e, como prova disso, eu vou fazer as pazes com Edgar agora mesmo. Boa noite... eu sou um anjo!

E com essa convicção autocomplacente ela foi embora; e o sucesso de sua resolução era óbvio na manhã seguinte: o Sr. Linton havia não somente renunciado à sua impertinência (embora seu estado de espírito ainda parecesse estar subjugado pela exuberância da vivacidade de Catherine), mas também não fez objeções à proposta de ela levar Isabella até o Morro dos Ventos Uivantes à tarde; e ela, por sua vez, o recompensou com tamanha demonstração de doçura e de afeto, que transformou a casa em um paraíso por muitos dias; tanto o patrão quanto os empregados se beneficiando dessa felicidade perpétua.

Heathcliff (ou o Sr. Heathcliff, como deveria dizer de agora em diante) desfrutou da liberdade de visitar a Granja da Cruz do Tordo com cautela, a princípio: ele parecia estar avaliando até que ponto o dono da casa toleraria sua intrusão. Catherine também considerou mais prudente moderar suas expressões de prazer ao recebê-lo; e ele gradualmente estabeleceu seu direito de ser esperado.

Ele ainda conservava grande parte da reserva que era tão notável em sua juventude, e ela servia para reprimir todas as manifestações mais óbvias de sentimentos. O desconforto que meu patrão sentia foi posto um pouco de lado, e circunstâncias posteriores fizeram com que esse sentimento tomasse outros rumos.

Sua nova fonte de preocupação teve origem em uma infelicidade imprevista, o fato de Isabella Linton demonstrar uma súbita e irresistível atração pelo hóspede tolerado. Ela era naquela época uma jovem atraente de dezoito anos; seus modos eram infantis, embora ela tivesse uma inteligência viva, sentimentos fortes, e um gênio forte também, se fosse provocada. O irmão, que a amava com ternura, ficou chocado com essa preferência extravagante. Deixando de lado a degradação de uma aliança com um homem sem nome, e a possibilidade de sua propriedade, na falta de um herdeiro masculino, poder passar para as mãos de um sujeito como aquele, ele tinha bom senso para compreender o temperamento de Heathcliff —

para saber que, embora seu exterior tivesse se alterado, a mente dele era imutável, e continuava a mesma. E ele temia aquela mente; ela o desgostava; ele estremecia ao pensar na ideia de deixar Isabella a seus cuidados.

Ele teria sentido uma repulsa ainda maior se tivesse tido consciência de que a inclinação dela surgira sem ter sido solicitada, e que era dirigida a quem não corresponderia a esse sentimento; pois, no minuto em que ele descobriu a existência dela, ele considerou Heathcliff culpado por tê-la despertado.

Todos nós havíamos reparado, durante certo tempo, que a Srta. Linton estava agitada e sofria por causa de alguma coisa. Ela ficou irritadiça e difícil de contentar, importunando e provocando continuamente Catherine, incorrendo no risco iminente de acabar com a limitada paciência dela. Nós a desculpávamos até certo ponto, alegando problemas de saúde; ela estava definhando e empalidecendo a olhos vistos. Porém, um dia, quando ela havia estado particularmente insolente, recusando seu café da manhã, reclamando que os empregados não obedeciam às suas ordens; que a patroa fazia com que ela não tivesse voz dentro de casa, e que Edgar a negligenciava, que ela havia se resfriado porque as portas tinham sido deixadas abertas, e que nós tínhamos deixado o fogo na sala de estar se extinguir de propósito, para aborrecê-la; e com mais uma centena de acusações ainda mais frívolas, a Sra. Linton insistiu categoricamente que ela deveria ir se deitar; e, tendo-a repreendido com severidade, ameaçou chamar o médico.

A menção da pessoa de Kenneth a fez exclamar na hora que sua saúde estava perfeita, e que era tão somente a dureza de Catherine que a tornava infeliz.

— Como pode você dizer que eu sou dura, criaturinha mimada e maldosa? — exclamou a patroa, espantada com a afirmação insensata. — Com certeza, você está perdendo o juízo. Quando eu fui dura, me diga?

— Ontem — soluçou Isabella —, e agora!

— Ontem! — disse sua cunhada. — Em qual circunstância?

— Durante nosso passeio pela charneca; você me disse para ir andar onde eu quisesse, enquanto você passeava com o Sr. Heathcliff!

— E é isso que você considera dureza? — disse Catherine, rindo. — Essa não foi uma insinuação de que sua companhia fosse supérflua; para nós, não fazia diferença se você ficasse conosco ou não; eu simplesmente achei que na conversa de Heathcliff não havia nada que pudesse soar agradável para seus ouvidos.

— Oh, não — choramingou a jovem —, você queria que eu ficasse longe, porque sabia que eu gostaria de ficar por ali!

— Ela está em seu juízo perfeito? — perguntou a Sra. Linton, se dirigindo a mim. — Eu vou repetir nossa conversa, palavra por palavra, Isabella; e desafio você a indicar qualquer encanto que ela pudesse ter tido para você.

— Não estou me preocupando com a conversa — respondeu ela. — Eu queria ficar com...

— Então!? — disse Catherine, percebendo a hesitação dela para completar a frase.

— Com ele; e não vou ser sempre mandada embora! — continuou ela, ficando cada vez mais nervosa. — Você é muito avarenta, Cathy, e não quer que ninguém seja amado além de você!

— Você é uma macaquinha impertinente! — exclamou a Sra. Linton, surpresa. — Mas eu não vou acreditar nessa tolice! É impossível que você possa ansiar pela consideração de Heathcliff; que você possa achá-lo uma pessoa agradável! Será que eu compreendi você direito, Isabella?

— Você compreendeu direitinho! — disse a garota enlevada. — Eu o amo mais do que você jamais amou Edgar; e ele poderia me amar se você permitisse!

— Eu não gostaria de estar em seu lugar por toda a riqueza do mundo, então! — declarou Catherine, enfática (e ela parecia estar sendo sincera). — Nelly, ajude-me a convencê-la de sua loucura. Diga-lhe o que Heathcliff é: uma criatura indisciplinada, sem refinamento, sem educação; uma aridez selvagem de plantas espinhosas e pedregulhos. Seria mais fácil eu colocar o canarinho no parque em um dia de inverno a aconselhar que você

entregasse a Heathcliff o seu coração! É uma ignorância deplorável a respeito do caráter dele, menina, e nada além disso, que faz com que esse sonho entre em sua cabeça. Por favor, não imagine que ele esconde profundezas de benevolência e de afeição por baixo de uma aparência severa! Ele não é um diamante bruto, uma ostra rústica que contém uma pérola; ele é um homem feroz, impiedoso e selvagem. Eu nunca digo para ele, ‘Deixe este ou aquele inimigo em paz, porque seria falta de generosidade ou crueldade causar-lhe mal’; eu digo, ‘Deixe-o em paz, porque *eu* odiaria vê-lo sofrer’. E ele aniquilaria você, Isabella, como um ovo de pardal, se ele achasse que você era um fardo penoso. Eu sei que ele não seria capaz de amar alguém da família Linton; e, contudo, ele seria muito capaz de se casar por causa de sua fortuna e de suas possibilidades futuras. A avareza está se transformando em um pecado para ele. Esse é meu retrato dele; e eu sou amiga dele... tanto que, se ele tivesse pensado seriamente em conquistar você, eu teria, talvez, mantido a boca fechada, e deixado que você caísse na armadilha dele.

A Srta. Linton encarou a cunhada com indignação.

— Que vergonha! Que vergonha! — repetiu ela, cheia de raiva — Você é pior que vinte inimigos, sua pérfida amiga!

— Ah! Você não quer acreditar em mim, então? — disse Catherine. — Você acha que eu estou falando por pura maldade egoísta?

— Tenho certeza de que está — retrucou Isabella — e eu tenho pavor de você!

— Muito bem! — exclamou a outra. — Tente você mesma, se é essa sua inclinação; eu já disse o que tinha de dizer, e deixo a questão a critério de sua insolência atrevida.

— E eu tenho de sofrer por causa do egoísmo dela — soluçava Isabella enquanto a Sra. Linton saía da sala. — Tudo, tudo está contra mim; ela destruiu meu único consolo. Mas ela só falou mentiras, não falou? O Sr. Heathcliff não é um vilão; ele tem uma alma nobre, e justa, ou como poderia ele se lembrar dela?

— Afaste-o de seus pensamentos, senhorita — disse eu. — Ele é uma ave de mau agouro; não é par para a senhorita. A Sra. Linton foi incisiva, e,

no entanto, não posso contradizê-la. Ela conhece melhor o coração dele do que eu, ou qualquer outra pessoa; e ela nunca o despreveria pior do que ele é. Pessoas honestas não escondem suas ações. Como ele tem vivido? Como ele ficou rico? Por que ele está morando no Morro dos Ventos Uivantes, a propriedade do homem que ele odeia? Dizem que o Sr. Earnshaw está cada dia pior, desde que Heathcliff voltou. Eles ficam sentados a noite inteira, juntos; e Hindley está hipotecando a terra, e não faz nada além de beber e de jogar; eu ouvi isso só faz uma semana, foi Joseph quem me disse, eu o encontrei em Gimmerton.

— “Nelly” — disse ele —, “quarquê hora a poliça vai aparecê lá em casa. Uma criatura lá quase perdeu os dedo de tentá separá briga dos otro que se pegava como bicho. E o patrão, vosmecê sabe, é que vai sê responsave. Ele num tem medo do Jurgamento e dos juiz, nem de Paulo nem de Pedro, nem de João, nem de Mateus, nem de nenhum deles, ele num tem! Ele até gosta, ele qué enfrentá eles tudo! E seu fermoso minino Heathcliff, veja só, ele é um tipo e tanto! Ele pode dá risada, tão bem quanto quarqué um, dessas brincadera do diabo. Ele diz alguma coisa do jeito como ele tá viveno lá em casa, quando ele vai pra Granja? O que acontece é: levantá quando o sol tá se escondeno, jogo, bebida, os quarto alumiado só com luz de vela e as janela fechada até o otro dia na hora de comê; então, o otro vai dizeno palavrão e falano feito loco até o quarto dele, fazendo as pessoa decente tapá a zoreia de tanta vergonha; e o sem-vergonho, ora, ele só conta o dinheiro, e come, e dorme, e aí sai e vai pro vizinho pra ficá de conversa com a esposa dos otro. E por acaso ele diz pra Dona Catherine como é qu’o dinheiro do pai dela vai pará nos borso dele, e como o filho do pai dela vai galopano pelo Ampro Caminho, enquanto ele próprio corre na frente pr’abri as porta pro rapaz?” Ora, Srta. Linton, Joseph é um velho patife, mas não um mentiroso; e, se o que ele conta a respeito do comportamento de Heathcliff for verdade, a senhorita nunca pensaria em desejar um marido assim, pensaria?

— Você está mancomunada com os outros, Ellen! — retrucou ela. — Não vou ouvir as suas injúrias. Como você deve ser maldosa, para desejar me convencer de que não existe felicidade no mundo!

Se ela teria abandonado essa fantasia, caso deixada por conta própria, ou persistido em acalentá-la para o resto de sua vida, não posso dizer; ela teve pouco tempo para refletir. No dia seguinte, havia uma reunião do júri na cidade vizinha; meu patrão teve de participar dela; e o Sr. Heathcliff, sabendo da ausência dele, apareceu para fazer sua visita mais cedo do que de costume.

Catherine e Isabella estavam sentadas na biblioteca, hostis, mas em silêncio. Isabella, assustada por causa de sua recente indiscrição e da revelação que havia feito de seus sentimentos mais íntimos em um estado temporário de exaltação; Catherine, tendo refletido bastante, realmente ofendida com sua companheira; e, se ela ainda dava risada da impertinência da cunhada, não se sentia com vontade de deixar *Isabella* encarar o assunto como brincadeira.

E ela riu mesmo, ao ver Heathcliff passar sob a janela. Eu estava limpando a lareira, e percebi um sorriso maldoso em seus lábios. Isabella, perdida em pensamentos, ou lendo, permaneceu até a porta se abrir, e era tarde demais para tentar uma fuga, o que ela teria feito com toda alegria caso isso fosse possível.

— Entre, isso mesmo! — exclamou a patroa, alegre, puxando uma cadeira para perto do fogo. — Aqui estão duas pessoas que precisam demais de uma terceira que quebre o gelo entre elas, e você é exatamente quem nós duas escolheríamos. Heathcliff, tenho orgulho de, finalmente, mostrar para você alguém que sente mais afeição por você do que eu mesma. Espero que você se sinta lisonjeado. Não, não é a Nelly, não olhe para ela! A pobrezinha da minha cunhada fica com o coração partido só de olhar sua beleza física e moral. Está em suas mãos ser o irmão de Edgar! Não, não, Isabella, você não vai sair correndo — continuou ela, segurando, com fingida alegria, a moça confusa que se havia levantado, indignada. — Nós duas estávamos brigando como gatas por sua causa, Heathcliff; e eu fui derrotada nos protestos de devoção e de admiração; e, além do mais, fui informada de que se eu ao menos tivesse a consideração de me colocar de lado, minha rival, como ela deseja ser encarada, atiraria tal flecha em sua

alma que conquistaria você para sempre, e me condenaria ao esquecimento eterno!

— Catherine — disse Isabella, tentando manter a compostura, e nem procurando lutar para se soltar do forte aperto que a segurava —, eu agradeceria se você fosse fiel à verdade e não me caluniasse, nem mesmo por brincadeira! Sr. Heathcliff, faça a gentileza de pedir a sua amiga para me soltar. Ela esquece que o senhor e eu não somos amigos pessoais, e o que a faz se divertir é, para mim, mais doloroso do que as palavras podem expressar.

O convidado nada disse: foi sentar-se em sua cadeira, totalmente indiferente aos sentimentos que ela nutria em relação a ele; Isabella então se voltou e fez em voz baixa um veemente apelo para que sua algoz a libertasse.

— De jeito nenhum! — bradou a Sra. Linton em resposta. — Não vou ser chamada de avarenta de novo. Você *vai* ficar: e então, Heathcliff, por que você não demonstra prazer com minhas agradáveis notícias? Isabella jura que o amor que Edgar sente por mim não é nada comparado ao que ela nutre por você. Eu tenho certeza de que ela disse algo a esse respeito, não disse, Ellen? E ela está fazendo jejum desde o passeio de anteontem, devido ao desgosto e à raiva por eu tê-la afastado de nossa companhia, achando que ela seria inaceitável.

— Acho que você não está sendo justa para com ela — disse Heathcliff, virando a cadeira para encará-las. — Ela deseja estar longe de minha companhia agora, de qualquer modo!

E ele encarou a pessoa que era o tema da conversa, assim como alguém poderia fixar o olhar em um animal repelente e estranho, uma centopéia das Índias, por exemplo, que alguém sente curiosidade em examinar, apesar da repulsa despertada.

A coitadinha não foi capaz de suportar aquilo; ela ficou pálida e enrubescou em rápida sucessão, e, enquanto as lágrimas pesavam em seus cílios, usou a força de seus dedos para afrouxar o aperto firme de Catherine e, percebendo que tão rapidamente quanto ela livrava seu braço de um dedo outro se prendia nele, e ela não conseguia remover todos eles, começou a

usar suas unhas, e as pontas delas imediatamente enfeitaram as mãos de sua captora com riscos vermelhos.

— Mas se não é uma tigresa! — exclamou a Sra. Linton, libertando-a, e sacudindo a mão por causa da dor. — Vá embora, pelo amor de Deus, e esconda esse seu rosto de fera! Quanta tolice mostrar essas garras para *ele*. Você não pensa nas conclusões a que ele pode chegar? Veja, Heathcliff! Elas são instrumentos para uma execução; você precisa tomar cuidado com seus olhos.

— Eu as arrancaria dos dedos dela se alguma vez elas chegassem a me ameaçar — respondeu ele, de modo brutal, quando a porta se fechou por trás de Isabella. — Mas o que você tinha em mente ao perturbar a criatura desse jeito, Cathy? Você não estava falando a verdade, estava?

— Garanto que estava — retrucou ela. — Ela tem sofrido por sua causa há várias semanas; e hoje de manhã parecia ter perdido a razão; e despejou uma torrente de insultos, porque eu lhe apresentei seus defeitos com clareza, Heathcliff, tencionando diminuir a adoração dela. Mas não pense mais nisso. Eu desejava punir a insolência dela, só isso. Gosto demais dela, meu caro Heathcliff, para permitir que você se apodere dela e a devore.

— E eu gosto muito pouco dela para fazer a tentativa — disse ele —, a não ser de um modo muito cruento. Você ouviria falar de coisas estranhas, se eu vivesse com aquele rosto doentio e pálido; a mais banal seria pintar naquela brancura as cores do arco-íris, e transformar aqueles olhos azuis em negros, a cada dois ou três dias; eles são detestavelmente parecidos com os de Linton.

— Deliciosamente — observou Catherine. — São olhos de pomba; de um anjo!

— Ela é herdeira do irmão, não é? — perguntou ele, depois de um curto silêncio.

— Eu ficaria muito triste de pensar nisso — retrucou sua companheira. — Uma meia dúzia de sobrinhos vai acabar com a posição dela, queira Deus! Afaste seus pensamentos desse assunto, agora. Você é inclinado demais a cobiçar os bens de seu próximo: lembre-se de que os bens *deste* próximo são meus.

— Se fossem meus, não seriam menos seus — disse Heathcliff. — Mas, embora Isabella Linton possa ser tola, ela não é insana; e, resumindo, vamos abandonar o assunto, como você aconselha.

Eles deixaram de falar no assunto; e Catherine provavelmente o tirou de seus pensamentos. Heathcliff, eu tenho certeza, pensou nele frequentemente durante aquela noite; eu o vi sorrindo consigo mesmo (ou, melhor dizendo, dando um riso malicioso) e se perdendo em reflexões agourentas toda vez que a Sra. Linton tinha motivos para se ausentar do cômodo.

Eu decidi observar seus movimentos. Meu coração invariavelmente se inclinava para o lado do patrão, em detrimento de Catherine; e com razão, eu pensava, pois ele era gentil, de confiança e honrado. E ela... não dava para dizer que ela era o *oposto*; entretanto, ela parecia se permitir tamanhas liberdades que eu tinha pouca fé em seus princípios, e ainda menos simpatia por seus sentimentos. Eu desejava que acontecesse alguma coisa que tivesse o poder de libertar tanto o Morro dos Ventos Uivantes quanto a Granja do Sr. Heathcliff, discretamente, deixando-nos como éramos antes de sua chegada. As visitas dele eram um pesadelo contínuo para mim; e também, suspeitava eu, para meu patrão. A permanência dele no Morro era uma opressão que não podia ser posta em palavras. Eu sentia que Deus havia abandonado a ovelha tresmalhada, deixando-a livre para suas perambulações perversas, e que uma fera maligna se esgueirava entre elas e o aprisco, esperando a oportunidade para dar o bote e destruir.



XI

Às vezes, enquanto estava sozinha e pensava nessas coisas, eu me sobressaltava com um pavor repentino, e punha minha touca para ir ver o que estava acontecendo lá na casa; eu havia persuadido minha consciência de que era um dever avisar Earnshaw a respeito do que as pessoas falavam sobre seu comportamento; e então eu me lembrava de seus maus hábitos, já tão conhecidos, e, sem esperanças de fazer algo que o beneficiasse, me abstinha de voltar a entrar naquela casa soturna, duvidando que eu conseguisse ser levada a sério.

Certa vez passei pelo velho portão, saindo um pouco de meu caminho, em uma ida até Gimmerton. Isso aconteceu mais ou menos no período a que minha narrativa chegou: uma tarde luminosa e fria, a terra nua e a estrada dura e ressecada.

Eu me aproximei de uma pedra onde a estrada se divide, indo para a charneca do seu lado esquerdo; um marco tosco, com as letras “M.V.U”. entalhadas em seu lado norte; no lado leste, “G.”; e no lado sudoeste, “G.C.T”. Ele serve como guia para a Granja, para o Morro e o vilarejo.

O sol brilhava, amarelo, em seu topo acinzentado, fazendo-me lembrar do verão; e não sei dizer o motivo, mas, subitamente, uma onda de sensações da infância invadiu meu coração. Hindley e eu considerávamos aquele um lugar favorito vinte anos antes.

Eu fiquei por muito tempo olhando a pedra desgastada pelas intempéries; e, me agachando, descobri um buraco perto da base ainda cheio de cascas de caramujos e de pedrinhas, que nós gostávamos de guardar lá junto com outras coisas perecíveis. E, tão nítido quanto a realidade, me pareceu que eu olhava meu antigo companheiro de brincadeiras sentado na turfa ressecada, sua cabeça morena e quadrada inclinada para frente, e sua mãozinha escavando a terra com um pedaço de ardósia.

“Pobre Hindley”, exclamei, involuntariamente.

Eu tive um sobressalto: meus olhos foram enganados por uma impressão momentânea de que a criança erguia seu rosto e olhava fixamente o meu! A visão desapareceu em um piscar d’olhos; porém, no mesmo instante, eu senti uma vontade irresistível de estar lá no Morro. A superstição me impeliu a ceder a esse impulso. Imagine só, se ele estiver morto!, pensei, ou estiver prestes a morrer! Imagine só se esse fosse um prenúncio da morte!

Quanto mais me aproximava da casa, mais agitada eu ficava; e ao conseguir divisá-la, todo o meu corpo tremeu. A visão havia chegado lá antes de mim; ela estava parada, olhando através do portão. Foi essa minha primeira impressão ao observar um menino com cabelos emaranhados e de olhos castanhos pressionando seu rosto avermelhado contra as grades. Depois de pensar um pouco mais, concluí que ele deveria ser Hareton, *meu* Hareton, não muito mudado desde que eu o havia deixado, dez meses antes.

— Deus te abençoe, querido! — exclamei, esquecendo no mesmo instante meus temores insensatos. — Hareton, é Nelly... Nelly, tua amaseca.

Ele recuou para fora do meu alcance, e pegou uma pedra grande.

— Eu vim ver teu pai, Hareton — acrescentei, adivinhando, pela atitude dele que a Nelly, se é que ela ainda existia na lembrança dele, não era associada à minha figura.

Ele ergueu seu projétil para atirá-lo; eu comecei a falar algo para acalmá-lo, mas não consegui impedir a ação dele. A pedra atingiu minha touca; e então, dos lábios balbuciantes da criaturinha saiu uma torrente de maldições, que, quer ele as compreendesse ou não, foram ditas com uma ênfase estudada, e distorceram suas feições infantis em uma expressão chocante de maldade.

O senhor pode ter certeza de que isso me amargurou muito mais do que me enraiveceu. Prestes a chorar, peguei uma laranja do meu bolso e a ofereci, para agradá-lo.

Ele hesitou e a arrancou de minha mão, como se ele achasse que eu tencionasse somente tentá-lo e decepcioná-lo.

Eu mostrei-lhe outra, mantendo-a fora de seu alcance.

— Quem ensinou essas lindas palavras para você, filhote? — perguntei.

— O pastor?

— Pros diabo c' o pastor e c' ocê! Me dá isso — ele respondeu.

— Me diz com quem você tem suas aulas, e você vai ganhar a laranja

— respondi. — Quem é seu professor?

— O diabo do papai — foi a resposta dele.

— E o que você aprende com o papai? — tornei a perguntar.

Ele pulou para pegar a fruta; eu a ergui ainda mais.

— E o que ele ensina para você? — perguntei.

— Nada — disse ele —, só ficá de fora do caminho dele... Papai num guenta eu, porque eu xingo ele.

— Ah, e o diabo ensina você a xingar o papai? — observei.

— É... não, num é — disse ele, devagar.

— E quem ensina, então?

— Heathcliff.

Eu perguntei se ele gostava do Sr. Heathcliff.

— Gosto! — respondeu ele de novo.

E, tendo desejado saber por que ele gostava dele, só consegui entender as frases:

— Num sei... ele trata papai do jeito que papai trata eu... e xinga o papai quando papai xinga eu. Ele diz que eu devo de fazê o que eu quero.

— E o cura não ensina você a ler e a escrever, então? — eu continuei perguntando.

— Não, falaram que o cura ia ter os dente dele enfiado naquela goela se ele passasse pela porta. Heathcliff tinha prometido aquilo!

Eu coloquei a laranja nas mãos dele, e pedi-lhe que fosse dizer ao seu pai que uma mulher chamada Nelly Dean estava esperando para falar com ele, lá no portão do jardim.

Ele foi subindo pelo caminho e entrou na casa; mas, ao invés de Hindley, Heathcliff apareceu na porta; eu dei meia-volta na hora e saí correndo pela estrada o mais rápido que podia, e só fui parar quando

alcancei o marco miliário, sentindo-me tão amedrontada como se tivesse conjurado uma aparição.

Esse fato não se relaciona muito com o caso da Srta. Isabella; a não ser por ele ter me impelido a manter uma vigilância ainda maior, e fazer tudo que estivesse ao meu alcance para evitar que uma má influência tão grande se espalhasse ainda mais na Granja, mesmo que eu pudesse desencadear uma tempestade doméstica ao estragar a alegria da Sra. Linton.

Na próxima visita do Sr. Heathcliff, minha jovem patroa estava casualmente alimentando alguns pombos no pátio. Ela não tinha dirigido a palavra a sua cunhada uma única vez naqueles três dias; mas ela também tinha parado com suas reclamações rabugentas, e isso foi um alívio para nós.

Heathcliff não tinha o costume de dirigir uma única cortesia além das necessárias à Srta. Linton, eu sabia. Mas então, assim que ele a viu, sua primeira precaução foi dar uma vistoriada detalhada na frente da casa. Eu estava parada perto da janela da cozinha, mas me afastei do campo de visão dele. Ele então passou pelas lajes do pavimento e foi até ela, e disse alguma coisa. Ela parecia embaraçada, e com vontade de sair dali; para evitar que isso acontecesse, ele colocou a mão no braço dela. Ela virou o rosto para o lado; aparentemente, ele fez alguma pergunta que ela não tinha vontade de responder. Ele lançou outro olhar rápido na direção da casa e, supondo que ninguém o via, o canalha teve a imprudência de abraçá-la.

— Judas! Traidor! — eu gritei. — Você também é um hipócrita, não é? Uma pessoa que engana de propósito.

— Quem é, Nelly? — disse a voz de Catherine, bem ao meu lado. Eu estivera absorta demais vigiando os dois lá fora para perceber a entrada dela.

— Seu vil amigo! — respondi, exaltada. — O canalha cheio de subterfúgios lá embaixo. Ah, ele nos viu, ele está entrando! Só fico pensando se ele vai ter condições de encontrar uma desculpa plausível para fazer a corte à senhorita, se ele disse para a senhora que a odiava?

A Sra. Linton viu Isabella se libertar do abraço e sair correndo para o jardim; logo em seguida, Heathcliff abriu a porta.

Eu não conseguia deixar de dar mostras da minha indignação; mas Catherine, irritada, insistiu que se fizesse silêncio, e ameaçou me colocar para fora da cozinha, se eu ousasse ser presunçosa a ponto de dar meus palpites insolentes.

— Quem ouvisse você pensaria que *você* era a patroa! — exclamou ela. — Você tem de aprender a ficar em seu lugar! Heathcliff, o que você tem em mente, criando toda essa confusão? Eu disse que você deve deixar Isabella em paz! Eu rogo que você o faça, a não ser que esteja cansado de ser recebido aqui, e deseje que Linton feche a porta na sua cara!

— Deus não permita que ele tente! — retrucou o canalha. Eu o odiei naquele instante. — Deus o conserve manso e paciente! A cada dia eu sinto uma vontade mais desesperada de mandá-lo para o céu!

— Quietos! — disse Catherine, fechando a porta de comunicação. — Não me aborreça. Por que você não levou meu pedido a sério? Ela foi falar com você por conta própria?

— O que é que você meteu na cabeça? — grunhiu ele. — Eu tenho o direito de beijá-la, se ela quiser, e você não tem o direito de objetar. Não sou *seu* marido: *você* não precisa sentir ciúmes de mim!

— Não estou com *ciúmes* de você — replicou a patroa —, estou *cuidando* de você. E não faça essa cara, você não pode me olhar desse jeito! Se você gosta de Isabella, você vai se casar com ela. Mas, gosta? Diga a verdade, Heathcliff! Ah, você não vai responder, tenho certeza de que não a ama!

— E o Sr. Linton aprovaria o casamento de sua irmã com esse homem? — perguntei.

— O Sr. Linton teria de aprovar — retrucou minha patroa, decidida.

— Ele pode se poupar o trabalho — disse Heathcliff. — Eu poderia passar muito bem sem a aprovação dele. E quanto a você, Catherine, eu estou com vontade de dizer algumas palavras agora, já que tocamos no assunto. Eu quero que você saiba de uma coisa: eu sei que você me tratou de modo infernal. Infernal! Está me escutando? E se você se compraz pensando que eu não percebo isso, você é uma tola; e se você acha que posso ser consolado com palavras doces, é uma idiota. E se supõe que eu

vou sofrer sem me vingar, vou convencer você do contrário, em muito pouco tempo! Enquanto isso, obrigado por me contar o segredo de sua cunhada. Garanto que vou tirar o maior proveito dele. E você fique de lado!

— E que nova fase da personalidade dele é essa? — exclamou a Sra. Linton, espantada. — Eu tratei você de modo infernal, e você vai se vingar! E como você vai se vingar, criatura bruta e ingrata? Como eu tratei você de modo infernal?

— Não vou me vingar de você — retrucou Heathcliff, menos exaltado. — Não é esse o plano. O tirano massacra seus escravos, e estes não se voltam contra ele, eles destroem os que estão abaixo deles. Você é bem vinda para me torturar até a morte por pura diversão, mas, permita que eu me divirta um pouco do mesmo jeito, e evite me insultar, tanto quanto você puder. Tendo destruído meu palácio, não construa uma cabana e, cheia de complacência, admire sua própria caridade ao dá-la para mim como moradia. Se eu pensasse que você realmente gostaria que eu me casasse com Isabella, eu cortaria minha garganta!

— Ah, então o problema é eu *não* sentir ciúmes, é isso? — exclamou Catherine. — Bem, não vou repetir minha proposta de uma esposa: isso é tão ruim quanto oferecer a Satã uma alma perdida. Sua alegria reside, assim como a dele, em infligir o sofrimento. Você prova isso. Edgar já superou o mau humor que ele demonstrou quando você chegou. Eu começo a me sentir segura e tranquila; e você, inquieto por ver que nós estamos em paz, parece resolvido a iniciar uma briga. Brigue com Edgar, se você quiser, Heathcliff, e engane a irmã dele; você vai encontrar o modo mais eficaz de se vingar de mim.

A conversa se interrompeu. A Sra. Linton sentou-se perto do fogo, enrubescida e melancólica. O espírito que a animava estava ficando intratável: ela não conseguia nem subjugá-lo, nem controlá-lo. Heathcliff ficou parado junto da lareira, com os braços cruzados, perdido em seus pensamentos malignos; e eu deixei-os desse jeito para ir procurar o patrão, que estava curioso para saber o que mantinha Catherine lá embaixo por tanto tempo.

— Ellen — disse ele, quando eu entrei —, você viu sua patroa?

— Sim, ela está na cozinha, senhor — respondi. — Ela está muito aborrecida com o comportamento do Sr. Heathcliff. E, para dizer a verdade, eu acho mesmo que é hora de estabelecer outro arranjo para as visitas dele. Ser cordial demais traz problemas, e agora a situação chegou a este ponto... — E eu fiz um relato da cena lá no pátio, e, tanto quanto ousei, da briga subsequente. Eu achei que isso não poderia ser prejudicial para a Sra. Linton, a não ser que ela própria se prejudicasse depois, tomando a defesa de seu convidado.

Edgar Linton mal conseguiu me escutar até o fim. Suas primeiras palavras revelaram que ele não isentava de culpa sua esposa.

— É inadmissível — exclamou ele. — É uma vergonha que ela o considere um amigo, e imponha a presença dele a mim! Chame dois homens lá do vestíbulo, Ellen. Catherine não vai ficar muito mais tempo brigando com aquele pilantra; eu já fiz por demais as vontades dela.

Ele desceu e, solicitando aos empregados que esperassem na passagem, foi, sendo seguido por mim, até a cozinha. Seus ocupantes haviam recomeçado a discussão violenta; a Sra. Linton, pelo menos, estava censurando com redobrado vigor; Heathcliff havia se aproximado da janela e estava com a cabeça baixa, aparentemente sentindo-se um pouco intimidado com a veemente reprovação dela.

Ele viu o patrão em primeiro lugar, e fez um gesto apressado para que ela ficasse em silêncio; e ela obedeceu, de modo abrupto, ao descobrir o motivo da intimação dele.

— O que é isso? — disse Linton, se dirigindo a ela. — Que ideia de decoro você tem para permanecer aqui, depois da linguagem que esse ordinário usou para se dirigir a você? Suponho, já que é o jeito habitual de ele falar, que você não se impressione com isso; você está acostumada com a baixeza dele, e, talvez, pense que eu possa me acostumar com ela também!

— Você estava ouvindo atrás da porta, Edgar? — perguntou a patroa, com um tom de voz deliberadamente calculado para provocar o marido, dando a entender que pouco se importava com a irritação dele.

Heathcliff, que erguera os olhos ao ouvir as palavras do patrão, soltou uma risada de desprezo, com o propósito, assim pareceu, de atrair a atenção do Sr. Linton para si próprio.

Ele conseguiu, mas Edgar não tinha intenção de diverti-lo com grandes demonstrações de cólera.

— Até o momento eu fui muito condescendente com o senhor — disse ele em voz baixa —, não por desconhecer seu caráter mesquinho e vil, mas por achar que o senhor era apenas parcialmente responsável por ele. E como Catherine desejasse continuar a manter um relacionamento com o senhor, eu consenti; e fui tolo. Sua presença é um veneno moral que contaminaria a pessoa mais virtuosa; por esse motivo, e para evitar consequências piores, vou impedir, de agora em diante, que o senhor entre nesta casa, e aviso, neste momento, que exijo sua partida imediata. Um atraso de três minutos vai torná-la involuntária e ignominiosa.

Heathcliff avaliou a altura e a constituição física do falante com olhos cheios de desprezo.

— Cathy, esse seu cordeirinho ameaça como se fosse um touro! — disse ele. — Ele corre o risco de despedaçar o crânio contra meu punho. Por Deus, Sr. Linton, eu sinto tanto que o senhor não seja digno nem de ser derrubado!

Meu patrão deu uma olhada na direção da passagem, e fez sinal para que eu fosse buscar os homens: ele não tinha a menor intenção de se arriscar em um confronto pessoal. Eu obedeci a indicação; mas a Sra. Linton, suspeitando de alguma coisa, me seguiu e, quando tentei chamá-los, ela me empurrou para trás, bateu a porta e a trancou.

— Que belo recurso! — disse ela, em resposta ao olhar de surpresa raivosa de seu marido. — Se você não tem coragem de atacá-lo, peça desculpas, ou aceite levar uma surra. Isso vai puni-lo por fingir ter mais hombridade do que tem. Não, vou engolir a chave antes de você se apoderar dela! Eu fui deliciosamente recompensada por minha bondade para com os dois! Depois de perdoar constantemente a natureza fraca de um, e a ruim do outro, recebo, como agradecimento, duas amostras de ingratidão cega, estúpidas ao ponto do absurdo! Edgar, eu estava defendendo você e os seus;

e agora queria que Heathcliff espancasse você até você ficar doente, por ousar pensar mal de mim!

Não foi preciso nenhuma surra para produzir esse efeito no patrão. Ele tentou arrancar à força a chave das mãos de Catherine que, como garantia, a jogou na parte mais quente do fogo; e com isso o Sr. Edgar foi tomado por um acesso de tremor nervoso, e suas feições ficaram mortalmente pálidas. Nem para salvar a vida ele conseguiria controlar aquele acesso de emoção: uma mistura de humilhação e de angústia se apoderou dele por completo. Ele se apoiou no espaldar de uma cadeira, e cobriu o rosto.

— Oh, céus! Antigamente, com essa ação, você seria sagrado cavaleiro! — exclamou a Sra. Linton. — Fomos derrotados! Fomos derrotados! Seria tão fácil Heathcliff erguer um dedo contra você como um rei levantar seus exércitos contra uma colônia de camundongos. Anime-se, ninguém lhe fará mal. Você não é um cordeiro, é um coelhinho recém-nascido.

— Espero que você seja feliz com esse covarde que tem leite nas veias, Cathy! — disse seu amigo. — Eu lhe dou os parabéns pelo seu gosto; e foi esse babão trêmulo que você preferiu a mim! Eu não bateria nele com meus punhos, mas eu lhe daria um pontapé, e sentiria uma considerável satisfação. Ele está chorando, ou vai desmaiar de medo?

Ele se aproximou e deu um empurrão na cadeira em que Linton se apoiava. Teria sido melhor ele manter distância: meu patrão rapidamente endireitou o corpo, e deu-lhe um soco na garganta que teria derrubado um homem com constituição mais fraca.

O soco tirou-lhe o fôlego por um minuto; e, enquanto ele não conseguia respirar direito, o Sr. Linton saiu pela porta de trás e foi para o pátio e, de lá, para a porta de entrada.

— Viu só? Foi sua última visita aqui! — exclamou Catherine. — Vá embora, agora; ele vai voltar com um punhado de pistolas, e meia dúzia de ajudantes. Se ele escutou nossa conversa, é claro, ele nunca vai perdoar você. Você me fez uma bela desfeita, Heathcliff! Mas, vá... rápido! Eu prefiro ver Edgar encurralado, e não você.

— E você acha que eu vou embora com aquele soco queimando em minha goela? — urrou ele. — Mas que inferno, não! Vou esmagar as

costelas dele como se fossem uma noz podre antes de cruzar a soleira da porta! Se eu não o derrubar no chão agora, eu vou matá-lo qualquer hora; então, se você dá valor à existência dele, deixe que eu o pegue!

— Ele não vai voltar — disse eu, intrometendo-me entre os dois e inventando uma mentirinha. — Lá vem vindo o cocheiro, e mais dois jardineiros; o senhor com certeza não vai esperar para ser jogado porta afora por eles! Cada um deles tem um porrete, e o patrão, com certeza, vai ficar olhando lá das janelas da sala para garantir que eles cumpram suas ordens.

Os jardineiros e o cocheiro *estavam* lá, mas Linton estava com eles. Eles já haviam entrado no pátio. Heathcliff, pensando melhor, resolveu evitar uma luta contra três empregados: ele pegou o atizador de fogo, destruiu a fechadura da porta interna e escapou na hora em que eles entravam.

A Sra. Linton, que estava demasiadamente agitada, me pediu que a acompanhasse ao andar de cima. Ela não sabia da parte que eu havia desempenhado naquele tumulto, e eu estava ansiosa para mantê-la na ignorância.

— Eu estou muito perturbada, Nelly! — exclamou ela, se jogando no sofá. — Milhares de forjas de ferreiro estão batendo em minha cabeça! Diga para Isabella me evitar... essa confusão toda se deve a ela; e se ela ou qualquer outra pessoa aumentar minha raiva agora, eu vou enlouquecer. E, Nelly, diga para Edgar, se você o vir de novo esta noite, que eu estou correndo o risco de ficar gravemente doente. Eu gostaria que isso fosse verdade. Ele me assustou e me magoou excessivamente! Eu quero assustá-lo. Além do mais, ele poderia vir aqui e começar uma ladainha de recriminações ou de reclamações; tenho certeza de que eu iria acabar respondendo, e só Deus sabe onde nós iríamos parar! Você faz isso por mim, minha boa Nelly? Você sabe que eu não posso de jeito nenhum levar a culpa nessa história. O que levou Edgar a ficar bisbilhotando? O jeito de Heathcliff falar foi vergonhoso, depois de você nos deixar; mas eu teria conseguido afastá-lo de Isabella, e o resto não tinha a menor importância. Agora, tudo deu errado por causa dessa vontade que um tolo tem de ouvir

falar mal de si mesmo e que atormenta certas pessoas como se fosse o demônio! Se Edgar não tivesse ouvido nossa conversa, ele não teria sido prejudicado por isso. Estou falando sério, quando ele começou a falar comigo com aquele tom de desgosto tão irracional, depois de eu ter, por causa *dele*, recriminado Heathcliff até perder a voz, pouco me importava o que eles fizessem um para o outro, principalmente por eu sentir que, qualquer que fosse o fim daquilo, nós seríamos separados uns dos outros por ninguém sabe quanto tempo! Bem, se eu não posso ter Heathcliff como amigo, se Edgar vai ser mesquinho e ciumento, eu vou tentar partir o coração deles, partindo o meu próprio. Esse é um bom jeito de acabar com tudo, quando sou levada a extremos! Mas esse é um recurso a ser deixado para quando toda a esperança estiver perdida; não quero surpreender Linton com isso. Até agora, ele foi cauteloso, temendo me provocar; você tem de mostrar o perigo de ele deixar de lado essa atitude, e fazer com que ele se lembre de meu gênio explosivo, que chega, quando é atijado, à loucura. Eu gostaria que você perdesse essa sua expressão apática, e parecesse mais preocupada comigo!

A calma com que eu recebera essas instruções era, sem dúvida, bastante exasperadora, pois elas tinham sido dadas com toda a sinceridade; mas, em minha opinião, uma pessoa que tinha a capacidade de, antecipadamente, tirar proveito de seus acessos de raiva poderia, com um pouco de força de vontade, se comportar de modo tolerável, mesmo quando estivesse sob a influência deles. E eu não tinha vontade de “assustar” seu marido, como ela havia colocado, e multiplicar os desgostos dele com o propósito de favorecer o egoísmo dela.

Por isso, eu não falei nada ao encontrar o patrão vindo na direção da sala; mas tomei a liberdade de voltar para escutar se eles iriam recomeçar a sua briga.

Ele começou a falar.

— Fique onde está, Catherine — disse ele, sem nenhuma raiva na voz, mas com um tom de grande desânimo. — Eu não vou ficar aqui. Não vim para brigar, nem para me reconciliar; mas eu só quero saber se, depois dos acontecimentos desta noite, você tenciona continuar sua amizade com...

— Oh, pelo amor de Deus! — interrompeu a patroa, batendo o pé. — Pelo amor de Deus, não vamos mais falar nisso! Seu sangue frio não pode ser levado a um acesso de febre; suas veias estão cheias de água gelada, mas as minhas estão fervendo, e só de ver tamanha frieza elas ficam saltando.

— Para se livrar de mim, responda à minha pergunta — insistiu o Sr. Linton. — Você *tem* de respondê-la; e essa violência não me assusta. Eu já descobri que você consegue ser tão estoica quanto qualquer outra pessoa, quando deseja. Você vai abandonar Heathcliff daqui para a frente, ou vai me abandonar? É impossível para você ser *minha* amiga e *dele* ao mesmo tempo. Eu *exijo* terminantemente saber quem você vai escolher!

— Eu exijo ser deixada em paz! — exclamou Catherine, furiosa. — Eu estou mandando! Você não vê que eu mal consigo ficar em pé? Edgar, você... você me deixe em paz!

Ela tocou a campainha até ela se partir com um estalido: eu entrei calmamente. Era suficiente para acabar com a paciência de um santo uma demonstração de raiva tão insensata e maldosa. E lá estava ela, batendo a cabeça contra o braço do sofá, e rangendo os dentes de um jeito que dava para pensar que ela iria reduzi-los a pedaços!

O Sr. Linton estava parado, olhando-a com um remorso e um temor repentinos. Ele me disse para ir buscar um pouco de água. Ela estava sem fôlego e não falava.

Eu trouxe um copo cheio; e, como ela não conseguia beber, borrifei um pouco de água em seu rosto. Em poucos segundos ela ficou rígida, e revirou os olhos, enquanto suas faces ficaram subitamente brancas e pálidas, assumindo um aspecto mortal.

Linton parecia apavorado.

— Isso não tem a menor importância — disse eu, sussurrando. Eu não queria que ele cedesse, embora não pudesse deixar de sentir medo no fundo do meu coração.

— Os lábios dela estão sangrando! — disse ele, tremendo.

— Não se impressione! — respondi, bruscamente. E lhe contei como ela havia resolvido, antes da chegada dele, exibir um acesso de raiva.

Inadvertidamente, eu fiz o relato em voz alta; e ela me ouviu, pois teve um sobressalto, os cabelos caindo sobre os ombros, os olhos cintilando, os músculos do pescoço e dos braços salientes de um modo que não era normal. Eu comecei a pensar em ossos quebrados, pelo menos; mas ela apenas olhou ao seu redor por um instante, e então saiu correndo da sala.

O patrão me deu ordens de segui-la; eu o fiz, até o quarto, mas ela impediu que eu fosse adiante fechando a porta na minha cara.

Como ela não se dispunha a descer para tomar o café da manhã no dia seguinte, eu fui perguntar se ela desejava que eu levasse um pouco de comida para ela.

— Não! — respondeu ela, de modo categórico.

A mesma pergunta foi repetida na hora do jantar e do chá; e igualmente na manhã seguinte; e recebi a mesma resposta.

O Sr. Linton, por sua vez, passou o tempo na biblioteca, e não fez perguntas relativas às ocupações de sua esposa. Isabella e ele haviam tido uma conversa de uma hora, durante a qual ele tentou extrair dela alguma manifestação de horror em relação aos avanços de Heathcliff; porém, ele não conseguiu tirar conclusões das respostas evasivas dela, e foi obrigado a terminar a entrevista de modo insatisfatório, acrescentando, contudo, uma advertência solene: de que se ela fosse tão insensata a ponto de encorajar aquele indigno pretendente, isso acabaria com todos os laços afetivos entre ela e ele.



XII

Enquanto a Srta. Linton caminhava tristemente pelo parque e pelo jardim, sempre silenciosa, e quase sempre em lágrimas; e seu irmão se fechava entre os livros que ele nunca abria, desgastando-se, acredito, em uma contínua e vaga esperança de que Catherine, arrependida de sua conduta, desceria por vontade própria para pedir perdão e buscar uma reconciliação, e enquanto *ela* jejuava com pertinácia, provavelmente influenciada pela ideia de que a cada refeição Edgar estivesse prestes a sufocar por causa da ausência dela, e que apenas o orgulho o impedia de ir correndo se jogar aos seus pés, eu continuava a cumprir com minhas tarefas domésticas, convencida de que a Granja tinha somente uma única alma sensata entre suas paredes, e que ela se alojava em meu corpo.

Não desperdicei condolências com a jovem, nem recriminações com minha patroa, e nem prestei atenção aos suspiros de meu patrão, que ansiava por ouvir o nome de sua esposa, já que não podia ouvir a voz dela.

Eu estava determinada a deixá-los agir conforme bem entendessem; e embora fosse um processo lento e cansativo, finalmente comecei a me alegrar com uma tênue indicação de progresso, como eu a princípio julguei que ela fosse.

No terceiro dia, a Sra. Linton destravou a sua porta, e tendo acabado com a água em sua jarra e na garrafa, disse desejar um suprimento novo e uma tigela de mingau, pois ela acreditava estar morrendo. Esse eu tomei como um discurso destinado aos ouvidos de Edgar; eu não acreditava em tal coisa, então não fiz comentários, e levei para ela um pouco de chá e torradas.

Ela comeu e bebeu com avidez, e afundou a cabeça no travesseiro de novo, cerrando as mãos e gemendo.

— Ah, eu vou morrer — exclamou ela —, já que ninguém se importa nem um pouco comigo. Gostaria de não ter comido aquilo.

Então, bom tempo depois eu a ouvi murmurando:

— Não, não vou morrer... ele ficaria feliz... ele não me ama mesmo... ele nunca sentiria minha falta!

— A senhora deseja mais alguma coisa, patroa? — perguntei, ainda mantendo minha compostura exteriormente, apesar da fisionomia lívida dela e de seu comportamento estranhamente exagerado.

— O que aquela criatura apática está fazendo? — perguntou ela, afastando os espessos cachos emaranhados de seu rosto emaciado. — Ele caiu em uma letargia ou está morto?

— Nenhum dos dois — retruquei —, se a senhora está se referindo ao Sr. Linton. Ele está passando razoavelmente bem, acho, embora seus estudos o mantenham ocupado um pouco mais do que deveriam; ele fica o tempo todo entre seus livros, já que não tem outra companhia.

Eu não deveria ter falado dessa maneira, se tivesse imaginado o verdadeiro estado em que ela se encontrava, mas eu não conseguia me livrar da ideia de que ela estava fingindo uma parte de sua doença.

— Entre seus livros! — exclamou ela, perturbada. — E eu aqui, morrendo! E eu, à beira da sepultura! Meu Deus! Ele sabe como eu estou alterada? — prosseguiu ela, encarando seu reflexo no espelho que estava pendurado na parede oposta. — Aquela é a Catherine Linton? Ele imagina que eu estou mal-humorada... fingindo, talvez. Você não pode lhe dizer que isto é terrivelmente sério? Nelly, se não for tarde demais, assim que eu souber como ele se sente, vou escolher uma entre duas opções: ou morrer de fome, e isso não seria punição, a não ser que ele tivesse um coração, ou sarar e partir desta região. Você está falando a verdade a respeito dele agora? Cuidado. Ele se sente mesmo tão completamente indiferente em relação à minha vida?

— Mas, patroa — respondi —, o patrão não tem ideia de que a senhora não está passando bem; e, é claro, ele não teme que a senhora vá se deixar morrer de fome.

— Você acha que não? Não dá para você lhe dizer que eu vou? — retrucou ela. — Convença-o... fale por sua conta... diga que você tem certeza de que eu vou morrer!

— Não, a senhora está esquecendo, Sra. Linton — sugeri —, que comeu um pouco de comida com apetite agora à tarde, e amanhã sentirá os bons efeitos dela.

— Se eu tivesse certeza de que isso o mataria — disse ela me interrompendo —, eu me mataria agora mesmo! Estas três noites medonhas, eu não fechei os olhos... e, ah, eu fui atormentada! Fui assombrada, Nelly! Mas eu estou começando a achar que você não gosta de mim. Que estranho! Eu achava que, embora todos odiassem e desprezassem uns aos outros, eles não poderiam deixar de me amar; e todos eles se transformaram em inimigos em poucas horas. *Eles* se transformaram, tenho certeza, as pessoas *desta casa*. Como é pavoroso enfrentar a morte, rodeada por seus rostos frios! Isabella, apavorada e cheia de repulsa, com medo de entrar no quarto, achando que seria tão horrível ver Catherine morrer. E Edgar, solene, parado ao meu lado, para ver tudo se acabar; e então dando graças a Deus por ter a paz restaurada em sua casa, e ele poder voltar para seus *livros*! O que, em nome de todos os sentimentos, tem ele a ver com *livros*, quando eu estou morrendo?

Ela não conseguia tolerar a ideia que eu lhe havia colocado na cabeça a respeito da resignação filosófica do Sr. Linton. Agitada, ela levou seu aturdimento febril à loucura, e rasgou o travesseiro com os dentes; então se levantou, queimando em febre, e pediu que eu abrisse a janela. Nós estávamos no meio do inverno, o vento nordeste soprava com força, e eu me recusei.

Tanto as expressões que se sucediam rapidamente em seu rosto, quanto as mudanças de seu estado, começaram a me deixar terrivelmente assustada; e me fizeram lembrar sua antiga enfermidade, e a recomendação do médico de que ela não deveria ser contrariada.

Um minuto antes ela estava violenta; agora, apoiada em um braço, e sem prestar atenção em minha recusa em obedecer às suas ordens, ela parecia sentir um prazer infantil em arrancar as penas do travesseiro através dos rasgos que acabara de fazer, e ordená-las sobre os lençóis de acordo com as diferentes espécies: a mente dela se afastara para outras associações.

— Esta é de peru — dizia ela para si mesma —, e esta é de pato selvagem; e esta é de pomba. Ah, eles colocam penas de pomba nos travesseiros... não é de se espantar que eu não conseguisse morrer. É melhor eu ser providente e jogar no chão quando for me deitar. E aqui está a de um tetraz; e esta... eu a reconheceria entre milhares... é de um pavoncinho. Feroso pássaro; revolteando sobre nossas cabeças no meio da charneca. Ele queria ir até o ninho dele, porque as nuvens estavam baixas, e ele sabia que a chuva ia cair logo. Pegaram esta pena no meio das urzes, não atiraram no passarinho; nós vimos o ninho dele no inverno, cheio de esqueletinhos. Heathcliff colocou uma armadilha no ninho, e os pais não tiveram coragem de se aproximar. Eu fiz Heathcliff prometer que nunca mais iria atirar em um pavoncinho depois disso, e ele não atirou. É, aqui tem mais! Ele atirou nos meus pavoncinhos, Nelly? Uma das penas não estão vermelhas? Deixe-me dar uma olhada.

— Pare com essa brincadeira de criança! — interrompi eu, afastando o travesseiro e virando os buracos para o lado do colchão, porque ela estava tirando o recheio dele aos punhados. — Deite-se e feche os olhos, a senhora está delirando. Que bagunça! A penugem está caindo por todos os lados, como se fosse neve!

Saí andando de um lado para outro, pegando as penas.

— Eu vejo em você, Nelly — continuou ela, sonhadora —, uma mulher velha... você tem o cabelo grisalho, e seus ombros estão encurvados. Esta cama é a caverna das fadas debaixo das Colinas de Penistone, e você está pegando as flechas dos elfos para ferir nossas novilhas; fingindo, enquanto estou por perto, que elas são apenas punhados de lã. É assim que você vai ser daqui a cinquenta anos; eu sei que você não é assim agora. Não estou delirando! Você está enganada, ou então eu iria acreditar que você *era* mesmo aquela bruxa esfarrapada, e eu iria pensar que eu *estava* debaixo das Colinas de Penistone, e eu tenho certeza de que é noite, e tem duas velas sobre a mesa fazendo o armário preto brilhar como se fosse azeviche.

— O armário preto? Onde ele está? — perguntei. — A senhora está falando dormindo!

— Ele está encostado à parede, onde sempre esteve — retrucou ela. — Ele *está* com uma aparência estranha... dá para eu ver um rosto nele!

— Não tem nenhum armário no quarto, e nunca teve — disse eu, voltando a me sentar, e erguendo a cortina, para poder observá-la.

— Você não está vendo aquele rosto? — perguntou ela, olhando com seriedade para o espelho.

E não importava o que eu dissesse, eu não conseguia fazê-la entender que era o rosto dela; então eu me levantei e o cobri com um xale.

— Ele ainda está lá atrás! — continuou ela, ansiosa. — E ele se mexeu. Quem é? Tomara que ele não saia de lá depois que você sair daqui! Oh! Nelly, o quarto é assombrado! Estou com medo de ficar sozinha!

Peguei a mão dela nas minhas, e lhe pedi que se acalmasse, pois uma sucessão de tremores agitava seu corpo, e ela *continuava* a dirigir o olhar para o espelho.

— Não tem ninguém lá! — insisti. — Era *seu rosto*, Sra. Linton; a senhora sabia disso agorinha mesmo.

— Meu rosto — ela disse, ofegante —, e o relógio está batendo meia-noite! É verdade, então; isso é horrível!

Os dedos dela agarraram as cobertas, e as puxaram sobre seus olhos. Eu tentei ir disfarçadamente até a porta, tencionando chamar seu marido; mas fui chamada de volta por um grito lancinante. O xale havia caído da moldura do espelho.

— O que foi, o que *está* acontecendo? — exclamei. — Quem é o covarde agora? Acorde! Aquele é o espelho... o espelho, Sra. Linton; e a senhora está se vendo nele, e lá estou eu também ao seu lado.

Trêmula e confusa, ela me segurou, mas o horror gradualmente sumiu do rosto dela; sua palidez deu lugar a um rubor de vergonha.

— Oh meu Deus! Eu achei que estava em casa — suspirou ela. — Eu achei que estava deitada no meu quarto no Morro dos Ventos Uivantes. Por eu estar fraca, minha cabeça ficou confusa, e eu gritei sem ter consciência disso. Não diga nada, mas fique comigo. Tenho medo de dormir; meus sonhos me apavoram.

— Uma boa noite de sono lhe faria bem, senhora — respondi. — E eu espero que esse sofrimento a impeça de tentar morrer de fome de novo.

— Ah, se eu estivesse na minha própria cama na velha casa! — continuou ela, com amargura, retorcendo as mãos. — E aquele vento soando nos abetos ao lado das gelosias. Deixe-me senti-lo... ele vem direto lá da charneca... deixe-me sentir uma única vez!

Para acalmá-la, eu mantive os postigos abertos por alguns segundos. Uma rajada de vento gelado entrou no quarto; eu os fechei, e voltei para meu posto.

Ela estava deitada de novo, as faces banhadas em lágrimas. A exaustão física havia dominado seu espírito por completo; nossa orgulhosa Catherine não era nada mais do que uma criança chorona!

— Quanto tempo faz, desde que eu me tranquei aqui? — perguntou ela, subitamente se reanimando.

— Foi na noite de segunda-feira — respondi —, e agora é a noite de quinta-feira; ou melhor, agora é a madrugada de sexta-feira.

— O quê? Da mesma semana? — exclamou ela. — Tão pouco tempo?

— É muito tempo para sobreviver somente com água e mau gênio — observei.

— Bom, para mim, foram horas muito cansativas — resmungou ela, duvidosa. — Deve fazer mais tempo. Eu me lembro de estar na sala, depois de eles terem discutido; e de Edgar ter me provocado cruelmente, e de eu ter corrido para este quarto, desesperada. Assim que eu tranquei a porta, a escuridão total se apossou de mim, e eu caí no chão. Eu não tinha condições de explicar para Edgar minha certeza de que ia ter um ataque, ou que iria enlouquecer, se ele continuasse a me importunar! Eu não conseguia controlar a língua ou o cérebro, e ele talvez não tenha percebido minha agonia, que quase me impediu de tentar fugir dele e da voz dele. Antes de eu me recuperar o suficiente para voltar a ver e a ouvir, começou a amanhecer; e, Nelly, eu vou lhe dizer o que eu pensei, e o que ficou voltando à minha cabeça até eu ter medo de que fosse perder a razão. Eu pensei, enquanto estava deitada aqui, com a cabeça encostada à perna da mesa, e meus olhos mal percebendo o retângulo acinzentado da janela, que

eu estava deitada na cama de carvalho com os painéis lá em casa; e meu coração doía por causa de algum grande pesar que, assim que eu acordei, eu não conseguia recordar. Eu fiquei refletindo, e me angustiei para descobrir o que poderia ser; e, que coisa mais estranha, os últimos sete anos de minha vida se transformaram em um vazio! Eu não me lembrava do que havia acontecido neles, de jeito nenhum. Eu era uma criança; meu pai tinha acabado de ser enterrado, e minha infelicidade se devia ao fato de Hindley ter ordenado que Heathcliff fosse separado de mim. Eu estava deitada sozinha, pela primeira vez, e, ao acordar depois de um sono breve e pavoroso, depois de passar a noite chorando, eu ergui minha mão para empurrar os painéis para o lado: ela bateu no tampo da mesa! Eu passei a mão pelo carpete, e então as lembranças se apoderaram de mim... minha angústia mais recente foi consumida por um paroxismo de desespero. Eu não sabia dizer por que eu me sentia tão profundamente infeliz... deve ter sido uma alucinação temporária, pois não há um motivo sério. Mas, suponha que, aos doze anos de idade, eu tivesse sido arrancada do Morro, e afastada de todas as minhas recordações anteriores, e de tudo o que era importante para mim, como Heathcliff era naquela época, e tivesse sido transformada, em um instante, na Sra. Linton, a patroa da Granja da Cruz do Tordo, e esposa de um estranho; uma exilada, uma proscrita, a partir daquele momento, de tudo o que havia sido o meu mundo. Você pode ter uma ligeira ideia do abismo em que eu rastejava! Balance a cabeça quanto você quiser, Nelly, *você* me ajudou a perder o equilíbrio! Você deveria ter falado com Edgar, você deveria mesmo, e ter feito com que ele me deixasse em paz! Oh, eu estou queimando! Eu gostaria de estar lá fora... Eu queria ser uma criança de novo, meio selvagem, audaciosa e livre; e rindo dos maus-tratos, não enlouquecendo por causa deles! Por que eu estou tão diferente? Por que meu sangue se tumultua por causa de umas poucas palavras? Tenho certeza de que eu seria eu mesma assim que estivesse entre as urzes, naqueles morros. Escancare a janela de novo, e a mantenha aberta! Rápido, por que você não se mexe?

— Porque eu não quero causar sua morte por frio — respondi.

— Você não quer é me dar uma chance de viver, é isso o que você quer dizer — disse ela, emburrada. — Mas, eu ainda não estou à mercê dos outros, vou abrir a janela eu mesma.

E, escorregando da cama antes que eu pudesse impedi-la, ela atravessou o quarto com passos bastante incertos, abriu a janela e se debruçou, sem se preocupar com os ventos gelados que sopravam cortantes sobre seus ombros, como se fossem facas.

Eu supliquei, e finalmente ameacei usar da força para fazê-la sair da janela. Mas logo percebi que o delírio a fazia ficar muito mais forte do que eu (ela *estava* delirando, eu me convenci disso por causa de suas ações e divagações subsequentes).

A lua não era visível no céu, e tudo lá embaixo jazia envolto em uma escuridão cheia de brumas; nenhuma luz vinda das casas próximas ou distantes podia ser vista; todas elas haviam sido apagadas há muito tempo; e as do Morro dos Ventos Uivantes nunca eram visíveis. Mesmo assim, ela garantiu que conseguia ver o brilho delas.

— Olhe! — exclamou ela, ansiosa. — Lá está o meu quarto, com a vela acesa, e as árvores balançando na frente dele; e a outra vela está no torreão de Joseph. O Joseph fica acordado até tarde, não fica? Ele está esperando até eu voltar para casa, para ele poder fechar o portão. Bem, ele ainda vai esperar um pouco. É uma árdua jornada, e é preciso um coração comedido para empreendê-la; e nós temos de passar pela Igreja de Gimmerton, para fazer essa jornada! Tantas vezes nós enfrentamos juntos os seus fantasmas, e desafiamos um ao outro a ficar parado entre os túmulos e pedir aos fantasmas que aparecessem. Mas, Heathcliff, se eu desafiá-lo agora, você vai se arriscar? Se você aceitar, eu fico com você. Eu não vou ficar lá deitada sozinha; eles podem me enterrar a doze palmos de profundidade, e derrubar a igreja por cima de mim, mas eu não vou descansar enquanto você não estiver comigo. Não vou mesmo!

Ela fez uma pausa, e continuou a falar, com um sorriso estranho:

— Ele está pensando... ele preferiria que eu fosse até ele! Descubra um jeito, então! Não através daquele campo-santo. Você é tão lento! Fique tranquilo, você sempre me seguiu!

Percebendo que era inútil tentar ser racional com ela naquele estado, eu estava pensando em como para pegar alguma coisa para cobri-la, sem deixar de segurá-la, pois eu não podia deixá-la sozinha ali na janela aberta, quando, para minha consternação, ouvi o barulho da maçaneta, e o Sr. Linton entrou. Ele havia acabado de sair da biblioteca; e, ao passar pelo vestíbulo, havia percebido nossa conversa e sido levado, pela curiosidade ou pelo temor, a verificar o que aquilo significava àquela hora da noite.

— Oh, patrão! — exclamei, evitando que ele se manifestasse perante a visão com que ele se defrontara, e a atmosfera lúgubre do quarto. — Minha pobre patroa está doente, e ela é mais forte que eu; não consigo controlá-la; por favor, venha e a convença a ir para a cama. Esqueça sua raiva, pois é difícil fazê-la agir se não for do jeito que ela quer.

— Catherine está doente? — disse ele, correndo em nossa direção. — Feche a janela, Ellen! Catherine! Por que...

Ele ficou em silêncio; as feições desvairadas da Sra. Linton deixaram-no mudo, e ele só conseguia olhar para ela e para mim em um espanto horrorizado.

— Ela ficou se maltratando aqui — continuei — sem comer quase nada, e sem reclamar; ela não permitiu que ninguém entrasse, até esta noite, e então nós não tínhamos condições de informar o senhor a respeito do estado dela, já que nós mesmos não sabíamos o que estava acontecendo, mas não é nada.

Eu percebi que estava dando minhas explicações com muita falta de jeito; o patrão franziu as sobrancelhas.

— Não é nada, não é, Ellen Dean? — disse ele, severo. — Você vai me prestar contas por ter me mantido na ignorância disto! — e ele pegou a esposa nos braços, e a olhou angustiado.

A princípio, ela não deu mostras de reconhecê-lo; ele não estava visível aos seus olhos absortos. O delírio ainda não a havia dominado, entretanto; tendo afastado o olhar da escuridão lá de fora, aos poucos ela concentrou sua atenção no marido, e descobriu quem era que a estava segurando.

— Ah, você veio, não é, Edgar Linton? — disse ela com uma excitação raivosa. — Você é uma daquelas coisas que são sempre encontradas quando

são menos necessárias; e quando são necessárias, nunca! Suponho que nós vamos ter um mundo de lamentações agora... eu vejo que vamos ter... mas elas não podem me afastar de meu estreito lar lá longe, meu lugar de descanso, para onde irei antes de a primavera acabar! Lá está ele, não entre os Lintons, preste atenção, sob o teto da capela; mas ao ar livre, com uma lápide de pedra, e você pode fazer o que bem entender, ou ir ficar com eles, ou comigo!

— Catherine, o que você fez? — começou a dizer o patrão. — Eu não significo mais nada para você? Você ama aquele desgraçado do Heath...

— Cale a boca! — exclamou a Sra. Linton. — Cale a boca, agora! Pronuncie esse nome e eu acabo com tudo agora, pulando pela janela! O que você está segurando agora, você pode ter; mas minha alma vai estar lá no alto daquele morro antes que você ponha suas mãos em mim de novo. Eu não quero você, Edgar; foi-se o tempo em que eu queria. Volte para seus livros. Fico feliz por você ter um consolo, porque todo o consolo que você tinha em mim já se acabou.

— A mente dela está delirando, patrão — eu interrompi. — Ela ficou falando coisas sem sentido a noite inteira; mas, vamos fazer com que ela tenha os cuidados necessários e tranquilidade, e ela vai se recuperar. De agora em diante, precisamos tomar cuidado para não aborrecê-la.

— Não quero mais seus conselhos — respondeu o Sr. Linton. — Você conhecia o gênio de sua patroa, e me encorajou a perturbá-la. E não me deu nem a menor indicação de como ela tinha passado estes três dias! É muita falta de coração! Meses de doença não poderiam ter causado uma mudança tão grande!

Comecei a me defender, pensando que era ruim demais ser culpada pela perversa teimosia de outra pessoa!

— Eu sabia que a natureza da Sra. Linton era obstinada e dominadora — exclamei —, mas eu não sabia que o senhor desejava encorajar o gênio ruim dela! Eu não sabia que, para deixá-la contente, eu deveria fechar os olhos para o comportamento do Sr. Heathcliff. Eu fiz o dever de uma empregada fiel contando para o senhor, e recebi o pagamento dado a uma empregada fiel! Bom, isso vai me ensinar a ter mais cuidado da próxima

vez. Da próxima vez, o senhor pode obter suas informações por conta própria!

— Da próxima vez que você vier me contar histórias, você vai sair do emprego, Ellen Dean — retrucou ele.

— O senhor então preferiria não ouvir nada a respeito disso, suponho? — disse eu. — Heathcliff tem sua permissão para vir cortejar a senhorita, e para aparecer em cada oportunidade propiciada por sua ausência, com o intuito de envenenar a patroa contra o senhor?

Mesmo confusa como Catherine estava, sua atenção estava concentrada em nossa conversa.

— Ah! Nelly fez o papel de traidora! — exclamou ela, excitada. — Nelly é meu inimigo oculto. Sua bruxa! Então você está mesmo procurando as flechas dos elfos para nos ferir! Solte-me, e vou fazê-la se arrepender! Vou fazê-la gritar pedindo desculpas!

Uma fúria insana se acendeu em seus olhos; ela lutou desesperadamente para se soltar dos braços do Sr. Linton. Eu não senti a menor vontade de ficar testemunhando os acontecimentos; e, decidida a procurar ajuda médica por conta própria, saí do quarto.

Ao passar pelo jardim para chegar à estrada, em um local onde uma argola para arreios de cavalos está presa à parede, vi alguma coisa branca se mexendo de modo irregular, evidentemente por outro motivo além do vento. Apesar da minha pressa, eu parei para examinar o que era aquilo, ou então eu teria para o resto da vida impressa em minha mente a certeza de que era uma criatura do outro mundo.

Grandes foram minha surpresa e minha perplexidade ao descobrir, mais pelo tato do que pela visão, que era a cadelinha *springer* da Srta. Isabella, Fanny, pendurada por um lenço, e quase morrendo.

Rapidamente soltei a cadelinha, e a coloquei no jardim. Eu a havia visto acompanhando sua dona ao andar de cima, quando a Srta. Isabella tinha ido dormir, e fiquei pensando como ela poderia ter vindo parar ali, e que pessoa maldosa a havia tratado daquele modo.

Enquanto soltava o nó do gancho, fiquei com a impressão de ter ouvido o barulho contínuo de patas de cavalo galopando a certa distância; mas

havia tantas coisas para ocupar meus pensamentos que eu mal dei atenção àquela circunstância, embora fosse um som estranho, naquele local, às duas horas da manhã.

Felizmente, o Sr. Kenneth estava saindo de casa para visitar um paciente no vilarejo quando eu vinha pela rua; e meu relato sobre a doença de Catherine Linton fez com que ele me acompanhasse até a Granja na mesma hora.

Ele era um homem simples e rústico; e não sentiu escrúpulos de mencionar suas dúvidas quanto a ela sobreviver a esse segundo ataque, a não ser que ela fosse mais submissa aos seus conselhos do que havia demonstrado ser antes.

— Nelly Dean — disse ele —, não posso deixar de pensar que há uma causa a mais para esse acontecimento. O que andou acontecendo na Granja? Nós tivemos umas notícias estranhas por aqui. Uma moça forte e vigorosa como Catherine não fica doente por uma coisa à toa; e esse tipo de gente nem deveria ficar. É muito difícil fazer com que eles se recuperem de febres e tais coisas. Como tudo começou?

— O patrão vai contar para o senhor — respondi —, mas o senhor conhece o gênio violento dos Earnshaw, e o da Sra. Linton ganha do de todos eles. Eu posso dizer o seguinte: começou com uma briga. Ela foi acometida, no meio de um acesso de cólera, por algum tipo de ataque. Isso é o que ela diz, pelo menos; porque ela saiu correndo no momento de maior tensão e se trancou no quarto. Depois, ela se recusou a comer, e agora ela alterna entre delírios e um tipo de sonho, reconhecendo as pessoas que estão ao lado dela, mas fica com a cabeça cheia de todos os tipos de ideias estranhas e de ilusões.

— O Sr. Linton vai sentir muito? — disse Kenneth, com ar interrogativo.

— Sentir? Ele vai ficar com o coração partido se alguma coisa acontecer! — retruquei. — Não o assuste mais do que for necessário.

— Bem, eu lhe disse para ficar atento — disse meu acompanhante —, e ele deve assumir as consequências de ter negligenciado meu aviso! Ele não tem mantido relações cordiais com o Sr. Heathcliff ultimamente?

— Heathcliff visita a Granja com frequência — respondi —, embora muito mais pela amizade de infância com a patroa do que pelo fato de o patrão gostar da companhia dele. Atualmente, ele não precisa se dar ao trabalho de ir visitar, por causa de umas aspirações presunçosas que ele manifestou em relação à Srta. Linton. Não consigo acreditar que ele seja recebido lá novamente.

— E a Srta. Linton o rejeita? — foi a outra pergunta do médico.

— Ela não me conta seus segredos — respondi, relutando em continuar o assunto.

— Não, ela é arisca — observou o médico, balançando a cabeça. — Ela segue suas próprias opiniões! Mas ela é mesmo uma tolinha. Eu soube por uma fonte confiável que a noite passada (e era uma linda noite!) ela e Heathcliff estavam caminhando no arvoredor que fica atrás da casa, mais de duas horas; e ele a pressionou para não entrar de novo, mas montar no cavalo dele e ir embora com ele! Meu informante disse que ela só conseguiu fazê-lo desistir da ideia dando a palavra de honra de que estaria preparada no primeiro encontro depois desse: quando ele deveria acontecer, ele não escutou, mas você faça o Sr. Linton ficar atento!

Essa notícia me encheu de novos temores; eu deixei Kenneth para trás e corri por quase todo o caminho de volta. A cachorrinha ainda estava ganindo no jardim. Eu parei um minuto para abrir o portão para ela; porém, ao invés de se dirigir para a porta da casa, ela correu de um lado para outro, farejando a grama, e teria escapado para a estrada, se eu não a tivesse segurado e levado comigo.

Ao subir para o quarto de Isabella, minhas suspeitas foram confirmadas: ele estava vazio. Se eu tivesse aparecido umas horas antes, a doença da Sra. Linton talvez tivesse impedido sua atitude precipitada. Mas o que poderia ser feito agora? Se eles fossem perseguidos imediatamente, havia uma tênue possibilidade de alguém alcançá-los. *Eu* não tinha condições de segui-los, contudo; e não ousei acordar todo o mundo e encher o local de confusão; menos ainda dar a notícia para meu patrão, envolvido como ele estava em sua presente calamidade, e não tendo coração para suportar um segundo desgosto!

Eu não vi alternativa a não ser manter a boca fechada e aceitar que as coisas seguissem o seu rumo; e tendo Kenneth chegado, fui anunciá-lo com uma expressão não muito composta.

Catherine estava dormindo em um sono perturbado; o marido havia conseguido acalmar o acesso de fúria. Ele agora estava debruçado sobre o travesseiro dela, observando cada sombra e cada mudança em suas feições dolorosamente expressivas.

Ao examinar pessoalmente o caso, o médico falou esperançoso com o Sr. Linton a respeito de a doença ter um final feliz, se nós conseguíssemos preservar ao lado de Catherine uma tranquilidade perfeita e constante. Para mim, ele confidenciou que a maior ameaça não era tanto a morte quanto a alienação mental permanente.

Eu não fechei os olhos aquela noite, nem o Sr. Linton; na verdade, nós nem chegamos a ir dormir; e os empregados estavam todos acordados muito antes da hora costumeira, andando pela casa com passos silenciosos, e trocando sussurros quando se encontravam fazendo suas tarefas. Todos estavam ativos, menos a Srta. Isabella; e eles começaram a observar como ela dormia profundamente. Seu irmão também perguntou se ela havia se levantado, e parecia esperar a presença dela com impaciência, magoado por ela mostrar tão pouco cuidado com a cunhada.

Eu tremia só de pensar que ele pudesse me mandar chamá-la; mas fui poupada da dor de ser a primeira a anunciar sua fuga. Uma das empregadas, uma menina desmiolada, que havia saído cedo fazer um serviço em Gimmerton, subiu a escada resfolegando, com a boca aberta, e irrompeu no quarto, gritando:

— Ai meu Deus! Meu Deus! O qu'ê que vai contecê agora? Patrão, patrão, nossa patroinha...

— Fique quieta! — eu me apressei a dizer, com raiva por causa dos modos estabanados dela.

— Fale mais baixo, Mary... Qual é o problema? — disse o Sr. Linton.
— Qual é o problema da sua jovem patroa?

— Ela foi s'imbora, s'imbora! O tar do Heathcliff fugiu com ela! — resfolegou a garota.

— Isso não é verdade! — exclamou Linton, muito agitado. — Não pode ser... como essa ideia pode ter passado pela sua cabeça? Ellen Dean, vá buscá-la... é incrível... não pode ser.

Enquanto ele falava, ele levou a empregada até a porta, e então repetiu sua pergunta, querendo saber as razões dela para fazer tal afirmação.

— Ora, eu s'encontrei na estrada com um rapaz que pega leite aqui — ela gaguejou —, e ele me perguntou se nós não tava tendo pobrema aqui na Granja. Eu pensei que ele tava querendo dizer a doença da patroa, e respondi que sim. Então ele diz, “ah, então tem arguém atrás deles?” Eu só olhei pra cara dele. Ele viu que eu num sabia de nada, e me contou que um cavalhero e uma dama tinha parado no ferreiro pra consertar uma ferradura do cavalo, uns três quilômetro de Gimmerton, pouco depois da meia-noite! E que a filha do ferreiro tinha levantado pra dá uma espiada e vê quem eles era: ela reconheceu os dois na hora, e ela viu que o homem (era o Heathcliff, ela tinha certeza: ninguém não podia s'enganá a respeito) botô um soberano na mão do pai dela, como pagamento. A dama tinha um véu cobrindo o rosto dela; mas como ela quis um copo d'água, enquanto ela bebia, o véu caiu, e a menina viu ela direitinho. O Heathcliff segurava as rédea dos dois cavalo quando eles foram s'imbora, eles deram as costa pra vila e foram tão rápido quanto a estrada ruim permitia que eles fosse. A moça num disse nada pro pai, mas contou pra todo mundo em Gimmerton hoje de manhã.

Eu corri e dei uma olhada, para manter as aparências, no quarto de Isabella, confirmando, ao voltar, o relato da empregada. O Sr. Linton havia voltado a ocupar seu lugar ao lado da cama; quando eu tornei a entrar, ele ergueu os olhos, compreendeu o significado de meu aspecto sombrio e baixou-os sem dar uma ordem, ou dizer uma palavra.

— Nós vamos tomar alguma medida para alcançá-los e trazê-la de volta? — perguntei. — O que devemos fazer?

— Ela partiu por vontade própria — respondeu o patrão. — Ela tinha o direito de ir se lhe aprouvesse. Não me perturbe mais por causa dela. De agora em diante, ela é minha irmã somente por nome, não por eu tê-la renegado, mas porque ela me renegou.

E isso foi tudo que ele disse sobre o assunto; ele não fez mais uma só pergunta, nem a mencionou de qualquer forma, a não ser para me dar ordens de mandar qualquer coisa que pertencesse a ela e estivesse na Granja para seu novo lar, onde quer que ele se localizasse, assim que eu tivesse notícias.



XIII

Por dois meses os fugitivos estiveram ausentes; nesses dois meses a Sra. Linton lutou contra o pior ataque do que era então denominado febre cerebral, e o venceu. Nenhuma mãe poderia ter cuidado de um filho único com maior devoção do que Edgar cuidava dela. Dia e noite, ele ficava observando, e suportando com paciência todas as inconveniências que nervos irritáveis e uma razão abalada poderiam infligir, e embora Kenneth observasse que o que ele salvara do tumulto recompensaria seus cuidados apenas sendo a fonte de uma constante ansiedade futura — na verdade, que sua saúde e forças estavam sendo sacrificadas para preservar uma mera ruína de humanidade —, ele não conhecia limites de gratidão e de alegria quando a vida de Catherine foi declarada fora de perigo; e hora após hora ele ficava sentado ao lado dela, acompanhando o gradual retorno da saúde física, e alimentando suas esperanças excessivas com a ilusão de que a mente dela também retornaria a seu antigo equilíbrio, e que ela logo voltaria a ser o que tinha sido.

A primeira vez que ela saiu de seu quarto foi no começo do mês de março seguinte. O Sr. Linton havia colocado no travesseiro dela, pela manhã, um punhado de crocos dourados; os olhos dela, há muito desacostumados de qualquer coisa que causasse prazer, perceberam-nos quando ela acordou, e brilharam cheios de felicidade quando ela avidamente fez um buquê com eles.

— Estas são as primeiras flores lá no Morro! — exclamou ela. — Elas me fazem lembrar os ventos suaves do degelo, e da luz morna do sol, e da neve quase derretida. Edgar, não está soprando o vento do sul, e a neve já não desapareceu quase toda?

— A neve já praticamente desapareceu por aqui, querida — respondeu seu marido —, e eu só consigo ver duas manchas brancas em toda a extensão da charneca. O céu está azul, e as cotovias estão cantando, e os

ribeiros e os arroios estão quase transbordando. Catherine, na primavera passada, nesta época, eu ansiava em ter você sob este teto; agora, eu desejaria que você estivesse bem mais acima, lá no alto dos morros; o vento sopra tão docemente que eu sinto que ele iria curar você.

— Eu nunca mais irei para lá, a não ser só mais uma vez! — disse a inválida. — E então você vai me deixar, e eu vou ficar lá para sempre. Na próxima primavera você vai desejar ter-me novamente sob este teto, e você vai olhar para trás e achar que era feliz hoje.

Linton cumulou-a com as mais ternas carícias, e tentou alegrá-la com as mais doces palavras; mas, distraidamente olhando as flores, ela deixou que as lágrimas enchessem seus olhos e corressem livremente pelas faces.

Nós sabíamos que ela estava realmente melhor e, portanto, decidimos que o longo confinamento a um único cômodo, ocasionado pela doença, era o causador de grande parte desse abatimento, e que ele seria parcialmente removido com uma mudança de cenário.

O patrão me mandou acender o fogo na sala, abandonada há meses, e colocar uma espreguiçadeira perto da janela, à luz do sol; ele então trouxe Catherine para baixo, e ela ficou sentada por um bom tempo desfrutando do calor agradável e, assim como nós esperávamos, animada à vista dos objetos ao seu redor, os quais, embora familiares, estavam livres das tristes associações que cercavam seu odiado quarto de doente. À noite, ela parecia extremamente cansada; contudo, não houve argumento capaz de persuadi-la a voltar para aquele quarto, e eu tive de arrumar o sofá da sala para que ela pudesse dormir nele, até outro quarto ser arrumado.

Para poupá-la da fadiga de subir e de descer as escadas, nós arrumamos este, onde o senhor se encontra agora, no mesmo piso da sala; e logo ela estava forte o suficiente para andar de um para o outro, apoiada no braço de Edgar.

Ah, eu pensei, ela vai se recuperar, tão bem cuidada como está sendo. E havia uma dupla causa para desejar isso, pois de sua existência dependia a de outra pessoa: nós nutríamos a esperança de que em pouco tempo o coração do Sr. Linton se alegraria, e suas propriedades ficariam livres das garras de um estranho, com o nascimento de um herdeiro.

Eu devo mencionar que Isabella mandou para o irmão, umas seis semanas depois de sua partida, um curto bilhete, anunciando seu casamento com Heathcliff. A mensagem dava a impressão de ser seca e fria; mas no fim da página estava rabiscado a lápis um obscuro pedido de desculpas, e um pedido de que ela fosse recordada com carinho e perdoada, se seu procedimento houvesse ofendido o irmão, garantindo que ela não tinha como evitar o que fizera e, tendo feito, não tinha condições de alterar a situação.

Linton não respondeu ao bilhete, acredito; cerca de uma quinzena depois, eu recebi uma longa carta, que considerei muito estranha tendo sido escrita pela mão de uma jovem esposa recém saída da lua-de-mel. Vou lê-la, pois ainda a conservo. Qualquer lembrança dos mortos é valiosa, se eles foram estimados em vida.

QUERIDA ELLEN, ela começa.

Cheguei a noite passada ao Morro dos Ventos Uivantes e soube, pela primeira vez, que Catherine tem estado, e ainda está, muito doente. Não devo escrever para ela, suponho, e meu irmão está ou com muita raiva ou preocupado demais para responder ao bilhete que lhe mandei. Mesmo assim, eu tenho de escrever para alguém, e a única alternativa que me resta é você.

Diga para Edgar que eu daria tudo no mundo para ver o rosto dele novamente — que meu coração retornou à Granja da Cruz do Tordo vinte e quatro horas depois de eu ter partido, e que ele está aí, neste momento, cheio dos mais caros sentimentos por ele e por Catherine. *Eu não posso seguir meu coração, contudo* (estas palavras estão sublinhadas). Eles não precisam me esperar, e podem tirar quais conclusões quiserem; tendo o cuidado, entretanto, de não colocar a culpa em minha pouca vontade ou falta de afeição.

O resto da carta é somente para você. Eu gostaria de fazer duas perguntas: a primeira é:

Como você conseguiu preservar a sociabilidade normal da natureza humana quando morava aqui? Não sou capaz de reconhecer nenhum

sentimento que as pessoas que vivem aqui compartilhem comigo.

A segunda pergunta, pela qual tenho grande interesse, é esta:

O Sr. Heathcliff é um homem? Se for, ele é louco? E se não for, é um demônio? Não vou lhe dizer minhas razões para lhe fazer tal pergunta; mas imploro que você me explique, se for capaz, com que tipo de criatura eu me casei. Isso, quando você vier me ver; e você tem de vir, Ellen, o mais breve possível. Não escreva, mas venha, e traga-me alguma lembrança de Edgar.

Agora, você vai saber como eu fui recebida em minha nova casa, como sou levada a pensar que o Morro seja de agora em diante. É para me divertir que fico me detendo em assuntos como a falta de confortos externos; eles nunca ocupam meus pensamentos, a não ser quando sinto falta deles. Eu daria risada e dançaria de alegria se percebesse que a ausência deles representava o total da minha infelicidade; e que o resto era um sonho estranho!

O sol se punha atrás da Granja quando nós chegamos à charneca; por causa disso, eu achei que seriam seis horas; e meu companheiro parou uma meia hora para inspecionar o parque e os jardins e, provavelmente, a própria casa, o melhor que pôde; dessa forma estava escuro quando desmontamos no pátio pavimentado da fazenda, e seu velho companheiro de serviço, Joseph, saiu para nos receber à luz de uma vela. Ele fez isso com uma cortesia que faz jus à sua reputação. A primeira atitude dele foi erguer a vela à altura do meu rosto, me lançar um olhar maligno através das pálpebras semicerradas, espichar o lábio inferior, e virar as costas.

Então ele pegou os dois cavalos e os levou para os estábulos, reaparecendo com o intuito de trancar o portão exterior, como se nós vivêssemos em um antigo castelo.

Heathcliff ficou para falar com ele, e eu entrei na cozinha: um buraco esquálido e sujo; ousou dizer que você não a reconheceria, de tão mudada que está desde o tempo em que você cuidava dela.

Perto do fogo estava em pé uma criança com aparência perversa, com membros fortes e roupas sujas, e em seus olhos e na sua boca havia alguma coisa que me fazia pensar em Catherine.

Este é o sobrinho por afinidade de Edgar, eu pensei, e meu, de certa maneira; devo cumprimentá-lo, e... sim... devo dar-lhe um beijo. É adequado estabelecer um bom entendimento desde o começo.

Eu me aproximei e, tentando segurar sua mão gorducha, disse:

— Como você está, querido?

Ele replicou com umas palavras que não consegui entender.

— Você e eu vamos ser amigos, Hareton? — foi minha próxima tentativa de conversar.

Uma praga, e a ameaça de atizar Furacão contra mim se eu não “desaparecesse” recompensaram minha perseverança.

— Ei, Furacão, moleque! — murmurou o malandrinho, atizando um mestiço de buldogue que estava acomodado em um canto em seu covil. — E então, ocê num vai s'imbora daqui? — ele perguntou com ar autoritário.

O amor pela minha vida me instou a obedecer; passei pela soleira da porta para esperar até que os outros entrassem. Não dava para ver o Sr. Heathcliff em lugar nenhum; e Joseph, que eu segui até os estábulos e a quem pedi para que me acompanhasse até a casa, depois de me encarar e de ficar resmungando com seus botões, franziu o nariz e respondeu:

— Mas se num é cheia de dengues! Será que um cristão já ouviu alguma coisa parecida? Fica enrolano as palavra! Como é qu'eu posso sabê o que que vosmecê tá dizeno?

— Eu disse que eu gostaria que você entrasse comigo na casa! — respondi em voz alta, achando que ele era surdo, e bastante irritada com a falta de educação dele.

— Eu é que não! Eu tenho mais coisa pra fazê — respondeu ele, e continuou a trabalhar, movendo o protuberante maxilar inferior enquanto isso, e escrutando minhas roupas e minha aparência (aquelas refinadas demais, mas esta, tenho certeza, tão sombria quanto ele pudesse desejar) com um desprezo soberano.

Eu andei pelo pátio e, passando por uma portinhola, fui até outra porta, à qual tomei a liberdade de bater, esperando que algum empregado mais cortês pudesse se apresentar.

Depois de um pouco de suspense, ela foi aberta por um homem alto e magro, sem lenço no pescoço e, além disso, bastante desarrumado; seus traços estavam ocultos por bastos cabelos despenteados que caíam sobre os ombros; e os olhos *dele*, também, eram como um fantasma dos de Catherine, com toda a sua beleza aniquilada.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ele, carrancudo. — Quem é você?

— Meu nome era Isabella Linton — respondi. — O senhor já me viu aqui antes. Casei-me recentemente com o Sr. Heathcliff; e ele me trouxe para cá, suponho que com sua permissão.

— Então ele voltou? — perguntou o ermitão, com o olhar de um lobo faminto.

— Sim... nós acabamos de chegar — respondi. — Mas ele me deixou na porta da cozinha; e quando eu tentei entrar, seu filhinho estava fazendo papel de vigia da casa, e me espantou com a ajuda de um buldogue.

— É bom que o desgraçado tenha mantido a palavra! — grunhiu meu futuro senhorio, esquadrinhando a escuridão por trás de mim na esperança de descobrir Heathcliff; e então ele se entregou a um monólogo cheio de pragas e de ameaças relacionadas ao que ele teria feito se o “canalha” o tivesse enganado.

Eu me arrependi de ter tentado essa segunda entrada, e estava me inclinando a sair despercebida antes dele terminar de praguejar; mas antes de eu poder colocar a ideia em prática, ele me mandou entrar e fechou e tornou a trancar a porta.

Um grande fogo estava aceso, e aquela era toda a luz no enorme cômodo, cujo piso havia adquirido um uniforme tom acinzentado; e os pratos de estanho outrora tão brilhantes, que costumavam atrair meus olhares quando eu era uma menina, compartilhavam de uma obscuridade parecida, criada pela sujeira e pelo pó.

Eu perguntei se poderia chamar a criada que me levasse a um quarto de dormir? O Sr. Earnshaw não me deu resposta. Ele ficou andando de um lado para o outro, com as mãos nos bolsos, aparentemente esquecido de minha

presença; e sua abstração era evidentemente tão profunda, e seu aspecto geral tão misantrópico, que eu temi perturbá-lo uma vez mais.

Você não vai se surpreender, Ellen, por eu me sentir especialmente triste, sentada perto daquela lareira inóspita e sentindo algo pior que a solidão, e lembrando que a uns seis quilômetros de distância se encontrava minha adorável casa, que abrigava as únicas pessoas que eu amava na face da Terra; e que poderia muito bem ser o Atlântico que nos separasse, ao invés daqueles seis quilômetros: eu não tinha condições de superá-los!

Eu fiquei me perguntando: aonde devo ir para encontrar conforto? E (por favor, não mencione isso a Edgar ou Catherine) acima de todos os outros pesares, um se fazia mais forte: o desespero por não encontrar uma pessoa que pudesse ou quisesse ser minha aliada contra Heathcliff!

Eu havia buscado abrigo no Morro dos Ventos Uivantes, quase com alegria, porque supus que, com esse arranjo, estaria livre de ter de viver sozinha com ele; mas ele conhecia as pessoas entre as quais iríamos morar, e não temia a interferência delas.

Eu me sentei e fiquei pensativa durante horas dolorosas; o relógio bateu oito horas, nove, e meu companheiro ainda estava andando de um lado para o outro, sua cabeça inclinada sobre o peito, e em total silêncio, a não ser por um gemido ou uma exclamação amarga que se faziam sentir de tempos em tempos.

Eu fiquei prestando atenção para detectar a voz feminina na casa, e preenchi o intervalo com um louco arrependimento e previsões sombrias que, finalmente, se manifestaram de modo audível em forma de choro e de soluços incontroláveis.

Eu não tinha consciência de quão abertamente eu me lamentava, até que Earnshaw parou do lado oposto, em sua caminhada medida, e me lançou um olhar de surpresa recentemente despertada. Aproveitando-me do fato de ter chamado sua atenção, exclamei:

— Estou cansada da viagem, e quero ir dormir! Onde está a camareira? Leve-me até ela, já que ela não vem até mim!

— Não temos camareira — ele respondeu —, a senhora deve se cuidar sozinha!

— E onde devo dormir, então? — perguntei soluçando; eu já havia deixado de pensar no autorrespeito fazia tempo, desanimada por causa do cansaço e da tristeza.

— Joseph vai lhe mostrar o quarto de Heathcliff — disse ele. — Abra aquela porta, ele está lá dentro.

Eu ia obedecendo, mas ele repentinamente me conteve, e acrescentou em um tom de voz muito estranho:

— Seja uma boa moça e feche a porta e puxe o ferrolho. Não se esqueça disso!

— Bem! — eu disse. — Mas por que, Sr. Earnshaw? — eu não acalentava a ideia de me trancar deliberadamente em um quarto com Heathcliff.

— Veja só! — replicou ele, tirando do casaco uma pistola de manufatura estranha, com uma faca de dois gumes fixada no cano. — É uma tentação muito grande para um homem desesperado, não é? Não consigo resistir a subir com isto, todas as noites, e experimentar a porta do quarto dele. Se um dia eu a encontrar aberta, ele está acabado! Eu faço isso sempre, mesmo quando um minuto antes eu estava relembrando mil razões pelas quais eu deveria me conter; é algum demônio que me insta a frustrar os meus próprios planos matando Heathcliff. Você pode lutar contra esse demônio, por amor, tanto quanto possa; quando a hora chegar, nem todos os anjos do céu poderão salvá-lo!

Eu inspecionei a arma minuciosamente; uma ideia medonha me passou pela cabeça. Quanto poder eu teria possuindo um instrumento daqueles! Peguei-a da mão dele, e toquei a lâmina. Ele ficou atônito ao ver a expressão que meu rosto assumiu por um breve instante. Não era horror, era cobiça. Ele arrancou a pistola das minhas mãos, ciumento; dobrou a faca e guardou-a em seu esconderijo.

— Não me importa se a senhora contar para ele — disse Earnshaw. — Coloque-o de sobreaviso, e tome conta dele. A senhora sabe em que termos nós dois estamos, dá para perceber; o perigo que ele corre não a assusta.

— O que Heathcliff lhe fez? — perguntei. — De que modo ele o ofendeu para causar um ódio tão assustador? Não seria melhor dizer-lhe

para sair da propriedade?

— Não! — urrou Earnshaw. — Se ele se oferecer para ir embora, ele é um homem morto! Convença-o a tentar fazer isso, e a senhora é uma assassina! Eu devo perder *tudo*, sem a chance de tentar recuperar? Hareton deve ser um mendigo? Oh, maldição! Eu *vou* recuperar tudo; e vou pegar o ouro dele também! E depois o sangue dele, e o inferno há de receber sua alma! Com tal hóspede, o inferno vai ficar dez vezes mais negro do que jamais foi antes!

Você me informou quanto aos hábitos de seu antigo patrão, Ellen. Ele está com toda certeza à beira da loucura; ele estava a noite passada, pelo menos. Eu temia ficar perto dele, e achei que, em comparação, a morosidade mal-educada do empregado era agradável.

Ele então recomeçou sua caminhada sombria, e eu ergui o ferrolho e fugi para a cozinha.

Joseph estava debruçado sobre o fogo, examinando uma grande panela que balançava sobre ele; e uma vasilha de madeira contendo farinha de aveia estava no escano ali perto. O conteúdo da panela começou a ferver, e Joseph ia enfiar a mão na panela. Eu conjecturei que aquele alimento provavelmente se destinava à nossa refeição e, estando com fome, resolvi que ele deveria ser comestível; então, exclamando rispidamente, “*Eu vou fazer o mingau!*”, tirei a vasilha do alcance de suas mãos e em seguida tirei meu chapéu e meu casaco de montaria.

— O Sr. Earnshaw — continuei a dizer — me mandou cuidar de mim mesma: eu vou. Não vou fazer o papel de dama entre vocês, com medo de morrer de fome.

— Meu Senhor! — resmungou ele, sentando-se, e esfregando as meias listradas dos joelhos até os tornozelos. — Se é qu’ é pra tê novidade agora qu’ eu já tava me costumando com dois patrão, se eu tenho que tê uma *patroa* nas minhas costa, já tá bem na hora d’ eu ir s’ imbora. Eu nunca pensei que ia chegá o dia qu’ eu ia tê de ir s’ imbora da casa véia, mas parece que ele tá chegado!

Esse lamento não me chamou a atenção; continuei a trabalhar diligentemente, suspirando ao me lembrar de uma época em que isso teria

sido uma grande diversão, mas rapidamente me forcei a abandonar as lembranças. Rememorar a felicidade passada me torturava, e quanto maior era o risco de conjurar sua aparição, tanto mais rápido a colher de pau rodava na panela, e mais rápido os punhados de aveia caíam na água.

Joseph avaliava meu jeito de cozinhar com indignação crescente.

— Mas veja só! — exclamou ele. — Hareton, ocê num vai comê teu mingau essa noite, ele num vai tê nada mais que uns caroço tão grande como minhas mão. Ora, de novo! Eu ia mais é jogá fora panela e tudo, se eu tivesse no teu lugar. Ora, dexe a panela esfriá, e então vosmecê vai tê cabado com isso. Bam, bam. É de dar graças aos céu o fundo da panela não tê rebentado.

Era uma comida grosseira, concordo, quando a despejei nas tigelas; quatro haviam sido preparadas, e uma jarra de uns três litros e meio de leite fresco havia sido trazida da leiteria; Hareton a agarrou e começou a beber nela mesma, derrubando o leite pelo gargalo.

Eu reclamei, e quis que ele bebesse seu leite em uma caneca, afirmando que não iria beber um alimento tratado de maneira tão porca. O velho cínico resolveu ficar profundamente ofendido com essa delicadeza, me garantindo, repetidas vezes, que “o minino era tão bão” quanto eu, “e memo tão limpinho”, e que ele ficava imaginando como eu poderia ser tão orgulhosa; enquanto isso, o pequeno delinquente continuava a beber; e me olhava com ar desafiador, enquanto babava dentro da jarra.

— Eu vou fazer minha refeição em outro quarto — anunciei. — Vocês não têm um lugar ao qual chamem de *sala*?

— *Sala!* — Repetiu ele, em tom de desprezo — *Sala!* Não, aqui num tem *sala*. Se vosmecê num gosta da nossa companhia, tem a do patrão; e se vosmecê num gosta da companhia do patrão, tem a nossa.

— Então eu vou subir — respondi. — Mostre-me um quarto!

Coloquei minha tigela em uma bandeja e fui eu mesma buscar um pouco mais de leite.

Resmungando demais, a criatura se levantou e me precedeu enquanto eu subia; nós fomos até os torreões, e de vez em quando ele abria uma porta para olhar os cômodos pelos quais passávamos.

— Aqui tem um quarto — disse ele, finalmente, abrindo uma porta que rangia nos gonzos. — Ele é bom demais pra se comê um pouco de mingau nele. Tem um saco de grão no canto, lá, até que bem limpinho; se vosmecê tem medo de sujá suas bela ropa de seda, coloque seu lenço em cima dele.

O “quarto” era uma espécie de depósito que recendia a malte e a grãos; diversos sacos com tais itens estavam empilhados ao redor dele, deixando um espaço amplo e vazio no meio dele.

— Por Deus, homem! — exclamei, encarando-o com raiva. — Este não é um lugar para dormir. Eu quero ver o meu quarto de dormir.

— *Quarto de dormi!* — repetiu ele, em tom de caçoada. — Vosmecê já viu todos os *quarto de dormi* que tem aqui; aquele ali é o meu.

Ele apontou para o segundo torreão, que era diferente do outro apenas por não ter coisas empilhadas contra a parede, e por ter uma cama grande, baixa e sem cortinado, com uma coberta azul índigo, em um dos lados.

— E o que eu tenho a ver com o seu quarto? — retruquei. — Eu suponho que o Sr. Heathcliff não se acomode no teto da casa, ou será que se acomoda?

— Ah, é o do *seo Hathecliff* que vosmecê tá percurano? — exclamou ele, como se estivesse fazendo uma nova descoberta. — E num dava pra dizê na hora? Então, eu podia tê dito pra vosmecê, sem esse trabaio todo, qu’esse é o único que vosmecê num pode de vê; ele sempre deixa ele trancado, e ninguém nunca entra lá, a num sê ele memo.

— Bela casa a sua, Joseph — não pude deixar de observar —, e moradores simpáticos; e eu acho que a essência concentrada de toda a loucura existente no mundo se alojou em minha cabeça no dia em que eu uni meu destino ao de vocês! Entretanto, não é esse meu objetivo atual... há outros quartos. Pelo amor de Deus, ande rápido e deixe que eu me instale em algum lugar!

Ele não respondeu a esse pedido; e apenas desceu desajeitado os degraus de madeira, parando na frente de um quarto que, dadas a localização e a melhor qualidade da mobília, eu supus que fosse o melhor da casa.

Havia um tapete, e ele era bom; mas o desenho estava coberto pelo pó; uma lareira decorada com pedaços de papel de parede caindo aos pedaços; uma bela cama de carvalho com amplas cortinas cor de púrpura, feitas de um tecido bastante caro e com confecção moderna. Mas, elas haviam passado por maus pedaços; as sanefas pendiam como se fossem guirlandas, arrancadas de seus aros, e o ferro que lhes dava suporte estava dobrado em um arco em um dos lados, fazendo com que o drapeado se arrastasse pelo chão. As cadeiras também estavam danificadas, muitas delas excessivamente; e profundos cortes deformavam os painéis das paredes.

Eu estava tentando criar coragem para entrar e me apossar do quarto, quando o tolo do meu guia anunciou:

— Esse aqui é o do patrão.

A essas alturas, minha ceia estava fria, meu apetite havia passado, e minha paciência estava esgotada. Eu insisti que me arrumassem imediatamente um local para me refugiar, e um jeito de descansar.

— Mas onde diabos — começou o religioso ancião. — O Senhor nos abençoe! O Senhor nos perdoe! Pra onde diabos vosmecê qué ir? Criatura inúti e mimada! Vosmecê já viu tudo menos o quartinho do Hareton. Num tem nenhum otro canto pra ficá aqui na casa!

Eu estava tão aborrecida que joguei minha bandeja e seu conteúdo no chão, e então me sentei no topo da escada, escondi o rosto nas mãos e comecei a chorar.

— Ora! Ora! — exclamou Joseph. — Muito bem, dona Cathy! Muito bem, dona Cathy! De um jeito ou de otro, o patrão vai tropicá nos prato quebrado; e então nós vamo ouvi pocas e boa, nós vamo vê como é que vai sê. Sua tola trapaiada! Vosmecê devia de ficá de castigo até o Natal por jogá as bênção do Senhor no chão nas suas hora de nervo! Mas vô m'espantá muito se seus modo durá muito tempo. Será que o Hathecliff vai guentá esses seus fermoso modo, qu'ê que vosmecê pensa? Eu só queria qu'ele pegasse vosmecê nas suas raiva. Eu só queria isso.

E então ele continuou com suas censuras enquanto ia para seu antro lá embaixo, levando com ele a vela, e eu fiquei no escuro.

O período de reflexão que se seguiu a essa ação insensata me levou a admitir a necessidade de acabar com meu orgulho e de sufocar meu ódio, e me incitou a remover os efeitos do que tinha feito.

Uma ajuda inesperada surgiu na figura de Furacão, a quem eu reconheci então como filho de nosso velho Fúção; ele havia vivido enquanto filhote na Granja, e tinha sido dado pelo meu pai ao Sr. Earnshaw. Suponho que ele me reconheceu: ele empurrou o focinho contra o meu rosto à guisa de cumprimento, e então se apressou a devorar o mingau, enquanto eu tateava de degrau em degrau, recolhendo os cacos da tigela e secando as manchas de leite com meu lenço de bolso.

Nossas atividades mal haviam acabado quando ouvi os passos de Earnshaw no corredor; meu ajudante encolheu o rabo entre as pernas e se encostou à parede; eu procurei abrigo na porta mais próxima. A tentativa do cachorro de evitar Earnshaw não foi bem-sucedida, como eu adivinhei pelo som de algo rolando escada abaixo, e um prolongado e doloroso ganido. Eu tive melhor sorte. Earnshaw passou por mim, entrou em seu quarto, e trancou a porta.

Logo em seguida, Joseph subiu com Hareton, para colocá-lo para dormir. Eu havia encontrado refúgio no quarto de Hareton, e o velho, ao me ver, disse:

— Eu acho que agora tem muito espaço pra vosmecê e pro seu orgúio, na casa. Ela tá vazia, e vosmecê pode de tê ela toda pra vosmecê, e pr' Aquele que sempre tá por perto, quando se tá em tão má companhia!

Tirei vantagem da sugestão dele com alegria; e no instante em que eu me joguei em uma cadeira, ao pé do fogo, comecei a cochilar, e dormi. Meu sono foi profundo e tranquilo, embora acabasse rapidamente. O Sr. Heathcliff me acordou; ele havia acabado de entrar, e inquiriu, com seus modos tão doces, o que eu estava fazendo ali?

Eu lhe contei a razão de estar acordada até tão tarde: o fato de ele ter a chave de nosso quarto em seu bolso.

O adjetivo *nosso* foi encarado como uma ofensa mortal. Ele jurou que não era, e nem jamais seria, meu; e que ele iria... mas não vou repetir as palavras dele, nem descrever sua conduta habitual; ele é inventivo e

incansável em seu esforço de merecer minha repugnância! Eu às vezes fico pensando nele com uma intensidade que acaba com meu temor: entretanto, posso garantir, Ellen, um tigre ou uma serpente venenosa não poderiam despertar em mim um terror igual ao que ele desperta. Ele me contou da doença de Catherine, e acusou meu irmão de causá-la, prometendo que eu seria a substituta de Edgar no sofrimento, até que ele pudesse colocar as mãos nele.

Eu o odeio... sou uma desgraçada... eu fui uma tola! Cuidado para não dizer uma palavra a respeito de tudo isso para ninguém aí na Granja. Vou ficar esperando você todos os dias; não me decepcione!

ISABELLA.



XIV

Assim que terminei de ler essa carta, fui ter com o patrão e informei que sua irmã havia chegado ao Morro dos Ventos Uivantes, e me mandado uma carta expressando seu pesar pela condição da Sra. Linton, e seu desejo ardente de vê-lo; com o desejo de que ele pudesse transmitir-lhe, o mais rápido possível, algum sinal de perdão, por meu intermédio.

— Perdão! — disse Linton. — Não tenho nada que perdoar-lhe, Ellen. Você pode ir até o Morro dos Ventos Uivantes esta tarde, se quiser, e dizer que eu não estou com *raiva*, mas estou *sentido* por tê-la perdido: sobretudo porque não consigo imaginar que ela vá ser feliz. Está fora de questão eu ir vê-la; nós estamos separados por toda a eternidade. E se ela realmente deseja me fazer uma cortesia, ela que convença o desgraçado com quem ela se casou a abandonar a região.

— E o senhor não vai lhe escrever um bilhetinho, patrão? — perguntei, com um tom de súplica na voz.

— Não — respondeu ele. — É desnecessário. Minhas comunicações com a família de Heathcliff devem ser tão raras quanto as dele com a minha. Elas não devem existir!

A frieza do Sr. Linton me deprimiu excessivamente; e por todo o caminho desde a Granja eu fiquei quebrando a cabeça para ver como poderia colocar mais sentimento no que ele dissera, quando fosse repetir suas palavras, e como abrandar sua recusa de enviar até mesmo umas poucas linhas para consolar Isabella.

Arrisco dizer que ela havia ficado desde a manhã vigiando, à minha espera: eu a vi olhando pelos postigos, enquanto eu vinha pelo caminho do jardim, e fiz um aceno para ela; porém, ela se retirou, como se estivesse com medo de ser observada.

Entrei sem bater. Jamais houve um ambiente tão triste e sombrio como aquele que a casa, antigamente tão cheia de vida, apresentava! Devo

confessar que, se estivesse no lugar da jovem senhora, eu teria, pelo menos, limpado a lareira e tirado o pó das mesas com um pano. Mas, ela já compartilhava do penetrante sentimento de negligência que a rodeava. Seu bonito rosto estava pálido e apático; ela não havia feito os cachos em seu cabelo, algumas madeixas pendiam frouxas, outras estavam enroladas descuidadamente ao redor da cabeça. Provavelmente ela nem tocara em suas roupas desde a noite anterior.

Hindley não estava lá. O Sr. Heathcliff estava sentado à mesa, folheando seu livro de apontamentos; mas ele se levantou quando entrei, perguntou-me como eu estava passando, de maneira bastante amigável, e ofereceu-me uma cadeira.

Ele era a única coisa naquela sala que parecia decente, e eu pensei que ele nunca tivera aparência melhor. As circunstâncias haviam alterado tanto suas posições que, com certeza, ele teria dado a um estranho a impressão de ser um cavalheiro bem nascido, e sua esposa pareceria uma desmazelada!

Ansiosa, ela se aproximou para me cumprimentar, e estendeu uma das mãos para pegar a aguardada carta.

Balancei a cabeça. Ela não entendeu o sinal, mas me seguiu até o aparador onde fui colocar a minha touca, e me intimou com um sussurro a entregar-lhe na hora o que eu havia trazido.

Heathcliff adivinhou o sentido das manobras dela, e disse:

— Se você tem qualquer coisa para Isabella, como não tenho dúvidas de que tem, Nelly, lhe entregue. Você não precisa fazer disso um segredo; não temos segredos entre nós.

— Ah, eu não tenho nada — repliquei, achando melhor falar a verdade na hora. — Meu patrão pediu para dizer à sua irmã que ela não deve esperar nem uma carta ou uma visita dele atualmente. Ele manda suas estimas, senhora, e seus desejos de felicidades, e seu perdão pela dor que a senhora causou; mas ele acha que, de agora em diante, a casa dele e esta casa devem interromper as comunicações, já que nenhum bem poderia surgir com a manutenção delas.

Os lábios da Sra. Heathcliff tremeram ligeiramente, e ela retomou seu posto perto da janela. Seu marido se dirigiu à lareira, perto de mim, e

começou a me fazer perguntas a respeito de Catherine.

Eu lhe contei a respeito da doença dela tanto quanto achei recomendável, e ele fez-me um interrogatório, por meio do qual extraiu a maior parte dos fatos relativos à sua origem.

Eu a culpei, como ela merecia, por ocasionar tudo que lhe havia acontecido; e finalizei manifestando a esperança de que ele seguisse o exemplo do Sr. Linton, e evitasse interferências futuras com a família dele, para o bem ou para o mal.

— A Sra. Linton agora está se recuperando — eu disse. — Ela nunca vai voltar a ser o que foi, mas sua vida foi poupada, e se o senhor realmente tem estima por ela, vai evitar cruzar o caminho dela novamente. Não, o senhor vai partir desta região para sempre; e para que o senhor não se arrependa disso, eu informo ao senhor que Catherine Linton está agora tão diferente de sua antiga amiga, Catherine Earnshaw, como esta jovem senhora é diferente de mim! Sua aparência mudou consideravelmente, a personalidade dela, ainda mais; e a pessoa que agora é compelida, pela necessidade, a ser companheiro dela, vai manter sua afeição de agora em diante com as lembranças do que ela foi outrora, por uma questão de simples humanidade, e um sentimento de dever!

— Isso é bem possível — observou Heathcliff, fazendo um esforço para aparentar calma. — É bem possível que seu patrão não tenha nada além da simples humanidade e de um sentimento de dever a que possa recorrer. Mas você por acaso pensa que eu vou deixar Catherine nas mãos do *dever* e da *humanidade* dele? E você é capaz de comparar os meus sentimentos em relação a Catherine com os dele? Antes de você sair desta casa, eu tenho de fazer você prometer que vai conseguir para mim uma entrevista com ela: consinta ou se recuse, eu vou vê-la! O que você diz?

— Eu digo, Sr. Heathcliff — respondi —, que o senhor não deve... o senhor nunca irá conseguir, não por meu intermédio. Outro encontro entre o senhor e o patrão vai matá-la na hora!

— Com sua ajuda, isso pode ser evitado — continuou ele —, e se houvesse perigo de isso acontecer... se por causa dele uma única perturbação a mais fosse acrescentada à vida dela... ora, eu acho que eu

teria justificativas para tomar atitudes extremas! Eu gostaria que você fosse sincera o suficiente para me dizer se Catherine iria sofrer muito com a perda dele. O medo de que ela pudesse sofrer me contém: aí você vê a diferença entre nossos sentimentos. Se ele estivesse em meu lugar, e eu no dele, embora eu o odiasse com um ódio que transforma minha vida em um tormento, eu nunca teria erguido uma das mãos contra ele. Você pode ficar com esse olhar incrédulo, se quiser! Eu nunca o teria banido do convívio dela, enquanto ela desejasse a companhia dele. No momento em que a consideração dela acabasse, eu teria arrancado o coração dele, e bebido seu sangue! Mas, até então (se você não acredita em mim, você não me conhece), eu teria morrido aos pouquinhos antes de tocar em um único fio de cabelo dele!

— E, mesmo assim — interrompi —, o senhor não tem escrúpulos em arruinar completamente as esperanças de um perfeito restabelecimento para ela, forçando seu retorno às lembranças dela, agora que ela já praticamente esqueceu o senhor, e de envolvê-la em um novo tumulto de discórdia e de sofrimentos.

— Você acha que ela quase se esqueceu de mim? — perguntou ele. — Ah, Nelly! Você sabe que ela não se esqueceu! Você sabe tão bem quanto eu que, para cada pensamento que ela dirige ao Linton, ela dirige mil para mim! No período mais desgraçado de minha vida, eu cheguei a ter uma ideia semelhante; ela me assombrou enquanto eu voltava para esta região no verão passado, mas somente a garantia dela teria o poder de me fazer admitir essa ideia horrível uma vez mais. E então, Linton nada seria, nem Hindley, nem todos os sonhos que eu jamais sonhei. Duas palavras resumiriam o meu futuro: *morte e inferno*; a existência, depois de perder Catherine, seria um inferno. Contudo, eu fui um tolo ao imaginar por um momento que ela valorizasse o afeto de Edgar Linton mais que o meu. Se ele amasse com todas as forças de seu corpo fraco, ele não conseguiria amar em oitenta anos tanto quanto eu amo em um dia. E Catherine tem um coração tão profundo quanto o meu; seria mais fácil o mar caber naquele cocho que toda a afeição dela ser monopolizada por ele. Hum! Ele está pouco acima, nas afeições dela, do que o cachorro, ou o cavalo. Ele não tem

o poder de ser amado como eu! Como pode ela amar nele o que ele não possui?

— Catherine e Edgar gostam um do outro tanto quanto duas pessoas podem gostar! — exclamou Isabella, com súbita agitação. — Ninguém tem o direito de falar dessa maneira, e não vou ouvir meu irmão ser depreciado em silêncio!

— Seu irmão tem um imenso amor por você também, não tem? — observou Heathcliff, cheio de desdém. — Ele larga você jogada no mundo com uma alegria surpreendente.

— Ele não sabe quanto estou sofrendo — respondeu ela. — Eu não lhe contei isso.

— Então você andou lhe contando alguma coisa... você lhe escreveu, não foi?

— Escrevi sim, para contar que estava casada; você viu o bilhete.

— E nada depois disso?

— Nada.

— Minha jovem patroa está com uma aparência bem pior devido à sua mudança de condição — observei. — O amor de alguém não é suficiente para dela, é óbvio... e de quem é esse amor eu sou capaz de adivinhar, mas, talvez, não deva dizer.

— Eu diria que é o dela própria — disse Heathcliff. — Ela está se transformando em uma porcalhona! Ela se cansou de tentar me agradar incrivelmente rápido. Você mal vai acreditar nisso, mas no próprio dia do nosso casamento ela estava chorando para voltar para casa. Contudo, ela combina muito melhor com esta casa não sendo extremamente agradável, e vou tomar cuidado para que ela não me faça passar vergonha saindo por aí.

— Bem — retruquei —, espero que o senhor leve em consideração que a Sra. Heathcliff está acostumada a ter alguém que a atenda e a sirva; e que ela foi criada como filha única, a quem todos estavam prontos para servir. O senhor deve permitir que ela tenha uma camareira para deixar tudo perto dela arrumado, e o senhor deve tratá-la com carinho. Quaisquer que sejam suas impressões a respeito do Sr. Edgar, o senhor não pode duvidar que ela é capaz de sentimentos profundos, ou ela não teria abandonado a elegância,

o conforto e os amigos em seu antigo lar, para se fixar alegremente, em um lugar tão desolador quanto este, com o senhor.

— Ela os abandonou levada por uma ilusão — respondeu ele —, fazendo de mim um herói de romance, e esperando indulgências ilimitadas de minha devoção cavaleiresca. Eu acho difícil pensar nela como uma criatura racional, tamanha a persistência dela em fazer uma ideia incrível de meu caráter, e agindo motivada pelas falsas impressões que ela acalentou. Mas, finalmente, acho que ela está começando a me conhecer. Eu não vejo mais os tolos sorrisos e caretas que me provocaram a princípio; e a insana incapacidade de perceber que eu estava falando sério quando lhe dei minha opinião a respeito de sua paixão e dela própria. Foi um incrível esforço de perspicácia descobrir que eu não a amava. No começo, eu achei que nenhuma lição poderia ensinar-lhe isso! E, mesmo assim, ela não foi bem aprendida; pois esta manhã ela me anunciou, como se fosse uma notícia apavorante, que eu tinha conseguido fazê-la me odiar! Um verdadeiro trabalho de Hércules, posso garantir! Se ele for bem-sucedido, tenho razões para agradecer. Posso confiar em sua afirmação, Isabella? Você tem certeza de que me odeia? Se eu deixar você sozinha por umas horas, você não vai vir atrás de mim suspirando e me lisonjeando de novo? Eu ousou dizer que ela preferiria que eu fingisse ser todo ternura perto de você; ter a verdade dita magoa a vaidade dela. Mas não me importa quem saiba que o amor se encontrava todo de um lado só, e eu nunca lhe disse uma mentira a esse respeito. Ela não pode me acusar de demonstrar um pouquinho de doçura fingida. A primeira coisa que ela me viu fazer, ao sair da Granja, foi enforcar a cadelinha dela; e quando ela implorou para eu não fazer isso, as primeiras palavras que eu disse expressaram o desejo de que eu pudesse enforcar todas as criaturas que pertencessem à família dela, menos uma: é possível que ela tenha considerado que ela fosse a exceção. Mas nenhuma brutalidade a deixou desgostosa. Suponho que Isabella sinta uma admiração inata pela brutalidade, desde que sua preciosa pessoa não seja ferida! Mas, não foi o cúmulo do absurdo, de uma genuína idiotia, que essa guapeca lamentável, servil e mesquinha sonhasse que eu a amava? Nelly, diga para seu patrão que, nunca em minha vida, eu me deparei com uma criatura tão

abjeta quanto essa. Ela chega mesmo a envergonhar o nome dos Linton; e eu às vezes abrandei, por pura falta de criatividade, meus experimentos sobre o que ela conseguiria suportar, e mesmo voltar rastejando! Mas diga-lhe, também, para deixar o coração fraterno e judiciário dele tranquilo, que eu me mantenho estritamente dentro dos limites da lei. Até o presente momento, tenho evitado dar a ela o menor direito de pedir uma separação; e, além do mais, ela não teria de agradecer a ninguém por nos separar. Se ela quisesse partir, ela poderia; o aborrecimento causado pela presença dela suplanta a alegria sentida em atormentá-la!

— Sr. Heathcliff — disse eu —, essa é a conversa de um homem louco, e sua esposa, é bem provável, está convencida de que o senhor é louco; e, por essa razão, ela o tem aguentado até agora. Mas agora que o senhor diz que ela pode ir embora, não tenho dúvidas de que ela vai se valer da permissão. A senhora não está tão enfeitiçada, está, para continuar com ele por vontade própria?

— Cuidado, Ellen! — respondeu Isabella, os olhos brilhando cheios de ira; não havia como duvidar, pela expressão deles, do sucesso total das tentativas de seu parceiro de se fazer detestado. — Não acredite em uma só palavra do que ele diz. Ele é um demônio mentiroso, um monstro, e não um ser humano! Ele já me disse antes que eu poderia deixá-lo; e fiz a tentativa, e não tenho coragem de repeti-la. Mas, Ellen, prometa-me que você não dizer nenhuma dessas palavras infames dele para meu irmão ou para Catherine. Seja lá o que for que ele alegue, ele deseja provocar Edgar e levá-lo ao desespero: ele diz que se casou comigo com o intuito de ter poder sobre Edgar; e ele não pode tê-lo. Eu vou morrer antes! Eu só espero, rogo a Deus, que ele se esqueça da sua diabólica prudência e me mate! O único prazer que consigo conceber é morrer, ou vê-lo morto!

— Pronto! Por ora, chega! — disse Heathcliff. — Se você for chamada para depor perante a justiça, você vai se lembrar da linguagem dela, Nelly! E dê uma boa olhada nessa aparência: ela está quase chegando a um ponto que me é conveniente. Não, agora você não tem condições de cuidar de si mesma, Isabella; e eu, sendo seu protetor legal, devo manter você sob minha custódia, por mais detestável que a obrigação possa ser. Vá para

cima; tenho uma coisa para dizer em particular a Ellen Dean. Não é por aí, lá para cima, estou dizendo! Ora, é esse o caminho para ir lá para cima, menina!

Ele a segurou e a empurrou para fora do cômodo, e voltou murmurando:

— Não tenho piedade! Não tenho piedade! Quanto mais os vermes se contorcem, mas eu sinto o desejo de esmagar suas entranhas! É uma dor de dentes moral, e eu aperto com mais energia, em proporção ao aumento da dor.

— O senhor compreende o que a palavra piedade significa? — perguntei, me apressando a colocar minha touca. — O senhor já sentiu um pouquinho dela em sua vida?

— Deixe isso de lado! — interrompeu ele, percebendo minha intenção de ir embora. — Você ainda não vai sair. Venha cá, Nelly: eu devo ou persuadir ou forçar você a me ajudar a cumprir meu propósito de ver Catherine, e de fazer isso sem demora. Eu juro que não estou premeditando nenhum mal! Não quero causar nenhum problema, ou exasperar ou insultar o Sr. Linton! Eu só quero ouvir dela própria como ela está, e por que ela esteve doente; e perguntar se alguma coisa que eu possa fazer pode servir de ajuda para ela. A noite passada, eu fiquei no jardim da Granja por seis horas, e eu vou voltar lá esta noite; e todas as noites eu vou assombrar aquele lugar, e todos os dias, até eu ter uma oportunidade de entrar. Se Edgar Linton me encontrar, não vou hesitar em derrubá-lo com um soco, e dar-lhe o necessário para garantir sua aquiescência enquanto eu permanecer lá. Se os empregados deles se opuserem, eu vou afugentá-los com estas pistolas. Mas não seria muito melhor evitar que eu entrasse em contato com eles, ou com o patrão deles? E você tem condições de conseguir isso com tanta facilidade! Eu avisaria você quando eu estivesse lá, e então você poderia me deixar entrar sem ser visto, assim que ela estivesse sozinha, e ficar vigiando até eu ir embora, com a consciência bem tranquila: você estaria evitando problemas.

Eu protestei contra desempenhar o papel de traidora na casa do meu patrão; além disso, eu insisti a respeito da crueldade e do egoísmo dele por destruir a tranquilidade da Sra. Linton para sua satisfação pessoal.

— O acontecimento mais corriqueiro a deixa demasiadamente agitada — disse eu. — Ela é toda nervos, e não conseguiria aguentar a surpresa, tenho certeza. Não insista, senhor! Ou então, serei obrigada a informar meu patrão sobre seus intentos, e ele vai tomar medidas para garantir a segurança de sua casa e de seus moradores contra uma invasão tão indesculpável!

— Nesse caso, eu vou tomar medidas para segurar você, mulher! — exclamou Heathcliff. — Você não vai embora do Morro dos Ventos Uivantes até amanhã de manhã. É uma tolice garantir que Catherine não aguentaria me ver! E quanto a surpreendê-la, não quero que isso aconteça: você deve prepará-la... pergunte-lhe se eu posso ir. Você diz que ela nunca menciona meu nome, e que nunca falam a meu respeito com ela. E para quem ela mencionaria meu nome se eu sou um assunto proibido na casa? Ela acha que vocês todos são espiões a serviço do marido. Oh, não tenho a menor dúvida de que ela está em um inferno entre vocês! Eu sinto, tanto pelo silêncio dela como por qualquer outra coisa, o que ela está sentindo. Você diz que ela frequentemente está inquieta e com olhar ansioso; é isso uma prova de tranquilidade? Você fala a respeito de a mente dela estar transtornada. E por que diabos não estaria, naquele isolamento pavoroso dela? E aquela criatura insípida e desprezível cuidando dela por um sentimento de *dever* e de *humanidade*! De *piedade* e de *caridade*! Seria mais fácil ele plantar um carvalho em um vaso e esperar que ele crescesse do que imaginar que ele tem condições de fazer com que ela recobre a saúde tendo por alimento os cuidados insignificantes dele! Vamos deixar claro de uma vez por todas: você vai ficar aqui, e eu terei de lutar para me aproximar de Catherine, passando por cima de Linton e de seus empregados? Ou você vai ser minha amiga, como tem sido até agora, e fazer o que eu pedi? Decida, porque não há motivos para eu ficar aqui por mais um minuto se você persistir com esses seus maus modos obstinados.

Bem, Sr. Lockwood, eu discuti e reclamei, e me recusei terminantemente umas cinquenta vezes; mas, no fim das contas, ele me obrigou a aceitar. Eu me comprometi a levar uma carta dele para minha patroa; e caso ela consentisse, prometi que faria com que ele fosse avisado

da próxima vez que Linton se ausentasse de casa, ocasião em que ele, Heathcliff, poderia ir até lá e entrar do jeito que ele conseguisse. Eu não estaria lá, e os demais empregados ficariam igualmente fora do caminho.

Isso estava certo ou errado? Eu temo que estivesse errado, embora fosse conveniente. Eu achei que estava evitando outra crise ao concordar com o arranjo; e achei também que isso poderia ocasionar uma crise favorável na doença mental de Catherine. E então eu me lembrei da severa reprimenda que o Sr. Edgar fizera por eu ficar contando histórias; e tentei afastar toda a inquietude relativa ao assunto afirmando, repetidas vezes, que essa traição à confiança, se é que isso merecesse uma denominação tão rígida, deveria ser a última.

Mesmo assim, o caminho de volta para casa foi mais triste que a ida para o Morro; e muitas dúvidas eu tive antes de me convencer a colocar a carta nas mãos da Sra. Linton.

Mas, eis que chega Kenneth; vou descer e dizer-lhe como o senhor já está muito melhor. Minha história é *malfeliz*, como nós dizemos por aqui, e vai ajudar a passar o tempo durante mais uma manhã.

Malfeliz e infeliz!, fiquei pensando, enquanto a boa mulher descia para receber o médico, e não exatamente do tipo que eu teria escolhido para me divertir. Mas, não importa! Eu vou extrair remédios salutareos das ervas amargas da Sra. Dean; e em primeiro lugar, que eu me acautele perante o fascínio que está à espreita nos brilhantes olhos de Catherine Heathcliff. Eu ficaria em uma situação curiosa se entregasse meu coração à jovem, e a filha acabasse sendo uma segunda edição da mãe!



XV

Outra semana se passou — e estou cada vez mais perto da saúde e da primavera! Agora já ouvi toda a história de meu vizinho, em diferentes ocasiões, quando a caseira podia gastar um pouco do tempo que seria dedicado a tarefas mais importantes. Vou continuar com as próprias palavras dela, embora de modo um pouco mais resumido. Ela é, de maneira geral, uma boa narradora, e eu não acredito que pudesse melhorar o estilo dela.

Naquela noite, disse ela, na noite do dia em que eu havia ido ao Morro, eu sabia, tão bem como se o visse, que o Sr. Heathcliff estava lá na propriedade; e evitei sair, porque ainda estava com a carta dele em meu bolso, e não queria ser ainda mais ameaçada ou importunada.

Eu havia decidido não entregar a carta até que meu patrão saísse da casa, já que eu não tinha condições de saber como seu conteúdo afetaria Catherine. E a consequência foi a carta não chegar às mãos dela antes de três dias se passarem. O quarto dia era um domingo, e eu levei a carta para o quarto dela depois de todos terem ido à igreja.

Um empregado havia ficado para cuidar da casa comigo, e nós geralmente tínhamos o costume de trancar as portas durante as horas do culto; mas naquela ocasião o tempo estava tão ameno e agradável que eu as escancarei e, para cumprir minha promessa, disse a meu companheiro que a patroa queria muito chupar laranjas, e que ele deveria ir rapidamente até a vila e comprar algumas, que seriam pagas no dia seguinte. Ele saiu, e eu fui para o andar de cima.

A Sra. Linton, usando um vestido branco e solto com um xale fino sobre os ombros, estava sentada no vão da janela aberta, como sempre. Seu cabelo longo e espesso havia sido parcialmente cortado no começo de sua enfermidade, e agora ela o usava penteado com simplicidade, em suas ondas naturais, sobre as têmporas e o pescoço. Sua aparência estava

mudada, como eu havia dito para Heathcliff, mas quando ela estava calma, parecia haver uma beleza sobrenatural em seu rosto.

O brilho de seus olhos havia sido substituído por uma doçura sonhadora e melancólica, eles não davam mais a impressão de olhar os objetos ao redor dela; eles pareciam sempre estar fitando além, e muito além, daria para dizer que além deste mundo. E a palidez de seu rosto — seu ar abatido tendo desaparecido quando ela recuperou o peso — e a expressão peculiar derivada de seu estado mental, embora dolorosamente sugerissem suas causas, aumentavam o interesse que ela suscitava e, para mim, invariavelmente, eu sei, e para qualquer pessoa que a visse, devo acreditar, refutavam provas mais tangíveis de convalescência e a marcavam como uma pessoa condenada a morrer.

Um livro estava aberto à frente dela, e o vento praticamente imperceptível agitava suas folhas de vez em quando. Acredito que Linton o tivesse colocado ali, pois ela nunca tentava se distrair com a leitura, ou com qualquer ocupação que fosse, e ele passava muitas e muitas horas tentando atrair a atenção dela para algum assunto que antes a tivesse divertido.

Ela tinha consciência da intenção dele e, quando estava com melhor disposição, suportava placidamente aqueles esforços, e apenas demonstrava a inutilidade deles reprimindo, uma vez ou outra, um suspiro cansado, e finalmente interrompendo o marido com os mais tristes sorrisos e beijos. Outras vezes, ela se voltava para o outro lado, petulante, e escondia o rosto nas mãos, ou até mesmo o empurrava, irritada; e então ele se apressava a deixá-la sozinha, pois tinha a certeza de não estar fazendo bem nenhum.

Os sinos da capela de Gimmerton ainda estavam soando, e o brando marulhar do ribeiro lá no vale chegava como uma carícia para os ouvidos. Era um doce substituto para o murmúrio da ainda inexistente folhagem do verão, que sufocava aquela música na Granja quando as árvores estavam frondosas. No Morro dos Ventos Uivantes ele sempre soava nos dias silenciosos, em seguida a um grande degelo ou uma temporada de chuvas contínuas. E era no Morro dos Ventos Uivantes que Catherine estava pensando, enquanto ouvia; quer dizer, se é que ela pensava ou escutava alguma coisa. Mas ela estava com aquele olhar vago e distante que eu

mentionei antes, que não expressava o reconhecimento das coisas materiais nem pela audição e nem pela visão.

— Eis uma carta para a senhora, patroa — disse eu, colocando-a gentilmente em uma das mãos, que estava apoiada no joelho dela. — A senhora deve lê-la imediatamente, pois ela requer uma resposta. Posso quebrar o lacre?

— Sim — respondeu ela, sem desviar o olhar. Eu a abri. A carta era muito curta. — Agora — prossegui — a senhora a lê.

Ela afastou a mão e a deixou cair. Eu a recoloquei em seu colo, e fiquei parada esperando até que ela se resolvesse a dar uma olhada; mas essa ação custou tanto a acontecer que, finalmente, eu voltei a falar:

— Devo lê-la para a senhora? É do Sr. Heathcliff.

Ela se sobressaltou, com o olhar perturbado de quem está se lembrando e luta para organizar suas ideias. Ergueu a carta, e pareceu lê-la. Quando chegou à assinatura, suspirou; mesmo assim, eu percebi que ela não havia compreendido seu conteúdo, pois, quando eu lhe perguntei qual seria sua resposta, ela simplesmente apontou o nome e me olhou com uma ansiedade dolorosa e interrogativa.

— Bem, ele deseja vê-la — disse eu, adivinhando que ela precisava de um intérprete. — Ele está no jardim agora, impaciente para saber qual resposta lhe devo levar.

Enquanto eu falava, eu vi um cachorro grande, deitado na grama ensolarada lá embaixo, erguer as orelhas, como se estivesse pronto para latir, e então abaixá-las, anunciando com o agitar da cauda que ele não considerava a pessoa que se aproximava como um estranho.

A Sra. Linton se inclinou para frente, e ficou escutando, sem respirar. No minuto seguinte, passos cruzaram o *hall*; a casa aberta era tentadora demais para Heathcliff: é mais provável que ele tenha suposto que eu estava inclinada a não cumprir minha promessa, e então tivesse resolvido confiar em sua própria audácia.

Com uma ansiedade cheia de tensão, Catherine olhou na direção da entrada de seu quarto. Ele não acertou na hora qual era o cômodo. Ela me fez um sinal para eu fazê-lo entrar; mas ele descobriu qual era, antes que eu

pudesse alcançar a porta, e em poucos passos ele estava frente a frente com ela, tomando-a nos braços.

Ele nem falou e nem afrouxou o abraço por uns cinco minutos, durante os quais deu mais beijos do que ele jamais dera em sua vida antes, arrisco dizer; mas a minha patroa o havia beijado em primeiro lugar, e eu vi claramente que ele, por causa de uma agonia extrema, mal conseguia olhar para o rosto dela! A mesma convicção havia atingido tanto a mim quanto a ele, de que não havia perspectiva de uma recuperação definitiva naquele caso, de que ela estava, certamente, condenada a morrer.

— Oh, Cathy! Oh, minha vida! Como eu vou conseguir suportar isso? — foi a primeira coisa que ele disse, em um tom de quem não se preocupava em disfarçar seu desespero. E então ele a encarou com tanta fixidez que eu achei que a própria intensidade do olhar dele faria com que seus olhos se enchessem de lágrimas; mas eles queimavam, angustiados, e não se umedeceram.

— E agora? — disse Catherine, se recostando, e respondendo ao olhar dele com uma expressão subitamente anuviada; o estado de espírito dela era um mero catavento para seus caprichos que variavam constantemente. — Você e Edgar partiram meu coração, Heathcliff! E vocês dois aparecem para se lamentar pelo ocorrido comigo, como se vocês fossem as pessoas dignas de piedade! Eu não vou ter dó de vocês, não eu. Vocês me mataram... e parece que tiraram proveito disso. Como você é forte! Quantos anos você tenciona viver depois de eu ter partido?

Heathcliff havia se ajoelhado para abraçá-la; ele tentou se levantar, mas ela segurou o cabelo dele e o manteve em sua posição.

— Eu gostaria de poder abraçar você — continuou ela, com voz amarga —, até nós dois estarmos mortos! Eu não iria me importar com quanto você sofresse. Eu não me importo com os seus sofrimentos. Por que você não deveria sofrer? Eu sofro! Você vai me esquecer... você vai ser feliz enquanto eu estiver enterrada? Você vai dizer, daqui a vinte anos, “Aquele é o túmulo de Catherine Earnshaw. Eu a amei há tanto tempo, e senti-me desesperado ao perdê-la; mas isso já passou. Amei muitas outras desde então... meus filhos são mais caros para mim do que ela foi, e, ao morrer,

não vou me regozijar por estar indo ao encontro dela, eu vou sentir ter de deixá-los!” Você vai dizer isso, Heathcliff?

— Não me torture até eu ficar tão louco quanto você — exclamou ele, libertando a cabeça com força e rangendo os dentes.

Para um espectador imparcial, os dois compunham uma figura incomum e temível. Bem poderia Catherine considerar que o Céu seria uma terra de exílio para ela, a não ser que, com seu corpo mortal, ela se libertasse também de seu caráter mortal. A expressão de seu rosto naquele momento mostrava um selvagem desejo de vingança em suas faces lívidas e nos lábios exangues e nos olhos cintilantes; e ela segurava em seus dedos cerrados uma porção dos cabelos que ela estivera agarrando. Quanto ao seu companheiro, enquanto se erguia apoiado em uma das mãos, com a outra segurava o braço dela; e tão inadequado era seu estoque de gentileza se comparado às necessidades impostas pela condição dela que, quando ele soltou o braço, eu vi quatro nítidas manchas roxas deixadas na pele sem cor.

— Você está possuída por um demônio — continuou ele, furioso — para falar desse jeito comigo, quando está morrendo? Você já parou para pensar que todas essas palavras ficarão gravadas na minha lembrança, penetrando cada vez mais fundo, eternamente, depois de você ter me deixado? Você sabe que está mentindo ao dizer que eu matei você; e, Catherine, você sabe que seria tão fácil eu esquecer você quanto minha própria existência! Não é suficiente para seu egoísmo infernal que, enquanto você estiver em paz, eu esteja me contorcendo nos tormentos do inferno?

— Eu não vou ficar em paz — lamentou-se Catherine, recobrando a consciência da sensação de fraqueza física devido ao pulsar rápido e irregular de seu coração, que batia visível e audivelmente com todo aquele excesso de agitação.

Ela não disse mais nada, até o paroxismo ceder; então, continuou a falar, mais gentilmente:

— Não desejo que você passe por um tormento maior que o que eu sinto, Heathcliff! Eu só gostaria que nós dois nunca nos separássemos... e se uma palavra dita por mim perturbar você de agora em diante, pense que

eu sinto a mesma perturbação sob a terra, e por amor a mim, me perdoe! Venha cá e se ajoelhe de novo! Você nunca me causou mal em toda a sua vida. Não, se você alimentar rancor, essa vai ser uma lembrança mais dolorosa do que a das minhas palavras ríspidas! Você não vai vir aqui de novo? Venha!

Heathcliff se dirigiu até o espaldar da cadeira dela, e se inclinou para frente, mas não o suficiente para permitir que ela visse seu rosto, que estava lívido de emoção. Ela se voltou para olhá-lo, mas ele não permitiria isso e, dando a volta abruptamente, dirigiu-se para a lareira, onde ficou, silencioso, com as costas voltadas para nós.

A Sra. Linton seguiu-o com o olhar, cheia de suspeita: cada movimento despertava um novo sentimento nela. Depois de uma pausa e de um longo olhar, ela tornou a falar, dirigindo-se a mim com um tom de desapontamento indignado:

— Ah, você está vendo, Nelly!? Ele não vai ceder um só momento, para me manter fora do túmulo! É *assim* que eu sou amada! Bem, tanto faz! Não é esse o *meu* Heathcliff. Eu vou continuar a amar o meu, e vou levá-lo comigo... ele vive em minha alma. E — acrescentou ela, pensativa — o que mais me causa desgosto é esta prisão estilhaçada. Estou cansada, cansada de ficar presa aqui. Eu estou ansiando por fugir para aquele mundo glorioso e ficar lá para sempre; e não o vislumbrando indistintamente por entre as lágrimas, e desejando-o através dos limites de um coração sofrido; mas com ele de verdade, e nele. Nelly, você acha que está melhor e é mais feliz que eu; cheia de saúde e de forças. Você tem dó de mim... e muito em breve a situação vai se alterar. Eu vou ter dó de *você*. Eu vou estar incomparavelmente além e acima de vocês todos. Só não entendo por que ele não quer ficar perto de mim! — continuou, dirigindo-se agora a si mesma. — Eu achei que ele queria. Heathcliff, querido! Você não deve ficar taciturno agora. Venha para perto de mim, Heathcliff.

Em sua ansiedade, ela se ergueu e se apoiou no braço da poltrona. Ao ouvir esse apelo veemente, ele se voltou para ela, com uma aparência absolutamente desesperada. Os olhos muito abertos, e finalmente cheios de lágrimas, fixaram-se nela; o peito dele arfava convulsivamente. Por um

instante eles ficaram separados; e como eles se aproximaram eu mal consegui ver, mas Catherine deu um salto, e ele a segurou, e os dois ficaram presos em um abraço do qual eu achei que minha patroa nunca sairia com vida. Para ser exata, aos meus olhos, ela já parecia naquele momento mesmo ter perdido os sentidos. Heathcliff se deixou cair no assento mais próximo e, quando eu me aproximei apressada para verificar se ela havia desmaiado, ele rangeu os dentes na minha direção, espumando como um cachorro louco, e segurou-a junto de si com uma avidez ciumenta. Eu não achava que estivesse na companhia de uma criatura da minha própria espécie. Parecia que ele não conseguiria me entender, embora eu falasse com ele; então eu me afastei, e fiquei de boca fechada, extremamente perplexa.

Um movimento feito por Catherine me aliviou um pouco, logo em seguida: ela ergueu a mão para colocá-la no pescoço de Heathcliff, e aproximar o rosto dela do dele, enquanto ele a segurava; e ele, por sua vez, cobrindo-a de carícias aflitas, disse, desesperado:

— Você está me mostrando como tem sido cruel; cruel e falsa. *Por que* você me desprezou? *Por que* você traiu seu próprio coração, Cathy? Eu não tenho uma única palavra de conforto. Você merece isso. Você se matou. Sim, você pode me beijar, e chorar; e arrancar de mim meus beijos e minhas lágrimas. Eles irão arruinar você; eles vão condenar você. Você me amava... e que *direito* você tinha de me deixar? Que direito... me responda... por causa do insignificante capricho que você sentia por Linton? Porque a desgraça, e a degradação, e a morte, e nada que Deus ou Satã pudessem nos infligir teria nos separado; *você*, por sua livre e espontânea vontade, fez isso. Eu não parti seu coração; você o partiu e, ao parti-lo, partiu o meu também. Tanto pior para mim, se sou forte. Eu quero viver? Que tipo de vida terei quando você... oh, Deus! *Você* gostaria de viver com sua alma estando no túmulo?

— Me deixe em paz! Me deixe em paz! — soluçou Catherine. — Se eu errei, estou morrendo por causa disso. Já é suficiente! Você me deixou também; mas não vou censurar você. Eu perdoo você. Perdoe-me!

— É difícil perdoar, e olhar esses olhos, e tocar essas mãos descarnadas — respondeu ele. — Me beije de novo; e não deixe que eu veja seus olhos! Eu perdoo o que você me fez. Eu amo *minha* assassina... mas a *sua*? Como poderei?

Eles ficaram em silêncio; os rostos colados um no outro, e lavados pelas lágrimas de ambos. Pelo menos, eu suponho que os dois chorassem, já que parecia *possível* que Heathcliff chorasse em uma situação extrema como aquela.

Enquanto isso, eu fui ficando cada vez mais inquieta, pois a tarde estava se acabando, o homem a quem eu havia mandado sair já havia voltado para casa, e pude ver, à luz do sol que se dirigia para o poente lá no vale, um grupo de pessoas saindo pelo pórtico da capela de Gimmerton.

— O culto terminou — anunciei. — Meu patrão estará aqui em meia hora.

Heathcliff rosnou uma praga, e segurou Catherine ainda mais perto de si; ela nem se mexeu.

Antes que se passasse muito tempo, vi um grupo de empregados passando pelo caminho na direção da ala da cozinha. O Sr. Linton não estava muito distante, ele próprio abriu o portão e veio andando a passos lentos, provavelmente desfrutando da agradável tarde que exalava tanta doçura como se fosse verão.

— Agora ele chegou — exclamei. — Pelo amor de Deus, desça correndo! O senhor não vai encontrar ninguém na escadaria da frente. Seja ligeiro, e fique entre as árvores até que o patrão tenha entrado.

— Eu *tenho* de ir, Cathy — disse Heathcliff, tentando se soltar dos braços de sua companheira. — Mas, se eu sobreviver, eu vou ver você outra vez antes que você adormeça. Não vou ficar a mais de cinco metros de distância da sua janela.

— Você não pode ir embora! — respondeu ela, segurando-o com tanta firmeza quanto suas forças permitiam. — Você não vai, estou dizendo.

— Por uma hora — suplicou ele, veemente.

— Nem por um minuto — retrucou ela.

— Eu tenho de ir... Linton vai subir aqui agora mesmo — persistiu o alarmado intruso.

Ele teria se levantado, soltando os dedos dela; mas ela segurou-o com força, ofegante; havia uma louca resolução em seu rosto.

— Não! — gritou ela. — Ah, não, não vá embora! É a última vez! Edgar não vai nos fazer mal! Heathcliff, eu vou morrer! Eu vou morrer!

— Maldito seja o idiota. Lá está ele — exclamou Heathcliff, voltando a se sentar. — Quietinha, minha querida! Fique quietinha, Catherine! Eu vou ficar. Se ele me desse um tiro, eu morreria com uma bênção nos lábios.

E lá estavam eles se abraçando com força novamente. Eu ouvi meu patrão subindo as escadas. Um suor frio corria pela minha testa; eu estava horrorizada.

— O senhor vai prestar atenção nos delírios dela? — disse eu, excitada. — Ela não sabe o que diz. O senhor vai arruiná-la, por ela não ter juízo para cuidar de si mesma? Levante-se! O senhor pode se libertar na hora. Essa é a coisa mais diabólica que o senhor já fez. Estamos todos acabados: patrão, patroa e empregada.

Eu torci minhas mãos e soltei um grito; o Sr. Linton se apressou ao ouvir o barulho. No meio de minha agitação, fiquei sinceramente feliz ao ver que os braços de Catherine haviam se soltado, relaxados, e que a cabeça dela pendia.

Ela desmaiou, ou morreu — pensei — e tanto melhor. Muito melhor ela estar morta do que ficar moribunda, como um fardo e uma fonte de desgostos para todos que estão ao seu redor.

Edgar foi rapidamente na direção do hóspede indesejado, lívido de espanto e de ódio. O que ele tencionava fazer, eu não saberia dizer; entretanto, Heathcliff interrompeu todos os seus gestos na mesma hora, colocando o corpo aparentemente sem vida nos seus braços.

— Olhe — disse ele. — A não ser que o senhor seja um monstro, cuide dela em primeiro lugar... e depois o senhor conversa comigo.

Ele se dirigiu à sala, e sentou-se. O Sr. Linton me chamou e, com grande dificuldade, depois de recorrer a vários expedientes, nós conseguimos fazer Catherine recobrar os sentidos; porém, ela estava

completamente confusa. Ela suspirava e gemia, e não reconhecia ninguém. Em sua ansiedade, Edgar esqueceu o odiado amigo dela; eu não esqueci. Eu me dirigi até ele assim que foi possível, e lhe implorei que partisse, afirmando que Catherine estava melhor, e que eu lhe diria pela manhã como ela havia passado a noite.

— Não vou me recusar a sair da casa — respondeu ele —, mas vou ficar no jardim; e, Nelly, lembre-se de cumprir sua palavra amanhã. Eu vou ficar debaixo daqueles lariços. Veja bem! Ou eu vou fazer outra visita, quer Linton esteja em casa ou não.

Ele lançou um rápido olhar pela porta entreaberta do quarto e, tendo a garantia de que minha afirmação era aparentemente verdadeira, livrou a casa de sua desventurada presença.



XVI

Cerca de meia-noite nasceu a Catherine que o senhor viu no Morro dos Ventos Uivantes, uma franzina criança de sete meses; e duas horas mais tarde a mãe morreu, nunca tendo recobrado suficientemente a consciência para sentir falta de Heathcliff, ou reconhecer Edgar.

O desespero que o marido sentiu com a sua perda é um assunto doloroso demais para ser mencionado; suas sequelas mostraram quão profundamente o pesar se entranhou nele.

A meu ver, seu pesar aumentava por ele não ter um herdeiro. Eu lamentei o fato, enquanto olhava a frágil órfã; e mentalmente xinguei o velho Linton por — o que era apenas uma parcialidade natural — ter assegurado que sua própria filha herdasse a propriedade, e não a filha de seu filho.

Uma criança indesejada ela era, coitadinha! Ela poderia ter chorado até morrer, e ninguém se importaria nem um pouco durante aquelas primeiras horas de existência. Nós nos redimimos dessa negligência posteriormente; mas o começo de vida dela foi tão desolado como é provável que seja o fim.

A manhã seguinte, luminosa e alegre lá fora, insinuou-se docemente através das cortinas do quarto silencioso e inundou o sofá e seu ocupante com um brilho doce e delicado.

Edgar estava com a cabeça apoiada no travesseiro, e seus olhos estavam fechados. Seus traços jovens e belos pareciam quase tão imóveis quanto os da criatura a seu lado, e quase tão rígidos; mas nos *dele* havia a imobilidade causada por uma extrema angústia, e nos *dela*, a de uma perfeita paz. A fronte lisa, as pálpebras fechadas, os lábios pareciam sorrir. Nenhum anjo do céu poderia ter uma aparência mais bonita que a dela; e eu compartilhei da calma infinita em que ela jazia. Minha mente nunca se encontrou em um estado mais excelso que nos momentos em que eu fiquei olhando aquela imperturbável imagem de descanso divino. Instintivamente, ecoei as

palavras pronunciadas por ela poucas horas antes. “Incomparavelmente além e acima de nós todos! Quer ainda esteja na Terra, ou no céu, o espírito dela está em paz, junto de Deus!”

Não sei se é uma característica minha, mas raramente não me sinto feliz quando estou atendendo em uma câmara mortuária, a não ser que uma pessoa enlutada enlouquecida ou desesperada divida a tarefa comigo. Eu vejo um descanso que nem a Terra nem o inferno podem interromper; e sinto uma garantia do infinito, muito além e sem sombras: a Eternidade em que eles entraram, onde a vida é ilimitada em sua duração, e o amor em sua simpatia, e a alegria em sua completude. Eu percebi naquela ocasião quanto egoísmo havia até mesmo em um amor como o do Sr. Linton, quando ele lamentava tanto o abençoado descanso de Catherine!

Certamente, alguém poderia duvidar, depois da existência caprichosa e agitada que ela tivera, que ela finalmente merecesse um refúgio cheio de paz. Alguém poderia duvidar, em momentos de reflexão fria, mas não naquele momento, na presença de seu corpo, que dava garantias de sua própria tranquilidade, e que por sua vez parecia uma garantia de igual repouso para a alma que anteriormente o habitava.

— O senhor acredita que pessoas assim *sejam* felizes no outro mundo? Eu daria muita coisa para saber.

Eu me recusei a responder à pergunta da Sra. Dean, que me pareceu um pouco heterodoxa. Ela continuou:

— Refazendo o percurso de Catherine Linton, eu temo que não tenhamos o direito de pensar que ela seja: mas vamos deixá-la com seu Criador.

O patrão parecia ter adormecido, e logo depois do nascer do sol eu me aventurei para fora do quarto e saí silenciosamente para o ar fresco e puro. Os empregados acharam que eu havia saído para espantar a sonolência da minha prolongada vigília; na verdade, meu motivo principal era ver o Sr. Heathcliff. Se ele tivesse permanecido entre os lariços a noite toda, não teria ouvido nada da movimentação na Granja; a não ser, talvez, que tivesse percebido o galope do mensageiro indo para Gimmerton. Se tivesse se aproximado, provavelmente ficaria ciente, por causa das luzes se movendo

de um lado para o outro, e do abrir e fechar das portas externas, que nem tudo estava correndo bem dentro da casa.

Eu desejava, e ao mesmo tempo temia, encontrá-lo. Eu sentia que a terrível notícia tinha de ser dada, e eu desejava acabar logo com tudo; mas, eu não sabia *como* fazer isso.

Ele estava lá; pelo menos alguns metros mais para dentro do parque; apoiado no tronco de um velho freixo, sem chapéu, e o cabelo encharcado com o orvalho que se acumulara nos galhos cheios de brotos e caía pingando ao redor dele. Ele se mantivera naquela posição por muito tempo, pois eu vi um casal de melros pretos passando para lá e para cá a pouco menos de um metro dele, atarefados construindo seu ninho, e dando a mesma atenção à presença dele que dariam à de um pedaço de madeira. Eles voaram quando me aproximei, e ele ergueu os olhos e falou:

— Ela está morta! Não fiquei esperando por você para saber isso. Guarde esse lenço! Não fique fungando perto de mim. Vão para o inferno, vocês todos! Ela não precisa de *suas* lágrimas!

Eu estava chorando tanto por ele quanto por ela: às vezes nós realmente sentimos pena daquelas criaturas que não sentem nem um pouco desse sentimento nem por si mesmas nem pelos outros; e quando olhei para o seu rosto pela primeira vez, percebi que ele já havia tido notícias da catástrofe. Passou-me pela cabeça a ideia tola de que seu coração havia sido amansado e ele rezava, porque seus lábios se moviam e seu olhar estava fixo no chão.

— Sim, ela está morta! — respondi, contendo meus soluços e secando minhas faces. — Ela foi para o céu, espero, onde nós, todos nós, poderemos nos juntar a ela, se formos precavidos e abandonarmos nossos maus caminhos para seguir o do bem!

— Então *ela* foi precavida? — perguntou Heathcliff, tentando ser sarcástico. — Ela morreu como uma santa? Vamos, me conte como tudo realmente aconteceu. Como...

Ele tentou pronunciar o nome, mas não foi capaz; e, cerrando os lábios, manteve um combate silencioso com sua agonia interior, enquanto desafiava minha simpatia com um olhar fixo e feroz.

— Como ela morreu? — disse ele finalmente, forçado, não obstante sua resistência, a buscar um suporte atrás de si, porque, depois daquele momento de luta, ele ficou tremendo involuntariamente dos pés à cabeça.

Pobre desgraçado, pensei, você tem um coração e nervos assim como os outros homens! Por que se esforça tanto para escondê-los? Seu orgulho não pode cegar Deus! Você O tenta a torturá-lo, até que Ele lhe arranque um grito de humilhação!

— Silenciosamente, como um cordeirinho! — respondi em voz alta. — Ela soltou um suspiro e esticou o corpo, como uma criança que desperta e volta outra vez a dormir; e cinco minutos depois eu senti uma ligeira pulsação do seu coração, e nada mais!

— E... e ela chegou a falar em mim? — perguntou ele hesitante, como se temesse que a resposta para sua pergunta pudesse introduzir detalhes que ele não teria condições de ouvir.

— Ela nunca recobrou consciência; ela não reconheceu mais ninguém desde que o senhor a deixou — disse eu. — Ela jaz com um doce sorriso no rosto, e seus últimos pensamentos se voltaram para os agradáveis dias de outrora. A vida dela se encerrou com um sonho gentil... possa ela despertar assim tão gentilmente no outro mundo!

— Possa ela despertar em tormento! — exclamou ele, com uma veemência apavorante, batendo o pé, e gemendo em um súbito paroxismo de paixão incontrolável. — Ora, ela foi uma mentirosa até o fim! Onde ela está? Não lá... não no céu... não se finou... onde? Oh! Você disse que pouco se importava com os meus sofrimentos! E eu rezo uma oração... vou repeti-la até minha língua se enrijecer... Catherine Earnshaw, que você não descanse enquanto eu viver! Você disse que eu matei você... assombre-me, então! O assassinado assombra *mesmo* seus assassinos, eu acredito... eu sei que os fantasmas *têm* andado pela Terra. Fique sempre comigo... assuma qualquer forma... me deixe louco! Mas só *não* me deixe neste abismo, onde não consigo encontrar você! Oh, Deus! É indizível! Eu não *consigo* viver sem minha vida! Eu *não* consigo viver sem minha alma!

Ele bateu a cabeça contra o tronco rugoso; e, erguendo os olhos, uivou, não como um homem, mas como um animal selvagem sendo aguilhoado até

a morte com facas e lanças.

Eu notei várias gotas de sangue na casca da árvore, e as mãos e a testa dele estavam manchadas; provavelmente a cena que eu testemunhava era uma repetição de outras acontecidas durante a noite. Aquilo mal suscitou minha compaixão; muito mais que isso, me assustou. Ainda assim, eu relutava em deixá-lo naquele estado. Mas no momento em que ele se controlou o suficiente para perceber que eu estava olhando, ele urrou uma ordem para que eu fosse embora, e eu obedeci. Estava fora de meu alcance acalmá-lo ou consolá-lo!

O funeral da Sra. Linton deveria acontecer na sexta-feira seguinte à sua morte; e até então o seu caixão permaneceu aberto, coberto de flores e de folhas perfumadas, na grande sala de estar. Linton passou os dias e as noites lá, um guardião insone; e (circunstância que passou despercebida para todos, mas não para mim) Heathcliff passou as noites, pelo menos, lá fora, igualmente incapaz de descansar.

Eu não entrei em contato com ele; mesmo assim, tinha consciência da intenção dele de entrar, caso pudesse. E na terça-feira, pouco depois do escurecer, quando meu patrão, por pura fadiga, havia sido forçado a se retirar por algumas horas, eu fui e abri uma das janelas, motivada, pela perseverança dele, a proporcionar-lhe a chance de dar um último adeus à imagem desvanecida de seu ídolo.

Ele não se furtou de aproveitar a oportunidade, com cautela e rapidamente, cauteloso demais para trair sua presença com o mais ínfimo dos ruídos; na verdade, eu não teria percebido que ele tinha estado lá, a não ser pelo desarranjo do drapeado sobre o rosto de Catherine, e por ter observado no chão um cacho de cabelos claros, presos com uma corrente de prata, que, ao examinar melhor, eu tive a certeza de ter sido tirado de um medalhão que pendia do pescoço de Catherine. Heathcliff o abriu e jogara fora seu conteúdo, substituindo-o por um cacho de seus próprios cabelos negros. Eu enrolei os dois, e os coloquei juntos.

O Sr. Earnshaw fora, naturalmente, chamado para acompanhar o corpo da irmã ao túmulo; ele não mandou desculpas, mas não apareceu. Então,

além do marido, os acompanhantes eram todos arrendatários e empregados. Isabella não foi convidada.

O lugar onde enterraram Catherine, para surpresa dos habitantes locais, não foi nem dentro da capela, no monumento esculpido da família Linton, e nem mesmo fora, perto dos túmulos de seus próprios parentes. O túmulo foi cavado em uma encosta verdejante, em um canto do campo-santo onde a parede é tão baixa que as urzes e os mirtilos treparam por cima dela, vindo da charneca; e a turfa quase o cobre completamente. Seu marido jaz no mesmo lugar, agora; e cada um deles tem uma simples lápide, e um simples bloco de pedra cinzenta aos pés, para indicar os túmulos.



XVII

Aquela sexta-feira foi o último dos dias bonitos que tivemos por um mês. À noite, o tempo ficou instável; o vento mudou do sul para o noroeste, trazendo primeiro a chuva, e depois a neve.

No dia seguinte, mal dava para imaginar que tínhamos tido três semanas de verão: as prímulas e os crocos se escondiam sob o gelo arrastado pelo vento; as cotovias estavam silenciosas, os brotos das árvores temporãs destruídos e enegrecidos. E triste, e frio, e deprimente aquele dia se arrastou! Meu patrão ficou em seu quarto. Eu me apossei da saleta solitária, transformando-a em um quarto de bebê; e lá estava eu sentada, com aquela bonequinha chorosa nos meus joelhos, embalando-a, e observando, enquanto isso, os flocos de neve que ainda se agitavam encobrirem a janela sem cortinas, quando a porta se abriu, e uma pessoa entrou, sem fôlego e rindo!

Minha raiva foi maior que meu espanto por uns momentos; eu supus que fosse uma das empregadas, e gritei:

— Já chega! Como você ousa mostrar sua frivolidade aqui? O que o Sr. Linton diria se a ouvisse?

— Oh, me desculpe! — respondeu uma voz familiar. — Mas eu sei que Edgar está dormindo, e não consigo me controlar.

E com isso, a pessoa que falava se aproximou do fogo, arquejando e mantendo a mão nos flancos.

— Eu corri o caminho todo desde o Morro dos Ventos Uivantes! — continuou ela, depois de uma pausa. — A não ser quando eu voei. Não consigo contar a quantidade de vezes que eu caí. Oh, meu corpo todo dói! Não fique assustada. Você vai ter uma explicação assim que eu conseguir dá-la... mas, só faça a gentileza de ir lá fora e ordenar que a carruagem me leve até Gimmerton, e diga para uma empregada ir buscar algumas das minhas roupas em meu guarda-roupas.

A intrusa era a Sra. Heathcliff. Ela certamente não parecia estar em uma condição que levasse ao riso: o cabelo lhe caía pelos ombros, pingando neve e água; ela estava vestindo um daqueles vestidos juvenis que ela costumava usar, mais adequado à sua idade que à sua posição; um vestido curto, com mangas curtas, e não trazia nada ao pescoço ou à cabeça. O vestido era de seda leve, e adería ao corpo dela por estar molhado; os pés dela estavam protegidos somente por chinelinhos leves; acrescente-se a isso um corte profundo sob uma orelha, que apenas o frio impedia de sangrar copiosamente, um rosto pálido arranhado e machucado, e um corpo que mal parecia capaz de se sustentar por causa do cansaço, e o senhor pode imaginar que meu susto inicial não foi muito aliviado quando tive ocasião de examiná-la.

— Minha cara patroa — exclamei —, eu não vou sair daqui e não vou ouvir nem uma palavra enquanto a senhorita não tiver trocado cada peça de suas roupas por roupas secas! E certamente a senhorita não vai até Gimmerton esta noite; então é inútil pedir a carruagem.

— Mas é claro que eu vou — disse ela —, andando ou de carruagem; entretanto, não me oponho a me vestir decentemente e... ah, veja como está sangrando meu pescoço agora! O fogo faz mesmo o corte arder.

Ela insistiu que eu seguisse suas instruções antes de ela permitir que eu a tocassem; e só depois que o cocheiro foi instruído para se aprontar, e uma empregada recebeu ordens de fazer uma mala com algumas peças de roupa indispensáveis, foi que eu tive o consentimento dela para cuidar do ferimento e ajudá-la a trocar de roupa.

— Agora, Ellen — disse ela, quando terminei minhas tarefas, e ela estava sentada em uma cadeira preguiçosa perto do fogo, com uma xícara de chá à sua frente —, você se sente aqui na minha frente, e tire o bebê da pobre da Catherine daqui... não gosto de vê-lo! Você não deve achar que eu pouco me importo com Catherine, por eu ter me comportado como uma tola ao entrar. Eu chorei também, amargamente... sim, mais do que qualquer outra pessoa tem razão para chorar. Nós nos separamos brigadas, você lembra, e eu não vou me perdoar. Mas, apesar de tudo isso, eu não poderia

sentir solidariedade por ele... aquele animal! Oh, me dê o atizador! Esta é a última coisa dele que tenho comigo.

Ela tirou a aliança de ouro de seu dedo anular, e a jogou no chão. — Eu vou amassá-la! — prosseguiu ela, batendo na aliança com uma raiva infantil. — E então vou queimá-la! — e ela pegou e jogou o artigo maltratado entre os pedaços de carvão. — Aí! Ele vai ter de comprar outro, se conseguir me levar de volta. Ele seria bem capaz de vir me procurar, só para aborrecer Edgar. Eu não ousou ficar, ou essa ideia pode se apossar da mente doentia dele! E, além do mais, Edgar não foi muito bondoso, foi? E eu não vou ficar implorando a ajuda dele; nem vou colocá-lo em uma situação ainda mais difícil. A necessidade me obrigou a procurar abrigo aqui; porém, se eu não soubesse que ele estava fora do caminho, eu teria ficado na cozinha, lavado meu rosto, me aquecido, pedido para você me levar o que eu queria, e partido outra vez para qualquer lugar longe do alcance de meu abominável... daquele monstro encarnado! Ah, ele estava tão furioso! Se ele tivesse me pegado! É uma pena Earnshaw não ser páreo para a força dele... eu não teria fugido antes de vê-lo completamente arrasado, se Hindley tivesse sido capaz de fazer isso!

— Bem, não fale tão depressa, senhorita! — interrompi. — Ou vai desarrumar o lenço que eu coloquei em volta do seu rosto, e fazer o corte sangrar de novo. Beba o seu chá, e respire, e pare de rir. As risadas estão lamentavelmente fora de lugar sob este teto, e em seu estado!

— É a pura verdade — retrucou ela. — Ouça essa criança! Ela chora sem parar... mande-a para um lugar onde eu não possa ouvi-la, por uma hora, não vou ficar muito mais do que isso.

Eu toquei o sino, e entreguei o bebê aos cuidados de uma das empregadas. Então perguntei o que havia levado a patroa a fugir do Morro dos Ventos Uivantes em condições tão adversas, e para onde ela tencionava ir, já que se recusava a ficar entre nós.

— Eu deveria ficar, e desejo — respondeu ela. — Por dois motivos principais: para alegrar Edgar e cuidar do bebê; mas também porque a Granja é meu verdadeiro lar. Mas eu vou lhe dizer, ele não permitiria! Você acha que ele suportaria me ver engordar e ficar alegre; que ele toleraria

pensar que nós estivéssemos tranquilos sem querer envenenar nossa tranquilidade? Ora, eu me alegro em ter a certeza de que ele me detesta ao ponto de se aborrecer profundamente quando estou ao alcance de seus olhos ou ouvidos. Eu percebo, quando chego perto dele, que os músculos de seu rosto ficam involuntariamente contorcidos em uma expressão de ódio; um ódio que nasce em parte do conhecimento que ele tem das boas razões que tenho para também odiá-lo, e em parte de uma aversão original. Esse sentimento é tão forte que tenho certeza quase absoluta de que ele não me perseguiria por toda a Inglaterra, caso eu conseguisse planejar uma fuga segura; e por isso eu devo ir embora logo. Eu já me recuperei do meu desejo inicial de ser morta por ele. Eu preferiria que ele se matasse! Ele acabou com meu amor de modo muito eficaz, e então estou sossegada. Eu ainda consigo me lembrar de como o amava; e posso vagamente imaginar que eu ainda poderia amá-lo se... não! Não! Mesmo que ele tivesse me tratado com carinho, sua natureza diabólica teria revelado sua existência de algum modo. Catherine tinha um gosto horivelmente pervertido para gostar tanto dele, conhecendo-o tão bem. Monstro! Eu desejaria que ele fosse extinto da criação, e extirpado das minhas lembranças!

— Não fale assim! Ele é um ser humano — argumentei. — Seja mais caridosa, há homens ainda piores que ele!

— Ele não é um ser humano — retrucou ela —, e ele não tem direito à minha caridade. Eu lhe dei o meu coração, e ele o pegou e o oprimiu até a morte; e o jogou de volta para mim. As pessoas sentem com seus corações, Ellen, e já que ele destruiu o meu, não tenho condições de me compadecer dele, e eu não faria isso, mesmo que ele implorasse até o dia de sua morte, e chorasse lágrimas de sangue por Catherine! Não, falando sério, eu não faria!

E ao chegar a esse ponto, Isabella caiu em prantos; mas, imediatamente, enxugando os olhos, ela retomou o que dizia:

— Você me perguntou o que finalmente me levou a fugir? Eu fui obrigada a fazer a tentativa, porque eu fui capaz de suscitar a raiva dele a um ponto além de sua maldade. Arrancar os nervos com pinças candentes requer mais frieza que dar socos na cabeça. Ele foi levado a esquecer a

diabólica prudência da qual se gabava, e passou a agir com uma violência mortal. Eu senti prazer em ser capaz de exasperá-lo: a sensação de prazer despertou em mim o instinto de autopreservação, e então eu escapei, e se um dia eu voltar a cair nas mãos dele, sua vingança será desmedida.

Ontem, você sabe, o Sr. Earnshaw deveria ter comparecido ao funeral. Ele se manteve sóbrio com esse intuito. Toleravelmente sóbrio; não tendo, como é seu costume, ido para a cama enlouquecido às seis horas para se levantar bêbado ao meio-dia. Como consequência, ele acordou deprimido ao ponto do suicídio, tão apto para ir à igreja como para ir a um baile; e, alternativamente, ele se sentou perto do fogo e bebeu copos e copos de gim ou de *brandy*.

Heathcliff (eu estremeço só de dizer o nome dele!) ficou ausente de casa desde o último domingo até hoje. Se os anjos o alimentaram, ou se foram seus irmãos lá debaixo da terra, não sei dizer; mas ele não fez uma refeição conosco por quase uma semana. Ele só chegava em casa ao amanhecer, e subia para seu quarto, trancando-se lá dentro — como se alguém sonhasse em desejar a companhia dele! E lá ele ficava, rezando como um Metodista; mas a divindade à qual ele fazia seus rogos é pó e cinzas; e Deus, quando invocado, era curiosamente confundido com o próprio negro pai! Depois de concluir essas rebuscadas preces (e elas duravam geralmente até ele ficar rouco, e a sua voz ficar aprisionada na garganta) ele saía novamente; sempre indo direto para a Granja! Eu fico pensando como Edgar não mandou chamar alguém da polícia, e não o colocou sob custódia! Quanto a mim, mesmo triste como eu estava por causa de Catherine, era impossível não deixar de encarar como férias esse período de libertação de uma opressão degradante.

Eu me animei o suficiente para ouvir as eternas pregações de Joseph sem chorar; e para andar de um lado para outro da casa, sem aquele passo de ladrão assustado que eu tinha antes. Você deve imaginar que eu não iria chorar por causa de qualquer coisa que Joseph pudesse me dizer, mas ele e Hareton são companheiros detestáveis. Eu prefiro ficar sentada com Hindley, e ouvir o horrível palavreado dele, a ficar “c’o patrãozinho” e seu ferrenho defensor, aquele velho odioso!

Quando Heathcliff está em casa, com frequência sou forçada a buscar a cozinha e a companhia deles, ou ficar me enregelando nos cômodos úmidos e desabitados; quando ele não está, como foi o caso desta semana, eu arrumo uma mesa e uma cadeira em um dos cantos perto da lareira, e pouco me importa como o Sr. Earnshaw vá se manter ocupado; e ele não interfere nas minhas ocupações. Ele está mais quieto agora do que costumava ser, se ninguém o provoca; mais taciturno e deprimido, e menos furioso. Joseph afirma ter certeza de que Hindley é um homem mudado; que o Senhor tocou o coração dele, e que ele foi salvo “através do fogo”. Eu sinto dificuldade em detectar sinais de tal favorável mudança, mas isso não é da minha conta.

Ontem à noite, fiquei sentada em meu canto lendo alguns velhos livros até tarde, quase perto da meia-noite. Parecia tão triste subir para o quarto, com a neve violenta caindo lá fora, e meus pensamentos se voltando constantemente para o campo-santo e o túmulo recém-cavado! Eu mal ousava erguer meus olhos da página do livro aberto à minha frente, pois essa cena melancólica imediatamente ocupava o lugar dela.

Hindley se sentou do lado oposto, a cabeça apoiada na mão, talvez pensando no mesmo assunto. Ele havia deixado de beber em um ponto um pouco aquém da irracionalidade, e não havia se mexido e nem falado durante duas ou três horas. Não havia nenhum som na casa toda além do vento lamentoso que balançava as janelas de vez em quando, o leve estalido dos carvões, e o tinir da minha espevitadeira quando eu removia, de tempos em tempos, o longo pavio da vela. Acredito que Hareton e Joseph estivessem na cama, profundamente adormecidos. Era uma situação muito, muito triste, e enquanto eu lia, eu suspirava, pois me parecia que toda a felicidade havia desaparecido do mundo, para nunca mais ser restabelecida.

O lúgubre silêncio foi finalmente quebrado pelo som do ferrolho na cozinha. Heathcliff havia voltado de sua vigília mais cedo que o habitual, por causa, eu suponho, da tempestade repentina.

Aquela entrada estava fechada, e nós o ouvimos dando a volta para entrar pela outra. Eu me levantei sem poder reprimir nos meus lábios a

expressão daquilo que estava, o que levou meu companheiro, que tinha estado olhando fixamente na direção da porta, a se voltar e me olhar.

— Eu vou mantê-lo lá fora cinco minutos — exclamou ele. — A senhora não se opõe?

— Não! Por mim, pode mantê-lo fora a noite toda — respondi. — Faça isso! Coloque a chave na fechadura, e corra os ferrolhos.

Earnshaw fez isso antes de seu hóspede alcançar a frente; ele então se aproximou e colocou sua cadeira no outro lado da minha mesa, debruçando-se sobre ela, e perscrutando em meus olhos por uma simpatia pelo ódio inflamado que ardia nos dele: como ele tinha tanto a expressão quanto os sentimentos de um assassino, ele não pôde encontrar exatamente essa simpatia; porém, ele descobriu o suficiente para encorajá-lo a falar.

— A senhora e eu — disse ele — temos uma grande dívida para acertar com o homem que está lá fora! Se nenhum de nós dois fosse um covarde, nós poderíamos nos associar para cobrá-la. A senhora é tão dócil quanto seu irmão? A senhora está disposta a suportar até o fim, e não tentar nem uma vez uma vingança?

— Eu estou cansada de aguentar já agora — retruquei —, e ficaria feliz com uma vingança que não fosse recair sobre mim; mas a traição e a violência são facas de dois gumes: elas ferem aqueles que recorrem a elas, e ferem pior que seus inimigos.

— Traição e violência são uma justa retribuição para a traição e a violência! — exclamou Hindley. — Sra. Heathcliff, eu não vou lhe pedir para fazer nada além de se sentar imóvel e ficar em silêncio. Diga-me, então, a senhora é capaz? Tenho certeza de que a senhora teria tanto prazer quanto eu em testemunhar o fim da existência desse demônio; ele vai ser *sua* morte, a não ser que a senhora leve a melhor sobre ele... e ele vai ser *minha* ruína. Maldito seja o canalha infernal! Ele bate à porta como se já fosse o dono aqui! Prometa ficar de boca fechada, e antes de o relógio soar... faltam três minutos para uma hora da manhã... a senhora será uma mulher livre!

Ele tirou do peito os instrumentos que eu descrevi para você em minha carta, e teria apagado a vela. Eu a afastei dele, contudo, e agarrei-lhe o

braço.

— Eu não vou ficar de boca fechada! — disse eu. — E o senhor não deve encostar nele. Deixe que a porta permaneça fechada, e fique quieto!

— Não! Eu já tomei minha resolução, e por Deus, eu vou fazer isso! — gritou a desesperada criatura. — Eu vou lhe fazer uma gentileza, mesmo contra sua vontade, e vou fazer justiça para com Hareton! E a senhora não precisa ficar pensando em me proteger; Catherine morreu. Nenhuma pessoa viva iria me lamentar, ou ficar envergonhada, mesmo que eu cortasse minha garganta neste minuto; e é chegada a hora de dar um fim a tudo!

Teria surtido o mesmo efeito se eu tentasse lutar contra um urso, ou argumentar com um lunático. A única saída que me restava era correr para a gelosia, e avisar sua pretendida vítima do destino que a esperava.

— É melhor o senhor ir procurar abrigo em outro lugar esta noite! — exclamei, com um tom de voz bastante triunfante. — O Sr. Earnshaw está com vontade de lhe dar um tiro, se o senhor persistir em sua tentativa de entrar.

— É melhor você abrir a porta, sua... — respondeu ele, dirigindo-se a mim com um termo elegante que não faço questão de repetir.

— Eu não vou interferir no assunto — tornei a dizer. — Entre, e leve um tiro, se assim desejar! Eu já cumpri minha obrigação.

E assim dizendo fechei a janela, e reassumi meu lugar perto do fogo, tendo um estoque de hipocrisia pequeno demais a meu dispor para fingir qualquer tipo de ansiedade em relação ao perigo que o ameaçava.

Earnshaw praguejou violentamente em minha direção, afirmando que eu ainda amava o mau-caráter, e me chamando de todos os tipos de nomes devido à baixeza que eu demonstrava. E eu, lá no meu íntimo (e minha consciência nunca me recriminou), achei que seria uma bênção para ele se Heathcliff o tirasse daquela desgraça; e que bênção seria para *mim* se ele mandasse Heathcliff para o lugar onde ele merecia estar! Enquanto eu permanecia sentada acalentando esses pensamentos, o postigo por trás de mim foi jogado ao chão com um soco de Heathcliff, e seu rosto escuro apareceu com uma expressão maligna. Os batentes ficavam muito perto um do outro para permitir a passagem de seus ombros, e eu sorri, exultando em

minha suposta segurança. O cabelo e as roupas dele estavam brancos por causa da neve, e seus afiados dentes de canibal, expostos por causa do frio e da ira, brilhavam no escuro.

— Isabella, deixe-me entrar ou vou fazer com que você se arrependa!
— ele “resmoneô”, conforme diz Joseph.

— Não posso cometer um assassinato — retruquei. — O Sr. Hindley está de sobreaviso, com uma faca e uma pistola carregada.

— Deixe-me entrar pela porta da cozinha! — disse ele.

— Hindley vai chegar lá antes de mim — respondi. — E pobre amor é o seu, que não consegue enfrentar a neve caindo! Nós estávamos em paz em nossas camas enquanto a lua do verão brilhava, mas no momento em que uma rajada de vento retorna, você corre para o abrigo! Heathcliff, em seu lugar, eu iria me estender sobre o túmulo dela e morrer como um cão fiel. Com certeza não vale a pena viver neste mundo agora, vale? Você tinha me deixado com uma clara ideia de que Catherine era toda a alegria de sua vida. Não consigo imaginar como você pensa em sobreviver à perda dela.

— Ele está aí, não está? — exclamou meu companheiro, correndo para a abertura. — Se eu conseguir colocar meu braço para fora, dá para eu acertá-lo!

Eu acho, Ellen, que você vai me considerar uma pessoa realmente maldosa; mas você não conhece a história toda, então, não julgue! Eu não teria ajudado ou instigado um atentado nem mesmo contra a vida *dele*, por nada deste mundo. Desejar que ele estivesse morto, eu desejo; e por isso fiquei bastante desapontada, além de dominada pelo terror das consequências de minha fala provocadora, quando ele deu um bote na arma de Earnshaw e a arrancou das mãos dele.

A pistola disparou, e a faca, lançada para trás, se enterrou no pulso de seu dono. Heathcliff a puxou com força cortando a carne de Hindley e a enfiou, pingando sangue, em seu bolso. Então ele pegou uma pedra, golpeou a divisão entre duas janelas, e pulou para dentro. Seu adversário havia caído sem sentidos por causa da dor excessiva, e do sangue que jorrava de uma artéria, ou de uma veia maior.

O facínora chutou-o e pisoteou-o, e bateu a cabeça dele diversas vezes contra o pavimento, segurando-me com uma das mãos enquanto isso, para evitar que eu fosse chamar Joseph.

Ele demonstrou uma abnegação sobrenatural por se abster de acabar com Earnshaw de uma vez por todas; mas, ficando sem fôlego, finalmente desistiu, e arrastou o corpo aparentemente sem vida até o escano.

Lá ele arrancou a manga do casaco de Earnshaw e fez uma atadura no ferimento com gestos brutais, cuspendo e xingando enquanto isso, com a mesma energia com que havia chutado antes.

Encontrando-me livre, não perdi tempo e fui logo procurar o velho empregado que, tendo entendido aos poucos o teor de minha narrativa apressada, veio para baixo depressa, ofegando, enquanto descia os degraus de dois em dois.

— O qu' é que tá contecendo agora? O qu' é que tá contecendo, hã?

— Está acontecendo o seguinte! — berrou Heathcliff. — Seu patrão está louco, e se ele fosse viver mais um mês, eu o mandaria para um hospício. E por que diabos você me deixou trancado lá fora, seu cachorro velho e desdentado? Não fique aí parado balbuciando e resmungando. Venha, eu não vou cuidar dele. Leve-o daqui, e cuidado com o pavio da sua vela: mais da metade dele é *brandy*.

— Então, voscê tentô matá ele? — exclamou Joseph, erguendo as mãos e os olhos, horrorizado. — Eu nunca que vi uma coisa dessa! Que o Senhor...

Heathcliff deu-lhe um empurrão e o fez cair de joelhos no meio do sangue, jogando-lhe uma toalha; mas, ao invés de começar a limpar o chão, Joseph ergueu as mãos e começou uma prece que me fez dar risada por causa de sua fraseologia estranha. Eu estava em um estado de espírito que me impedia de ficar chocada com qualquer coisa que fosse; na verdade, eu estava tão indiferente como alguns malfeitores aparentam estar a caminho da forca.

— Ah, eu me esqueci de você — disse o tirano. — Você vai fazer isso. No chão, agora. E você conspira com ele contra mim, é isso, sua víbora? Aí, este é um serviço perfeito para você!

Ele me sacudiu até meus dentes rangerem, e me jogou ao lado de Joseph, que prontamente concluiu seus rogos e se levantou, jurando que iria para a Granja imediatamente. O Sr. Linton era um magistrado, e mesmo que ele tivesse cinquenta esposas mortas, ele iria fazer uma investigação a respeito daquilo.

Ele estava tão decidido a fazer isso que Heathcliff julgou mais prudente arrancar de meus lábios uma recapitulação do que havia acontecido; parado ao meu lado, ofegante por causa do ódio enquanto eu, relutantemente, fazia um relato respondendo às perguntas dele.

Foi preciso muito esforço para convencer o velho de que Heathcliff não era o agressor; sobretudo com minhas respostas dadas a contragosto. Entretanto, o Sr. Earnshaw logo o convenceu de que ainda estava vivo; ele se apressou a administrar uma dose de bebida e, com auxílio dela, seu patrão imediatamente voltou a se movimentar e recobrou a consciência.

Ciente de que seu inimigo ignorava o tratamento que havia recebido enquanto estava inconsciente, Heathcliff disse que ele estava bêbado a ponto de delirar; e que ele não iria prestar mais atenção a sua conduta atroz daquele momento em diante, mas aconselhava-o a ir para a cama. Para minha alegria, ele nos deixou logo depois de dar esse sensato conselho, e Hindley se estendeu na frente da lareira. Eu fui para meu próprio quarto, maravilhada por ter escapado com tanta facilidade.

Hoje de manhã, quando descí, pouco antes do meio-dia, o Sr. Earnshaw estava sentado ao pé do fogo, com uma aparência muito debilitada; seu carrasco, quase tão lúgubre e lívido, se recostava à chaminé. Nenhum dos dois parecia estar com vontade de comer, e tendo esperado até que toda a comida sobre a mesa estivesse fria, comecei a comer sozinha.

Nada me impediu de comer com apetite; e eu tinha certa sensação de satisfação e de superioridade quando, de tempos em tempos, eu lançava um olhar na direção de meus silenciosos companheiros, e sentia em meu íntimo o conforto de uma consciência tranquila.

Depois de ter comido, ousei tomar a decisão incomum de me aproximar do fogo, passando pelo assento de Earnshaw, e ajoelhando-me no canto ao lado dele.

Heathcliff nem olhou para o meu lado, e eu ergui os olhos e contemplei o rosto dele com quase tanta confiança como se ele tivesse se transformado em pedra. A fronte dele, que uma vez eu achara tão máscula, e que agora acho tão diabólica, estava encoberta por uma expressão anuviada; seus olhos de basilisco estavam praticamente sem vida por ele não dormir, e pelo choro, talvez, pois os cílios estavam úmidos; os lábios não tinham aquele esgar feroz, e estavam cerrados, com uma expressão de indizível tristeza. Tivesse sido outra pessoa, eu teria afastado o rosto perante a presença de tanta dor. No caso *dele*, eu estava feliz; e, por mais ignóbil que pareça insultar um inimigo derrotado, eu não poderia perder essa chance de dar uma flechada; a fraqueza dele era o único momento em que eu tinha condições de sentir a alegria de pagar o mal com o mal.

— Feio, muito feio, Senhorita! — interrompi. — Alguém poderia pensar que a senhorita jamais abriu uma Bíblia em sua vida. Se Deus humilhar seus inimigos, com certeza isso deveria ser o suficiente. É ao mesmo tempo maldade e presunção acrescentar seus tormentos aos Dele!

— De modo geral, eu concordo que seria, Ellen — continuou ela. — Mas qual desgraça que se abatesse sobre Heathcliff poderia me contentar, a não ser que eu tivesse parte nela? Eu preferiria que ele sofresse *menos*, se eu pudesse causar seus sofrimentos e ele pudesse saber que eu era a causadora. Ah, eu devo tanto a ele. Só com uma condição eu posso conceber perdoá-lo. E ela é: se eu puder pagar olho por olho e dente por dente; para cada repelão de agonia, pagar com um repelão, reduzi-lo ao meu nível. Como foi ele o primeiro a causar dano, que seja ele o primeiro a pedir perdão; e então... ora, então, Ellen, eu poderia mostrar um pouco de generosidade para você. Mas é totalmente impossível eu poder ser vingada, e por isso eu não posso perdoá-lo. Hindley queria um pouco de água, e eu lhe dei um copo, e perguntei-lhe como ele estava.

— Não tão mal quanto eu gostaria — retrucou ele. — Mas, a não ser pelo meu braço, cada polegada do meu corpo está doendo como se eu tivesse lutado contra uma legião de diabinhos!

— Não é de causar espanto — foi minha próxima observação. — Catherine costumava se vangloriar de que ela ficava entre o senhor e os

sofrimentos físicos: ela queria dizer que certas pessoas não o machucariam por medo de ofendê-la. É bom que as pessoas não se levantem *mesmo* de seus túmulos, ou, a noite passada, ela teria testemunhado uma cena repulsiva! O senhor não está machucado, e com cortes no peito e nos braços?

— Não dá para saber — respondeu ele. — Mas o que a senhora quer dizer? Ele teve a ousadia de me bater quando eu estava caído?

— Ele pisoteou o senhor, e o chutou, e o jogou no chão — sussurrei. — E a boca dele se enchia de água com vontade de esfaquear o senhor com os próprios dentes; porque ele é só metade homem, ou nem tudo isso.

O Sr. Earnshaw ergueu os olhos, assim como eu, para o rosto de nosso inimigo comum, que, absorto em sua angústia, parecia insensível ao que acontecia ao seu redor; quanto mais ele ficava imóvel, com maior clareza a maldade de seus pensamentos se refletia nos traços de seu rosto.

— Ah, se Deus apenas me desse forças para estrangulá-lo em minha última agonia, eu iria feliz para o inferno — gemeu o impaciente homem, contorcendo-se para se levantar, e deixando-se cair em desespero, convencido de sua falta de aptidão para aquele esforço.

— Não, já basta ele ter matado um de vocês — observei em voz alta. — Na Granja, todos sabem que sua irmã estaria viva agora se não tivesse sido pelo Sr. Heathcliff. Afinal, é preferível ser odiada a ser amada por ele. Quando eu me lembro como nós éramos felizes... como Catherine era feliz antes de ele aparecer... eu me sinto pronta para amaldiçoar aquele dia.

É mais provável que Heathcliff tenha percebido mais a verdade do que havia sido dito, do que a intenção da pessoa que falara. A atenção dele foi despertada, eu vi, porque seus olhos derramaram lágrimas por sobre as cinzas, e a respiração dele estava entrecortada por suspiros sufocantes.

Eu o encarei fixamente, e ri cheia de desdém. As janelas fechadas do inferno faiscaram por um momento em minha direção: o demônio que geralmente ficava de sentinela, entretanto, estava tão apagado e esmorecido que eu não tive medo de arriscar outra risada de escárnio.

— Levante-se e suma da minha frente — disse o pranteador.

Pelo menos eu imaginei que ele pronunciara essas palavras, embora sua voz mal fosse inteligível.

— Peço-lhe desculpas — respondi. — Mas eu amava Catherine também; e o irmão dela precisa de assistência que, por amor a ela, eu deverei dar. Agora que ela está morta, eu a vejo em Hindley; Hindley teria exatamente os mesmos olhos, se o senhor não tivesse tentado arrancá-los, deixando-os roxos e vermelhos, e ela...

— Levante-se, sua idiota desgraçada, antes que eu a pisoteie até a morte! — gritou ele, fazendo um movimento que me levou a me mover também.

— Mas também — continuei, preparando-me para fugir —, se a pobre Catherine tivesse confiado no senhor e adotado o ridículo e desprezível e degradante nome de Sra. Heathcliff, ela logo estaria com uma aparência semelhante! *Ela* não teria aturado em silêncio seu comportamento abominável; o ódio e a repulsa dela teriam achado jeito de se expressar.

O encosto do escano e o corpo de Earnshaw se interpunham entre mim e ele; então, ao invés de tentar me alcançar, ele agarrou uma faca na mesa e jogou-a em minha cabeça. Ela atingiu um ponto abaixo da minha orelha, e interrompeu a frase que eu estava dizendo; porém, puxando-a, eu corri para a porta e disse outra frase que eu espero que tenha o atingido mais profundamente que o projétil dele.

A última visão que eu tive dele foi numa corrida desabalada da parte dele, impedida por seu anfitrião; e os dois caíram no chão, engalfinhados.

Ao correr pela cozinha, pedi a Joseph que fosse rapidamente atender seu patrão; eu derrubei Hareton, que estava enforcando uma ninhada de cachorrinhos em um encosto de cadeira na soleira da porta; e, abençoada como uma alma que escapou do purgatório, eu pulei, saltei, e voei ao longo da estrada íngreme; então, deixando de lado suas curvas, vim correndo ao longo da charneca, rolando sobre as encostas e me esfalfando no meio dos pântanos; precipitando-me, na verdade, na direção da luz do farol que era a Granja. E eu preferiria ser condenada a uma moradia perpétua nos infernos a ter de, nem que fosse por uma noite, ficar sob o teto do Morro dos Ventos Uivantes de novo.

Isabella parou de falar e tomou um pouco de chá; então se levantou e, pedindo-me para colocar-lhe a touca e um grande xale que eu trouxera e ignorando minhas súplicas para que permanecesse por mais uma hora, ela subiu em uma cadeira, beijou os retratos de Edgar e de Catherine, fez-me uma saudação semelhante, e desceu para a carruagem acompanhada por Fanny, que gania louca de felicidade por recuperar sua dona. Ela foi levada embora, para nunca mais tornar a visitar a região; porém, uma correspondência regular foi estabelecida entre ela e o meu patrão quando a situação ficou mais organizada.

Acredito que a nova residência dela fosse no sul, perto de Londres; lá ela teve um filho, nascido poucos meses depois de sua fuga. Ele foi batizado Linton, e, desde o começo, ela relatou que ele era uma criatura doentia e rabugenta.

Ao encontrar-me um dia no vilarejo, o Sr. Heathcliff me perguntou onde ela vivia. Eu me recusei a lhe dizer. Ele observou que isso não tinha a menor importância então, mas que ela deveria ter o cuidado de não vir visitar o irmão; eles não poderiam ficar juntos, ou então ele, Heathcliff, a levaria para viver com ele.

Embora eu não lhe tenha dado informações, ele descobriu, por intermédio de algum outro empregado, tanto o lugar onde ela morava quanto a existência da criança. Mesmo assim, não a importunou; indulgência que ela deveria agradecer à aversão que ele nutria por ela, eu suponho.

Ele frequentemente fazia perguntas sobre o menino, quando me via; e ao ouvir o nome, sorriu amargo e observou:

— Eles querem que eu o odeie também, não querem?

— Não acredito que eles desejem que o senhor saiba qualquer coisa a respeito dele — observei.

— Mas ele será meu — disse ele — quando eu o quiser. Eles podem contar com isso!

Felizmente, a mãe morreu antes que esse tempo chegasse, cerca de treze anos depois da morte de Catherine, quando Linton tinha uns doze anos, ou pouco mais.

No dia seguinte à inesperada visita de Isabella, eu não tive oportunidade de conversar com meu patrão: ele evitava conversas, e não tinha condições de discutir nada. Quando consegui fazer com que ele me ouvisse, vi que ele ficou contente ao saber que a irmã havia abandonado o marido, a quem ele repugnava com uma intensidade que a doçura de sua natureza dificilmente parecia permitir. Tão profunda e sensível era sua aversão que ele se abstinha de ir a qualquer lugar onde pudesse ver Heathcliff ou ouvir falar dele. A dor, e mais essa circunstância, transformaram-no em um completo recluso: ele abandonou seu cargo de magistrado, deixou até mesmo de ir à igreja, evitava o vilarejo em todas as ocasiões, e passou uma vida de total reclusão dentro dos limites do parque e do seu terreno, alternada somente por caminhadas solitárias na charneca, e visitas ao túmulo da esposa, na maioria das vezes ao anoitecer, ou no começo da manhã, antes que outras pessoas estivessem andando por aí.

Porém, ele era bom demais para ficar totalmente infeliz por muito tempo. *Ele* não rezava para que a alma de Catherine o atormentasse. O tempo lhe trouxe a resignação, e uma melancolia mais doce que a alegria comum. Ele se lembrava dela com um amor ardente e terno, e aspirava cheio de esperanças a um mundo melhor, para onde, ele não duvidava, ela havia ido.

E ele tinha um consolo e afeições aqui na Terra também. Por alguns dias, como eu disse, ele parecia nem pensar na franzina sucessora da falecida: aquela frieza se derreteu tão rápido quanto as neves em abril, e antes que a minúscula criaturinha pudesse balbuciar uma palavra ou dar os primeiros passos, ela brandia o cetro de um déspota no coração dele.

Ela foi batizada Catherine, mas ele nunca a chamava pelo nome completo, assim como ele jamais chamara a primeira Catherine pelo apelido, provavelmente porque Heathcliff tinha o hábito de fazê-lo. A pequena sempre foi Cathy; para ele, isso estabelecia uma diferença entre ela e a mãe, e, ao mesmo tempo, uma conexão com ela. O afeto dele surgiu da relação dela com a mãe, muito mais do que por ela ser filha dele.

Eu costumava fazer uma comparação entre ele e Hindley Earnshaw, e me intrigava tentando explicar de modo satisfatório por que suas condutas

foram tão opostas em circunstâncias parecidas. Ambos haviam sido maridos devotados, e ambos eram apegados aos filhos; e eu não conseguia entender por que eles não haviam trilhado o mesmo caminho, para o bem ou para o mal. Mas, eu ficava pensando comigo mesma, Hindley tendo uma cabeça aparentemente mais forte, havia demonstrado de um modo muito triste ser o homem pior e o mais fraco. Quando se anunciou o naufrágio, o capitão abandonou o seu posto; e a tripulação, em vez de tentar salvar o navio, entregou-se ao motim e à confusão, destruindo as esperanças da infeliz embarcação. Linton, pelo contrário, mostrou a verdadeira coragem de uma alma leal e fiel: ele acreditava em Deus, e Deus lhe deu conforto. Um esperava, e o outro desesperava: cada qual escolheu seu próprio quinhão, e foi devidamente condenado a suportá-lo.

Mas o senhor não há de querer ouvir minhas lições de moral, Sr. Lockwood: o senhor vai julgar tão bem quanto eu, todas essas coisas; pelo menos, o senhor acha que vai, e isso dá na mesma.

O fim de Earnshaw foi o que poderia ter sido esperado; ele rapidamente seguiu o caminho da irmã: mal se passaram seis meses entre a morte dos dois. Nós, na Granja, nunca tivemos um relato muito sucinto do estado dele anterior à morte; tudo que eu fiquei sabendo foi na ocasião de ir ajudar com os preparativos para o funeral. O Sr. Kenneth veio anunciar o acontecimento para meu patrão.

— Bem, Nelly — disse ele, entrando a cavalo no pátio uma manhã, cedo demais para não me alarmar com um imediato pressentimento de más notícias. — Chegou a sua vez, e a minha, de ficar de luto. Quem você acha que nos passou a perna agora?

— Quem? — perguntei, afobada.

— Ora, adivinhe! — retrucou ele, desmontando e pendurando as rédeas em uma argola ao lado da porta. — E apronte a ponta do seu avental; tenho certeza de que você vai precisar dele.

— Não foi o Sr. Heathcliff, com certeza? — exclamei.

— O quê! Você derramaria lágrimas por ele? — disse o médico. — Não, Heathcliff é uma criatura jovem e forte; hoje ele parece estar na flor da

idade; acabei de vê-lo. Ele está recuperando rapidamente o peso desde que perdeu sua alma-gêmea.

— Mas quem é então, Sr. Kenneth? — repeti, impaciente.

— Hindley Earnshaw! Seu velho amigo Hindley — respondeu ele —, e meu endemoniado compadre; embora por um bom tempo ele tenha andado louco demais para meu gosto. Aí! Eu disse que nós iríamos verter água. Mas, anime-se! Ele morreu leal ao seu caráter, bêbado como uma cabra. Pobre rapaz, também estou triste. A gente não consegue deixar de sentir falta de um velho companheiro, embora ele tivesse os piores modos que um ser humano jamais imaginou, e me aprontasse coisas de deixar os cabelos em pé. Ele mal completou vinte e sete anos, parece; é a sua idade; quem haveria de dizer que vocês dois nasceram no mesmo ano?

Confesso que esse golpe foi maior para mim que o choque da morte da Sra. Linton: antigas associações persistiam em meu coração; eu me sentei no pórtico e chorei como se fosse por um parente de sangue, pedindo a outro empregado que fosse levar Kenneth à presença do patrão.

Eu não conseguia deixar de ficar pensando na questão: “Ele tinha recebido um tratamento justo?” O que quer que eu fizesse, essa ideia ficava me perturbando: ela era tão exaustivamente pertinaz que me decidi a pedir licença para ir até o Morro dos Ventos Uivantes e ajudar nos preparativos finais para o funeral. O Sr. Linton relutou muito antes de consentir, mas eu evoquei de modo eloquente o estado de abandono em que Hindley jazia; e disse que meu antigo patrão e irmão de leite tinha um direito a meus serviços tão legítimo quanto o dele. Além do mais, eu lhe recordei que o menino, Hareton, era sobrinho de sua esposa e que, na ausência de um parente mais próximo, ele deveria agir como guardião da criança; e que ele precisava descobrir como a propriedade havia sido deixada, e deveria fazer isso, e tomar conta dos problemas de seu cunhado.

Ele não tinha condições de cuidar desses assuntos à época, mas me pediu que eu falasse com o advogado dele; e finalmente permitiu que eu fosse. O advogado dele também havia sido o de Earnshaw: eu fui até o vilarejo, e lhe pedi que me acompanhasse. Ele balançou a cabeça, e

aconselhou que Heathcliff deveria ser deixado em paz, afirmando que, se a verdade fosse dita, Hareton seria pouco mais que um mendigo.

— O pai dele morreu endividado — disse ele. — Toda a propriedade foi hipotecada, e a única chance para o herdeiro natural é suscitar algum tipo de interesse no coração do credor, para que este possa agir com bondade em relação ao menino.

Quando cheguei ao Morro, expliquei que tinha ido para cuidar que todos os preparativos fossem feitos com decência, e Joseph, que aparentava estar bastante nervoso, demonstrou satisfação com minha presença. O Sr. Heathcliff disse que ele não via como eu pudesse ser útil, mas que eu poderia ficar e organizar os preparativos para o funeral, caso eu desejasse.

— Para ser exato — observou ele —, o corpo daquele tolo deveria ser enterrado em uma encruzilhada, sem nenhum tipo de cerimônia. Casualmente eu saí dez minutos de perto dele ontem à tarde; nesse intervalo, ele fechou as duas portas da casa e me deixou para fora, e passou a noite bebendo até não poder mais, deliberadamente! Nós forçamos a entrada hoje de manhã, pois o ouvimos roncando como um cavalo; e lá estava ele, largado no escano: uma boa sova seguida de escarpamento não o teriam despertado. Eu mandei chamar Kenneth, e ele veio; mas não antes de o animal ter se transformado em carniça: ele já estava morto e frio e rígido; e então você há de concordar que era inútil fazer ainda mais barulho por causa dele!

O velho empregado confirmou essa declaração, mas murmurou:

— Eu preferia qu' ele mesmo tivesse ido buscá o médico! Eu cuidava meio do patrão qu' ele... e ele num tava morto quando eu saí, nada disso!

Eu insisti que o funeral deveria ser respeitável. O Sr. Heathcliff disse que eu poderia fazer minha vontade quanto a isso também; ele somente queria que eu me lembrasse de que o dinheiro para essa história toda saía de seu bolso.

Ele manteve uma postura severa e desatenta, que não indicava nem alegria nem pesar; se mostrava alguma coisa, era uma ligeira gratidão por um trabalho duro executado com sucesso. Eu notei uma vez, na verdade, algo parecido com a exultação em seu aspecto: foi bem na hora em que as

peessoas estavam tirando o caixão da casa. Ele foi hipócrita o suficiente para fazer o papel de pranteador; e antes de seguir com Hareton, ele colocou a infeliz criança sobre a mesa e murmurou, com um prazer peculiar:

— Agora, meu fermoso minino, você é meu! E nós vamos ver se uma árvore não vai crescer tão torta quanto a outra, com o mesmo vento para curvá-la!

O inocente menino ficou feliz com essas palavras; ele brincava com as suíças de Heathcliff e acariciava o rosto dele, mas eu adivinhei o significado do que fora dito e observei, ácida:

— O menino deve ir para a Granja da Cruz do Tordo comigo, senhor. Não existe nada no mundo que seja menos seu que ele!

— Linton disse isso? — ele perguntou.

— É claro... ele me deu ordens para levá-lo — retruquei.

— Bem — disse o patife —, nós não vamos discutir a respeito desse assunto agora, mas eu estou com vontade de me aventurar na criação de um menininho; então, avise ao seu patrão que eu devo preencher o lugar deste aqui com o meu menino, se ele tentar afastá-lo. Eu não me comprometo a deixar Hareton partir sem briga, mas vou fazer o possível para garantir a vinda do outro! Lembre-se de lhe dizer isso.

Esse aviso foi o suficiente para atar nossas mãos. Eu repeti sua essência, ao voltar, e Edgar Linton, no início pouco interessado, não falou mais em interferir. Não tenho certeza que ele pudesse ter feito isso de qualquer modo, mesmo que estivesse cheio de vontade.

O hóspede era agora o proprietário do Morro dos Ventos Uivantes: ele se aferrou à propriedade, e provou ao advogado, que, por sua vez, provou para o Sr. Linton, que Earnshaw havia hipotecado cada metro de sua terra para conseguir dinheiro com que manter o seu vício no jogo; e ele, Heathcliff, era o seu credor.

Desse modo, Hareton, que deveria hoje ser o cavalheiro mais importante das redondezas, foi reduzido a um estado de completa dependência nas mãos do inveterado inimigo de seu pai; e ele vive em sua própria casa como um empregado, destituído dos benefícios de salário, e

praticamente incapaz de se endireitar, por não ter amigos, e por ignorar que foi enganado.



XVIII

Os doze anos que se seguiram a esse sombrio período foram os mais felizes de minha vida, continuou a Sra. Dean: enquanto eles passavam, meus maiores problemas foram ocasionados pelas insignificantes doenças da nossa patroazinha, as quais ela tinha de enfrentar assim como todas as crianças, ricas e pobres.

Quanto ao resto, depois dos primeiros seis meses, ela cresceu como um lariço, e já era capaz de andar e de falar também, do jeito dela, antes que a urze florescesse pela segunda vez sobre os restos mortais da Sra. Linton.

Ela era a criaturinha mais sedutora que jamais trouxe um raio de sol para dentro de uma casa desolada. Seu rosto era muito bonito mesmo, com os belos olhos escuros dos Earnshaws, mas com a pele clara e os traços delicados e os cabelos loiros encaracolados dos Lintons. O gênio dela era forte, embora não fosse rude, e caracterizado por um coração excessivamente sensível e vivaz em suas afeições. Essa capacidade de se apegar de modo assim intenso me fazia lembrar sua mãe. Mesmo assim, a patroazinha não se parecia com ela, pois podia ser doce e meiga como uma pomba, e tinha uma voz gentil e uma expressão pensativa: a raiva dela nunca era furiosa; seu amor, nunca exagerado: ele era profundo e cheio de ternura.

Entretanto, é preciso reconhecer, ela tinha defeitos que empanavam suas qualidades. A tendência a ser atrevida era uma delas; e a vontade imperiosa que as crianças mimadas invariavelmente desenvolvem, quer elas tenham um bom temperamento ou sejam rebeldes. Se por acaso um empregado a aborrecesse, sempre se ouvia: “Eu vou contar para o papai!” E se ele a censurasse, mesmo que fosse por um olhar, o senhor acharia que aquilo era um caso muito sério: eu acredito que ele nunca tenha dito uma palavra mais rude para ela.

Ele assumiu completa responsabilidade pela educação dela, e fez disso uma diversão. Felizmente, a curiosidade e uma inteligência viva fizeram dela uma boa estudante; ela aprendia rapidamente, e com vontade, e honrou os ensinamentos dele.

Até completar treze anos de idade, ela nunca tinha estado além dos limites do parque sozinha. O Sr. Linton a levava por pouco mais de um quilômetro além da propriedade, em raras ocasiões, mas não a confiava a ninguém mais. Gimmerton era um nome sem sentido aos ouvidos dela; a capela, o único prédio de que ela havia se aproximado ou no qual entrara, além de sua própria casa. O Morro dos Ventos Uivantes e o Sr. Heathcliff não existiam para ela; ela era uma perfeita reclusa e, ao que parecia, perfeitamente contente. Às vezes, para ser exata, enquanto observava a paisagem da janela de seu quarto, ela dizia:

— Ellen, quanto tempo ainda falta para eu poder ir até o alto daqueles morros? Eu fico pensando no que está do outro lado... é o mar?

— Não, Srta. Cathy — respondia eu. — São mais morros, iguaizinhos a esses.

— E como são aquelas rochas douradas, quando você fica parada debaixo delas? — perguntou ela certa vez.

A escarpa íngreme das Colinas de Penistone atraía particularmente a atenção dela, sobretudo quando o sol poente cobria suas encostas e os picos mais altos, e todo o resto da paisagem ficava mergulhado na escuridão.

Eu explicava que eram montes de pedras nuas, que mal tinham em suas fendas uma quantidade de terra suficiente para nutrir uma árvore mirrada.

— E por que elas reluzem tanto tempo depois de já estar escuro aqui? — perguntou ela.

— Porque elas estão muito mais alto do que nós estamos — respondi. — A senhorita não conseguiria subir nelas, elas são muito altas e íngremes. No inverno, a neve chega lá muito antes de chegar aqui; e, bem no auge do verão, eu descobri neve sob aquela fenda negra no lado noroeste!

— Ah, então você já esteve lá! — exclamou ela, feliz. — Então eu posso ir também, quando for grande. Papai já esteve lá, Ellen?

— Seu pai iria lhe dizer, Senhorita — apressei-me a responder —, que não vale a pena se dar ao trabalho de ir lá vê-las. A charneca, onde a senhorita passeia com ele, é muito mais agradável; e o parque da Granja é o mais belo do mundo.

— Mas eu conheço o parque, e não conheço as pedras — disse ela para si mesma em voz baixa. — E eu adoraria olhar a paisagem ao meu redor lá do ponto mais alto... meu pônei, Minny, vai me levar lá qualquer hora.

A menção feita por uma das empregadas à Caverna das Fadas quase a deixou de cabeça virada com o desejo de realizar esse projeto; ela importunou o Sr. Linton a respeito disso, e ele prometeu que ela faria o passeio quando ficasse mais velha. Porém, a Senhorita Catherine media sua idade por meses, e “Agora eu já tenho idade suficiente para ir até as Colinas de Penistone?” era uma pergunta constante em sua boca.

A estrada para lá passava pertinho do Morro dos Ventos Uivantes. Edgar não tinha coragem de passar por lá; então ela recebia constantemente a resposta, “Ainda não, querida, ainda não.”

Eu comentei que a Sra. Heathcliff viveu cerca de doze anos depois de abandonar seu marido. Sua família tinha uma constituição delicada: tanto ela quanto Edgar não tinham a robustez que o senhor geralmente vai encontrar por estas partes. Qual foi a doença final dela, eu não saberia dizer; suponho que os dois morreram do mesmo problema, um tipo de febre, lento em seu início, mas incurável, e que rapidamente consumia a vida perto de seu fim.

Ela escreveu para informar ao irmão sobre o provável fim de uma indisposição de que ela vinha sofrendo havia quatro meses; e suplicou que ele fosse vê-la, se possível, pois ela tinha muita coisa para acertar, e ela lhe desejava dizer adeus, e entregar Linton em segurança nas mãos dele. A esperança dela era a de que Linton pudesse ficar com o tio, como havia ficado com ela; o pai dele, ela estava convencida, não tinha o menor desejo de assumir o fardo de cuidar dele, ou de sua educação.

Meu patrão não hesitou nem um instante em ceder a esse pedido. Por mais que relutasse em sair de casa por questões comuns, ele viajou rapidamente em resposta a essa carta, deixando Catherine sob minha

vigilância especial durante sua ausência, com ordens reiteradas de que ela não deveria sair do parque, nem mesmo sob minha guarda: ele não imaginava que ela fosse sair sozinha.

Ele se ausentou por três semanas. Durante os dois primeiros dias, minha pupila ficou sentada em um canto da biblioteca, triste demais para ler ou brincar: nesse estado de espírito quieto ela praticamente não me deu trabalho. Mas ele foi sucedido por um período de tédio impaciente e irritadiço; e, estando ocupada demais, e muito velha, para ficar correndo de um lado para o outro para diverti-la, descobri um método com o qual ela poderia se distrair.

Eu costumava mandá-la fazer seus passeios pelo parque — ora a pé, ora com o pônei; quando ela voltava, eu a recompensava ouvindo atentamente todas as suas aventuras reais e imaginárias.

O verão estava no auge; e ela adquiriu tanto gosto por esses passeios solitários que com frequência dava um jeito de ficar fora de casa desde o café da manhã até a hora do chá; e então as noites eram passadas com ela recontando suas histórias fantasiosas. Eu não temia que ela fosse ultrapassar seus limites, porque os portões geralmente ficavam trancados, e eu achava que ela dificilmente se aventuraria a sair sozinha, mesmo que eles estivessem escancarados.

Infelizmente, minha confiança acabou não se justificando. Catherine se aproximou de mim um dia, às oito horas da manhã, e disse que, naquele dia, ela era um mercador árabe e iria atravessar o Deserto com sua caravana; e eu deveria dar uma grande quantidade de provisões para ela e os animais, um cavalo e três camelos, representados por um grande cachorro e uma dupla de *pointers*.

Eu fiz um bom pacote de guloseimas e o coloquei em uma cesta pendurada ao lado da sela; e Catherine saiu tão feliz quanto uma fada, protegida do sol de julho por seu chapéu de abas largas e pelo véu de gaze, e foi embora trotando com uma risada feliz, caçoando de meus conselhos cautelosos para não galopar e para voltar logo.

A criaturinha travessa não voltou para o chá. Um dos viajantes, o cachorro, já velho e apreciador de suas comodidades, voltou; mas nem

Cathy nem o pônei e nem os dois *pointers* podiam ser vistos em qualquer direção; e eu mandei emissários pelos vários caminhos e, finalmente, saí andando eu mesma à procura dela.

Um trabalhador estava cuidando de uma cerca ao redor de um pouco de terra cultivada, nos limites do parque. Eu lhe perguntei se ele havia visto nossa patroazinha.

— Eu a vi de manhã — respondeu ele —, ela me pediu para cortar um chicote de um galho de bétula, e então fez o pônei saltar sobre a cerca ali adiante, onde ela é mais baixa, e saiu galopando até não dar mais para eu ver.

O senhor pode imaginar como eu me senti ao ouvir essa notícia. Na hora tive um palpite de que ela deveria ter se dirigido para as Colinas de Penistone.

— O que vai acontecer com ela? — exclamei, passando rapidamente por um buraco na cerca que o homem estava consertando, e indo diretamente para a estrada.

Eu saí andando como se tivesse feito uma aposta, quilômetro após quilômetro, até que uma curva do caminho me colocou na frente do Morro, mas eu não conseguia ver Catherine, longe ou perto.

Penistone Craggs ficam cerca de dois quilômetros e meio além da residência do Sr. Heathcliff, e são seis quilômetros e meio da Granja, então eu comecei a ficar com medo de que a noite caísse antes de eu poder chegar até lá.

E se ela tivesse caído, ao tentar subir nas pedras — pensei — e morrido, ou quebrado algum osso?

A ansiedade que eu sentia era verdadeiramente dolorosa; e, a princípio, senti um alívio imenso vendo, ao correr ao lado da casa, Charlie, o mais valente dos *pointers*, deitado sob uma janela, com a cabeça inchada e uma orelha sangrando.

Eu abri o ferrolho e corri para a porta, batendo vigorosamente para poder entrar. Uma mulher a quem eu conhecia, e que antes morava em Gimmerton, me atendeu: ela estava trabalhando como empregada lá desde a morte do Sr. Earnshaw.

— Ah — disse ela —, a senhora veio atrás de sua patroazinha! Não se assuste. Ela está aqui, a salvo... Mas eu fico feliz por não ser o patrão.

— Ele não está em casa, então? — perguntei, ofegante, sem fôlego por ter andado depressa e pelo susto.

— Não, não — respondeu ela —, tanto ele quanto Joseph saíram, e acho que eles não vão voltar na próxima hora, ou mais. Entre e descanse um pouco.

Eu entrei, e vi minha ovelhinha extraviada ao pé da lareira, se balançando em uma cadeirinha que havia pertencido à sua mãe quando criança. Seu chapéu estava pendurado na parede, e ela parecia se sentir perfeitamente à vontade, rindo e tagarelando, no melhor dos estados de espírito que se pudesse imaginar, com Hareton, então um rapaz grande e forte de dezoito anos, que a estava encarando com considerável curiosidade e espanto e compreendendo muito pouco da fluente sucessão de observações e de perguntas que a língua dela não se cansava de derramar.

— Muito bem, senhorita — exclamei, ocultando minha alegria sob uma face severa. — Este foi seu último passeio, até papai voltar. Eu não vou deixar você sair pela porta de casa de novo, sua menina levada, muito levada!

— Ahá, Ellen! — exclamou ela, feliz, levantando-se de um salto e correndo na minha direção. — Eu vou ter uma história bonita para contar esta noite... e então você me encontrou. Você já esteve aqui alguma vez antes?

— Coloque o chapéu, e vamos para casa agora — respondi. — Eu estou muito magoada, Senhorita Cathy, a senhorita agiu muito mal! Não adianta fazer biquinho e de chorar; isso não vai remediar a aflição que eu passei, varrendo as redondezas atrás da senhorita. E pensar que o Sr. Linton me encarregou de não deixá-la sair! E a senhorita saindo às escondidas; isso mostra que a senhorita é uma raposinha ardilosa, e agora ninguém mais vai confiar na senhorita. Nunca mais!

— O que foi que eu fiz? — perguntou ela, choramingando. — Papai não me obrigou a nada: ele não vai brigar comigo, Ellen... ele nunca fica zangado, como você!

— Vamos, vamos! — repeti. — Eu vou atar a fita do chapéu. Ora, ora, não é momento de ser petulante. Ah, que vergonha! Você tem treze anos de idade, e se portando feito um bebê!

Essa exclamação foi motivada por ela ter tirado o chapéu da cabeça, e se afastado para a chaminé, ficando fora do meu alcance.

— Não — disse a empregada —, não seja severa com a fermosa minina, Sra. Dean. Nós a fizemos parar; por ela, ela teria ido adiante, com medo que a senhora ficasse preocupada. Hareton se ofereceu para ir com ela, e eu achei que ele devia. É uma estrada ruim lá no alto dos morros.

Durante a conversa, Hareton ficou parado com as mãos nos bolsos, embaraçado demais para falar, embora ele desse a impressão de não ter gostado de minha intrusão.

— Por quanto tempo vou ter de esperar? — prossegui, sem dar atenção à interferência da mulher. — Vai escurecer em dez minutos. Onde está o pônei, Srta. Cathy? E onde está Fênix? Eu vou sem a senhorita, a não ser que a senhorita seja rápida, então, faça o que quiser.

— O pônei está no pátio — respondeu ela —, e Fênix está trancado ali. Ele foi mordido... e o Charlie também. Eu ia contar tudo isso para você, mas você está de mau humor, e não merece ouvir.

Eu peguei o chapéu dela e me aproximei para recolocá-lo; mas, percebendo que os moradores da casa estavam ao lado dela, Cathy começou a saltar por todo o cômodo. Quando eu a persegui, correu como um camundongo, por cima e por baixo dos móveis, fazendo com que ficasse ridículo eu tentar persegui-la.

Hareton e a mulher riam, e ela se juntou a eles, ficando ainda mais impertinente, até eu exclamar, extremamente irritada:

— Bem, Srta. Cathy, se a senhorita soubesse de quem é esta casa, a senhorita ficaria muito feliz por sair dela.

— É do seu pai, não é? — disse ela, voltando-se para Hareton.

— Não — respondeu ele, abaixando os olhos e enrubescendo, envergonhado.

Ele não conseguia suportar a expressão inquisidora dos olhos dela, embora fossem iguais aos dele.

— E de quem é então. Do seu patrão? — ela perguntou.

Ele ficou ainda mais vermelho, murmurou uma praga e se voltou para sair.

— Quem é o patrão dele? — continuou a insistente menina, dirigindo-se a mim. — Ele falou sobre a “nossa casa” e “nosso pessoal”. Eu achei que ele fosse o filho do dono. E ele nunca me chamou de senhorita; ele deveria ter feito isso, não deveria, se é um empregado?

Hareton ficou carrancudo como o céu na hora da trovoadas ao ouvir essa fala infantil. Silenciosamente, eu dei uma sacudidela na minha interrogadora e, finalmente, consegui arrumá-la para ir embora.

— E agora, pegue meu cavalo — disse ela, dirigindo-se a seu primo desconhecido como ela teria feito com um dos empregados do estábulo lá na Granja. — E você pode vir comigo. Eu quero ver em que lugar do pântano aparece caçador de duendes, e saber mais sobre os *elvos*, como você diz, mas ande logo! Qual é o problema? Vá pegar meu cavalo, estou mandando!

— Eu quero qu’ocê seja maldiçoada antes de eu servi de empregado pr’ocê! — grunhiu o rapaz.

— Você quer o *quê*? — perguntou Catherine, surpresa.

— Maldiçoada! — Você é uma bruxa ispivitada! — replicou ele.

— Pois bem, Srta. Cathy! A senhorita está vendo que está em muito boa companhia — interrompi. — Belas palavras para serem ditas a uma mocinha! Por favor, não brigue com ele. Venha, vamos nós mesmas pegar Minny, e vamos embora.

— Mas, Ellen — exclamou ela, olhando fixamente, atônita. — Como ele ousa falar assim comigo? Ele não tem de ser obrigado a fazer o que eu quero? Sua criatura maldosa, eu vou contar para o papai o que você disse... Vá!

Hareton não demonstrou ficar com medo dessa ameaça; então as lágrimas de indignação surgiram nos olhos dela.

— E você traga o pônei — exclamou ela, se voltando para a mulher — e solte meu cachorro agora mesmo.

— Calma, senhorita — respondeu a interpelada. — A senhorita não vai perder nada por ser educada. Embora o Sr. Hareton não seja o filho do patrão, ele é seu primo; e eu nunca fui contratada para ser sua empregada.

— *Ele*, meu primo!? — exclamou Cathy com uma risada de desprezo.

— Sim, é mesmo — respondeu a mulher que a censurara.

— Oh, Ellen, não deixe que eles falem essas coisas — continuou ela, muito agitada. — Papai foi buscar meu primo em Londres... meu primo é filho de um cavalheiro. Que meu... — ela parou e começou a chorar, perturbada com a simples ideia de um relacionamento com tamanho pateta.

— Quietinha, quietinha! — sussurrei. — As pessoas podem ter muitos primos, e de todos os tipos, Srta. Cathy, sem serem prejudicadas por causa disso; elas só não precisam ter a companhia deles, se eles forem desagradáveis e maus.

— Ele não é, ele não é meu primo, Ellen! — prosseguiu ela, tendo ainda mais motivos para ficar nervosa depois de uma reflexão, e se atirando em meus braços para se proteger daquela ideia.

Eu estava muito aborrecida com ela e a empregada por causa de suas revelações mútuas, não duvidando de que a chegada iminente de Linton, mencionada por Cathy, seria informada ao Sr. Heathcliff, e tendo igualmente a certeza de que a primeira coisa que Catherine faria depois da chegada do pai seria pedir uma explicação a respeito do que a empregada dissera sobre seus parentes mal-educados.

Hareton, tendo se recuperado do dissabor de ser confundido com um empregado, parecia comovido com a perturbação dela; e, tendo trazido o pônei para a porta, ele trouxe lá do canil, para agradá-la, um belo filhotinho de *terrier* com as perninhas tortas, e, colocando-o nas mãos dela, pediu-lhe ficasse “sussegada”, pois ele não tinha más intenções.

Fazendo uma pausa em suas lamentações, ela o observou com um olhar de espanto e de horror, e então recomeçou a chorar.

Eu mal conseguia deixar de sorrir por causa dessa antipatia pela pobre criatura, que era um jovem de boa constituição, com traços bem feitos, forte e saudável, mas vestido com roupas adequadas à suas ocupações diárias de trabalho na fazenda, e às caminhadas pela charneca atrás de coelhos e de

animais para caçar. Mesmo assim, eu achava que podia detectar em sua fisionomia uma mente dotada de melhores qualidades do que seu pai jamais possuía. Boas coisas perdidas em meio a uma profusão de ervas daninhas, com toda a certeza, e cuja quantidade suplantava e muito seu cultivo negligenciado; contudo, mesmo com tudo isso, havia evidências de um solo rico que poderia propiciar uma colheita abundante sob outras e mais favoráveis circunstâncias. O Sr. Heathcliff, acredito, não o maltratara fisicamente, graças à sua natureza destemida, que não criava oportunidades para esse tipo de opressão; ele não tinha nada da suscetibilidade tímida que teria dado ensejo aos maus-tratos, no parecer de Heathcliff. Ele aparentava ter dado vazão à sua malevolência fazendo do rapaz um boçal: Hareton nunca aprendeu a ler ou a escrever; nunca foi repreendido por nenhum mau hábito que não incomodasse seu guardião; nunca deu um único passo na direção da virtude, nem foi protegido por um único conselho contra os vícios. E, pelo que eu ouvi dizer, Joseph contribuía muito para essa deterioração por causa de uma parcialidade tacanha que o levava a adular e a mimar Hareton, quando criança, porque ele era o chefe da antiga família. E assim como ele tivera o hábito de acusar Catherine Earnshaw e Heathcliff, quando eles eram crianças, de deixar o patrão impaciente, levando-o a buscar consolo na bebida, por causa do que ele chamava de “os modos horríveis” dos dois, agora ele punha toda a culpa dos erros de Hareton nas mãos do usurpador de sua propriedade.

Se o rapaz praguejava, Joseph não o corrigia e nem fazia nada por mais que ele se comportasse mal. Aparentemente, Joseph se sentia satisfeito ao vê-lo indo de mal a pior. Ele concordava que Hareton estava arruinado e sua alma havia sido abandonada à perdição; mas então, ele refletia que Heathcliff era o culpado disso. O sangue de Hareton manchava as mãos de Heathcliff, e Joseph encontrava nesse pensamento um grande consolo.

Joseph havia instilado nele um orgulho de seu nome e de sua linhagem; ele teria, se tivesse ousado, alimentado o ódio entre o rapaz e o atual dono do Morro, mas o pavor que ele sentia daquele dono chegava aos limites da superstição; e ele confinava seus sentimentos em relação a ele a alusões resmungadas e ladainhas íntimas.

Eu não tenho a intenção de ser grande conhecedora do modo de vida habitual naqueles tempos lá no Morro dos Ventos Uivantes. Só estou falando pelo que eu ouvia dizer; pois eu via muito pouco. Os habitantes do vilarejo afirmavam que o Sr. Heathcliff era *cainho*, e um proprietário cruel para seus arrendatários; mas a casa, por dentro, recuperara seu antigo aspecto de conforto sob os cuidados femininos; e as cenas de briga tão comuns na época de Hindley não aconteciam mais entre as suas paredes. O patrão era taciturno demais para procurar a companhia de quaisquer pessoas, fossem elas boas ou más, e ele ainda é.

Bem, isso não está ajudando a levar a história adiante. A Srta. Cathy recusou a oferta pacificadora do *terrier*, e pediu que trouxessem seus próprios cachorros, Charlie e Fênix. Os dois vieram mancando, e de cabeça baixa; e nós nos dirigimos para casa, bastante indispostas, as duas.

Eu não consegui extrair da minha patroazinha como ela havia passado o dia, a não ser que, como eu supusera, o objetivo de sua peregrinação eram as Colinas de Penistone; e ela chegou sem contratempos aos portões da fazenda, quando casualmente Hareton saiu, rodeado por alguns seguidores caninos, que atacaram sua comitiva.

Eles tiveram uma briga feia, antes que seus donos pudessem separá-los: isso serviu de apresentação. Catherine contou para Hareton quem ela era, e para onde estava indo; e lhe pediu para mostrar-lhe o caminho, finalmente convencendo-o a acompanhá-la.

Ele revelou os mistérios da Caverna das Fadas, e de muitos outros lugares estranhos; mas, estando em desgraça, eu não fui favorecida com uma descrição dos objetos interessantes que ela havia visto.

Eu consegui depreender, contudo, que seu guia havia sido um favorito até ela magoar-lhe os sentimentos falando com ele como se fosse um empregado; e até a empregada de Heathcliff magoar os sentimentos dela dizendo que Hareton era seu primo.

E a linguagem que ele usara ao falar com ela ainda lhe pesava no coração; ela, que sempre era “amor”, e “querida”, e “rainha”, e “anjo” para todos lá na Granja, ser insultada de modo tão chocante por um estranho! Ela

não entendia aquilo; e muito trabalho eu tive para conseguir dela a promessa de que ela não faria queixa ao seu pai.

Eu expliquei como ele fazia objeções a todos os moradores lá do Morro, e quão triste ele ficaria ao descobrir que ela estivera lá; mas, acima de tudo, insisti no fato de que, se ela revelasse minha negligência em relação às ordens dele, ele ficaria tão bravo que eu teria de ir embora. E Cathy não suportava essa ideia: ela deu sua palavra, e a manteve, para meu bem — afinal, ela era um amor de menininha.



XIX

Uma carta, tarjada de negro, anunciou o dia do retorno de meu patrão. Isabella havia morrido. Ele me escreveu pedindo-me que providenciasse roupas de luto para sua filha, e arrumasse um quarto e outras acomodações para seu jovem sobrinho.

Catherine ficou louca de alegria com a ideia de recepcionar seu pai, e se deliciou com as mais fervorosas expectativas quanto às inúmeras virtudes de seu primo “de verdade”.

E veio a noite da esperada chegada deles. Desde o começo da manhã, ela estivera ocupada, dando as ordens e cuidando de seus próprios preparativos; e agora, trajando seu novo vestido preto — coitadinha! a morte de sua tia não lhe causou uma verdadeira tristeza — ela me fez, depois de tanto me importunar, ir caminhando com ela pelo parque para encontrá-los.

— Linton é só seis meses mais novo que eu — tagarelava ela, enquanto caminhávamos tranquilas pelas ondulações e depressões cobertas de turfa musgosa, sob a sombra das árvores. — Como vai ser gostoso tê-lo aqui como companhia! Tia Isabella mandou para papai um lindo cacho dos cabelos dele; eles eram mais claros que os meus, mais loiros, e quase tão finos. Eu os guardei com cuidado em uma caixinha de vidro; e tantas vezes pensei que alegria que seria conhecer o dono deles. Oh! Eu estou feliz... e o papai, querido, querido papai! Venha, Ellen, vamos rápido! Vamos rápido!

Ela correu, e voltou, e correu de novo, várias vezes, antes que meus passos mais comedidos chegassem ao portão, e então ela se sentou na encosta coberta de mato ao lado da estrada, e tentou esperar com paciência, mas isso era impossível; ela não conseguia ficar parada um minuto.

— Como eles estão demorando! — exclamou ela. — Ah, estou vendo um pouco de poeira na estrada — eles estão chegando! Não! Quando eles vão estar aqui? Não dá para irmos um pouquinho mais... nem um

quilômetro, Ellen, só menos de um quilômetro? Diga que sim, até aquele amontoado de bétulas lá na curva!

Eu me recusei, categórica; e, finalmente, o suspense dela chegou ao fim: dava para ver a carruagem dos viajantes se aproximando.

A Srta. Cathy gritou, e estendeu os braços, assim que viu o rosto do pai olhando pela janela. Ele desceu, quase tão ansioso quanto ela; e um longo intervalo se seguiu antes de eles terem um pensamento que não fosse um para o outro.

Enquanto eles trocavam carinhos, eu dei uma olhada dentro da carruagem para ver Linton. Ele estava adormecido em um canto, embrulhado em um casaco quente e com bordas de pele, como se fosse inverno. Um menino pálido, delicado e efeminado, que poderia ter sido irmão mais novo de meu patrão, tamanha era a semelhança; mas, havia uma irritação doentia em suas feições que Edgar Linton nunca tivera.

O patrão me viu olhando; e, tendo-me cumprimentado, me aconselhou a fechar a porta, e a não perturbar Linton, pois a viagem o havia fatigado.

Cathy adoraria ter dado uma olhada; mas seu pai disse-lhe para irem, e os dois caminharam juntos pelo parque, enquanto eu corria à frente deles para avisar os empregados.

— Então, querida — disse o Sr. Linton, dirigindo-se à filha, enquanto eles paravam ao pé da escada da frente —, seu primo não é tão forte ou alegre quanto você, e ele perdeu a mãe, lembre-se, faz muito pouco tempo; por isso, não espere que ele saia logo brincando e correndo por aí com você. E não o importune muito com sua conversa... deixe que ele fique quieto esta noite, pelo menos, sim?

— Sim, claro, papai — respondeu Catherine —, mas eu quero mesmo vê-lo; e ele não olhou para fora nem uma vez.

A carruagem parou; e o menino adormecido, tendo sido despertado, foi colocado no chão por seu tio.

— Esta é sua prima Cathy, Linton — disse ele, juntando as mãozinhas dos dois. — Ela já gosta de você, e cuide para não deixá-la triste esta noite, chorando. Tente ficar alegre agora; a viagem já acabou, e você não tem nada para fazer além de descansar e se distrair conforme quiser.

— Deixem-me ir para a cama, então — respondeu o menino, evitando o cumprimento de Catherine, e levando os dedos aos olhos para afastar as incipientes lágrimas.

— Ora, ora, seja um bom menino — sussurrei, levando-o para dentro. — Você vai fazê-la chorar também... veja como ela já está triste por sua causa!

Eu não sei se era por sentir pena dele, mas sua prima estava com um rosto tão triste quanto o dele próprio, e se voltou para o pai. Os três entraram, e subiram para a biblioteca, onde o chá já estava pronto.

Eu logo fui tirar o boné e o manto de Linton, e o coloquei em uma cadeira junto da mesa; porém, mal ele havia se sentado e já começou a chorar. Meu patrão perguntou qual era o problema.

— Não posso me sentar em uma cadeira — soluçou o menino.

— Vá para o sofá, então, e Ellen vai lhe servir um pouco de chá — respondeu o tio, com paciência.

Ele havia passado por maus bocados durante a viagem, eu fiquei certa, com aquela criatura irritadiça e doentia.

Linton se afastou lentamente, e se deitou. Cathy levou um escabelo e sua xícara para o lado dele.

A princípio, ela se sentou em silêncio; mas isso não ia durar muito; ela havia decidido fazer do primo um brinquedinho, como ela queria que ele fosse. Ela começou acariciando os cabelos dele, e beijando seu rosto, e dando-lhe chá em seu pires, como se ele fosse um bebê. Isso o deixou contente, pois ele não era muito mais do que isso; ele secou os olhos, e seu rosto se iluminou com um ligeiro sorriso.

— Oh, ele vai ficar bem — disse-me o patrão, depois de olhá-lo por um minuto. — Muito bem, se nós pudermos ficar com ele, Ellen. A companhia de uma criança de sua idade vai logo instilar um novo ânimo nele, e ao desejar ter forças, ele vai ganhá-las.

Ai, se pudermos ficar com ele!, eu pensei comigo mesma, e tristes pressentimentos se apoderaram de mim dizendo-me que não haveria a menor esperança quanto a isso. E então, eu pensei, como essa criatura fraca

vai viver no Morro dos Ventos Uivantes, entre seu pai e Hareton? Que companheiros e que professores eles serão?

Nossas dúvidas foram resolvidas em seguida — antes mesmo do que eu esperava. Eu havia acabado de mandar as crianças para a cama, depois de o chá ter terminado, e feito companhia a Linton até ele adormecer — ele não admitiu que eu o deixasse antes disso. Depois disso desci e estava parada ao lado da mesa no *hall*, acendendo uma vela para o quarto do Sr. Edgar, quando uma empregada veio da cozinha e me informou que o empregado do Sr. Heathcliff, Joseph, estava na porta, e queria falar com o patrão.

— Vou lhe perguntar o que ele quer em primeiro lugar — disse eu, com considerável ansiedade. — Uma hora muito inconveniente para perturbar as pessoas, e logo depois de eles terem voltado de uma longa viagem. Não acredito que o patrão tenha condições de recebê-lo.

Joseph havia entrado pela cozinha enquanto eu dizia essas palavras, e agora se apresentava no *hall*. Ele estava usando suas roupas de domingo e exibia sua expressão mais hipócrita e azeda; segurando seu chapéu em uma das mãos, e a bengala na outra, ele começou a limpar os pés no capacho.

— Boa noite, Joseph — disse eu, friamente. — O que traz você aqui esta noite?

— É co' seo Linton qu' eu tenho que falá — respondeu ele, colocando-me de lado com desprezo.

— O Sr. Linton está indo dormir; a não ser que você tenha algo particular para lhe dizer, tenho certeza de que ele não vai ouvir nada agora — prossegui. — Seria melhor você se sentar aqui e dar o seu recado para mim.

— Quar qu' é o quarto dele? — prosseguiu ele, inspecionando a série de portas fechadas.

Eu percebi que ele estava pronto para recusar minha intermediação; então, muito relutante, fui até a biblioteca e anunciei o inoportuno visitante, sugerindo que ele deveria ser mandado embora para que voltasse no dia seguinte.

O Sr. Linton não teve tempo de me delegar o poder para fazer isso, pois Joseph subiu colado aos meus pés e, entrando no cômodo, se postou no

outro lado da mesa, com os punhos cerrados no castão de sua bengala, e começou a falar em um tom de voz alto, como se já estivesse antecipando oposição:

— Hathecliff me mandô vim buscá o minino dele, e eu num vô s'imbora sem ele.

Edgar Linton ficou em silêncio por um minuto. Uma expressão de imenso pesar sombreou suas feições; ele teria sentido dó do menino apenas por ele próprio; mas, lembrando-se das esperanças e dos temores de Isabella, e como ela se mostrara ansiosa por causa do filho, e de suas recomendações para que ele ficasse aos seus cuidados, ele lamentou amargamente a perspectiva de entregá-lo, e tentou descobrir em seu íntimo como isso poderia ser evitado. Nenhum plano se ofereceu. A mera demonstração de qualquer desejo de mantê-lo teria deixado o requerente ainda mais peremptório: não havia nada a fazer a não ser entregá-lo. Contudo, ele não iria acordar o menino.

— Diga ao Sr. Heathcliff — respondeu ele, calmamente — que o filho dele irá para o Morro dos Ventos Uivantes amanhã. Ele está dormindo, e está cansado demais para ir até lá agora. Você também pode lhe dizer que a mãe de Linton desejava que ele ficasse sob meus cuidados; e, no momento, a saúde dele é muito precária.

— Não! — disse Joseph, batendo com a bengala no chão e assumindo um ar autoritário. — Não! Isso num qué dizê nada, o Hathecliff num tá interessado na mãe, nem em vosmecê; mas ele qué o minino, e eu devo de levá ele; agora vosmecê sabe disso!

— Você não vai levá-lo esta noite — respondeu Linton, decidido. — Desça imediatamente, e repita para seu patrão o que eu disse. Ellen, acompanhe-o. Vá...

E, conduzindo o indignado velho pelo braço, ele o colocou para fora do cômodo, e fechou a porta.

— Muito bem! — gritou Joseph, enquanto se retirava vagarosamente. — Amanhã ele memo vai vim, vosmecê pode botá ele pra fora, se vosmecê se atreve!



XX

Para evitar o perigo de essa ameaça ser cumprida, o Sr. Linton me ordenou que levasse o menino para casa logo cedo, com o pônei de Catherine, e disse:

— Como agora não teremos mais influência sobre o destino de Linton, seja esse destino bom ou ruim, você não deve dizer para minha filha nada a respeito do lugar para onde ele está indo; ela não pode manter um relacionamento com ele de agora em diante, e é melhor para ela ficar na ignorância da proximidade dele, ou ela vai ficar inquieta, e com vontade de visitar o Morro. Diga-lhe simplesmente que o pai do menino mandou buscá-lo repentinamente, e que ele teve de nos deixar.

Linton relutou bastante em ser tirado da cama às cinco horas da manhã, e ficou surpreso ao ser informado de que deveria se preparar para outra viagem; mas eu suavizei a informação dizendo que ele iria passar uns tempos com o pai, Sr. Heathcliff, que desejava tanto vê-lo, que ele não queria retardar o prazer até o filho se recuperar de sua última viagem.

— Meu pai? — exclamou ele, completamente perplexo. — Mamãe nunca me falou que eu tinha um pai. Onde ele mora? Eu preferiria ficar com o tio.

— Ele vive perto aqui da Granja — respondi —, bem atrás daqueles morros — não é tão longe que o senhor não possa ir andando até lá, quando ficar mais forte. E o senhor deveria ficar feliz por ir para casa e ver seu pai. O senhor deve tentar gostar dele, assim como gostava de sua mãe, e então ele vai amar o senhor.

— Mas por que eu nunca ouvi falar dele antes? — perguntou Linton. — Por que mamãe e ele não moravam juntos, como outras pessoas moram?

— Ele tinha negócios que o seguravam no norte — respondi —, e a saúde de sua mãe exigia que ela morasse no sul.

— E por que mamãe não me falava a respeito dele? — insistiu o menino. — Ela falava sempre no tio, e eu aprendi a gostar dele há muito tempo. Como vou gostar do papai? Eu não o conheço.

— Ah, todos os filhos amam seus pais — disse eu. — Talvez sua mãe tenha pensado que o senhor quisesse ficar com ele, se ela o mencionasse com frequência para o senhor. Vamos andar rápido. Uma cavalgada bem cedinho em uma manhã tão linda é preferível a uma hora a mais de sono.

— *Ela* vai conosco? — quis ele saber. — A menininha que eu vi ontem?

— Agora não — respondi.

— E o tio? — ele insistiu.

— Não, eu vou acompanhar o senhor até lá.

Linton se deixou cair nos travesseiros e ficou em profunda meditação.

— Eu não vou sem o tio — finalmente exclamou ele. — Eu não sei aonde você quer me levar.

Eu tentei persuadi-lo de que era muita falta de educação relutar em ir ao encontro do pai; mesmo assim, ele se recusou, obstinado, a se vestir, e eu tive de pedir a ajuda de meu patrão para convencê-lo a sair da cama.

O pobrezinho finalmente se levantou com inúmeras afirmativas ilusórias de que sua ausência seria curta; de que o Sr. Edgar e Cathy iriam visitá-lo, e outras promessas, igualmente sem fundamento, que eu inventei e reiterei a intervalos durante a caminhada.

O ar puro com cheiro de urze, o sol que brilhava e o passo cadenciado de Minny diminuíram o desânimo dele depois de certo tempo. Ele começou a fazer perguntas relacionadas à sua nova casa e aos seus habitantes, com grande interesse e vivacidade.

— O Morro dos Ventos Uivantes é um lugar tão agradável quanto a Granja da Cruz do Tordo? — perguntou ele, se voltando para dar uma última olhada no vale, de onde uma ligeira névoa subia e formava uma nuvem algodoadada sobre o fundo azul do céu.

— Não fica tão rodeado por árvores — respondi —, e não é tão grande, mas dá para ter uma bela vista da região, por toda a volta; e o ar é mais saudável para o senhor, mais fresco e mais seco. O senhor talvez ache que a

casa é antiga e escura, a princípio; embora seja uma casa respeitável, a segunda melhor da vizinhança. E o senhor vai poder fazer tantas caminhadas agradáveis na charneca! Hareton Earnshaw (ele é o outro primo da Srta. Cathy, e seu também, de certo modo) vai lhe mostrar os lugares mais bonitos, e o senhor pode pegar um livro quando o tempo estiver bom e fazer de uma concavidade verdejante o seu lugar para estudar; e de vez em quando seu tio poderá acompanhar o senhor em uma caminhada: ele vai andar lá nos morros com frequência.

— E como é meu pai? — perguntou ele. — Ele é jovem e bonito assim como o tio?

— Ele é tão jovem quanto seu tio — respondi —, mas tem cabelos e olhos negros, e parece mais sério, e é mais alto e mais forte de modo geral. Ele não vai dar para o senhor a impressão de ser gentil e carinhoso, a princípio, talvez porque não seja esse o jeito dele... mesmo assim, seja franco e educado com ele; e naturalmente ele vai gostar mais do senhor do que qualquer tio, pois o senhor é filho dele.

— Cabelos e olhos negros! — disse Linton, pensativo. — Não consigo imaginá-lo. Então eu não me pareço com ele, pareço?

— Não muito — respondi. Nem um pouquinho, eu pensei, examinando com tristeza a pele branca e a estrutura delicada de meu companheiro, e seus olhos azuis, grandes e lânguidos, os olhos de sua mãe; porém, eles não tinham nem um vestígio do espírito vivaz dela, a não ser pelos momentos em que uma mórbida irritabilidade os iluminava.

— Como é estranho que ele nunca tenha ido me visitar, e a mamãe — murmurou ele. — Ele nunca me viu. Se viu, eu deveria ser um bebê... eu não me lembro de nada a respeito dele!

— Ora, *Master* Linton! — eu disse. — Quatrocentos e oitenta quilômetros são uma distância grande; e dez anos parecem ter uma duração muito diferente para um adulto, comparados com o que parecem ter para o senhor. É provável que o Sr. Heathcliff tenha pensado em ir, de um verão para o outro, mas nunca tenha achado uma ocasião conveniente; e agora é tarde demais. Não fique importunando-o com perguntas sobre o assunto: isso vai perturbar seu pai, e sem motivo.

O menino ficou totalmente ocupado com suas próprias reflexões durante o resto da viagem, até nós pararmos em frente ao portão do jardim da casa. Eu fiquei olhando para ver as impressões no rosto dele. Ele examinou a frente entalhada, e as gelosias baixas, os desordenados arbustos de groselha e os abetos retorcidos com uma intensidade solene, e então abanou a cabeça: seus sentimentos íntimos desaprovavam completamente o exterior de sua nova residência; mas ele teve o bom senso de deixar para reclamar depois; poderia ter alguma compensação lá dentro.

Antes de ele desmontar, eu abri a porta. Já passava das seis e meia da manhã; a família havia acabado de fazer o desjejum; a empregada estava tirando a louça e limpando a mesa. Joseph estava ao lado da cadeira do patrão falando alguma coisa a respeito de um cavalo manco; Hareton estava se preparando para ir ao campo de feno.

— Olá, Nelly! — exclamou o Sr. Heathcliff ao me ver. — Eu achei que eu teria de ir lá e pegar minha propriedade pessoalmente. Você o trouxe, não trouxe? Vamos ver o que dá para fazer com ele.

Ele se levantou e caminhou até a porta: Hareton e Joseph seguiram-no, com uma curiosidade imensa. O pobre Linton lançou um olhar assustado para as faces de cada um dos três.

— Di-certo — disse Joseph, depois de uma cuidadosa inspeção — ele trocô com vosmecê, patrão, e aquela ali é a minina dele.

Heathcliff, tendo olhado fixamente o filho num estado de confusão, soltou uma risada de desprezo.

— Por Deus! Que beleza! Que coisa mais linda e encantadora! — exclamou ele. — Ele não foi criado com caracóis e leite azedo, Nelly? Oh, o diabo que me carregue! Mas isso é pior do que eu esperava, e bem sabe o diabo que eu não estava muito esperançoso!

Eu pedi ao menino trêmulo e perplexo que desmontasse e entrasse. Ele não compreendeu totalmente o sentido da fala de seu pai, ou se ela fora dirigida à sua pessoa: na verdade, ele não tinha nem certeza de que o estranho amargo e cheio de desprezo era seu pai; mas ele se agarrou a mim com ansiedade crescente, e quando o Sr. Heathcliff se sentou e lhe disse “venha cá”, ele escondeu o rosto em meu ombro, e chorou.

— Ai, ai! — disse Heathcliff, estendendo o braço e puxando Linton entre seus joelhos com um gesto brusco, e então levantando o rosto dele pelo queixo. — Nada de bobagem! Nós não vamos machucar ocê, Linton — não é esse seu nome? Ocê é filho da sua mãe, menino, todinho! Qual foi *minha* contribuição pr' ocê, franguinho chorão?

Ele tirou o boné do menino e empurrou para trás os cachos espessos e louros, apalpou os braços esguios e os dedos pequenos; durante essa inspeção, Linton deixou de chorar, e ergueu os grandes olhos azuis para examinar o examinador.

— Você sabe quem eu sou? — perguntou Heathcliff, tendo se certificado de que as pernas eram igualmente frágeis e fracas.

— Não — disse Linton, com um olhar de vago temor.

— Você ouviu falar a meu respeito, eu me arrisco a dizer?

— Não — ele respondeu de novo.

— Não? Que vergonha para sua mãe, nunca ter despertado seu amor filial por mim! Então, você é meu filho, estou dizendo; e sua mãe foi uma bruxa relaxada por deixá-lo na ignorância do tipo de pai que você tinha. Agora, não fique aí tremendo, e vermelho de vergonha! Embora *seja* uma coisa boa ver que você não tem sangue branco. Seja um bom rapaz, e eu vou cuidar de você. Nelly, se estiver cansada, pode se sentar; se não, pode voltar para casa. Eu acho que você vai contar tudo o que ouviu e viu para a nulidade lá na Granja; e isso não vai acontecer enquanto você ficar se demorando por aqui.

— Bem — retruquei —, espero que o senhor seja gentil com o menino, Sr. Heathcliff, ou não terá a companhia dele por muito tempo, e ele é o único familiar que o senhor tem no mundo, o único que jamais vai conhecer, lembre-se disso.

— Eu vou ser *muito* gentil com ele, não precisa ficar preocupada! — disse ele, rindo. — Só que ninguém mais pode ser gentil com ele; eu sou ciumento quanto às afeições dele. E, para dar início à minha gentileza, Joseph! Traga alguma coisa para o menino comer. Hareton, sua besta desgraçada, vá trabalhar. É, Nell — acrescentou ele, quando os dois saíram —, meu filho é o provável futuro herdeiro da casa onde você mora, e eu não

quero que ele morra antes de eu ter a certeza de que ele será o sucessor de Linton. Além do mais, ele é *meu*, e eu quero ter o triunfo de ver meu descendente como dono legal das propriedades deles; meu filho contratando os filhos deles para cultivar as terras dos pais deles para ganhar dinheiro. Essa é a única consideração que me faz suportar o fedelho; eu o desprezo por ele ser quem é, e o odeio pelas lembranças que ele desperta! Porém, essa consideração é suficiente; ele está tão seguro comigo, e será atendido com tantos cuidados, como seu patrão cuida da filha dele. Eu tenho um quarto preparado lá em cima, mobiliado para ele em grande estilo; já contratei um tutor, também, para vir três vezes por semana, de uma distância de trinta e dois quilômetros, para ensinar-lhe o que ele quiser aprender. Já dei ordens a Hareton para obedecê-lo; e, para ser exato, eu fiz tudo com o intuito de preservar o que ele tem de superior e de cavalheiro, ficando acima de seus companheiros. Eu realmente lamento, contudo, que ele mereça tão pouco esse trabalho. Se eu desejasse alguma bênção neste mundo, seria a de encontrar nele um objeto digno de orgulho, e estou extremamente decepcionado com o desgraçadinho chorão e com cara de leite azedo!

Enquanto ele falava, Joseph voltou, trazendo uma tigela de mingau, e colocou-a na frente de Linton. Ele deu uma mexida no alimento grosseiro com ar de aversão, e afirmou que não podia comer aquilo.

Eu vi que o velho empregado compartilhava em grande parte o desprezo que o patrão sentia pelo menino, embora ele fosse impelido a conter esse sentimento em seu íntimo, porque Heathcliff claramente esperava que seus subordinados o tratassem adequadamente.

— Num pode comê isso? — repetiu ele, examinando o rosto de Linton, e baixando a voz para um murmúrio, por medo de ser ouvido. — Mas o minino Hareton nunca que comeu nada além disso, quando era piquininho; e o que era bom demais pra ele é bom demais pra vosmecê, eu acho.

— Eu *não vou* comer isso! — respondeu Linton, impertinente. — Leve isso embora.

Joseph pegou a comida, indignado, e a trouxe até nós.

— Tem alguma coisa errada co’ a comida? — perguntou ele, enfiando a bandeja sob os olhos de Heathcliff.

— E o que teria? — disse ele.

— Ora! — respondeu Joseph. — O seu perarvilho aqui diz qu’ ele num consegue comê isso. Mas eu acho que ta é muito certo! A mãe dele era a mema coisa... nós era sujo dimais pra plantá o grão pra fazê o pão dela!

— Não fale na mãe dele para mim — disse o patrão, irritado. — Dê-lhe alguma coisa que ele possa comer, só isso. O que ele costuma comer, Nelly?

Eu sugeri leite fervido ou chá, e a caseira recebeu instruções para preparar um pouco.

Bem, eu pensei, o egoísmo do pai pode contribuir para o conforto dele. O pai percebe que ele tem a constituição delicada, e a necessidade de tratá-lo razoavelmente bem. Vou consolar o Sr. Edgar informando sobre a mudança ocorrida no estado de espírito de Heathcliff.

Não tendo desculpas para ficar por mais tempo, saí discretamente, enquanto Linton estava ocupado tentando timidamente impedir os avanços de um amigável cão pastor.

Mas ele estava alerta demais para ser enganado: assim que eu fechei a porta, ouvi um grito, e a repetição histérica das palavras:

— Não me deixe! Não vou ficar aqui! Não vou ficar aqui!

E então o ferrolho foi erguido e fechado: eles não aceitaram que ele fosse lá para fora. Eu montei em Minny, e a fiz sair trotando; e assim terminou minha breve tutela.



XXI

Nós tivemos muito trabalho com a pequena Cathy naquele dia: ela se levantou muito alegre, com vontade de se juntar ao primo; e tantas lágrimas e lamentações ardentes se seguiram à notícia da partida dele, que o próprio Edgar foi obrigado a acalmá-la, afirmando que ele voltaria logo; acrescentando, contudo, “se eu conseguir ficar com ele”, e não havia esperanças de que isso acontecesse.

Essa promessa não a acalmou de todo, mas o tempo foi mais poderoso; e embora ela ainda, de vez em quando, perguntasse ao pai quando Linton voltaria, antes de ela o ver de novo as feições dele haviam ficado tão indistintas em sua memória que ela não o reconheceu.

Quando eu casualmente encontrava a caseira do Morro dos Ventos Uivantes, indo a serviço até Gimmerton, eu costumava perguntar como o jovem patrão estava passando, pois ele vivia quase tão recluso quanto a própria Catherine, e nunca era visto. Eu consegui saber da caseira que ele continuava com a saúde fraca, e era uma criatura fatigante. Ela disse que o Sr. Heathcliff parecia desgostar cada vez mais dele, embora fizesse um pouco de esforço para ocultar o fato. Ele tinha antipatia pelo som da voz do menino, e não conseguia de jeito nenhum ficar sentado no mesmo cômodo com o filho por muitos minutos. As conversas entre eles também não eram frequentes. Linton aprendia suas lições e passava as tardes em um quartinho que eles chamavam de sala; ou então ficava deitado na cama o dia inteiro, pois ele estava continuamente tendo tosses, e resfriados, e algum tipo de dor e de sofrimento.

— E eu nunca que vi uma criatura tão medrosa — acrescentou a mulher —, nem ninguém que fosse tão cuidadoso com ele mesmo. Ele *vai* ficar falando, se eu deixar a janela aberta até um pouquinho mais tarde da noite. Oh! É pra matar, um pouquinho do ar noturno! E ele quer a lareira acesa no meio do verão; e o cachimbo do Joseph é veneno; e ele precisa de ter

sempre doces e guloseimas, e sempre leite, leite o tempo todo; e pouco se importando como que os outros tão passando no inverno, e umas torradas e água, ou qualquer outra coisa sem graça semprequentinha pra ele ficar comendo; e lá ele fica sentado, enrolado no casaco de peles na cadeira ao lado do fogo; e se o Hareton, de dó, vai lá divertir ele (Hareton não é má pessoa, embora seja rude) com certeza eles vão se separar, um chorando e o outro praguejando. Eu acho que o patrão ia gostar de ver o Earnshaw bater nele até ele virar farelo, se o menino não fosse filho dele; e tenho certeza de que ele estaria pronto pra colocar o menino da porta pra fora, se ele soubesse metade do trabalho que ele dá. Mas então, ele não vai correr o risco de ceder à tentação; ele nunca entra na sala, e se o Linton fica fazendo essas coisas no mesmo lugar da casa em que ele está, ele manda o menino pra cima na hora.

Eu imaginei, com esse relato, que a total falta de simpatia havia deixado o jovem Heathcliff egoísta e desagradável, se ele já não fosse assim antes; e, conseqüentemente, meu interesse por ele, diminuiu, embora eu ainda sentisse dó da sorte dele, e um desejo de que ele tivesse ficado conosco.

O Sr. Edgar me encorajava a obter informações; ele pensava muito no menino, acredito, e teria corrido algum tipo de risco para vê-lo. Uma vez ele me disse para perguntar para a caseira se alguma vez ele ia até o vilarejo.

Ela disse que ele só estivera lá duas vezes, a cavalo, acompanhando o pai; e nas duas vezes ele havia fingido que estava totalmente esgotado por três ou quatro dias em seguida.

Essa caseira saiu do serviço, se bem me lembro, dois anos depois de o menino ter vindo; e outra, a quem eu não conheço, a sucedeu. Ela ainda vive lá.

O tempo foi passando na Granja, do antigo modo agradável, até a Srta. Cathy fazer dezesseis anos. No aniversário dela nós nunca fazíamos festa, porque também era o aniversário da morte da minha antiga patroa. O pai dela, invariavelmente, passava esse dia sozinho na biblioteca; e, ao anoitecer, ia até o campo-santo de Gimmerton, onde ele frequentemente

prolongava sua permanência até depois da meia-noite. Portanto, Catherine tinha de recorrer a seus próprios recursos para se divertir.

Esse dia 20 de março era um belo dia de primavera, e quando seu pai havia se retirado, minha patroazinha desceu vestida para passear, e disse que havia pedido para dar uma volta nas bordas da charneca comigo, e o Sr. Linton havia dado permissão, desde que nós não fôssemos muito longe, e estivéssemos de volta logo.

— Então ande logo, Ellen! — exclamou ela. — Eu sei aonde eu quero ir; onde um grupo de tetrazes se instalou. Eu quero ver se eles já fizeram o seu ninho.

— Deve ser uma boa distância — respondi. — Eles não procriam nas bordas da charneca.

— Não, não é — disse ela. — Eu fui bem lá perto com papai.

Eu coloquei minha touca e saí andando rapidamente, sem pensar mais no assunto. Ela ia correndo aos pulos à minha frente, e voltava para o meu lado, e logo se afastava de novo, como um filhote de galgo; e, a princípio, eu me distraía bastante ouvindo as cotovias cantando lá longe e por perto, e apreciando a luz cálida e doce do sol, e vendo-a, minha boneca e meu deleite, com seus cachos dourados esvoaçando soltos, e suas faces coradas, florescendo tão macias e puras como uma rosa selvagem, e seus olhos radiantes com um prazer que não conhecia perturbações. Ela era uma criatura feliz, e um anjo, naqueles tempos. É uma pena ela não poder estar contente.

— Bem — disse eu —, onde estão seus pássaros, Senhorita Cathy? Nós já deveríamos ter chegado perto deles... o muro do parque da Granja já está bem longe, agora.

— Oh, só um pouco mais... só um pouquinho mais, Ellen — era a resposta dela, sempre. — É só subir aquele outeiro, passar a encosta, e quando você tiver chegado ao outro lado, eu já terei espantado os pássaros.

Mas havia tantos outeiros e encostas para subir e passar, que, finalmente, eu comecei a ficar cansada e disse para a Srta. Cathy que nós deveríamos parar e voltar para casa.

Eu gritei para chamá-la, pois ela havia se distanciado muito de mim; ela ou não ouviu ou não deu importância, pois continuou a ir adiante, e eu fui obrigada a segui-la. Finalmente, ela sumiu em uma concavidade; e antes que eu pudesse vê-la de novo, ela estava três quilômetros mais perto do Morro dos Ventos Uivantes do que de sua própria casa. Eu percebi que duas pessoas a haviam feito parar, uma das quais eu estava convencida de que era o próprio Sr. Heathcliff.

Cathy havia sido flagrada no ato de pilhar ou, pelo menos, de procurar, os ninhos de tetrazes.

Aquelas eram terras do Sr. Heathcliff, e ele estava reprovando a invasora.

— Eu não peguei nenhum, nem achei nenhum — disse ela, estendendo os braços para corroborar a sua afirmação, enquanto eu me afainava para alcançá-los. — Eu não pretendia pegá-los; mas papai me disse que havia muitos aqui, e eu queria ver os ovos.

Heathcliff lançou um olhar na minha direção com um sorriso maldoso, indicando saber quem nós éramos, e, conseqüentemente, sua malevolência em relação a nós, e perguntou quem seria o “papai”?

— O Sr. Linton, da Granja da Cruz do Tordo — respondeu ela. — Eu achei que o senhor não me conhecia, ou então não teria falado do jeito que falou.

— A senhorita acha, então, que o seu papai é extremamente estimado e respeitado? — disse ele, sarcástico.

— E quem é o senhor? — perguntou Catherine, olhando com curiosidade para o interlocutor. — Aquele homem eu já vi antes, ele é seu filho?

Ela apontou para Hareton, a outra pessoa, que não ganhara nada além de mais músculos e força física com o passar daqueles dois anos; ele parecia tão desajeitado e rústico quanto antes.

— Srta. Cathy — interrompi —, logo já farão três horas que nós saímos de casa, e não uma hora. Nós realmente precisamos voltar.

— Não, esse homem não é meu filho — respondeu Heathcliff, colocando-me de lado. — Mas eu tenho um filho, e a senhorita já o viu

antes, também; e, embora sua ama esteja com pressa, acho que vocês duas poderiam descansar um pouquinho. Você não gostaria de só contornar aquela rocha coberta de urzes e ir até minha casa? Vocês chegarão em casa mais rápido por terem descansado; e vocês serão muito bem recebidas.

Eu disse em voz baixa para Catherine que ela não deveria, de jeito nenhum, aceitar a proposta; aquilo estava completamente fora de cogitação.

— Por quê? — perguntou ela, em voz alta. — Estou cansada de correr, e o chão está úmido; não dá para eu me sentar aqui. Vamos, Ellen! Além do mais, ele disse que eu já vi o filho dele. Ele está enganado, acredito; mas eu acho que sei onde ele mora... na propriedade que eu visitei ao voltar das Colinas de Penistone. Não é?

— Isso mesmo. Vamos, Nelly, fique de boca fechada... vai ser um prazer para ela nos fazer uma visita. Hareton, vá na frente com a mocinha. Você me acompanhe, Nelly.

— Não, ela não vai para esse lugar — exclamei, tentando soltar meu braço, que ele havia segurado; porém, ela já estava praticamente no portão, contornando o rochedo saliente a toda velocidade. O companheiro que lhe havia sido designado não fingiu acompanhá-la; ele havia se afastado tomando um caminho lateral, e desapareceu.

— Sr. Heathcliff, isso está muito errado — prossegui. — O senhor sabe que suas intenções não são boas. E lá ela vai ver Linton; e a história toda vai ser contada assim que nós voltarmos para casa! Eu vou levar a culpa.

— Eu quero que ela veja Linton — respondeu ele. — Ele está com uma aparência melhor estes dias; não é sempre que ele está em condições de ser visto. E nós vamos logo persuadi-la a manter a visita em segredo; que problema há nisso?

— O problema é que o pai dela iria me odiar se descobrisse que eu permiti que ela entrasse na sua casa; e eu estou convencida de que o senhor tem más intenções ao encorajá-la a fazer isso — respondi.

— Minhas intenções não poderiam ser mais honestas. Eu vou contar para você em detalhes — disse ele. — Que os dois primos se apaixonem, e se casem. Eu estou sendo generoso para com seu patrão; a juvenzinha espevitada dele não tem expectativas, e se ela concordar em fazer a minha

vontade, vai ter o futuro garantido, como sucessora conjunta ao lado de Linton.

— Se Linton morresse — respondi —, e a vida dele não é garantida, Catherine seria a herdeira.

— Não, ela não seria — disse ele. — Não há uma cláusula no testamento que garanta isso. A propriedade dele passaria para mim; mas, para evitar disputas, eu quero que eles se casem, e estou resolvido a fazer isso acontecer.

— E eu estou resolvida a nunca mais permitir que ela se aproxime de sua casa em minha companhia — retruquei, ao alcançarmos o portão, onde a Srta. Cathy nos aguardava.

Heathcliff me disse para ficar calada; e, precedendo-nos pelo caminho, se apressou a abrir a porta. Minha jovem patroazinha olhou-o repetidas vezes, como se não conseguisse decidir exatamente o que pensar a respeito dele; mas então ele sorriu quando seus olhares se encontraram, e sua voz ficou mais branda ao falar com ela, e eu fui tola o suficiente para imaginar que a lembrança da mãe dela fosse capaz de impedir que ele desejasse lhe causar mal.

Linton estava ao lado da lareira. Ele estivera caminhando nos campos, pois ainda usava o boné, e estava pedindo para Joseph trazer-lhe sapatos secos.

Ele havia crescido para sua idade, pois ainda faltavam alguns meses para ele fazer dezesseis anos. Seus traços ainda eram bonitos, e seus olhos e sua pele mais luminosos do que eu me lembrava, embora aquele brilho fosse apenas momentâneo, efeito do ar salubre e do sol quente.

— Então, quem é ele? — perguntou o Sr. Heathcliff, voltando-se para Cathy. — Dá para você dizer?

— Seu filho? — disse ela, depois de inspecionar um e outro com ar duvidoso.

— Sim, é — respondeu ele. — Mas, é esta a única vez que você o viu? Pense! Ah! Você tem a memória curta. Linton, você não se lembra de sua prima, a respeito de quem você ficava nos importunando, por querer vê-la?

— Ora, o Linton! — exclamou Cathy, se animando cheia de surpresa ao ouvir o nome. — Mas é esse o pequeno Linton? Ele está mais alto que eu! Você é o Linton?

O jovem se adiantou, e se apresentou: ela o beijou com fervor, e os dois ficaram se olhando, admirados com a mudança que o tempo imprimira na aparência deles.

Catherine havia alcançado sua altura atual; sua figura era ao mesmo tempo roliça e esguia, elástica como o aço, e todo seu aspecto irradiava saúde e energia. A aparência e os movimentos de Linton eram muito lânguidos, e seu corpo extremamente magro; mas havia uma delicadeza em seus modos que mitigava esses defeitos, e não permitiam que ele fosse um rapaz desagradável.

Depois de trocar inúmeras demonstrações de carinho com ele, sua prima se aproximou do Sr. Heathcliff, que estava parado perto da porta, dividindo sua atenção entre as criaturas dentro da casa e os objetos lá fora; ou melhor, fingindo observar esses enquanto, na verdade, só prestava atenção nos dois jovens.

— E o senhor então é meu tio! — exclamou ela, aproximando-se para cumprimentá-lo. — Eu achei que gostava do senhor, embora tenha sido ríspido, a princípio. Por que o senhor não visita a Granja com Linton? Vivendo todos esses anos como vizinhos, e nunca nos visitar, é estranho; por que fez isso?

— Visitei a Granja com demasiada frequência pouco antes de a senhorita nascer — respondeu ele. — Ora... maldição! Se ainda tem beijos para dar, beije o Linton... a senhorita os está desperdiçando comigo.

— Ellen, sua malvada! — exclamou Catherine, logo correndo para me atacar com suas abundantes carícias. — Perversa Ellen! Tentando me impedir de entrar. Mas eu vou fazer essa caminhada todos os dias, no futuro. Posso, tio... e às vezes trazer o papai? O senhor não ficaria feliz por nos ver?

— Mas é claro! — respondeu o tio, com uma careta mal disfarçada, resultado de sua aversão aos dois possíveis visitantes. — Mas, espere — continuou ele, voltando-se para a mocinha. — Agora que estou pensando

nisso, é melhor eu lhe dizer. O Sr. Linton tem preconceito contra mim; nós brigamos uma vez em nossas vidas, com uma ferocidade nada cristã; e, se a senhorita falar para ele em vir aqui, ele vai impedir suas visitas categoricamente. Por isso, não as mencione, a não ser que não se importe em ver seu primo de agora em diante. A senhorita pode vir, se quiser, mas não pode falar nisso.

— Por que brigaram? — perguntou Catherine, bastante desanimada.

— Ele achou que eu era pobre demais para me casar com a irmã dele — respondeu Heathcliff —, e ficou aborrecido por eu ter ficado com ela. O orgulho dele foi ferido, e ele nunca vai perdoar isso.

— Mas isso é errado! — disse a jovem. — Qualquer hora, eu vou dizer isso ao papai. Mas Linton e eu não temos nada com a sua briga. Eu não vou vir aqui, então; ele pode ir até a Granja.

— É longe demais para mim — murmurou o primo. — Caminhar seis quilômetros e meio iria me matar. Não, venha aqui, Srta. Catherine, de vez em quando; não todas as manhãs, mas uma ou duas vezes por semana.

O pai lançou na direção do filho um olhar de amargo desprezo.

— Eu tenho medo, Nelly, de perder meu tempo — murmurou ele para mim. — A Srta. Catherine, como o pateta a chama, vai descobrir o que ele vale, e mandá-lo para os diabos. Ora, se tivesse sido Hareton... você sabe que, vinte vezes por dia, eu invejo Hareton, com toda a degradação dele? Eu teria amado o rapaz se ele fosse outra pessoa. Mas eu acho que ele está livre de ser amado por *ela*. Eu vou colocá-lo contra essa criatura insignificante, a não ser que Linton se anime, e logo. Nós achamos que ele mal vai durar até os dezoito anos. Ah, desgraçado desse molenga! Ele está preocupado em enxugar os pés, e nem olha para ela... Linton!

— Sim, pai? — respondeu o menino.

— Você não tem nada para mostrar para sua prima, nada aqui por perto, nem mesmo um coelho, uma toca? Leve-a ao jardim, antes de trocar de sapatos, e vá ao estábulo para ver seu cavalo.

— Você não preferiria ficar sentada aqui? — perguntou Linton, dirigindo-se a Cathy com um tom de voz que expressava relutância em se mexer de novo.

— Eu não sei — retrucou ela, lançando um olhar cheio de desejo na direção da porta, e evidentemente ansiosa para se movimentar.

Ele continuou sentado, e se aproximou ainda mais da lareira.

Heathcliff se levantou e foi até a cozinha, e de lá para o pátio, chamando Hareton.

Hareton respondeu, e logo os dois reentraram. O jovem tinha se lavado, como dava bem para ver pelo brilho nas suas faces e pelo cabelo molhado.

— Ah, eu vou perguntar para o *senhor*, tio — exclamou a Srta. Cathy, relembrando a afirmativa da caseira. — Ele não é meu primo, é?

— É sim — respondeu ele. — É sobrinho de sua mãe. Você não gosta dele?

Catherine fez uma cara estranha.

— Ele não é um rapaz bonito? — continuou Heathcliff.

A criaturinha descortês ficou na ponta dos pés e sussurrou alguma coisa no ouvido de Heathcliff.

Ele deu risada; o rosto de Hareton se ensombreceu; eu percebi que ele era bastante sensível em relação a possíveis zombarias, e obviamente tinha uma ligeira noção de sua inferioridade. Mas seu patrão ou guardião dissipou a cara fechada ao exclamar:

— Você será o favorito entre nós, Hareton! Ela disse que você é... o que foi mesmo? Bem, alguma coisa muito elogiosa. Então, você vai passear com ela pela propriedade! E comporte-se como um cavalheiro, preste atenção! Não use palavras feias; e não fique encarando, quando a jovem senhorita não estiver olhando para você, e esteja pronto para desviar o rosto quando ela estiver olhando. E, ao falar, pronuncie as palavras devagar, e mantenha as mãos fora dos bolsos. Vá, e a entretenha com tanta gentileza quanto você for capaz.

Ele ficou olhando os dois passando para além da janela. Earnshaw mantinha o rosto virado para o lado oposto ao de sua companheira. Ele parecia estar estudando a paisagem familiar com o interesse de um forasteiro e de um artista.

Catherine deu uma ligeira olhada na direção dele, expressando pouca admiração. Então, ela se dedicou a procurar por conta própria coisas que a

pudessem distrair, e foi saltitando alegre, cantarolando uma música para suprir a falta de conversa.

— Eu tapei-lhe a boca — observou Heathcliff. — Ele não vai se arriscar a dizer uma única sílaba, o tempo todo! Nelly, você se lembra de mim na idade dele... não, alguns anos mais novo. Alguma vez eu pareci ser tão estúpido, tão “paparvo”, como diz o Joseph?

— Pior — retruquei —, porque ainda mais taciturno.

— Hareton me alegra — continuou ele, pensando em voz alta. — Ele satisfaz minhas expectativas. Se ele tivesse nascido um tolo, eu não o apreciaria tanto assim. Mas, ele não é um tolo; e eu consigo simpatizar com todos os sentimentos dele, tendo-os sentido eu mesmo. Eu sei exatamente o que ele está sofrendo agora, por exemplo; e isso é somente o começo do que ele vai sofrer, contudo. E ele nunca vai conseguir emergir de seus abismos de rudeza e de ignorância. Eu o fiz cair mais rápido do que o patife do pai dele conseguiu fazer comigo, e ainda mais baixo; pois ele se orgulha de sua rudeza. Eu lhe ensinei a desprezar qualquer coisa que não fosse animal, considerando-a como tolice e fraqueza. Você não acha que Hindley sentiria orgulho de seu filho, se ele pudesse vê-lo? Quase tanto orgulho como eu tenho do meu. Mas, existe essa diferença; um é ouro puro sendo usado para pavimentar as ruas, e o outro é latão lustrado para imitar uma peça de prata. O *meu* não tem nada que preste; contudo eu vou ter o mérito de fazer com que ele vá tão longe quanto um material tão ordinário tenha condições de ir. O *dele* tem qualidades de primeira linha, e elas estão perdidas; ou tornadas completamente inúteis. Eu nada tenho a lamentar; ele muito, mais que qualquer pessoa possa imaginar. E o melhor de tudo isso é que Hareton é louco por mim! Você há de concordar que eu fui além de Hindley nesse ponto. Se o defunto desgraçado pudesse se erguer de seu túmulo para me insultar por causa dos males causados à sua descendência, eu me divertiria vendo a dita descendência revidar, indignada por ele ter ousado censurar o único amigo que ela tem no mundo!

Heathcliff deu uma risadinha diabólica com essa ideia; eu não respondi, porque via que ele não esperava resposta.

Enquanto isso, nosso jovem companheiro, que estava sentado muito longe de nós para ouvir o que estava sendo dito, começou a dar sinais de desconforto, provavelmente se arrependendo de ter se negado o prazer da companhia de Catherine por temer se cansar um pouco.

Seu pai observou os olhares inquietos indo na direção da janela, e a mão indecisa estendida na direção de seu boné.

— Levante-se, seu preguiçoso! — exclamou ele, com uma alegria fingida. — Vá atrás deles! Eles estão bem ali no canto, perto das colmeias.

Linton reuniu suas energias, e saiu de perto da lareira. A gelosia foi aberta e, quando ele saiu, eu ouvi Catherine perguntar para seu insociável companheiro o que era aquela inscrição em cima da porta?

Hareton olhou para o alto, e coçou a cabeça, como um verdadeiro palhaço.

— É uma maldita de uma coisa escrita — respondeu ele. — Eu não consigo ler.

— Não consegue ler? — exclamou Catherine. — Eu consigo: está em inglês. Mas eu quero saber por que ela está ali.

Linton deu uma risadinha: a primeira demonstração de alegria que ele havia feito.

— Ele não sabe ler nem escrever — disse ele para a prima. — Dá para você acreditar na existência de um simplório assim tão grande?

— Ele tem a cabeça no lugar? — perguntou a Srta. Cathy, muito séria. — Ou ele é simplesmente... bobo? Eu já lhe fiz duas perguntas, e a cada vez ele me olha com um ar tão estúpido que eu acho que ele não me compreende; eu mal consigo entender o que *ele* diz, tenho certeza!

Linton tornou a dar sua risadinha, e lançou um olhar sarcástico para Hareton, que com certeza naquele momento não parecia entender muito bem o que estava acontecendo.

— Não existe problema nenhum além da preguiça, existe, Earnshaw? — disse ele. — Minha prima acha que você é um idiota. E agora você está sofrendo as consequências de desprezar “essas coisa de livro”, como você diria. Você já reparou, Catherine, no pavoroso sotaque de Yorkshire que ele tem?

— Ora, e pra que diabos isso serve? — grunhiu Hareton, mais disposto a responder ao seu companheiro habitual. Ele estava prestes a continuar o assunto, mas os dois jovens começaram a dar grandes mostras de alegria; minha leviana patroazinha estava se deleitando ao descobrir que poderia transformar o jeito estranho de ele falar em motivo de diversão.

— E para que serve colocar o diabo nessa frase? — disse Linton com um risinho silencioso. — Papai já lhe disse para não dizer palavras feias, e você é incapaz de abrir a boca sem dizer uma. Tente se comportar feito um cavalheiro, vamos!

— Se ocê num tivesse mais jeito de mocinha do que de home, eu te quebrava a cara agorinha memo, sua criatura fraca e imprestável! — retrucou o nervoso rústico, se afastando, enquanto seu rosto se incendiava com uma mescla de raiva e de mortificação; pois ele tinha consciência de ter sido insultado, e não sabia como mostrar seu ressentimento.

O Sr. Heathcliff, tendo ouvido a conversa assim como eu, sorriu ao ver Hareton se afastar, mas logo em seguida lançou um olhar de singular aversão ao irreverente casal, que permaneceu tagarelando na soleira da porta: o menino tendo encontrado animação suficiente para discutir as falhas e deficiências de Hareton e contanto anedotas sobre as coisas que ele fazia; e a menina se deliciando com suas palavras petulantes e rancorosas, sem levar em consideração a má natureza que elas revelavam. Mais do que a sentir dó dele, comecei a não gostar de Linton, e a desculpar o pai, até certo ponto, por ter tão má ideia a seu respeito.

Nós ficamos no Morro até a tarde: eu não consegui tirar a Srta. Cathy de lá antes: mas, felizmente, meu patrão não tinha saído de seu quarto, e permaneceu na ignorância de nossa ausência prolongada.

Ao voltar para casa, eu teria com alegria esclarecido minha pupila a respeito do caráter das pessoas que nós havíamos acabado de deixar; mas ela havia metido na cabeça que eu tinha preconceito contra elas.

— Ah! — exclamou ela. — Você fica do lado do papai, Ellen... você é parcial, eu sei, ou então não teria me enganado por tantos anos me fazendo pensar que Linton vivia muito longe daqui. Eu realmente estou brava demais, porém estou tão contente que não consigo demonstrar minha

braveza! Mas você tem de fechar a boca a respeito de meu tio: ele é meu tio, lembre-se, e eu vou ralar com papai por ter brigado com ele.

E assim ela continuou, até eu parar de tentar convencê-la de seu erro.

Ela não mencionou a visita naquela noite, porque não viu o Sr. Linton. No dia seguinte, a história veio à tona, com grande pesar de minha parte; mas, mesmo assim, eu não estava totalmente desolada: eu achava que o encargo de aconselhar e de avisar seria assumido com mais eficiência pelo pai do que por mim; porém, ele estava desconfortável demais para dar razões satisfatórias para que ela evitasse o contato com os habitantes do Morro, e Catherine queria boas razões para cada empecilho que se opusesse às suas mimadas vontades.

— Papai! — exclamou ela, depois de eles se dizerem bom dia. — Adivinhe quem eu vi ontem, na minha caminhada pela charneca. Ah, papai, o senhor estremeceu! O senhor não agiu bem, agiu? Eu já estou sabendo... Mas, preste atenção, e o senhor vai ouvir como foi que eu descobri o que o senhor fez, e a Ellen também, que está mancomunada com o senhor, e ainda fingia ter dó de mim, quando eu ficava esperando que Linton voltasse, e sempre me desapontava!

Ela fez um relato minucioso do passeio e de suas consequências, e meu patrão, embora lançasse mais de um olhar de reprovação para mim, nada disse até ela terminar de falar. Então ele a puxou para junto de si, e perguntou-lhe se ela sabia por que ele havia ocultado dela a presença de Linton na vizinhança. Seria ela capaz de imaginar que era para negar-lhe um prazer de que ela poderia desfrutar sem problemas?

— Foi por o senhor não gostar do Sr. Heathcliff — respondeu ela.

— Então você acha que eu me importo mais com meus próprios sentimentos que com os seus, Cathy? — disse ele. — Não, não foi por eu não gostar do Sr. Heathcliff, mas porque o Sr. Heathcliff não gosta de mim; e ele é um homem demoníaco, que sente prazer em fazer o mal para as pessoas que ele odeia, e arruiná-las, se elas lhe derem a menor oportunidade. Eu sabia que você não poderia manter contato com seu primo sem entrar em contato com ele; e eu sabia que o Sr. Heathcliff iria detestar você, por minha causa. Então, para seu próprio bem, e por nenhuma outra

razão, eu tomei precauções para que você não visse Linton de novo. Eu pretendia explicar isso em alguma ocasião, quando você ficasse maior, e sinto muito por ter adiado a explicação!

— Mas o Sr. Heathcliff foi muito simpático, papai — observou Catherine, de modo algum convencida — e *ele* não fez objeções a Linton e eu nos vermos: ele disse que eu posso ir à casa dele quando eu quiser, mas só que eu não poderia contar para o senhor, porque o senhor havia brigado com ele, e não o perdoava por ter se casado com a Tia Isabella. E o senhor não... o *senhor* é o único culpado. Ele está disposto a deixar que *nós* sejamos amigos, pelo menos, Linton e eu, e o senhor não está.

Meu patrão, percebendo que ela não acreditava no que o pai lhe dizia a respeito do mau caráter de seu tio, fez um esboço apressado da conduta dele em relação a Isabella, e de como o Morro dos Ventos Uivantes passara a ser propriedade dele. Ele não conseguia se estender muito a respeito do assunto, pois, embora pouco falasse a respeito, ainda sentia por seu antigo inimigo o mesmo horror e repulsa que haviam ocupado seu coração desde a morte da Sra. Linton. “Ela ainda poderia estar viva, se não fosse por ele!”, era a reflexão amarga que ele repetia constantemente; e, a seu ver, Heathcliff parecia um assassino.

A Srta. Cathy, que não tinha contato com más ações a não ser seus próprios e insignificantes atos de desobediência, injustiça e ira, frutos de um temperamento exaltado e irrefletido, e dos quais se arrependia no dia em que eles eram cometidos, ficou espantada com a desumanidade de espírito que era capaz de ficar pensando em vingança, às escondidas, por tantos anos e deliberadamente persistir em seus planos, sem sentir o menor remorso. Ela parecia tão profundamente impressionada e chocada com essa nova visão da natureza humana, alheia até então a todas as suas inclinações, que o Sr. Edgar considerou desnecessário insistir no assunto. Ele simplesmente acrescentou:

— Você vai saber, de agora em diante, querida, por que eu desejo que você evite a casa e a família dele; agora, volte para suas antigas ocupações e diversões, e não pense mais neles!

Catherine beijou o pai, e sentou-se quieta para fazer suas lições por algumas horas, segundo seus hábitos; então, ela o acompanhou até o jardim, e o dia inteiro passou como de costume: mas à noite, quando ela havia ido para seu quarto, e eu fui ajudá-la a trocar de roupa, eu a encontrei chorando, ajoelhada ao lado da cama.

— Oh, que vergonha, menina tola! — exclamei. — Se a senhorita tivesse tristezas de verdade, sentiria vergonha de desperdiçar uma lágrima por causa desse pequeno contratempo. A senhorita nunca teve nem a sombra de uma grande tristeza, Srta. Catherine. Suponha, por um minuto, que o patrão e eu estivéssemos mortos, e a senhorita estivesse sozinha no mundo; como se sentiria então? Compare a presente situação com um pesar como esse, e seja grata pelas amizades que a senhorita tem, em vez de cobiçar mais amigos.

— Não estou chorando por mim, Ellen — respondeu ela. — É por ele. Ele esperava me ver amanhã de novo, e então, vai ficar tão decepcionado... e ele vai ficar me esperando, e eu não irei!

— Tolice! — disse eu. — A senhorita imagina que ele pensa tanto na senhorita quanto a senhorita nele? Ele não tem a companhia de Hareton? Nem uma pessoa em cem iria chorar por perder um amigo que viu duas vezes, em duas tardes. Linton vai imaginar o que causou sua ausência, e não vai mais se preocupar por causa da senhorita.

— Mas eu não posso escrever um bilhete para ele, para dizer por que eu não posso ir? — perguntou ela, levantando-se. — E só mandar para ele os livros que prometi lhe emprestar? Os livros dele não são bons como os meus, e ele queria tanto tê-los, quando eu lhe disse como eles eram interessantes. Não posso, Ellen?

— Não, é claro que não! — retruquei, com firmeza. — Então ele iria querer escrever para a senhorita, e isso nunca teria fim. Não, Srta. Catherine, o relacionamento deve ser encerrado, completamente; assim o papai espera, e eu vou providenciar para que assim seja.

— Mas como um bilhetinho pode... — recomeçou ela, fazendo uma carinha de súplica.

— Quieta! — interrompi. — Nós não vamos começar com os seus bilhetinhos. Vá dormir!

Ela me lançou um olhar muito insolente, tão insolente que, a princípio, não lhe dei um beijo de boa noite: eu a cobri, e fechei a porta do quarto, muito descontente; mas, me arrependendo no meio do caminho, eu voltei devagar, e ahá! Lá estava a Senhorita, sentada à mesa, com um pedaço de papel em branco à sua frente, e um lápis na mão, que ela, com ar culpado, escondeu quando eu tornei a entrar.

— Não vai encontrar quem leve o bilhete, Catherine — disse eu —, se o escrever; e agora eu vou apagar a vela.

Eu apaguei a chama, recebendo, enquanto o fazia, um tapa na mão, e um petulante “malvada!” Então, eu a deixei de novo, e ela passou o ferrolho na porta em um de seus piores e mais impertinentes estados de espírito.

A carta foi terminada e enviada ao seu destino por um leiteiro que vinha do vilarejo, mas eu não fiquei sabendo disso a não ser uns tempos depois. As semanas se passaram, e Cathy voltou a ficar tranquila, embora ela tenha passado a sentir grande prazer em se esconder nos cantos, sozinha; e com frequência, se eu me aproximava repentinamente enquanto ela estava lendo, ela tinha um sobressalto e se curvava sobre o livro, evidentemente com a intenção de escondê-lo; e eu detectei pontas de papel solto saindo das folhas dos livros.

Ela também pegou a mania de descer bem cedinho, de manhã, e ficar andando perto da cozinha, como se estivesse esperando a chegada de alguma coisa; e tinha uma gavetinha em um armário na biblioteca, com a qual ficava lidando por horas, e cuja chave ela tinha o cuidado especial de remover ao sair de perto dela.

Um dia, quando ela inspecionava a gaveta, eu observei que os brinquedos e ninharias, que até recentemente eram o seu conteúdo, haviam se transformado em pedaços de papel dobrado.

Minha curiosidade e suspeita foram excitadas; eu resolvi dar uma olhada em seus misteriosos tesouros; então, à noite, assim que ela e meu patrão estavam seguros no andar de cima, eu procurei entre as minhas chaves da casa uma que servisse naquela fechadura, e logo a encontrei.

Tendo aberto a gaveta, esvaziei todo o seu conteúdo em meu avental, e o levei comigo para examiná-lo com sossego em meu quarto.

Embora eu não pudesse ter deixado de suspeitar, mesmo assim fiquei surpresa ao descobrir que os papéis eram uma correspondência volumosa, quase diária, deve ter sido, de Linton Heathcliff, respostas para cartas enviadas por ela. As mais antigas eram desajeitadas e curtas; gradualmente, entretanto, elas se transformaram em copiosas cartas de amor, tolas como seria de se esperar dada a idade do autor; contudo, com uns toques, aqui e ali, que eu achei que eram tirados de uma fonte mais experiente.

Algumas me pareceram uma mistura bastante estranha de ardor e de insipidez; começando com um tom vigoroso e concluindo com o palavreado afetado que um menino de escola poderia usar para uma amada imaginada e incorpórea.

Se elas satisfaziam Cathy, eu não sei, mas elas me pareciam um lixo sem o menor valor.

Depois de dar uma olhada em tantas quanto me pareceu adequado, eu as amarrei em um lenço e as coloquei de lado, voltando a trancar a gaveta vazia.

Segundo seu costume, minha patroazinha desceu logo cedo e foi para a cozinha; eu a observei ir até a porta, quando determinado menino chegou; e enquanto a moça da leiteria enchia o latão dele, a Srta. Cathy enfiou alguma coisa no bolso do casaco dele, e tirou algo.

Eu dei a volta no jardim, e fiquei esperando o mensageiro, que lutou com valentia para defender a carga que lhe fora confiada, e nós derramamos o leite; mas eu consegui me apoderar da carta, e, ameaçando-o com sérias consequências caso ele não fosse direto para casa, fiquei parada perto do muro, e li a afetuosa redação da Srta. Cathy. Ela era mais simples e mais eloquente que a de seu primo — muito bonitinha e muito tola. Eu balancei a cabeça, e voltei pensativa para casa.

Como o dia estava úmido, ela não podia se divertir com os passeios no parque; então, ao terminar suas lições matutinas, ela buscou o conforto do conteúdo da gaveta. O pai dela estava sentado à mesa, lendo; eu, de propósito, havia descoberto um pouco de conserto para fazer em algumas

franjas descosturadas da cortina da janela, mantendo meu olhar fixo nas atitudes da Srta. Cathy.

Jamais um pássaro, voando de volta para encontrar vazio o ninho que havia deixado cheio de filhotes chilreantes, expressou maior desespero em seus piados agudos e seu agitar de asas que a Srta. Cathy com seu “Oh!”, e a mudança que transformou seu rosto, até então feliz. O Sr. Linton ergueu o olhar.

— O que aconteceu, amor? Você se machucou? — perguntou ele.

O tom de voz dele e seu olhar garantiram para ela que ele não havia sido o descobridor de seu tesouro.

— Não, papai — gaguejou ela. — Ellen! Ellen! Venha para cima... estou me sentindo mal!

Eu acatei seu pedido e a acompanhei.

— Oh, Ellen! Você as pegou! — começou ela a falar na mesma hora, caindo de joelhos, quando ficamos sozinhas no quarto. — Oh, dê-as para mim, e nunca mais faça isso! Não conte para o papai... você não contou para o papai, Ellen, diga que não contou! Eu fui desobediente demais, mas não farei mais isso!

Com uns modos muito sérios, eu a mandei ficar em pé.

— Então — exclamei —, a Srta. Catherine já foi bem longe, ao que parece... A senhorita pode muito bem se envergonhar delas! Um belo monte de lixo ocupa suas reflexões nas suas horas de descanso, com certeza: Essas cartas mereciam ser impressas! E o que a senhorita acha que o patrão vai pensar quando eu mostrar para ele? Eu ainda não mostrei, mas não precisa ficar pensando que vou guardar seus ridículos segredos. Que vergonha! E a senhorita deve ter sido a primeira a escrever tais absurdos; ele não teria tomado a iniciativa, tenho certeza.

— Eu não fiz isso! Eu não fiz! — soluçou Catherine, cheia de desespero. — Eu nem pensei em amar Linton até...

— *Amar!* — exclamei eu, com a maior entonação de desprezo que pude dar à palavra. — *Amar!* Mas alguém já ouviu alguma coisa parecida!? Eu poderia muito bem falar de amar o moleiro que vem uma vez por ano comprar nosso trigo. Um belo amor, com certeza, e as duas vezes em que a

senhorita viu Linton na sua vida mal somam quatro horas! Bem, aqui está esse lixo infantil. Eu vou levá-lo até a biblioteca; e nós vamos ver o que seu pai diz a respeito de tal *amor*.

Ela deu um pulo para pegar suas preciosas epístolas, mas eu as mantive acima de minha cabeça; e então ela soltou mais uma torrente de pedidos frenéticos para que eu as queimasse... fizesse qualquer coisa com elas, menos mostrá-las para ele. E estando na verdade tão inclinada a rir quanto a censurar, pois eu acreditava que tudo aquilo não passava de uma vaidade de mocinha, eu finalmente cedi um pouco e perguntei:

— Se eu consentir em queimar as cartas, a senhorita dá a sua palavra de honra de que nunca mais vai receber uma carta, ou um livro (pois eu percebi que a senhorita mandou livros para Linton) nem cachos de cabelo, nem anéis, nem brinquedos?

— Nós não mandamos brinquedos! — exclamou Catherine, o orgulho sobrepujando a vergonha.

— Nem nada mesmo, então, mocinha! — insisti. — A não ser que a senhorita prometa, lá vou eu.

— Eu prometo, Ellen! — exclamou ela, agarrando meu vestido. — Oh, coloque-as no fogo, coloque, coloque!

Porém, quando eu comecei a abrir um espaço com o atizador, o sacrifício era grande demais para ser suportado. Ela fervorosamente suplicou que eu poupasse uma ou duas.

— Uma ou duas, Ellen, para eu guardar por causa do Linton!

Eu desfiz o nó do lenço, e comecei a jogar as cartas em um canto, e as chamas subiram pela chaminé.

— Eu vou ficar com uma, sua desapiedada! — gritou ela, colocando rapidamente a mão no fogo e retirando alguns fragmentos parcialmente consumidos, machucando com isso os dedos.

— Muito bem... e eu tenho algumas para mostrar para o papai! — respondi, colocando o restante no pacote, e voltando-me para a porta.

Ela devolveu os fragmentos enegrecidos às chamas, e pediu-me que terminasse a imolação. Ela foi feita; eu remexi as cinzas, e as enterrei sob uma pazada de carvão; e ela, silenciosa, e com uma sensação de ofensa

profunda, retirou-se para seu quarto. Eu desci para dizer para o patrão que o acesso de doença da patroazinha já havia praticamente passado, mas que eu achava melhor ela ficar deitada um pouco.

Ela não queria jantar; mas reapareceu para o chá, pálida e com os olhos avermelhados, e maravilhosamente submissa, ao menos na aparência.

Na manhã seguinte, eu respondi à carta com um pedaço de papel, em que estava escrito: “Pede-se ao jovem Sr. Heathcliff que não mande mais cartas para a Srta. Linton, pois ela não as receberá.” E, a partir de então, o menino veio com os bolsos vazios.



XXII

O verão se aproximou do fim, e o outono chegou: já havia passado a festa de São Miguel, mas a colheita havia começado tarde naquele ano, e alguns de nossos campos ainda não haviam sido ceifados.

O Sr. Linton e a filha frequentemente passeavam entre os ceifadores; com o carregamento dos últimos fardos, eles ficavam até o anoitecer, e como as noites costumavam ser frias e úmidas, meu patrão pegou um resfriado forte, que, teimando em não abandonar seus pulmões, fez com que ele ficasse confinado à casa por quase todo o inverno, praticamente sem interrupção.

Pobrezinha da Cathy, impedida de continuar seu pequeno romance, havia ficado consideravelmente mais triste e menos animada desde que isso acontecera; e seu pai insistia que ela deveria ler menos e fazer mais exercícios. Ela não tinha mais a companhia dele; eu achei que era meu dever suprir a falta, tanto quanto possível, com a minha presença. Uma substituição ineficaz, pois eu somente podia me afastar uma ou duas horas de minhas numerosas ocupações diurnas para acompanhar a Srta. Cathy; e, além do mais, minha companhia era obviamente menos desejada que a dele.

Em uma tarde de outubro, ou do começo de novembro, uma tarde fresca e úmida, quando a turfa e os caminhos farfalhavam por causa do orvalho e das folhas secas, e o céu frio e azul estava parcialmente encoberto pelas nuvens, farrapos de um cinza escuro, que vinham rapidamente do oeste prenunciando chuva abundante, pedi para minha patroazinha deixar de lado seu passeio porque eu tinha certeza de que ia chover. Ela se recusou; e eu, contra minha vontade, vesti um casaco e peguei minha sombrinha para acompanhá-la em um passeio até o fim do parque: a caminhada habitual que a Srta. Cathy geralmente fazia quando estava entristecida, e ela sempre ficava assim quando o Sr. Edgar estava se sentindo pior que de costume, algo que ela nunca ficava sabendo por intermédio das palavras do pai, mas

era adivinhado tanto por ela quanto por mim por causa do silêncio cada vez maior da parte dele, e da melancolia de seu rosto.

Ela foi andando, triste: não havia corridas ou pulos agora, embora o vento frio pudesse muito bem tê-la feito sentir vontade de correr. E com frequência, com o canto dos olhos, eu conseguia perceber que ela erguia uma das mãos, e afastava alguma coisa do rosto.

Eu dei uma olhada ao redor para achar alguma coisa que pudesse distraí-la de seus pensamentos. Em um dos lados da estrada se erguia uma encosta alta e desigual, onde aveleiras e carvalhos atrofiados, com suas raízes semiexpostas, mal conseguiam se sustentar: o solo era muito pouco firme para os carvalhos; e os ventos fortes haviam deixado alguns quase na horizontal. No verão, a Srta. Catherine adorava subir por esses troncos, e sentar-se nos galhos, e ficar balançando a uns seis metros do solo; e eu, encantada com a agilidade dela, e com seu temperamento alegre e infantil, ainda assim considerava adequado repreendê-la a cada vez que a flagrava nessas alturas, mas de modo que ela soubesse que não havia necessidade de descer. Da hora do jantar até a hora do chá, ela costumava ficar em seu berço agitado pela brisa, não fazendo nada além de cantarolar antigas canções — meu repertório de seus tempos de criança — para si mesma, ou olhando os pássaros, com quem dividia os galhos, alimentando seus filhotes e incitando-os a voar, ou ficando aconchegada, com as pálpebras semicerradas, meio pensativa, meio sonhadora, mais feliz do que as palavras poderiam expressar.

— Veja, Senhorita! — exclamei, apontando para um recanto sob as raízes de uma árvore retorcida. — O inverno ainda não chegou aqui. Ali está uma florzinha, mais lá em cima, o último botão daquela porção de campânulas que em julho cobriam esses degraus de turfa com uma névoa arroxeadas. A senhorita não quer subir lá e colher a flor, para mostrá-la para o papai?

Cathy ficou olhando por muito tempo para a flor solitária que tremia em seu abrigo terreno, e acabou respondendo:

— Não, não vou por as mãos nela; mas ela tem uma aparência melancólica, não tem, Ellen?

— Sim — observei —, quase tão enfriada e desenxabida quanto a senhorita. Suas faces estão sem sangue; vamos nos dar as mãos e correr. A senhorita está tão desanimada que eu me arrisco a dizer que consigo acompanhá-la.

— Não — tornou ela a dizer, e continuou a andar lentamente, parando, de tempos em tempos, para observar um pouco de musgo, ou um tufo de mato amarelado, ou um fungo que lançava seu tom vivo de laranja entre os montes de folhagem amarronzada; e, de tempos em tempos, sua mão se erguia para o rosto, que ela mantinha voltado para o lado.

— Catherine, por que está chorando, meu bem? — perguntei, me aproximando e passando o braço nos ombros dela. — A senhorita não precisa chorar porque o papai está com um resfriado; dê graças por não ser nada mais sério.

Ela não tentou mais conter as lágrimas; sua respiração estava sufocada por soluços.

— Oh, *vai* ser algo mais sério — disse ela. — E o que vou fazer quando papai e você me deixarem, e eu ficar sozinha? Não consigo esquecer suas palavras, Ellen, elas estão sempre nos meus ouvidos. Como a vida vai ser diferente, como o mundo vai ficar triste, quando papai e você estiverem mortos.

— Ninguém pode dizer se a senhorita não vai morrer antes de nós — repliquei. — É errado ficar antecipando o mal. Nós vamos esperar que anos e anos se passem antes de qualquer um de nós morrer; o patrão é jovem; eu sou forte, e nem completei quarenta e cinco anos. Minha mãe viveu até os oitenta anos, uma mulher sacudida até o fim. E suponha que o Sr. Linton seja poupado até chegar aos sessenta anos, seriam mais anos do que a senhorita pensou. E não seria uma tolice ficar lamentando uma calamidade com uns vinte anos de antecedência?

— Mas Tia Isabella era mais nova que papai — observou Cathy, olhando com uma expressão de tímida esperança em busca de mais consolo.

— Tia Isabella não tinha a senhorita e a mim para cuidar dela — respondi. — Ela não era feliz como o patrão, não tinha muitas razões para viver. Tudo que a senhorita precisa fazer é cuidar bem de seu pai, e alegrá-

lo fazendo com que ele a veja alegre; e evitar causar-lhe preocupações a respeito de qualquer assunto. Pense bem nisso, Cathy! Não vou fingir que a senhorita não poderia matá-lo se fosse rebelde e imprudente, e nutrisse uma afeição tola e fantasiosa pelo filho da pessoa que ficaria feliz ao ver seu pai no túmulo, e deixasse que ele a percebesse se lamentando por causa de uma separação que ele julgou melhor causar.

— Eu não me lamento por nada na Terra, a não ser a doença de papai — respondeu minha companheira. — Eu não me importo com nada, comparado ao papai. E eu nunca vou... nunca... oh, nunca, enquanto eu tiver juízo, fazer alguma coisa, ou dizer uma palavra para deixá-lo aborrecido. Eu o amo mais do que a mim mesma, Ellen; e sei disso pelo seguinte: todas as noites rezo para viver mais que ele, porque eu preferiria ficar desesperada a vê-lo desesperado... isso mostra que eu o amo mais que a mim mesma.

— Belas palavras — respondi. — Mas as ações precisam mostrar isso também; e depois que ele estiver bem, lembre-se de não se esquecer as resoluções tomadas na hora em que estava com medo.

Enquanto conversávamos, nós nos aproximamos de uma porta que se abria para a estrada; e minha patroazinha, se animando de novo, subiu no muro e sentou-se no alto, esticando-se para apanhar alguns frutinhas que vicejavam, escarlates, nos ramos mais altos das rosas silvestres, ensombrecendo o lado da estrada. Os frutos mais de baixo já haviam desaparecido, mas somente os pássaros conseguiam alcançar os que estavam mais no alto, e também Cathy em sua presente situação.

Enquanto ela se esticava para apanhá-los, seu chapéu caiu; e como a porta estava fechada, ela se propôs a descer o muro para pegá-lo. Eu recomendei que ela tivesse cuidado, ou então iria cair, e ela logo desapareceu.

Mas, voltar não era nada fácil; as pedras eram lisas e cuidadosamente cimentadas, e os ramos das moitas de rosas e das amoreiras silvestres não ofereciam apoio para a subida. Eu, como uma tola, não me lembrei disso até ouvi-la rindo e exclamando:

— Ellen! Você vai ter de ir pegar a chave, ou então tenho de correr até a casa do porteiro. Não dá para subir o muro deste lado!

— Fique onde está — respondi. — Eu tenho meu molho de chaves no meu bolso; talvez consiga abrir a porta. Se não conseguir, eu vou.

Catherine se divertiu dançando de um lado para o outro na frente da porta, enquanto eu tentava todas as chaves grandes, uma depois da outra. Eu havia tentado a última, e descoberto que nenhuma servia. Então, tornando a dizer que eu queria que ela ficasse ali, estava pronta para correr de volta para casa tão rápido quanto eu pudesse, quando um som que se aproximava cada vez mais me fez parar. Era o trote de um cavalo; a dança de Cathy parou, e em um minuto o cavalo também parou.

— Quem é? — sussurrei.

— Ellen, eu queria que você conseguisse abrir a porta — minha companheira respondeu, em um sussurro ansioso.

— Olá, Srta. Linton! — exclamou uma voz profunda (a do cavaleiro). — Estou feliz por vê-la. Não tenha pressa para entrar, pois eu quero pedir uma explicação, e obtê-la.

— Eu não devo falar com o senhor, Sr. Heathcliff — respondeu Catherine. — Papai diz que o senhor é um homem malvado, e que detesta tanto a ele quanto a mim; e Ellen diz a mesma coisa.

— Isso não tem nada que ver — respondeu Heathcliff. (Era ele.) — Não odeio meu filho, suponho, e é a respeito dele que exijo sua atenção. Sim! A senhorita tem razões para ficar vermelha. Dois ou três meses atrás, a senhorita não tinha o costume de escrever para Linton? Fingindo ter amor por ele, hein? Vocês mereciam, os dois, uma boa surra por causa disso! Principalmente a senhorita, a mais velha, e menos sensível, como deu para ver. Eu tenho suas cartas, e se a senhorita for petulante comigo, vou mandá-las para seu pai. Suponho que a senhorita tenha se cansado da brincadeira, e a abandonou, não foi? Bem, e com isso a senhorita colocou Linton no Pântano do Desespero. Ele estava agindo com seriedade, apaixonado, de verdade. Tão certo quanto eu estar vivo, ele está morrendo por sua causa, com o coração partido por causa de sua inconstância, não de modo figurativo, mas de verdade. Embora Hareton tenha feito dele motivo de

piada por seis semanas, e eu tenha lançado mão de medidas mais sérias, e tentado tirá-lo de sua idiotia com um bom susto, ele está pior a cada dia, e ele vai estar a sete palmos antes do verão, a não ser que a senhorita o faça reviver!

— Como o senhor pode mentir de modo tão flagrante para a pobre da menina! — exclamei, do lado de dentro. — Por favor, vá embora! Como pode deliberadamente dizer tais mentiras tão vis? Senhorita Cathy, eu vou quebrar a fechadura com uma pedra. A senhorita não vai acreditar nessas tolices tão maldosas. A senhorita sabe por experiência própria, é impossível uma pessoa morrer de amor por um estranho.

— Eu não sabia que nós tínhamos bisbilhoteiros — murmurou o mau-caráter, percebendo ter sido descoberto. — Prezada Sra. Dean, eu gosto da senhora, mas não gosto de sua duplicidade — acrescentou ele em voz alta. — Como a *senhora* foi capaz de mentir de modo tão flagrante, a ponto de afirmar que eu odiava “a pobre da menina”? E inventar histórias monstruosas para afastá-la, amedrontada, da porta da minha casa? Catherine Linton (o próprio nome me emociona), minha fermosa mocinha, eu vou me ausentar de casa a semana toda. Vá e veja se não falei a verdade; vá, seja uma boa menina! Só imagine seu pai no meu lugar, e Linton no seu; então, pense que ideia a senhorita teria de seu leviano amado se ele se recusasse a dar um passo para confortá-la, quando o pai dele, em pessoa, lhe pedisse. E não incorra, por pura estupidez, no mesmo erro. Eu juro, pela minha salvação, que ele está a caminho do túmulo, e ninguém, a não ser a senhorita, pode salvá-lo!

A fechadura cedeu, e eu saí.

— Eu juro que Linton está morrendo — repetiu Heathcliff, me olhando fixamente. — E o pesar e a decepção estão apressando sua morte. Nelly, se você não permitir que ela vá, você pode ir até lá pessoalmente. Mas eu não estarei de volta até a próxima semana; e acho que seu próprio patrão não iria objetar que ela visitasse o primo!

— Vamos entrar — disse eu, pegando Cathy pelo braço, e quase a forçando a entrar, pois ela ficou lá, encarando com olhos perturbados as feições do interlocutor, sérias demais para expressar sua falsidade interior.

Ele fez o cavalo se aproximar ainda mais e, curvando-se, observou:

— Srta. Catherine, eu concordo que tenho pouca paciência com Linton, e Hareton e Joseph têm ainda menos. Eu concordo que ele está na companhia de pessoas duras. Ele anseia por gentileza, bem como por amor; e uma palavra gentil de sua parte seria o melhor remédio para ele. Não dê atenção às cruéis recomendações da Sra. Dean, mas seja generosa, e dê um jeito de vê-lo. Ele sonha com a senhorita, dia e noite, e não dá para convencê-lo de que a senhorita não o odeia, já que a senhorita nem escreve, nem vai visitá-lo.

Eu fechei a porta, e empurrei uma pedra para ajudar a fechadura solta a mantê-la na posição; e, abrindo meu guarda-chuva, puxei minha pupila sob ele, pois a chuva começava a cair por entre os lamentosos ramos das árvores, e nos aconselhava a evitar atrasos.

Nossa pressa impediu qualquer comentário a respeito do encontro com Heathcliff enquanto nos dirigíamos para casa; mas percebi instintivamente que o coração de Catherine estava então encoberto por uma dupla escuridão. Suas feições estavam tão tristes que nem pareciam as dela: ela evidentemente considerava verdadeira cada sílaba que ouvira.

O patrão havia se retirado para descansar antes de nós voltarmos. Cathy foi silenciosamente até seu quarto, perguntar como ele estava; ele havia adormecido. Ela voltou, e me pediu que ficasse sentada com ela na biblioteca. Nós tomamos nosso chá juntas, e depois ela se deitou no tapete e me pediu para eu não falar, pois ela estava cansada.

Eu peguei um livro, e fingi que estava lendo. Assim que ela supôs que eu estivesse absorta em minha atividade, ela recomeçou a chorar silenciosamente: essa parecia ser, no momento, sua diversão favorita. Eu permiti que ela se deleitasse por certo tempo; então discuti o assunto, zombando de todas as afirmativas do Sr. Heathcliff a respeito do filho, e ridicularizando-as, como se tivesse certeza de que ela iria concordar. Ai de mim! Eu não tinha talento para contrabalançar o efeito que o relato dele havia produzido; era exatamente isso que ele tencionava.

— Você pode ter razão, Ellen — respondeu ela —, mas eu nunca vou me sentir tranquila até saber. E tenho de dizer para Linton que não é minha

culpa se eu não escrevo; e convencê-lo de que eu não vou mudar.

E de que serviam a raiva e os protestos contra a tola credulidade dela?

Nós nos separamos aquela noite em termos hostis; mas, o dia seguinte presenciou minha caminhada para o Morro dos Ventos Uivantes ao lado do pônei da minha voluntariosa patroazinha. Eu não conseguia suportar a tristeza dela, ver seu rosto pálido e triste, e os olhos fundos; e cedi na tímida esperança de que o próprio Linton provasse, com sua acolhida, como tão pouco daquela história estava baseada na verdade.



XXIII

A noite chuvosa havia trazido uma manhã cheia de névoa — meio geada, meio chuvisco — e riachos temporários cruzavam nosso caminho, gorgolejando lá do alto. Meus pés estavam completamente encharcados; eu estava de mau humor e desanimada, o estado de espírito adequado para extrair o máximo desses fatos desagradáveis.

Nós entramos na propriedade pelo caminho da cozinha, para ter a certeza de que o Sr. Heathcliff estava mesmo ausente, porque eu punha pouca fé em sua afirmação.

Joseph parecia estar sentado sozinho em um tipo de elísio, ao pé de um fogo crepitante; uma caneca de cerveja na mesa perto dele, repleta de grandes fatias de bolo de aveia torrado, e seu pequeno cachimbo preto na boca.

Catherine correu para a lareira para se esquentar. Eu perguntei se o patrão estava em casa.

Minha pergunta ficou por tanto tempo sem ser respondida que eu achei que o velho havia ficado surdo, e a repeti em um tom de voz mais alto.

— Nã-ão! — grunhiu ele, ou melhor, gritou com um som anasalado. — Nã-ão! Vosmecês deve de vortá pra donde vosmecês viéro.

— Joseph! — gritou lá de dentro uma voz irritadiça que se sobrepôs à minha. — Quantas vezes eu tenho de chamar você? Tem só um punhado de cinzas avermelhadas agora. Joseph! Venha agora mesmo!

Baforadas vigorosas e um olhar decidido para a grade da lareira declararam que ele não iria dar ouvidos a esse apelo. A caseira e Hareton não estavam por perto; provavelmente ela havia saído para realizar alguma tarefa, e ele estava trabalhando.

Nós reconhecemos o tom de voz de Linton, e entramos.

— Oh, eu espero que você acabe em um torreão! Morto de fome — disse o menino, confundindo nossa aproximação com a de seu negligente

empregado.

Ao verificar seu erro, ele parou de falar, a prima correu até ele.

— É a Senhorita Linton? — disse ele, erguendo a cabeça da grande poltrona em que ele se reclinava. — Não... não me beije. Isso me faz ficar sem fôlego... mas que coisa! Papai disse que a senhorita viria me ver — continuou ele, depois de se recuperar um pouco do abraço de Catherine, enquanto ela ficava em pé ao lado dele, com ar contrito. — A senhorita poderia fazer o favor de fechar a porta? A senhorita a deixou aberta, e aquelas... aquelas criaturas *detestáveis* não trazem carvão para a lareira. Está fazendo tanto frio!

Eu aticei as cinzas, e fui pegar um balde de carvão. O inválido reclamou por ter ficado coberto de cinzas; mas ele tinha uma tosse horrível, e parecia estar com febre e doente, então eu não o repreendi por seu mau humor.

— Bem, Linton — murmurou Catherine, quando a cara fechada dele se desanuviou um pouco. — Você está feliz por me ver? Posso fazer alguma coisa por você?

— Por que não veio antes? — disse ele. — A senhorita deveria ter vindo, ao invés de escrever. Escrever aquelas cartas tão longas me cansava demais. Eu preferiria ter conversado com a senhorita. Agora, não consigo nem falar, nem mais nada. Só fico pensando onde a Zillah foi! Você (olhando para mim) poderia ir até a cozinha e verificar?

Eu não havia recebido agradecimentos por meu outro serviço; e não tendo a menor vontade de ficar correndo para lá e para cá a pedido dele, retruquei:

— Não tem ninguém lá, a não ser Joseph.

— Eu estou com sede — ele exclamou, irritadiço, se virando para o outro lado. — Zillah vai a toda hora para Gimmerton, desde que papai viajou. É uma tristeza! E eu sou forçado a vir para cá... eles simplesmente não me ouvem chamar se eu estou no andar de cima.

— O seu pai é atencioso com o senhor, *Master* Heathcliff? — perguntei, percebendo Catherine tolhida em suas manifestações de amizade.

— Atencioso? Ele pelo menos faz com que *eles* sejam um pouco mais atenciosos — exclamou ele. — Os miseráveis! Sabe, Srta. Linton, aquele

grosseiro do Hareton ri de mim. Eu o odeio... na verdade, odeio eles todos... todos eles são criaturas odiosas.

Cathy saiu procurando um pouco de água; ela se deparou com um jarro no armário, encheu um copo, e o trouxe. Ele lhe pediu que acrescentasse uma colher do vinho de uma garrafa que estava sobre a mesa; e, tendo bebido um pouquinho, pareceu ficar mais tranquilo, e disse que ela era muito gentil.

— E você está feliz por me ver? — quis saber ela, repetindo sua pergunta anterior, e alegre por detectar uma leve sombra de um sorriso.

— Sim, estou. É uma novidade ouvir uma voz como a sua! — respondeu ele. — Mas, eu *fiquei* aborrecido porque a senhorita não vinha. E papai jurou que era minha culpa! Ele me disse que eu era uma criatura lamentável, fraca, que não valia nada, e que a senhorita me desprezava; e que se estivesse em meu lugar, ele seria agora mais dono da Granja que seu pai. Mas, a senhorita não me despreza, ou despreza, Senhorita...

— Eu gostaria que você me chamasse de Catherine, ou de Cathy! — interrompeu minha patroazinha. — Desprezar você? Não! depois do papai e de Ellen, você é a pessoa de quem eu mais gosto. Eu não gosto do Sr. Heathcliff, contudo; e eu não me arrisco a voltar quando ele retornar. Ele vai ficar fora muitos dias?

— Não muitos — respondeu Linton —, mas ele vai para a charneca com frequência, já que a estação de caça começou, e você poderia passar uma ou duas horas comigo, na ausência dele. Venha! Diga que virá! Eu acho que eu não seria impertinente com você; você não me provoca, e estaria sempre pronta para me ajudar, não estaria?

— Sim — disse Catherine, acariciando os cabelos longos e macios dele. — Se papai consentisse, eu passaria metade do tempo com você. Linton, você é tão bonito! Eu gostaria que você fosse meu irmão.

— E então você gostaria de mim tanto quanto de seu pai? — perguntou ele, mais animado. — Mas papai diz que você gostaria de mim mais que dele, e de que todas as pessoas, se você fosse minha esposa... então, eu preferiria que você fosse minha esposa!

— Não! Eu nunca amaria ninguém mais que o papai — respondeu ela, com voz séria. — E as pessoas às vezes odeiam suas esposas; mas não suas irmãs e irmãos, e se você fosse meu irmão, viveria conosco, e papai gostaria tanto de você quanto de mim.

Linton negou que as pessoas odiassem suas esposas; mas Cathy afirmou que sim e, com todo seu tino, deu como exemplo a aversão que o pai dele sentia pela tia dela.

Eu tentei fazê-la refrear sua língua afoita. Não consegui, até que tudo que ela sabia fosse dito. *Master* Heathcliff, muito irritado, garantiu que o relato dela era falso.

— Papai me disse; e papai não conta mentiras! — respondeu ela, petulante.

— Meu pai despreza o seu! — exclamou Linton. — Ele o chama de tolo covarde!

— Seu pai é um homem mau — retrucou Catherine —, e você é muito malcriado para ousar repetir o que ele disse. Ele deve ser malvado, para fazer Tia Isabella abandoná-lo, como ela fez!

— Ela não o abandonou — disse o menino —, você não pode me contradizer!

— Abandonou sim! — exclamou minha patroazinha.

— Bom, eu vou dizer uma coisa para *você* — disse Linton. — Ouça isto: sua mãe odiava seu pai.

— Oh! — exclamou Catherine, furiosa demais para dizer alguma coisa.

— E ela amava o meu! — acrescentou ele.

— Mentiroso! Agora eu odeio você! — disse ela, ofegante, e seu rosto ficou vermelho com a agitação.

— Amava! Amava! — cantarolou Linton, se afundando em sua poltrona, e recostando a cabeça para apreciar a perturbação da outra briguenta, que ficou parada atrás dele.

— Quietos, *Master* Heathcliff! — disse eu. — Essas são histórias do seu pai, também, suponho.

— Não! Fique de boca fechada! — ele respondeu. — Ela amava, amava, Catherine, amava, amava!

Cathy, fora de si, deu um violento empurrão na poltrona, derrubando Linton por cima de um braço. Ele foi imediatamente tomado por uma tosse sufocante que logo acabou com o triunfo dele.

A crise durou tanto tempo que assustou até a mim. Quanto à prima dele, ela chorou com todas as forças, horrorizada com o dano que havia causado, embora não dissesse nada.

Eu o segurei até que o acesso passasse. Ele então me empurrou para o lado, e ficou de cabeça baixa, silencioso. Catherine parou com suas lamentações também, sentou-se em uma cadeira no lado oposto, e ficou olhando solene para o fogo.

— Como o senhor está se sentindo agora, *Master* Heathcliff? — perguntei, depois de esperar dez minutos.

— Eu gostaria que *ela* se sentisse como eu — respondeu ele —, criatura rancorosa e cruel! Hareton nunca põe a mão em mim, ele nunca me deu um tapa na vida. E eu estava me sentindo melhor hoje... e agora... — a voz dele sumiu em um lamento.

— Eu não bati em você! — murmurou Cathy, mordendo o lábio para evitar outra manifestação de emoção.

Ele suspirou e gemeu como uma pessoa que passa por um grande sofrimento, e ficou assim por uns quinze minutos, com o intuito de perturbar a prima, aparentemente, pois quando percebia um soluço abafado da parte dela, ele colocava ainda mais dor e tristeza no tom de sua voz.

— Eu sinto muito ter machucado você, Linton! — disse ela por fim, atormentada além de suas forças. — Mas *eu* não teria me machucado com aquele empurrãozinho; e não tinha ideia de que você pudesse se machucar... você não está muito machucado, está, Linton? Não me deixe ir para casa pensando que eu causei mal para você! Responda, fale comigo.

— Não dá para eu falar com você — murmurou ele. — Você me machucou tanto que vou passar a noite em claro, sufocando com essa tosse! Se você a tivesse, saberia como é; mas *você* vai estar dormindo confortavelmente, enquanto morro de agonia... sem ninguém perto de mim! Eu só fico pensando se você gostaria de passar essas noites terríveis!

E ele começou a se lamentar em voz alta, com pena de si mesmo.

— Já que o senhor está habituado a passar essas noites terríveis — disse eu —, não vai ser a Srta. Cathy que vai perturbar seu sossego; o senhor estaria do mesmo jeito caso ela não tivesse vindo. Contudo, ela não vai perturbar o senhor de novo e talvez o senhor fique mais calmo quando nós formos embora.

— Eu devo ir? — perguntou Catherine, queixosa, inclinando-se sobre ele. — Você quer que eu vá, Linton?

— Você não pode mudar o que fez — respondeu ele petulante, afastando-se dela —, a não ser que mude para pior, me aborrecendo até eu ter uma febre.

— Bem, então eu devo ir? — repetiu ela.

— Deixe-me em paz, pelo menos! — disse ele. — Não suporto você falando!

Ela ficou por lá, e resistiu a meus apelos para ir embora por muito tempo; mas como ele nem erguia o olhar e nem falava, ela finalmente fez um movimento na direção da porta, e eu a segui.

Nós fomos atraídas por um grito. Linton havia escorregado da poltrona e caído na frente da lareira, e ficou lá deitado se contorcendo com a perversidade de uma criança extremamente mimada, determinada a ser tão inoportuna e impertinente quanto possível.

Eu adivinhei muito bem o estado de espírito dele por causa desse comportamento, e vi na hora que seria tolice tentar apaziguá-lo. Mas não minha companheira: ela voltou correndo, apavorada, se ajoelhou, e chorou, e o acalmou, e suplicou, até que ele ficou quieto por não ter mais fôlego, e de jeito nenhum por escrúpulo de tê-la deixado aflita.

— Vou erguê-lo e colocá-lo no escano — disse eu —, e ele pode ficar rolando quanto quiser; nós não podemos ficar aqui paradas olhando para ele. Espero que esteja convencida, Srta. Cathy, de que a *senhorita* não é a pessoa adequada para ajudá-lo, e que o estado de saúde ele não é causado por apego à sua pessoa. Pronto, cá está ele! Vamos embora; assim que perceber que não tem ninguém para se incomodar com as suas tolices, ele vai se sentir feliz por ficar deitado e quietinho!

Ela colocou uma almofada sob a cabeça dele, e lhe ofereceu um pouco de água; ele recusou a água, e ficou revirando o corpo, desconfortável, como se a almofada fosse uma pedra, ou um pedaço de madeira.

Cathy tentou arrumá-la para deixá-la mais confortável.

— Não consigo ficar deste jeito — disse ele. — Não está alto o suficiente!

Catherine trouxe outra para colocar em cima daquela.

— Está alto *demais*! — murmurou a irritante criatura.

— Então, como posso arrumar? — perguntou ela, desanimada.

Ele se esticou na direção dela, que estava quase ajoelhada ao lado do escano, e transformou o ombro dela em um apoio.

— Não, assim não pode ser! — disse eu. — O senhor vai ter de se contentar com a almofada, *Master* Heathcliff! A Srta. Cathy já perdeu muito tempo com o senhor; nós não podemos ficar mais nem cinco minutos.

— Sim, nós podemos! — retrucou Cathy. — Ele está bom e paciente agora. Ele está começando a perceber que eu vou me sentir muito mais triste do que ele esta noite se acreditar que ele está pior por causa da minha visita; e então, eu não ousarei vir de novo. Diga a verdade, Linton, pois eu não posso vir se eu tiver machucado você.

— Você tem de vir, para me curar — respondeu ele. — Você precisa vir porque você me machucou. E você sabe que machucou, muito! Quando você chegou, eu não estava tão doente como agora... estava?

— Mas você ficou doente de tanto chorar, e por ficar exaltado. Eu não fiz nada disso — respondeu sua prima. — De qualquer modo, nós vamos ser amigos agora. E você quer que eu... você gostaria de me ver de vez em quando, de verdade?

— Eu disse que gostaria! — respondeu ele, impaciente. — Sente-se no escano e deixe que eu me deite em seus joelhos. É assim que mamãe costumava fazer, às vezes a tarde inteira. Sente-se bem quieta, e não fale; mas você pode cantar uma música, se souber, ou pode contar uma balada longa e interessante, uma daquelas que você prometeu me ensinar... ou uma história. Eu preferiria ouvir uma balada, entretanto: comece.

Cathy contou a mais longa de que ela conseguia se lembrar. O passatempo deixou a ambos muito felizes. Linton quis ouvir mais uma, e mais uma depois dessa, apesar de minhas vigorosas objeções; e assim eles foram até o relógio bater doze horas; então nós ouvimos Hareton no pátio, voltando para o jantar.

— E amanhã, Catherine, você vai vir aqui amanhã? — perguntou o jovem Heathcliff, segurando o vestido dela quando ela se levantou, relutante.

— Não! — respondi. — E nem depois de amanhã. — Ela, entretanto, deu uma resposta diferente, com toda a certeza, pois a expressão dele se iluminou quando ela se abaixou e sussurrou algo no ouvido dele.

— A senhorita não vai vir amanhã, lembre-se! — comecei a dizer, quando saímos da casa. — A senhorita não está sonhando com isso, está?

Ela sorriu.

— Ah, eu vou tomar providências! — continuei. — Eu vou mandar consertar aquela fechadura, e a senhorita não vai ter por onde fugir.

— Eu posso pular o muro — disse ela, rindo. — A Granja não é uma prisão, Ellen, e você não é minha carcereira. E, além do mais, estou com quase dezessete anos. Sou uma mulher; e tenho certeza de que Linton se recuperaria rapidamente se eu estivesse lá para cuidar dele. Sou mais velha que ele, você sabe, e tenho mais juízo, e sou menos infantil, não sou? E ele logo vai fazer o que eu quiser se eu o encaminhar com um pouquinho de doçura. Ele é um amorzinho quando está bem. Eu faria dele um anjinho mesmo, se ele fosse meu. Nós nunca brigáramos, não é, depois de estarmos acostumados um com o outro? Você não gosta dele, Ellen?

— Gostar dele? — exclamei — É o mais enfermiço e genioso fedelho que jamais lutou para chegar à juventude! Felizmente, como o Sr. Heathcliff conjecturou, ele não vai passar dos vinte anos! Duvido que ele chegue até a primavera, na verdade; e pouca falta há de fazer para a família, quando se for. Sorte nossa o pai ter se encarregado dele. Quanto mais carinho lhe dessem, mais tedioso e egoísta ele seria! Fico feliz por a senhorita não ter chance de tê-lo como marido, Srta. Catherine!

Minha companheira ficou séria ao ouvir tais palavras. Falar da morte dele fazendo tão pouco caso magoara os sentimentos dela.

— Ele é mais novo que eu — respondeu ela, depois de uma pausa para meditação —, e ele deveria viver mais tempo; ele vai... ele tem de viver tanto quanto eu. Ele está tão forte agora como estava quando veio pela primeira vez para o norte, tenho certeza disso! É apenas um resfriado que o está incomodando, a mesma coisa que papai tem. Você disse que papai vai melhorar, e por que Linton não melhoraria?

— Ora, ora — exclamei. — Afinal de contas, não precisamos nos preocupar; pois, escute, Senhorita, e veja bem: eu vou cumprir minha palavra. Se a senhorita tentar ir até o Morro dos Ventos Uivantes de novo, comigo ou sozinha, eu vou contar para o Sr. Linton e, a não ser que ele dê sua permissão, o relacionamento com seu primo não deve ser reavivado.

— Ele foi reavivado! — murmurou Cathy, emburrada.

— Não deve ser continuado, então! — disse eu.

— Veremos! — foi a resposta dela, que partiu a galope, deixando-me para trás, caminhando penosamente.

Nós duas chegamos em casa antes da hora do jantar; meu patrão achou que nós estivéramos andando pelo parque, e por isso não pediu explicações a respeito de nossa ausência. Assim que entrei, fui correndo tirar meus sapatos e meias encharcados; porém, ficar sentada tanto tempo lá no Morro havia causado seus danos. Na manhã seguinte, eu estava de cama; e durante três semanas fiquei incapaz de fazer meu serviço. Uma calamidade pela qual eu nunca tinha passado antes, e nunca mais passei, sou grata ao dizer isso, desde então.

Minha patroazinha se comportou como um anjo, cuidando de mim e alegrando minha solidão. O confinamento me deixou excessivamente melancólica; é enfadonho, para uma pessoa muito ativa, mas poucos têm menos razões para reclamar do que eu. Assim que deixava o quarto do pai, Catherine aparecia ao lado da minha cama. O dia dela era dividido entre nós. Nenhum passatempo ocupava um minuto seu: ela negligenciava suas refeições, seus estudos e suas diversões, e era a enfermeira mais carinhosa

que jamais cuidou de alguém. Ela deveria ter um coração afetuoso para, amando o pai como amava, dar tanto carinho para mim!

Eu disse que os dias dela eram divididos entre nós. Mas o patrão se retirava cedo, e eu geralmente não precisava de nada depois das seis horas; então as noites eram só para ela.

Coitadinha! Eu nunca pensei no que ela fazia depois do chá. E embora várias vezes, quando ela vinha me dizer boa noite, eu percebesse a aparência viçosa de suas faces e um tom rosado em seus dedos longos, em vez de imaginar que aquilo se devia a uma cavalgada no frio através da charneca, eu me dizia que a causa era o fogo quente na biblioteca.



XXIV

No fim de três semanas, pude deixar meu quarto e andar pela casa. E na primeira vez em que não fui dormir cedo, pedi que Catherine lesse para mim, porque meus olhos estavam fracos. Nós estávamos na biblioteca, o patrão já tendo ido se deitar: ela consentiu, mas tive a impressão de que não foi com muito boa vontade; e imaginando que meus livros não eram adequados para ela, pedi-lhe que fizesse sua vontade ao escolher o que iria ler.

Ela escolheu um de seus favoritos e prosseguiu firme por quase uma hora; depois começaram as frequentes perguntas:

— Ellen, você não está cansada? Não seria melhor você se deitar? Você vai ficar doente ficando acordada até tão tarde, Ellen.

— Não, querida, não estou cansada — eu respondia, sempre.

Percebendo que eu não ia arredar pé, ela tentou outro método para mostrar que não estava satisfeita com sua ocupação. Ela começou a bocejar, e a se espreguiçar, e:

— Ellen, estou cansada.

— Pare então de ler e vamos conversar — respondi.

Isso foi ainda pior: ela estava inquieta e suspirosa, e ficou olhando para seu relógio, até que deram oito horas; então, finalmente, ela foi para seu quarto, morta de sono, a julgar por suas feições cansadas, sua expressão sonolenta e pelo gesto, inúmeras vezes repetido, de esfregar os olhos

Na noite seguinte ela parecia ainda mais impaciente; e na terceira noite em que voltou a ter minha companhia, ela reclamou de dor de cabeça, e me deixou.

Eu achei o comportamento dela estranho; e, tendo ficado sozinha por um bom tempo, decidi ir e perguntar se ela estava se sentindo melhor, e pedir-lhe que descesse e ficasse deitada no sofá, e não lá em cima, no escuro.

Não achei nenhuma Catherine lá em cima, e nem lá em baixo. Os empregados afirmaram que não a tinham visto. Fiquei ouvindo à porta do quarto do Sr. Edgar; tudo estava em silêncio. Voltei para o quarto dela, apaguei minha vela e me sentei à janela.

A lua brilhava; uma ligeira camada de neve cobria o chão, e eu pensei que ela poderia, talvez, ter tido a ideia de dar uma volta no jardim para se refrescar. Eu realmente percebi uma figura se esgueirando ao longo da cerca interna do parque, mas não era minha patroazinha; quando essa pessoa chegou na parte iluminada pela lua, eu reconheci um dos cavaleiros.

Ele ficou parado por um bom tempo, olhando a estrada que corta os campos; então saiu andando rapidamente, como se tivesse percebido alguma coisa, e logo em seguida reapareceu, conduzindo o pônei da Srta. Cathy; e lá estava ela, tendo acabado de desmontar, e caminhando ao lado dele.

O homem levou o animal silenciosamente pelo gramado na direção do estábulo. Cathy entrou pela porta-janela da sala de estar, e subiu sem o menor ruído até onde eu a estava esperando.

Ela fechou a porta com cuidado, tirou seus sapatos cheios de neve, desatou o chapéu e, sem ter percebido sua espiã, estava a ponto de colocar o manto de lado, quando eu me levantei de repente e me revelei. A surpresa a deixou petrificada por um instante: ela soltou uma exclamação inarticulada, e ficou imóvel.

— Minha querida Srta. Catherine — comecei, ainda muito impressionada com sua recente bondade para já começar a censurá-la —, aonde a senhorita foi a cavalo a estas horas? E por que tentaria me enganar, contando histórias? Onde a senhorita esteve? Fale!

— Fui até o fim do parque — gaguejou ela. — Eu não contei histórias.

— E a em nenhum outro lugar? — perguntei.

— Não — gaguejou ela.

— Oh, Catherine — exclamei, pesarosa —, a senhorita sabe que andou fazendo coisas erradas, ou então não seria levada a me dizer algo que não é verdade. Isso me magoa muito. Eu preferiria ficar três meses doente a ouvi-la contar deliberadamente uma mentira.

Ela deu um salto para frente e, desatando a chorar, me deu um abraço.

— Ah, Nelly, estou com tanto medo de você ficar brava — disse ela. — Prometa que não vai ficar brava, e você vai saber toda a verdade. Eu detesto ter de esconder isso.

Nós nos sentamos no assento junto à janela. Eu lhe garanti que não a censuraria, qualquer que fosse o segredo; e eu adivinhava qual ele seria, é claro. Então ela começou a falar:

— Estive no Morro dos Ventos Uivantes, Ellen, e não deixei de ir nenhuma noite desde que você ficou doente; a não ser três vezes antes e duas vezes depois de você poder sair do quarto. Eu dei livros e gravuras a Michael, para que ele arreasse Minny todas as noites e depois a levasse de volta ao estábulo; você também não pode brigar com ele, veja bem. Eu chegava lá no Morro às seis e meia, geralmente ficava até depois das oito e meia, e então voltava a galope para casa. Não era para me divertir que eu ia; eu estava triste o tempo todo. De vez em quando estava feliz, uma vez por semana, talvez. A princípio, achei que teria muito trabalho em persuadir você a me deixar manter minha palavra com Linton, pois quando nós o deixamos, eu havia me comprometido a visitá-lo na manhã seguinte. Mas, como no dia seguinte você ficou no andar de cima, eu não precisei ter esse trabalho, e quando Michael estava consertando a fechadura da porta do parque, eu me apropriei da chave, e disse para ele como meu primo desejava que eu o visitasse, porque estava doente e não podia vir até a Granja, e como papai não iria permitir que eu fosse até lá. E então fiz um acordo com ele a respeito do pônei. Ele gosta de ler, e está pensando em logo sair do serviço para se casar. Então ele se ofereceu a fazer o que eu quisesse, se em troca eu lhe trouxesse livros emprestados da biblioteca; mas eu preferi dar-lhe os meus livros, e isso o deixou ainda mais satisfeito.

Em minha segunda visita, Linton parecia muito animado; e Zillah (é esse o nome da caseira deles) arrumou uma sala para nós e acendeu um bom fogo, e nos disse que, como Joseph havia saído para um culto e Hareton Earnshaw estava por aí com seus cachorros (pegando os faisões dos nossos bosques, segundo eu ouvi dizer depois), nós poderíamos fazer o que quiséssemos.

Ela trouxe para mim um pouco de vinho quente e de biscoitos de gengibre, e me deu a impressão de ser uma pessoa muito boa; Linton se sentou na poltrona, e eu na cadeirinha de balanço ao pé da lareira. E nós rimos e conversamos tão contentes, e tínhamos tantas coisas a dizer; nós planejamos aonde iríamos, e o que faríamos no verão. Não preciso repetir isso, porque você acharia que é tolice.

Uma vez, entretanto, nós quase brigamos. Ele disse que o modo mais agradável de passar um quente dia de julho era ficar deitado desde a manhã até a noite em uma encosta coberta de urzes no meio da charneca, com as abelhas zumbindo sonhadoras por entre as flores, e as cotovias cantando bem acima de nossas cabeças, e o céu azul e o sol quente brilhando constantemente, sem nuvens. Essa era a ideia mais perfeita que ele poderia ter da felicidade celestial. A minha era a de ficar me balançando em uma árvore verdejante, com o vento oeste soprando, e nuvens brancas e luminosas passando rapidamente lá em cima. E não somente as cotovias, mas os tordos e melros, e pintarroxos, e cucos derramando seu canto por todos os lados, e a charneca vista à distância, entrecortada por pequenos vales frescos e cheios de sombra; mas, bem perto, grandes trechos de grama alta ondulando com a brisa, e os bosques e o som da água, e todo o mundo acordado e vibrando de alegria. Ele queria que tudo ficasse quieto em um êxtase de paz; eu queria que tudo brilhasse e dançasse em uma gloriosa festa.

Eu disse que o céu dele estaria apenas meio vivo, e ele disse que o meu estaria embriagado; eu disse que cairia no sono no dele; ele disse que não conseguiria respirar no meu, e começou a ficar muito mal-humorado. Finalmente, nós concordamos em tentar os dois assim que a época propícia chegasse; e então nós nos beijamos e ficamos amigos. Depois de ficar sentada imóvel por uma hora, olhei para a grande sala com seu chão liso e sem tapetes, e achei que seria muito bom brincar lá, se nós tirássemos a mesa; e eu pedi para Linton chamar Zillah para nos ajudar, e nós poderíamos brincar de cabra-cega: ela tentaria nos pegar. Você costumava fazer isso, lembra, Ellen? Ele não quis; não achava graça nisso, como disse, mas consentiu em jogar bola comigo. Nós achamos duas em um armário,

entre um monte de brinquedos antigos: piões, e arcos, e raquetas, e petecas. Uma delas tinha a letra C, e a outra, H. Eu queria ficar com a que tinha o C, porque era a inicial de Catherine, e o H poderia ser de Heathcliff, o sobrenome dele; mas o recheio havia saído da bola com a letra H, e Linton não gostou.

Eu ganhei dele o tempo todo; ele ficou mal humorado de novo, e tossiu, e voltou para sua poltrona. Aquela noite, contudo, ele ficou rapidamente de bom humor de novo. Ele ficou encantado com duas ou três músicas bonitas — *suas* canções, Ellen; e quando eu tive de vir embora, ele me suplicou e pediu que eu voltasse lá na noite seguinte, e eu prometi.

Minny e eu viemos voando para casa, tão leves quanto o ar! Eu sonhei com o Morro dos Ventos Uivantes, e com meu encantador e querido primo, até de manhã.

No dia seguinte, eu estava triste: em parte porque você não estava bem, e em parte porque eu queria que meu pai soubesse dos meus passeios, e os aprovasse. Mas estava uma linda noite de luar depois do chá; e, enquanto eu ia para lá, a tristeza passou.

Eu vou ter outra noite feliz, pensei comigo mesma; e o que me deixa mais feliz, meu adorável Linton também vai.

Eu fui a trote pelo jardim deles, e estava dando a volta para ir para os fundos, quando aquele tal de Earnshaw se encontrou comigo, pegou as rédeas e me disse para entrar pela porta da frente. Ele deu umas palmadinhas no pescoço da Minny, e disse que era um animal feroso, e parecia que ele queria que eu falasse com ele. Eu só lhe disse para deixar meu cavalo em paz, ou então Minny lhe daria um coice.

Ele respondeu com sua pronúncia inculta:

— Ele num ia machucá muito se fizesse isso.

E inspecionou as pernas do pônei com um sorriso. Eu tive um pouco de vontade de fazer Minny tentar; entretanto, ele se afastou para abrir a porta e, enquanto erguia o ferrolho, ele olhou para a inscrição acima e disse, com uma estúpida mistura de embaraço e de júbilo:

— Senhorita Catherine! Posso lê isso aqui, agora.

— Que maravilha! — exclamei. — Por favor, mostre-nos... você *está ficando* esperto!

Ele soletrou, e falou lentamente, escandindo as sílabas, o nome:

— Hareton Earnshaw.

— E os números? — perguntei, encorajando-o, percebendo que ele havia ficado embatucado.

— Não sei ler eles ainda — ele respondeu.

— Oh, seu tapado! — eu disse, rindo com gosto do fracasso dele.

O tolo me encarou, com um sorriso pairando sobre os lábios e a testa franzida, como se não tivesse certeza se deveria ou não se unir a mim em minha alegria: se era uma mostra de familiaridade agradável, ou o que eu sentia na realidade, desprezo.

Eu acabei com as dúvidas dele retomando rapidamente meu ar sério, e pedindo-lhe que se afastasse, pois eu tinha ido para ver Linton, e não ele.

Ele ficou vermelho (eu vi isso à luz da lua) tirou a mão do ferrolho, e saiu de mansinho, a personificação da vaidade mortificada. Suponho que ele se considerava tão culto como Linton, porque sabia soletrar seu próprio nome; e ficou muito desconcertado porque eu não tinha a mesma opinião.

— Pare, Srta. Catherine, meu bem! — interrompi. — Eu não vou censurá-la, mas não gostei do seu comportamento nessa ocasião. Se a senhorita tivesse se lembrado de que Hareton era seu primo tanto quanto *Master* Heathcliff, teria percebido como era errado se comportar desse jeito. Pelo menos, foi digno de louvor o desejo dele de ser tão culto quanto Linton; e provavelmente ele não aprendeu somente para se exhibir. A senhorita o havia feito se sentir envergonhado de sua ignorância antes, não tenho dúvidas; e ele queria remediar isso e deixar a senhorita contente. Zombar de sua tentativa imperfeita foi muita falta de educação. Se a *senhorita* tivesse sido criada nas mesmas circunstâncias que ele, seria menos grosseira? Ele era uma criança tão esperta e inteligente quanto a senhorita foi, e eu estou magoada por ele ser desprezado agora porque aquele canalha do Heathcliff o tratou de modo tão injusto.

— Ora, Ellen, você não vai chorar por causa disso, vai? — exclamou ela, surpreendida com minha determinação. — Mas espere, e você vai ver

se ele aprendeu seu A B C para me agradar; e se valia a pena ser educada com aquele bruto. Eu entrei; Linton estava deitado no escano, e se soergueu para me receber.

— Estou doente esta noite, Catherine, querida — disse ele —, e você deve falar, e me deixar escutar. Venha, sente-se perto de mim. Eu tinha certeza de que você não faltaria com sua palavra, e vou fazer você prometer de novo, antes de ir embora.

Eu sabia que não poderia provocá-lo, já que ele estava doente; e eu falei em voz baixa e não fiz perguntas, e evitei irritá-lo de qualquer modo. Eu havia levado alguns dos meus livros mais bonitos para ele; ele me pediu para ler um pouco de um deles, e eu estava prestes a concordar, quando Earnshaw abriu a porta com força, furioso após pensar no ocorrido. Ele avançou na nossa direção, agarrou Linton pelo braço e o puxou com força do escano.

— E ocê vai pro teu quarto! — disse ele, com uma voz quase inarticulada devido à raiva; e seu rosto parecia inchado e furioso. — Leva ela pra lá se ela vem pra te vê: ocê num deve de me botá pra fora. Some daqui, os dois!

Ele nos xingou, e nem deu tempo para Linton responder, quase jogando-o na cozinha; e cerrou os punhos enquanto eu segui Linton, parecendo ter vontade de me dar um soco. Eu fiquei com medo, por uns instantes, e deixei um dos livros cair; Earnshaw o chutou na minha direção e fechou a porta na nossa cara.

Eu ouvi uma risada maligna e trêmula perto da lareira e, me voltando, vi aquele odioso Joseph, parado, esfregando as mãos ossudas e tremendo.

— Eu tinha certeza qu'ele ia tratá os dois assim! Ele é um belo d'um minino. Ele tá ficano co' a cabeça no lugar! *Ele* sabe... é, ele sabe, do memo jeito qu'eu sei, quem que devia de sê o patrão aqui. Ah, ah, ah! Ele fez os dois saí voano direitinho. Ah, ah, ah!

— E para onde devemos ir? — perguntei para meu primo, ignorando a zombaria do velho desgraçado.

Linton estava branco e trêmulo. Ele não estava bonito naquela hora, Ellen. Oh, não! Sua aparência era assustadora! Seu rosto fino e seus olhos

enormes estavam contorcidos em uma expressão de fúria frenética e impotente. Ele agarrou e forçou a maçaneta da porta: ela estava fechada por dentro.

— Se você não me deixar entrar, eu mato você! Se você não me deixar entrar, eu mato você! — ameaçou ele, mais esganiçando que falando. — Demônio! Demônio! Eu vou matar você, vou matar você!

Joseph soltou sua risada áspera de novo.

— Mas se num é iguarzinho o pai! — exclamou. — É o pai! A gente sempre herda alguma coisa do outro lado da fâmia. Num liga, Hareton, meu minino; num tem medo, ele num pode fazê nada pr'ocê!

Eu segurei as mãos de Linton e tentei afastá-lo; mas ele gritou de um modo tão assustador que eu não tive coragem de continuar. Finalmente, seus gritos foram sufocados por um pavoroso acesso de tosse; o sangue jorrou da sua boca e ele caiu no chão.

Eu corri para o pátio, morrendo de medo, e chamei Zillah, com todas as minhas forças. Ela logo me ouviu; ela estava ordenhando as vacas em um telheiro atrás do estábulo e, largando rapidamente o seu serviço, perguntou qual era o problema.

Eu não tinha fôlego para explicar; puxando-a para dentro de casa, olhei ao redor procurando Linton. Earnshaw havia vindo examinar o dano que havia causado e estava carregando o pobrezinho para o andar de cima. Zillah e eu subimos atrás dele; mas ele me barrou a passagem no topo da escada, e disse que eu não deveria entrar, que eu tinha de ir para casa.

Eu exclamei que ele havia matado Linton, e que eu *iria* entrar.

Joseph fechou a porta, e declarou que eu não poderia fazer ‘umas coisa dessa’, e perguntou se eu ‘tinha nascido pra ficá tão loca quanto ele’.

Eu fiquei ali parada, chorando, até a caseira reaparecer; ela afirmou que Linton logo ficaria melhor, mas que ele não conseguia aguentar toda aquela gritaria. Ela me levou, praticamente me carregou para dentro da casa.

Ellen, eu estava a ponto de arrancar os cabelos da cabeça! Eu soluçava e chorava tanto que meus olhos não viam quase nada; e o facínora por quem você sentiu tanta simpatia ficou do outro lado, tendo a audácia de me dizer, de vez em quando, “shhh”, e negando que aquilo tudo tivesse sido culpa

dele. Finalmente, assustado com minhas afirmativas de que eu iria contar para o papai, e que ele seria levado para a prisão e enforcado, começou a balbuciar, e correu para esconder sua covarde agitação.

Mesmo assim, eu ainda não havia me livrado dele: quando finalmente eles me convenceram a ir embora, e eu tinha andado uns cem metros para fora da propriedade, ele apareceu de repente, saindo das sombras ao lado da estrada, impediu Minny de continuar e me segurou.

— Senhorita Catherine, eu tô muito borrecido — começou ele —, mas é ruim demais...

Eu lhe dei uma chicotada, pensando que ele talvez fosse me matar. Ele me largou, soltando uma de suas horríveis pragas, e eu galopei para casa praticamente sem saber o que fazia.

Eu não falei boa noite para você aquele dia; e não fui até o Morro dos Ventos Uivantes no seguinte. Eu queria, demais, mas estava estranhamente excitada, e temia ouvir que Linton estava morto, às vezes; e às vezes tremia ao pensar em encontrar Hareton.

No terceiro dia criei coragem; não conseguia aguentar um suspense ainda maior, e saí silenciosamente uma vez mais. Eu fui às cinco horas, e caminhei, imaginando que talvez conseguisse me esgueirar para dentro da casa, e subir ao quarto de Linton, sem ser vista. Porém, os cachorros deram sinal da minha chegada: Zillah me recebeu, e dizendo que “o rapaz estava se recuperando muito bem”, me levou até um quarto pequeno, limpo e atapetado, onde, para minha inexprimível alegria, vi Linton deitado em um sofazinho, lendo um de meus livros. Mas ele nem falou comigo, nem me olhou, durante uma hora inteira, Ellen. Ele tem um gênio tão difícil... E o que me surpreendeu bastante, quando ele chegou a abrir a boca para falar, foi para dizer que eu tinha causado todo o problema, e que Hareton não poderia levar a culpa!

Incapaz de responder, a não ser que fosse com muita raiva, eu me levantei e saí do quarto. Ele pronunciou um “Catherine!” quase inaudível. Ele não contava com minha reação, mas me recusei a me voltar; e o dia seguinte foi o segundo dia em que fiquei em casa, praticamente resolvida a não mais ir visitá-lo.

Mas, era tão triste ir deitar, e me levantar, sem ouvir uma palavra a respeito dele, que minha resolução se desfez antes de ser adequadamente formulada. Antes, *tinha* parecido errado ir até lá; agora parecia errado me abster disso. Michael veio para me perguntar se deveria arrear Minny; eu disse “Sim”, e achei que estava cumprindo um dever enquanto o pônei me levava através dos morros.

Para chegar ao pátio, fui obrigada a passar pelas janelas da frente; não tinha como eu tentar esconder minha presença.

— O patrãozinho está na casa — disse Zillah, quando me viu indo para a sala.

Eu entrei; Earnshaw estava lá também, mas saiu na mesma hora. Linton estava sentado na grande poltrona, semiadormecido; dirigindo-me à lareira, eu comecei a falar com voz séria, em parte tendo intenção de cumprir o que dizia:

— Como você não gosta de mim, Linton, e acha que eu venho com o propósito de machucar você, e finge que faço isso todas as vezes, este é nosso último encontro. Vamos dizer adeus; e diga ao Sr. Heathcliff que você não deseja mais me ver, e que ele não precisa mais inventar mentiras a respeito desse assunto.

— Sente-se e tire seu chapéu, Catherine — respondeu ele. — Você é tão mais feliz que eu! Você deveria ser mais compreensiva! Papai fala o suficiente dos meus defeitos, e mostra que me despreza bastante, para fazer com que seja natural eu duvidar de mim mesmo. Muitas vezes eu fico pensando se não sou mesmo tão inútil quanto ele diz que sou; e então eu me sinto tão irritado, e amargo, eu odeio todo mundo! Eu sou inútil, e tenho gênio ruim, e mau temperamento, quase o tempo todo. E, se você quiser, *pode* dizer adeus. Você vai se livrar de um aborrecimento. Mas, Catherine, faça-me justiça; acredite que se eu pudesse ser tão meigo, e tão gentil, e tão bom quanto você é, eu seria, com toda a boa vontade, e muito mais, e também seria feliz e saudável. E acredite que sua gentileza me fez amar você com mais força do que se eu fosse digno de seu amor, e embora eu não consiga, e não possa deixar de mostrar minha natureza para você, eu

lamento e me arrependo disso, e vou me arrepender e lamentar até eu morrer!

Eu senti que ele estava dizendo a verdade. E senti que deveria perdoá-lo; e, embora ele fosse capaz de brigar no momento seguinte, eu teria de perdoá-lo de novo. Nós nos reconciliamos, mas choramos, os dois, o tempo todo que eu fiquei lá. Não unicamente por tristeza, apesar de eu *estar* triste por Linton ter essa natureza deformada. Ele nunca vai deixar seus amigos se sentirem tranquilos, e nunca vai se sentir tranquilo!

Eu sempre ia para a pequena sala dele, desde aquela noite, porque o pai dele voltou no dia seguinte. Umas três vezes, eu acho, nós estávamos alegres e cheios de esperanças, como estivéramos na primeira noite. O resto das minhas visitas foi melancólico e perturbado: ora por causa do egoísmo e do rancor, ora por causa dos sofrimentos dele; mas eu aprendi a suportar os primeiros com quase tão pouco ressentimento quanto os últimos.

O Sr. Heathcliff me evita de propósito. Eu mal o vi. No último domingo, para falar a verdade, chegando mais cedo que o habitual, eu o ouvi insultando o pobre do Linton, com crueldade, por causa da conduta dele na noite anterior. Eu não sei dizer como ele ficou sabendo disso, a não ser que tenha ficado escutando. Linton com certeza havia se comportado de modo provocativo; entretanto, isso não era da conta de ninguém, a não ser minha. Eu interrompi o sermão do Sr. Heathcliff entrando e dizendo-lhe exatamente isso. Ele começou a rir, e foi embora, dizendo que estava feliz por eu encarar o assunto dessa maneira. Desde então, eu disse para Linton que as coisas ruins que ele tem a dizer devem ser ditas em voz bem baixa.

Bem, Ellen, você ouviu tudo. Não posso ser impedida de ir ao Morro dos Ventos Uivantes, a não ser causando tristeza para duas pessoas; por outro lado, se você não contar para o papai, minhas idas não precisam perturbar a tranquilidade de ninguém. Você não vai contar, vai? Vai ser muita falta de coração se você fizer isso.

— Vou tomar minha decisão a esse respeito até amanhã, Srta. Catherine — respondi. — O assunto precisa de um pouco de reflexão; vou deixá-la descansar, e então vou pensar nisso.

Eu pensei nisso em voz alta, na presença de meu patrão; saindo direto do quarto dela para o dele, e relatando a história toda, com exceção de suas conversas com o primo, e sem mencionar Hareton.

O Sr. Linton ficou mais alarmado e aborrecido do que estava disposto a admitir para mim. De manhã, Catherine ficou sabendo que eu havia traído a confiança dela, e também que suas visitas secretas estavam encerradas.

Em vão ela chorou e fez gestos desesperados por causa da interdição, e implorou para o pai que tivesse piedade de Linton: tudo o que ela conseguiu para consolá-la foi a promessa de que ele iria escrever, e dar ao sobrinho permissão para vir à Granja quando quisesse, mas explicando que ele não deveria mais esperar ver Catherine no Morro dos Ventos Uivantes. Talvez, se tivesse consciência do temperamento e do estado de saúde do sobrinho, ele tivesse julgado conveniente negar até esse pequeno consolo.



XXV

Essas coisas aconteceram no inverno passado, senhor — disse a Sra. Dean —, há pouco mais de um ano. No inverno passado eu não pensava que, dentro de doze meses, estaria entretendo um estranho à família com essa história! Contudo, quem sabe por quanto tempo o senhor será um estranho? O senhor é jovem demais para se sentir contente vivendo sozinho; e eu, de certo modo, imagino que ninguém possa ver Catherine Linton e não amá-la. O senhor sorri; mas por que aparenta tanta animação e interesse quando falo sobre ela? E por que me pediu para pendurar o retrato dela sobre a sua lareira? E por que...

— Pare, minha boa amiga! — exclamei. — É bem possível que eu viesse a amá-la; mas ela me amaria? Eu duvido demais disso para arriscar minha tranquilidade e incorrer na tentação; e além do mais, minha residência não é aqui. Eu pertenço ao mundo agitado, e aos seus braços eu devo retornar. Continue. Catherine obedeceu às ordens do pai?

— Obedeceu — continuou a caseira. — A afeição dela por ele ainda era o sentimento predominante em seu coração; e ele falou sem raiva. Ele falou com a profunda ternura de uma pessoa que está prestes a deixar seus tesouros em meio a perigos e a inimigos, quando a lembrança de suas palavras seria o único auxílio que ele poderia legar para guiá-la. Ele me disse, alguns dias depois:

— Eu gostaria que meu sobrinho escrevesse, Ellen, ou viesse nos visitar. Diga-me, com sinceridade, o que você acha dele: ele mudou para melhor, ou existe a possibilidade de ele melhorar, quando se tornar um homem?

— Ele é muito delicado, senhor — respondi —, e dificilmente vai chegar à idade adulta; mas uma coisa eu posso dizer: ele não se parece com o pai; e se a Srta. Catherine tivesse a infelicidade de se casar com ele, ele não escaparia ao controle dela, a não ser que ela fosse extrema e

loucamente indulgente. Contudo, patrão, o senhor vai ter muito tempo para conhecê-lo, e ver se ele é adequado para ela: ainda faltam pouco mais de quatro anos para ele atingir a maioridade.

Edgar suspirou e, dirigindo-se à janela, olhou para fora na direção de Igreja de Gimmerton. Era uma tarde enevoadada, mas o sol de fevereiro brilhava fraco, e nós conseguíamos distinguir somente os dois abetos no campo-santo, e as lápides dispersas.

— Eu rezei tantas vezes — disse ele, quase para si mesmo — para que chegasse o momento que me espera; e agora começo a evitar e a temer o fato. Achei que a lembrança da hora em que eu vim por aquele vale como um noivo seria menos doce que a expectativa de logo, em poucos meses, ou, possivelmente semanas, ser levado e colocado em seu regaço solitário! Ellen, tenho sido feliz com minha pequena Cathy. Durante as noites de inverno e os dias de verão, ela foi uma esperança viva ao meu lado. Mas, tenho sido igualmente feliz refletindo, sozinho, entre aquelas lápides, sob aquela velha igreja... deitado, durante as longas noites de junho, na verde elevação do túmulo da mãe dela, e desejando, ansiando pela hora em que eu possa jazer lá. O que eu posso fazer por Cathy? Como posso eu deixá-la? Eu não me importaria nem por um momento com o fato de Linton ser filho de Heathcliff; nem por ele tirá-la de mim, se ele pudesse consolá-la pela minha perda. Eu não me importaria que Heathcliff conseguisse seu intento, e triunfasse ao me roubar minha última bênção! Mas se Linton não for digno, não passando de um instrumento do pai, eu não posso abandoná-la nas mãos dele! E, por mais difícil que seja subjugar o vivo espírito dela, tenho de perseverar em fazê-la triste enquanto estou vivo, e deixá-la solitária quando eu morrer. Querida! Eu preferiria entregá-la nas mãos de Deus, e enterrá-la antes de eu morrer.

— Nas atuais circunstâncias, entregue-a nas mãos de Deus, senhor — respondi. — E se nós o perdermos (Deus não permita isso), com o auxílio Dele, eu serei amiga e conselheira dela até o fim. A Srta. Catherine é uma boa menina! Eu não temo que ela vá proceder mal deliberadamente; e as pessoas que cumprem o seu dever são sempre recompensadas no fim.

A primavera passava; contudo, meu patrão não recuperava as forças de verdade, embora ele tivesse retomado suas caminhadas pelo parque com a filha. Para o julgamento inexperiente dela, isso era por si só um sinal de convalescência; além disso, as faces dele estavam frequentemente coradas e os olhos, brilhantes: ela tinha certeza de que ele se recuperaria.

No dia em que ela fez dezessete anos, ele não visitou o cemitério; estava chovendo, e eu observei:

— Com certeza o senhor não vai sair esta noite, vai?

Ele respondeu:

— Não, este ano eu vou deixar para um pouco mais adiante.

Ele escreveu de novo para Linton, manifestando sua grande vontade de vê-lo; e, se o inválido estivesse apresentável, não tenho dúvidas de que seu pai teria permitido que ele viesse. Mas, do jeito que as coisas estavam, tendo recebido instruções, ele respondeu dizendo que o Sr. Heathcliff punha objeções às suas visitas à Granja; mas que a gentil lembrança de seu tio o deixava alegre, e ele esperava encontrá-lo, alguma vez, em seus passeios, para pedir-lhe pessoalmente que sua prima e ele pudessem não ficar por muito mais tempo tão irremediavelmente separados.

Essa parte da carta era simples, e provavelmente de autoria dele mesmo. Heathcliff sabia que ele poderia suplicar pela companhia de Catherine com eloquência suficiente, e então vinha:

“Eu não peço” — continuava ele — “que ela tenha permissão para vir aqui; mas será que nunca poderei vê-la, porque meu pai me proíbe de ir à casa dela, e o senhor a proíbe de vir à minha? De vez em quando, venha a cavalo com ela na direção do Morro; e permita que nós troquemos umas poucas palavras em sua presença! Nós nada fizemos para merecer essa separação! O senhor não está bravo comigo; o senhor não tem razão para não gostar de mim! O senhor mesmo disse, caro tio! Mande-me uma resposta gentil amanhã, e permissão para me encontrar com o senhor em qualquer lugar que deseje, a não ser na Granja da Cruz do Tordo. Eu acredito que uma conversa o convenceria de que meu caráter não é o do meu pai; ele afirma que eu sou mais seu sobrinho que filho dele; e embora eu tenha defeitos que me façam ser indigno de Catherine, ela os perdoou, e,

por amor a ela, o senhor deveria perdoar também. O senhor perguntou pela minha saúde: está melhor; mas enquanto eu ficar afastado de toda a esperança e condenado à solidão, ou à companhia de quem nunca gostou e nunca gostará de mim, como posso ficar alegre e feliz?”

Edgar, embora tivesse dó do menino, não podia concordar com o pedido dele, porque não tinha condições de acompanhar Catherine.

Ele respondeu que, talvez no verão, eles pudessem se encontrar: enquanto isso, ele desejava que o sobrinho continuasse escrevendo, de vez em quando, e se comprometeu a lhe dar quaisquer conselhos e conforto que pudesse dar por carta, sabendo muito bem da difícil posição em que ele se encontrava na família.

Linton concordou; e caso ele não fosse controlado, provavelmente teria posto tudo a perder enchendo suas cartas com reclamações e lamúrias. Mas seu pai o mantinha sob rigorosa vigilância; e, é claro, insistia em examinar cada linha enviada a meu patrão. Por isso, em vez de escrever sobre seus sofrimentos pessoais e tristezas, os temas que apareciam com maior constância em seus pensamentos, ele insistia no cruel dever de ficar afastado de sua amiga e amada; e gentilmente exigia que o Sr. Linton permitisse uma conversa logo, ou ele iria suspeitar de que o tio o estivesse enganando de propósito com promessas vazias.

Cathy era uma poderosa aliada em casa; e, juntos, os dois finalmente persuadiram meu patrão a concordar que eles fossem, uma vez por semana e sob minha vigilância, cavalgar ou caminhar juntos na charneca, no lado mais perto da Granja. O mês de junho testemunhou o contínuo declínio do Sr. Linton e, embora ele tivesse reservado, ano a ano, uma parte de sua renda para a fortuna da minha patroazinha, ele tinha um desejo natural de que ela pudesse manter a casa de seus ancestrais, ou, pelo menos, voltar para ela em pouco tempo. Assim, ele considerou que a única perspectiva de ela conseguir isso seria com uma união com seu herdeiro; ele não tinha a menor ideia de que o menino estava declinando quase tão rápido quanto ele; e ninguém tinha, acredito: nenhum médico visitava o Morro, e ninguém de nós via *Master* Heathcliff para fazer um relato sobre sua condição.

De minha parte, comecei a pensar que meus presságios eram incorretos, e que ele deveria mesmo estar melhorando, se mencionava cavalgadas e caminhadas pela charneca, e parecia tão sincero no desejo de alcançar seu objetivo.

Eu não conseguia imaginar um pai tratando um filho moribundo de modo tão tirânico e maldoso quanto eu soube, posteriormente, que Heathcliff o havia tratado, para forçar essa aparente ansiedade; seus esforços redobrando tanto quanto mais rapidamente seus planos mesquinhos e frios eram ameaçados de derrota pela morte.



XXVI

O apogeu do verão já havia passado quando Edgar, relutante, deu seu consentimento aos pedidos dos dois, e Catherine e eu saímos em nossa primeira cavalgada para encontrar seu primo.

Era um dia tristonho, abafado, sem sol, mas com um céu por demais pontilhado de nuvens e nebuloso para ameaçar chuva; nosso local de encontro havia sido fixado no marco miliário, no cruzamento das estradas. Ao chegarmos lá, contudo, um pastorzinho, enviado como mensageiro, nos disse que:

— O Seo Linton tava bem ali pro lado do Morro, e ele ia ficá muito grdecido se nós andasse um pouco mais.

— Então o *Senhor* Linton se esqueceu da primeira solicitação de seu tio — observei. — Ele nos pediu que ficássemos em terreno da Granja, e cá estamos nós, já saindo dele agora mesmo.

— Bem, quando o encontrarmos, nós damos a volta com os nossos cavalos — respondeu minha companheira —, e nosso grupo vai ficar voltado na direção de casa.

Mas, quando nós o encontramos, e isso foi a pouco menos de uns quatrocentos metros da porta da casa dele, descobrimos que ele não estava a cavalo, e fomos forçadas a desmontar, e a deixar que os nossos cavalos pastassem.

Ele estava deitado na urze, aguardando nossa aproximação, e não se levantou até que estivéssemos a uns poucos metros. E então ele caminhou tão fraco, e tinha uma aparência tão abatida, que eu exclamei na hora:

— Ora, *Master* Heathcliff, o senhor não está em condições de apreciar uma caminhada esta manhã. Como o senhor aparenta estar doente!

Catherine o observou com pesar e espanto; a exclamação de alegria em seus lábios se transformou em uma expressão de alarme, e a felicitação pelo

encontro tanto tempo adiado em uma pergunta ansiosa, se ele estava se sentindo pior que de costume.

— Não... melhor... melhor! — disse ele, ofegante e trêmulo, segurando a mão de Cathy como se precisasse dela para se apoiar e fixando nela seus grandes olhos azuis, cuja antiga expressão lânguida estava transformada em um abatimento transtornado pelas as olheiras ao redor deles.

— Mas você está pior — insistiu sua prima —, pior que da última vez em que o vi... você está mais magro, e...

— Estou cansado — interrompeu ele, apressado. — Está quente demais para caminhar, vamos ficar por aqui. E, de manhã, eu quase sempre me sinto mal... papai diz que estou crescendo rápido demais.

A resposta não a satisfaz, mas Cathy se sentou, e ele se reclinou ao lado dela.

— Isto é mais ou menos como o seu paraíso — disse ela, fazendo um esforço para ficar alegre. — Você se lembra dos dois dias que nós concordamos em passar no lugar e do modo que cada um de nós achasse mais agradável? Este é quase o seu, se não fosse pelas nuvens; mas, elas parecem estar tão fofas e aveludadas, que fica mais agradável que a luz do sol. Na próxima semana, se você puder, nós vamos a cavalo até o parque da Granja, e experimentamos o meu.

Linton não parecia se lembrar de que ela estava falando e, evidentemente, sentia grandes dificuldades em manter qualquer tipo de conversa.

A falta de interesse dele nos assuntos que ela mencionava, e a igual incapacidade de contribuir para a diversão dela eram tão óbvias que ela não conseguiu esconder sua decepção. Uma alteração indefinida havia se apossado de todo o corpo e dos modos dele. A irritabilidade que poderia, às custas de adulação, ser transformada em ternura cedera lugar a uma apatia insensível; havia menos daquele temperamento impertinente de uma criança que se agita e atormenta com o propósito de ser consolada, e mais da morosidade egocêntrica de um inválido declarado, que repele o consolo, e está pronto para encarar a alegria bem humorada das outras pessoas como um insulto.

Catherine percebeu, tão bem como eu, que, para ele, aguentar nossa companhia era mais um castigo que uma recompensa; e não teve escrúpulos em propor, imediatamente, que nós fôssemos embora.

Surpreendentemente, essa proposta tirou Linton de sua letargia, e o pôs em um estranho estado de agitação. Ele deu uma olhada rápida e amedrontada na direção do Morro, suplicando que ela ficasse por pelo menos mais meia hora.

— Mas, eu acho — disse Cathy — que você estaria mais confortável em casa do que aqui fora. Percebo que não estou conseguindo divertir você hoje com minhas histórias, minhas músicas e minha conversa. Você amadureceu mais que eu nesses seis meses; você quase não sente mais gosto pelas minhas diversões; se eu fosse capaz de entreter você, eu ficaria de boa vontade.

— Então fique para descansar — respondeu ele. — E, Catherine, não pense ou diga que eu estou *muito* mal: o ar pesado e o calor me deixam apático, e fiquei andando bastante por aí, antes de você chegar. Diga para o tio que minha saúde está até que bem boa, sim?

— Eu vou dizer para ele que *você* está dizendo isso, Linton. Eu não afirmaria que você está — observou minha patroazinha, se espantando com a tenaz afirmação, por parte dele, do que era evidentemente uma mentira.

— E venha aqui de novo na próxima quinta-feira — prosseguiu ele, evitando o olhar perplexo dela. — E diga ao tio que eu agradeço por ele permitir sua vinda, transmita a ele meus mais sinceros agradecimentos, Catherine. E... se você se encontrar com meu pai, e ele perguntar a meu respeito, não faça com que ele suponha que eu estava silencioso e estúpido demais; não fique com o ar triste e abatido, como você *está* agora... ele vai ficar bravo.

— Eu não me importo com a braveza dele — exclamou Catherine, imaginando que ela seria o seu alvo.

— Mas eu sim — disse seu primo, estremecendo. — Não o provoque contra mim, Catherine, pois ele é muito severo.

— Ele é severo com o senhor, *Master* Heathcliff? — perguntei. — Ele já se cansou de ser indulgente e passou do ódio passivo para o ativo?

Linton me olhou, mas não respondeu. Catherine ficou sentada ao lado dele por mais uns dez minutos, durante os quais a cabeça dele pendeu, sonolenta, sobre o peito, e ele não disse nada, apenas soltou uns gemidos abafados de cansaço ou de dor. Ela então começou a se divertir procurando mirtilos e compartilhando o produto de suas buscas comigo; ela não os ofereceu para ele, pois percebeu que dar-lhe mais atenção iria somente cansá-lo e aborrecê-lo.

— Já se passou meia hora agora, Ellen? — sussurrou ela em meu ouvido, finalmente. — Não sei por que nós deveríamos ficar. Ele dormiu, e papai está nos esperando em casa.

— Bem, nós não podemos deixá-lo aqui dormindo — respondi. — Espere até ele acordar, e seja paciente. A senhorita estava tão ansiosa para vir, mas seu desejo de ver o pobre do Linton se evaporou na hora!

— Por que *ele* queria me ver? — retrucou Catherine. — Eu gostava mais dele antes, mesmo no pior dos humores, do que gosto agora em seu estranho estado de espírito. É como se nossa conversa fosse uma tarefa que ele é obrigado a cumprir por medo de que o pai possa repreendê-lo. Mas eu não vou vir aqui para satisfazer o Sr. Heathcliff, qualquer que seja a razão que ele tenha para fazer Linton sofrer esse castigo. E, embora eu me sinta feliz por ele estar melhor de saúde, sinto por ele estar muito menos agradável, e tão menos afeiçoado a mim.

— A senhorita acha então que *ele* está melhor de saúde? — perguntei.

— Sim — respondeu ela —, porque ele sempre fez um alarde tão grande de seus sofrimentos, você sabe. A saúde dele não está “até que bem boa”, como ele me disse para falar para o papai, mas ele está melhor, provavelmente.

— Então a senhorita não concorda comigo — observei —, pois eu julgaria que ele está muito pior.

Nesse momento, Linton acordou sobressaltado de sua soneca, e perguntou se alguém havia dito seu nome.

— Não — disse Catherine —, só se foi em sonhos. Não dá para eu imaginar como você consegue dormir ao ar livre, de manhã.

— Eu achei que tinha ouvido meu pai — disse ele ofegante, olhando para a rocha saliente acima de nós. — Você tem certeza de que ninguém falou?

— Certeza absoluta — retrucou sua prima. — Somente Ellen e eu estávamos conversando a respeito de sua saúde. Você está mesmo mais forte, Linton, do que quando nós nos separamos no inverno? Se você está, tenho certeza de que uma coisa não está mais forte: seu apreço por mim. Diga, você está?

As lágrimas saltaram dos olhos de Linton quando ele respondeu:

— Sim, sim, eu estou!

E, ainda sob o encanto da voz imaginária, o olhar dele passou de um lado para o outro, para detectar quem falara.

Cathy se levantou.

— Por hoje, precisamos nos separar — disse ela. — E eu não vou esconder o fato de que fiquei muito desapontada com nosso encontro, embora eu não vá dizer isso para ninguém, a não ser você; e não que eu tenha medo do Sr. Heathcliff!

— Quieta — murmurou Linton —, pelo amor de Deus, fique quieta! Ele vem vindo.

E ele se agarrou ao braço de Catherine, esforçando-se para detê-la; mas, ao ouvir o anúncio dele, ela rapidamente se soltou e assobiou para Minny, que obedeceu como se fosse um cachorro.

— Estarei aqui na próxima quinta-feira — exclamou ela, pulando para a sela. — Até logo! Rápido, Ellen!

E então nós o deixamos, mal tendo consciência de nossa partida, de tão absorvido que estava antecipando a aproximação do pai.

Antes de chegarmos em casa, o desprazer de Catherine se transformou em uma perplexa sensação de piedade e de pesar, bastante misturada a vagas e apreensivas dúvidas a respeito das atuais circunstâncias físicas e sociais de Linton, das quais eu compartilhei, embora a tenha aconselhado a não dizer muita coisa, pois um segundo encontro nos proporcionaria um julgamento melhor.

Meu patrão solicitou um relato de nosso passeio: os agradecimentos do sobrinho foram devidamente transmitidos, e a Srta. Cathy discretamente mencionou o restante: eu também dei poucos esclarecimentos para as perguntas dele, pois mal sabia o que deveria esconder e o que deveria revelar.



XXVII

Sete dias passaram imperceptivelmente, cada um deles marcando com sua passagem a doravante rápida mudança no estado de saúde de Edgar Linton. O estrago que os meses haviam causado antes era agora provocado com o passar de horas.

Nós teríamos com boa vontade iludido Catherine, mas seu espírito atento se recusava a iludi-la. Ele adivinhava, em segredo, e ficava refletindo sobre a pavorosa possibilidade que rapidamente se transformava em certeza.

Ela não teve coragem de mencionar o passeio quando a quinta-feira chegou. Eu o mencionei por ela, e obtive permissão para que ela saísse de casa; pois a biblioteca, onde seu pai ficava um pouco diariamente — o breve período em que conseguia sair da cama — e o quarto dele haviam se transformado no mundo todo dela. Ela lamentava cada momento que não passava inclinada sobre o travesseiro dele, ou sentada ao seu lado. O rosto dela estava abatido por causa da vigília e da tristeza, e meu patrão com toda boa vontade mandou-a ir para o que ele supunha ser uma feliz mudança de cenário e companhia, encontrando consolo na esperança de que ela não seria agora deixada completamente sozinha depois de sua morte.

Por causa de inúmeras observações que ele deixava escapar, eu supus que ele tinha a ideia fixa de que, como seu sobrinho se parecia fisicamente com ele, seria também semelhante em temperamento; pois as cartas de Linton davam pouca ou nenhuma indicação de seu caráter imperfeito. E, tomada de uma fraqueza perdoável, eu me abstinha de corrigir seu erro, perguntando-me que bem haveria em perturbar os últimos momentos dele com informações das quais ele não teria nem a capacidade nem o tempo de tirar vantagem.

Nós adiamos nosso passeio até a tarde — uma tarde dourada de agosto, e cada sopro de vento que vinha dos morros era tão cheio de vida que dava

a impressão de que qualquer pessoa que o respirasse, mesmo se estivesse morrendo, recobriria a saúde.

O rosto de Catherine estava igual à paisagem: sombras e luz do sol passavam por ele, em rápida sucessão; mas as sombras permaneciam por mais tempo, e a luz do sol era passageira, e o pobre coraçãozinho dela se recriminava até mesmo por aquele transitório abandono de suas obrigações.

Nós divisamos Linton vigiando no mesmo local que ele havia escolhido antes. Minha patroazinha desmontou, e disse-me que, como ela estava decidida a ficar pouquíssimo tempo, seria melhor eu segurar o pônei e permanecer montada a cavalo; mas eu não concordei: não iria me arriscar a perder de vista por um só minuto a criatura que me fora confiada. Então nós subimos juntas a encosta coberta de urzes.

Master Heathcliff nos recebeu com mais animação dessa vez, embora não fosse a animação causada por vivacidade, nem por alegria; ela parecia mais motivada pelo medo.

— Está tarde — disse ele, falando rápido e com dificuldade. — Seu pai não está muito doente? Eu achei que você não viria.

— *Por que* você não é sincero? — exclamou Catherine, reprimindo a própria saudação. — Por que não diz de uma vez por todas que não quer me ver? É estranho, Linton, que pela segunda vez você tenha me trazido para cá de propósito, aparentemente, para perturbar nós dois, e sem nenhuma razão além dessa!

Linton estremeceu, e olhou-a de relance, em parte súplice e em parte envergonhado, mas a paciência de sua prima não era suficiente para tolerar esse comportamento enigmático.

— Meu pai *está* muito doente — disse ela —, e por que eu sou tirada da companhia dele? Por que você não me desobriga de minha promessa, quando não quer que eu a mantenha? Vamos! Eu quero uma explicação; brincadeiras e ninharias estão completamente fora de questão para mim, e eu não posso ficar dando atenção aos seus fingimentos agora!

— Meus fingimentos! — murmurou ele. — E quais são eles? Pelo amor de Deus, Catherine, não fique tão brava! Despreze-me quanto quiser; sou um miserável inútil e covarde: não posso ser suficientemente desdenhado!

Mas sou insignificante demais para sua raiva; odeie meu pai, e me poupe para o seu desprezo!

— Absurdo! — exclamou Catherine, muito agitada. — Mas que menino tolo! E veja só! Ele treme, como se eu realmente fosse encostar a mão nele! Você não precisa pedir o desprezo alheio, Linton; qualquer pessoa vai senti-lo espontaneamente, a seu dispor. Saia! Eu vou voltar para casa; é loucura arrancar você de perto da lareira, e fingir... o que nós estamos fingindo? Solte meu vestido! Se eu sentisse dó de você porque você chora e tem esse ar assim tão assustado, você teria de desprezar tal piedade. Ellen, diga-lhe como esse comportamento é vergonhoso. Levante-se, e não se rebaixe se comportando como um réptil abjeto!... *Não!*

Com a face banhada em lágrimas e uma expressão de agonia, Linton havia deixado seu frágil corpo cair no chão; ele parecia tomado por um intenso terror.

— Oh! — soluçava ele. — Eu não posso suportar isso! Catherine, Catherine, eu sou um traidor também, e não ousa dizer isso para você! Mas, me deixe e eu vou ser morto! *Querida* Catherine, minha vida está em suas mãos! Você me disse que me amava; e se você me amasse, isso não lhe causaria mal! Você não vai embora, então? Gentil e doce e boa Catherine! E talvez você *consinta*... e ele permitirá que eu morra com você!

Minha patroazinha, ao testemunhar a intensa angústia dele, se inclinou para levantá-lo. O velho sentimento de ternura indulgente venceu sua aflição, e ela ficou completamente comovida e alarmada.

— Consentir em quê? — perguntou ela. — Em ficar? Diga-me o que querem dizer essas palavras estranhas, e eu ficarei. Você está contradizendo suas próprias palavras, e me perturbando! Fique calmo e seja franco, e confesse de uma vez por todas o que está amargurando seu coração. Você não me machucaria, Linton, ou machucaria? Você não deixaria que nenhum inimigo me machucasse, se pudesse evitar isso? Eu posso acreditar que você é um covarde em relação a você mesmo, mas não um traidor covarde de sua melhor amiga.

— Mas meu pai me ameaçou — disse o menino, ofegante, retorcendo seus dedos magros —, e eu tenho medo dele... eu tenho medo dele! Eu não

ouso dizer!

— Oh, muito bem! — disse Catherine, com uma compaixão desdenhosa. — Guarde seu segredo, eu não sou covarde... salve-se, eu não estou com medo!

A magnanimidade dela provocou as lágrimas dele; ele chorou desesperadamente, beijando as mãos dela que o apoiavam, e mesmo assim não tinha coragem de falar.

Eu estava tentando adivinhar o que poderia ser o mistério, e decidi que, se isso estivesse em meu poder, Catherine não deveria nunca sofrer para fazer um bem a ele ou a qualquer outra pessoa. Ouvi, então, um ruído por entre os arbustos; olhei e vi o Sr. Heathcliff descendo lá do Morro, já bem próximo de nós. Ele não olhou para meus companheiros, embora eles estivessem perto o suficiente para ouvir os soluços de Linton. Cumprimentando-me com o tom amigável que ele não usava com nenhuma outra pessoa, e com a sinceridade da qual eu não podia deixar de duvidar, ele disse:

— Mas é um fato inédito ver você tão perto de minha casa, Nelly! Como vocês estão lá na Granja? Vamos ouvir as notícias! Os boatos correm — acrescentou ele em uma voz mais baixa — que Edgar Linton está em seu leito de morte; talvez estejam exagerando a doença dele?

— Não, meu patrão está morrendo — respondi —, é verdade. Um fato triste vai ser para todos nós, mas uma bênção para ele!

— Quanto tempo você acha que ele ainda dura? — perguntou ele.

— Eu não sei — respondi.

— Porque — continuou Heathcliff, olhando para os dois jovens, que estavam imóveis sob os olhos dele (dava a impressão de que Linton não arriscava um só movimento, nem mesmo erguer a cabeça, e Catherine não podia se mexer, por causa dele) — aquele fedelho ali parece estar determinado a me vencer; e eu agradeceria ao tio dele se ele fosse rápido e morresse antes dele. Ora! O babão está fazendo essa encenação há muito tempo? Eu *realmente* lhe dei algumas lições a respeito de se lamuriar. Ele costuma ficar animado com a Srta. Linton?

— Animado? Não... ele tem demonstrado grande ansiedade — respondi. — Só de vê-lo, eu diria que, ao invés de estar passeando com sua amada pelos morros, ele deveria estar na cama, sob os cuidados de um médico.

— Ele estará, em um ou dois dias — murmurou Heathcliff. — Mas antes... levante-se, Linton! Levante-se! — gritou ele. — Não fique rolando no chão, assim... levante-se, agora!

Linton havia caído prostrado novamente em outro paroxismo de medo involuntário, causado pelo olhar do pai em sua direção, eu suponho: nada mais havia que pudesse ocasionar tamanha humilhação. Ele se esforçou para obedecer várias vezes, mas suas poucas forças estavam esgotadas naquele momento, e ele caiu de novo com um gemido.

O Sr. Heathcliff foi até ele e o levantou, colocando-o encostado em uma elevação coberta de turfa.

— Chega! — disse ele, com uma ferocidade controlada. — Estou ficando nervoso; e se você não controlar esse seu temperamento desprezível... seu *desgraçado*! Levante-se, agora mesmo!

— Eu vou me levantar, pai! — disse ele, ofegante. — Só me deixe em paz, ou vou desmaiar! Eu fiz o que o senhor pediu, tenho certeza. Catherine vai lhe dizer que... que eu... tenho estado animado. Ah! Fique ao meu lado, Catherine, me dê sua mão.

— Segure a minha — disse-lhe o pai —, e fique em pé! Assim... Ela vai lhe dar o braço. Isso mesmo, olhe para ela. A senhorita haveria de pensar que eu sou a encarnação do demônio, Srta. Linton, para causar tanto horror. Seja gentil e vá até em casa com ele, sim? Ele fica trêmulo se eu encosto a mão nele.

— Linton, querido! — sussurrou Catherine. — Eu não posso ir até o Morro dos Ventos Uivantes... papai me proibiu. O Sr. Heathcliff não vai lhe causar mal, por que você está com tanto medo?

— Eu não consigo entrar de novo naquela casa — respondeu ele. — Eu *não* vou entrar lá sem você!

— Quietos! — exclamou o pai dele. — Nós vamos respeitar os escrúpulos filiais de Catherine. Nelly, leve-o até em casa, e eu vou seguir

seus conselhos a respeito do médico, sem demora.

— O senhor vai fazer muito bem — respondi —, mas eu tenho de ficar com minha patroa. Cuidar de seu filho não é obrigação minha.

— Você é muito severa! — disse Heathcliff. — Eu sei disso, mas você vai me obrigar a dar um beliscão no bebê, e fazê-lo chorar, antes que ele desperte sua compaixão. Venha então, meu herói. Você concorda em voltar em minha companhia?

Ele se aproximou mais uma vez, e fez um gesto como se fosse segurar a frágil criatura; mas, recuando, encolhido, Linton se agarrou à prima, e lhe implorou que o acompanhasse, com uma insistência frenética que não admitia recusas.

Por mais que eu desaprovasse, não tinha condições de impedi-la; na verdade, como ela seria capaz de recusar? Nós não tínhamos como saber o que deixava Linton tão apavorado, mas lá estava ele, impotente por causa do medo e, ao que tudo indicava, qualquer outro incidente o deixaria aturdido.

Nós chegamos até a porta. Catherine entrou; eu fiquei parada ali até ela levar o inválido a uma cadeira, esperando que ela saísse na mesma hora, quando o Sr. Heathcliff, dando-me um empurrão, exclamou:

— Minha casa não está contaminada pela peste, Nelly; e eu estou com vontade de ser hospitaleiro hoje! Sente-se, e permita que eu feche a porta.

Ele a fechou e a trancou. Eu tive um sobressalto.

— Vocês vão tomar chá antes de ir embora — acrescentou ele. — Eu estou sozinho. Hareton foi levar umas cabeças de gado até as pastagens em Lees, e Zillah e Joseph saíram para um dia de folga. E, embora eu esteja acostumado a ficar sozinho, preferiria ter boa companhia, se pudesse tê-la. Sente-se ao lado *dele*, Srta. Linton. Eu lhe dou o que tenho. O presente não é digno de ser recebido; mas nada mais tenho a oferecer. É Linton, eu quero dizer. Como ela me olha fixo! É estranho como tudo que aparenta ter medo de mim me desperta esse sentimento selvagem! Tivesse eu nascido em um local onde as leis fossem menos rígidas, e os gostos menos refinados, eu me concederia o prazer de uma vivissecção lenta desses dois, como diversão para uma noite!

Ele inspirou, deu um soco na mesa e disse para si mesmo:

— Mas que inferno! Eu os odeio!

— Eu não tenho medo do senhor! — exclamou Catherine, que não tinha ouvido as últimas palavras ditas por ele.

Ela se aproximou, seus olhos negros brilhando de raiva e determinação.

— Dê-me essa chave, eu vou pegá-la! — disse ela. — Eu não comeria ou beberia aqui, nem que estivesse morrendo de fome.

Heathcliff segurava a chave com a mão que estava apoiada sobre a mesa. Ele ergueu o olhar, ligeiramente surpreso com a ousadia da moça; ou talvez a voz e o olhar dela o tivessem feito se lembrar da pessoa de quem ela herdara aquela ousadia.

Ela agarrou a chave, e quase conseguiu tirá-la dos dedos que a seguravam frouxamente; mas a atitude dela o fez voltar pra o momento presente e ele a recuperou com presteza.

— Agora, Catherine Linton — disse ele —, afaste-se, ou eu vou derrubá-la; e isso deixaria a Sra. Dean furiosa.

Sem dar atenção ao aviso dele, ela tornou a agarrar a mão fechada e o objeto que ela segurava.

— Nós vamos embora! — repetiu ela, fazendo o maior esforço para afrouxar aqueles músculos de aço; e, descobrindo que suas unhas eram ineficazes, ela usou os dentes com força.

Heathcliff me lançou um olhar rápido que me impediu de interferir por alguns instantes. Catherine estava concentrada demais nos dedos dele para prestar atenção em seu rosto. Ele subitamente os abriu e entregou o objeto da discórdia; mas, antes que ela tivesse podido pegar a chave, ele a segurou com a mão que estava desocupada e, puxando-a para seus joelhos, ministrou com a outra mão uma chuva de tapas fortes nos dois lados da cabeça dela, cada um deles o suficiente para ter cumprido sua ameaça, caso ela tivesse condições de cair.

Ao ver essa violência diabólica, eu corri até ele, furiosa.

— Seu mau-caráter! — eu comecei a gritar. — Seu mau-caráter!

Uma pontada no peito me fez ficar quieta. Eu sou robusta, e por qualquer coisa fico sem fôlego; e, por causa da pontada e da raiva, eu me

afastei meio tonta, sentindo-me prestes a sufocar, ou a romper um vaso sanguíneo.

A cena estava terminada em dois minutos; liberada, Catherine levou as duas mãos às têmporas, ela dava a impressão de não ter certeza se suas orelhas haviam sido arrancadas ou não. Ela tremia como um caniço, a pobrezinha, e se apoiou à mesa completamente desnorteada.

— Eu sei como punir crianças, vocês vêm — disse o patife, lúgubre, enquanto se inclinava para recuperar a chave, que havia caído no chão. — Vá ficar com Linton agora, como eu disse; e chore à vontade. Eu vou ser seu pai amanhã; o único pai que você vai ter dentro de alguns dias, e você vai levar muitas dessas. Você consegue aguentar muita coisa, você não é fracalhona... você vai ter uma dose diária, se eu perceber esse temperamento do demônio em seus olhos de novo!

Em vez de correr para Linton, Cathy veio para o meu lado e se ajoelhou; escondendo o rosto em minhas pernas, chorou em voz alta. Seu primo havia se encolhido em um canto do escano, quieto como um ratinho, se congratulando, eu ousou dizer, pelo fato de o castigo ter sido dado a outra pessoa que não ele.

O Sr. Heathcliff, percebendo que estávamos todos atônitos, se levantou e diligentemente preparou o chá. As xícaras e os pires já estavam arrumados.

Ele o serviu, e me deu uma xícara.

— Afogue suas tristezas — ele disse. — E ajude sua bonequinha mimada, e meu bonequinho. O chá não está envenenado, embora eu o tenha preparado. Vou sair para buscar seus cavalos.

Assim que ele se retirou, nossa primeira ideia foi dar um jeito de sair por qualquer lugar.

Nós tentamos a porta da cozinha, mas ela estava fechada por fora; nós olhamos as janelas: elas eram estreitas demais mesmo para o corpo esguio de Catherine.

— *Master* Linton — exclamei, vendo que havíamos sido metodicamente aprisionadas —, o senhor sabe quais são as intenções do seu

diabólico pai, e o senhor vai nos contar, ou então eu lhe dou uns tabefes, assim como ele fez com sua prima.

— Sim, Linton, você tem de contar — disse Catherine. — Foi por sua causa que eu vim, e vai ser uma ingratidão imensa se você se recusar.

— Dê-me um pouco de chá, estou com sede, e então eu conto — respondeu ele. — Sra. Dean, saia daqui, não gosto da senhora parada assim em cima de mim. Ora, Catherine, você está deixando suas lágrimas caírem na minha xícara! Eu não vou beber isso. Dê-me outra.

Catherine empurrou outra xícara na direção dele, enxugando o rosto. Eu senti nojo da compostura do desgraçadinho, a partir do momento em que ele não se sentia mais apavorado por si próprio. A angústia que ele havia exibido na charneca desaparecera no momento em que havíamos entrado no Morro dos Ventos Uivantes; então eu conjecturei que ele havia sido ameaçado com uma terrível demonstração de raiva se não conseguisse nos engambelar e trazer para dentro da casa; e, tendo conseguido, ele não tinha mais temores imediatos.

— Papai quer que nós nos casemos — continuou ele, depois de beber um pouco de chá. — E ele sabe que seu pai não permitiria nosso casamento agora. Ele está com medo de que eu morra, se nós esperarmos; então, nós devemos nos casar amanhã de manhã, e você deverá ficar aqui a noite toda; e, se fizer o que ele deseja, você pode voltar para casa no dia seguinte, e me levar com você.

— Levá-lo com ela, sua criatura deplorável? — exclamei. — *Vocês* dois se casarem? Ora, o homem enlouqueceu, ou ele acha que somos tolos, todos nós. E o senhor imagina que essa bela e jovem moça, essa menina sadia e cheia de vida, vai se juntar a um macaquinho moribundo como o senhor? O senhor por acaso está achando que *qualquer pessoa*, sem pensar na Srta. Catherine Linton, o aceitaria como marido? O senhor merece uma boa surra por nos ter trazido aqui, com seus subterfúgios covardes e manhosos; e... não faça essa cara de idiota agora! Eu estou muito tentada a dar-lhe uns bons safanões por sua desprezível traição e sua presunção idiota.

Eu realmente dei um ligeiro safanão nele, mas isso ocasionou a tosse, e ele lançou mão de seu habitual recurso de se lamentar e de chorar, e

Catherine me repreendeu.

— Ficar a noite toda? Não! — disse ela, olhando lentamente ao seu redor. — Ellen, eu toco fogo naquela porta, mas eu vou sair.

E ela teria começado na mesma hora a colocar sua ameaça em prática, mas Linton estava agitado, alarmado por causa de sua preciosa pessoa de novo. Ele a segurou em seus braços frágeis, soluçando:

— Você não vai me aceitar e me salvar? Não vai me deixar ir para a Granja? Oh! Querida Catherine! Você não pode ir embora e me deixar, afinal. Você *tem* de obedecer ao meu pai, você tem!

— Eu tenho de obedecer ao meu pai — respondeu ela, — e aliviá-lo dessa incerteza cruel. A noite inteira! O que ele pensaria? Ele já deve estar preocupado. Eu vou quebrar ou queimar alguma coisa para sair da casa. Fique quieto! Você não está correndo perigo, mas, se você me impedir... Linton, eu amo papai muito mais que você!

O terror mortal que o menino sentia da raiva do Sr. Heathcliff fez com que ele recuperasse sua eloquência covarde. Catherine estava quase fora de si; mesmo assim, ela insistia que tinha de ir para casa e, por sua vez, tentou com muitas súplicas persuadir Linton a acalmar sua agonia egoísta.

Enquanto estávamos assim ocupadas, nosso carcereiro tornou a entrar.

— Seus cavalos fugiram — disse ele —, e... Homessa, Linton! Lamúrias de novo? O que ela andou fazendo com você? Vamos, vamos... pare com isso e vá para a cama. Em um ou dois meses, meu rapaz, você vai ter condições de se vingar das atuais maldades dela com uma mão vigorosa. Você está se consumindo por puro amor, não está? Nada além disso no mundo... e ela vai aceitar você! Então, para a cama! Zillah não estará aqui esta noite, você deve trocar de roupa sozinho. Quietos! Pare com esse barulho! Quando você estiver em seu quarto, não vou me aproximar, não precisa ter medo. Por acaso, você se comportou passavelmente. Eu vou providenciar o resto.

Ele disse essas palavras mantendo a porta aberta para o filho passar; e este saiu exatamente como faria um *spaniel* que suspeitasse que a pessoa que estava cuidando dele estava pronta para lhe dar um apertão cheio de rancor.

O ferrolho foi passado outra vez. Heathcliff se aproximou do fogo, perto do qual minha patroazinha e eu estávamos em silêncio. Catherine ergueu os olhos, e instintivamente levou a mão ao rosto: a proximidade de Heathcliff reavivara uma sensação dolorosa. Qualquer outra pessoa teria sido incapaz de considerar essa atitude infantil com severidade, mas ele fechou a cara para ela, e murmurou:

— Oh, você não está com medo de mim? Sua coragem está bem disfarçada... você *parece* estar com um medo dos diabos!

— Eu *estou* com medo agora — respondeu ela —, porque se eu ficar aqui, papai vai ficar desesperado; e como eu posso suportar deixá-lo desesperado... quando ele... quando ele... Sr. Heathcliff, deixe que eu vá para casa! Eu prometo me casar com Linton... papai gostaria que nós nos casássemos, e eu o amo... e por que o senhor precisaria me forçar a fazer o que eu faria por livre e espontânea vontade?

— Ele que ouse forçá-la! — exclamei. — Existe lei nesta terra! Graças a Deus, existe! Embora nós *estejamos* em um lugar apartado. Eu o denunciaria, mesmo se ele fosse meu próprio filho; e esse é um crime que não pode ter atenuantes!

— Silêncio! — disse o facínora. — Vá para o diabo com seu barulho! Eu não quero *você* falando. Srta. Linton, vou me divertir muito ao pensar que seu pai possa estar desesperado; não vou dormir de tão contente. A senhorita não poderia ter descoberto uma garantia maior de permanecer sob o abrigo de meu teto pelas próximas vinte e quatro horas, do que me informando que tal coisa poderia acontecer. Quanto à sua promessa de se casar com Linton, vou providenciar para que a senhorita a mantenha, pois a senhorita não vai embora desta casa até que ela seja cumprida.

— Então mande a Ellen, para que papai saiba que eu estou bem! — exclamou Catherine, chorando amargamente. — Ou me case agora. Pobre papai! Ellen, ele vai achar que nós nos perdemos. O que nós vamos fazer?

— Não, ele não vai! Ele vai achar que a senhorita está cansada de cuidar dele, e que saiu de casa para se divertir um pouquinho — respondeu Heathcliff. — A senhorita não pode negar que entrou em minha casa por vontade própria, apesar dos pedidos dele para que não o fizesse. E é

bastante natural que, na sua idade, a senhorita quisesse se divertir; e que a senhorita se cansasse de cuidar de um homem doente, e esse homem sendo *apenas* seu pai. Catherine, os dias mais felizes da vida dele se acabaram quando os seus dias de vida começaram. Aposto que ele a amaldiçoou, por ter vindo para o mundo (pelo menos, eu fiz isso). E seria bem possível que ele a amaldiçoasse quando *ele* estivesse partindo. Eu me juntaria a ele. Eu não amo você! Como amaria? Chore até se cansar. Pelo que vejo, sua diversão principal de agora em diante será essa, a não ser que Linton a compense por outras perdas; e seu providente pai parece imaginar que ele vai. Suas cartas com conselhos e consolo me divertiram muitíssimo. Na última delas, ele recomendava à minha joia que tivesse cuidado com a dele; e que fosse bondoso com ela quando ele partisse. Cuidados e bondade... isso é tão paternal! Mas, Linton precisa de toda a sua quota de cuidados e de carinho para dispensar a si próprio. Linton sabe muito bem fazer o papel de um pequeno tirano. Ele pode muito bem torturar diversos gatos, desde que seus dentes sejam arrancados e suas garras cortadas. A senhorita vai ter condições de contar para o tio dele belas histórias a respeito de sua *bondade*, quando voltar para casa, posso lhe garantir.

— O senhor está fazendo muito bem! — disse eu. — Esclareça qual é o caráter de seu filho. Mostre como ele se parece com o senhor; e então, espero, a Srta. Cathy vai pensar duas vezes antes de aceitar essa serpente venenosa!

— Eu não me importo muito em falar das doces qualidades dele agora — respondeu Heathcliff —, porque ela tem de ou aceitar Linton ou permanecer prisioneira, e você junto com ela, até seu patrão morrer. Eu tenho condições de manter as duas aqui, bem escondidas. Se você duvidar, encoraje-a a voltar atrás com sua palavra, e você vai ter uma oportunidade de julgar!

— Eu não vou voltar atrás com minha palavra — disse Catherine. — Eu me caso com ele, agora mesmo, se puder ir para a Granja da Cruz do Tordo depois. Sr. Heathcliff, o senhor é um homem cruel, mas não é um demônio; e não iria, por *pura* maldade, destruir, irremediavelmente, toda a minha felicidade. Se papai achasse que eu o havia abandonado de propósito, e se

ele morresse antes de eu voltar, como eu suportaria viver? Eu já parei de chorar; mas vou me ajoelhar aqui, aos seus pés. Não vou me levantar, e não vou tirar os olhos do seu rosto, até o senhor olhar para mim! Não, não vire o rosto! *Olhe!* O senhor não vai ver nada que possa provocá-lo. Eu não o odeio. Eu não estou com raiva por o senhor ter me batido. O senhor nunca amou *ninguém*, em toda sua vida, tio? *Nunca?* Ah! O senhor tem de olhar uma vez... eu estou tão infeliz... o senhor não pode deixar de ter dó de mim.

— Tire esses dedos de largatixa de cima de mim; e saia daqui, ou vou lhe dar um pontapé! — gritou Heathcliff, repelindo-a de forma brutal. — Eu preferiria ser abraçado por uma cobra. Por que diabos a senhorita imagina que possa me adular? Eu a *detesto!*

Ele sacudiu os ombros. Na verdade, ele sacudiu o corpo todo, como se sua carne se arrepiasse de nojo, e empurrou sua cadeira, enquanto eu me levantava e abria a boca para começar uma enxurrada de insultos; porém, fui forçada a ficar de boca fechada no meio da primeira frase, por causa da ameaça de que seria mandada sozinha para um quarto com a próxima sílaba que eu proferisse.

Estava escurecendo. Nós ouvimos o som de vozes no portão do jardim. Nosso hospedeiro saiu apressadamente, na hora; ele estava em seu juízo perfeito, *nós* não estávamos. Houve uma conversa de uns dois ou três minutos, e ele voltou sozinho.

— Eu achei que poderia ter sido seu primo Hareton — observei para Catherine. — Eu gostaria que ele chegasse! Quem sabe se ele não ficaria do nosso lado?

— Eram três empregados que foram mandados lá da Granja para procurá-las — disse Heathcliff, que me ouvira. — Você deveria ter aberto uma gelosia e chamado em voz alta; mas eu sou capaz de jurar que essa assanhada está feliz por você não ter feito isso. Ela está feliz por ter de ficar, tenho certeza.

Ao saber da chance que havíamos perdido, nós duas demos vazão a nosso pesar incontrolavelmente, e ele nos permitiu que chorássemos até as nove horas da noite; então ele nos mandou ir para o andar de cima, para o

quarto de Zillah, passando pela cozinha, e eu sussurrei para minha companheira que obedecesse; talvez nós conseguíssemos dar um jeito de sair pela janela lá de cima, ou de ir até um torreão, e sair pela claraboia.

Entretanto, a janela era tão estreita quanto aquelas na parte de baixo, e o alçapão do torreão estava fora de nosso alcance; e então nós fomos trancadas assim como antes.

Nenhuma das duas se deitou: Catherine assumiu seu posto perto da gelosia, e ficou ansiosa esperando a manhã chegar, um suspiro profundo sendo a única resposta que eu obtinha aos meus frequentes pedidos para que ela tentasse descansar.

Eu me sentei em uma cadeira, e fiquei me balançando, para lá e para cá, fazendo severas censuras às diversas vezes em que negligenciara meu dever; das quais, então me ocorreu, todos os infortúnios de meus patrões se originavam. Não era esse o caso, na verdade, eu tenho consciência disso; mas era, na minha imaginação, naquela noite lúgubre, e achei que Heathcliff não era tão culpado quanto eu.

Às sete da manhã ele apareceu, e perguntou se a Srta. Linton havia se levantado.

Ela correu na mesma hora para a porta e respondeu:

— Sim.

— Para cá, então — disse ele, abrindo a porta e puxando a Srta. Cathy.

Eu me ergui para segui-la, mas ele passou o ferrolho de novo. Eu pedi que ele me soltasse.

— Tenha paciência — respondeu ele. — Já vou mandar seu café da manhã.

Eu bati nos painéis, e sacudi o ferrolho, com raiva; Catherine perguntou por que eu continuava trancada. Ele respondeu que eu deveria aguentar aquilo por mais uma hora, e os dois se foram.

Eu aguntei duas ou três horas; finalmente, ouvi o som de passos, e não eram os de Heathcliff.

— Eu lhe trouxe uma coisa pra comê — disse uma voz —, abre a porta!

Obedecendo rapidamente, eu vi Hareton, com uma quantidade de comida que seria suficiente para eu passar o dia.

— Pega ela — acrescentou ele, colocando a bandeja na minha mão.

— Fique um minutinho — comecei.

— Não! — exclamou ele, que se retirou, indiferente aos inúmeros apelos que eu fizesse para tentar detê-lo.

E lá eu fiquei trancada, o dia inteiro, e a noite seguinte inteira também; e mais um, e mais um. Cinco noites e quatro dias eu fiquei, no total, não vendo ninguém a não ser Hareton, uma vez a cada manhã, e ele era um carcereiro exemplar: taciturno, mudo e surdo a qualquer tentativa de despertar seu sentimento de justiça ou de compaixão.



XXVIII

Na quinta manhã, ou melhor, tarde, um passo diferente se aproximou, mais leve e mais curto e, dessa vez, a pessoa entrou no quarto. Era Zillah, usando seu xale escarlate, com uma touca de seda preta na cabeça, e uma cesta de vime pendurada no braço.

— Oh, que coisa! Sra. Dean! — exclamou ela. — Bem! Estão falando a respeito de vocês em Gimmerton. Eu estava certa que a senhora tinha se afogado no pântano do Cavalo Negro, e a menina com a senhora, até o patrão me dizer que vocês tinham sido achadas, e que ele tinha alojado vocês aqui! Ora, e vocês devem ter ficado em uma ilha, certo? E por quanto tempo vocês ficaram lá? O patrão a salvou, Sra. Dean? Mas a senhora não está tão magra... a senhora não passou por maus bocados, passou?

— Seu patrão é um verdadeiro canalha! — respondi. — Mas ele vai ter de assumir o que fez. Ele não precisava ter inventado essa história; tudo vai ser posto em pratos limpos!

— O que a senhora está falando? — perguntou Zillah. — Não é história inventada por ele: eles estão falando isso no vilarejo, a respeito de a senhora ter se perdido no pântano; e eu perguntei pro Earnshaw, quando eu cheguei, “Ah, umas coisa estranha aconteceram desde que eu saí. Mas se não é uma tristeza, aquela menina tão simpática, e a Nelly Dean, tão firme e forte.” Ele ficou olhando. Eu achei qu’ele não tinha ouvido era nada, então contei os boatos pra ele. O patrão ouviu, e ficou sorrindo lá com ele mesmo, e disse, “Se elas estiveram no pântano, já saíram de lá agora, Zillah. Nelly Dean está hospedada, neste exato instante, em seu quarto. Você pode dizer para ela ir embora, quando você subir; aqui está a chave. A água lodacenta entrou na cabeça dela, e ela teria ido correndo de volta para casa, de uma maneira bem imprudente, mas eu cuidei dela, até ela recuperar o bom senso. Pode dizer para ela ir para a Granja, agora mesmo, se estiver em condições,

e levar uma mensagem de minha parte, de que a patroazinha dela irá logo em seguida, a tempo de assistir ao funeral do Magistrado.”

— O Sr. Edgar morreu? — perguntei, ofegante. — Oh, Zillah, Zillah!

— Não, não... e a senhora se sente, minha boa mulher — respondeu ela. — A senhora ainda está doente. Ele não morreu: o Doutor Kenneth acha que ele ainda pode durar mais um dia. Eu o encontrei na estrada e lhe perguntei.

Ao invés de me sentar, eu peguei minhas coisas e me apressei a descer, pois o caminho estava livre.

Ao entrar na casa, procurei alguém que pudesse me dar informações a respeito de Catherine.

O local estava todo iluminado pela luz do sol, e a porta estava escancarada, mas ninguém parecia estar por perto.

Enquanto eu hesitava, sem saber se ia embora naquele instante, ou se voltava para procurar minha patroazinha, uma tosse ligeira chamou minha atenção para a lareira.

Linton, o único ocupante do local, estava deitado no escano, chupando um torrão de açúcar, e seguindo os meus movimentos com olhos apáticos.

— Onde está a Srta. Catherine? — perguntei, severa, achando que poderia assustá-lo e fazê-lo me dar informações, ao pegá-lo assim sozinho.

Ele continuou a chupar o açúcar, como se fosse um inocente.

— Ela já foi embora? — eu perguntei.

— Não — respondeu ele —, ela está lá em cima... ela não deve ir; nós não vamos deixá-la ir.

— Não vai deixá-la, seu idiotinha! — exclamei. — Leve-me até o quarto dela agora mesmo, ou eu vou fazê-lo dar uns bons gritos.

— Papai faria você dar uns bons gritos se você tentasse ir até lá — respondeu ele. — Ele diz que não posso ser fraco com Catherine; ela é minha esposa, e é uma vergonha que ela queira me deixar! Ele diz que ela me odeia, e quer que eu morra, para ela poder ficar com meu dinheiro, mas ela não vai ficar; e ela não vai para casa! Ela nunca irá! Ela pode chorar, e ficar doente quanto ela quiser!

Ele retomou sua antiga ocupação, fechando os olhos, como se tencionasse dormir.

— *Master* Heathcliff — insisti —, o senhor se esqueceu de toda a gentileza de Catherine para com o senhor, no inverno passado, quando o senhor afirmava que a amava, e ela lhe trouxe livros, e cantou para o senhor, e muitas vezes veio vê-lo no meio da ventania e da neve? Ela chorava por deixar de vir uma noite, porque o senhor ficaria desapontado; e o senhor achava então que ela era boa demais para o senhor! Agora acredita nas mentiras que seu pai conta, embora saiba que ele detesta vocês dois! E se une a ele contra ela. Mas é uma bela gratidão, não é?

Os cantos da boca de Linton caíram, e ele tirou o açúcar dos lábios.

— Por acaso ela veio para o Morro dos Ventos Uivantes porque o odiava? — prossegui. — Pense! Quanto ao seu dinheiro, ela nem sequer sabe se o senhor vai receber alguma coisa. E o senhor diz que ela está doente; e, no entanto, a deixa sozinha, lá em cima, em uma casa estranha! O *senhor*, que sabe o que significa ser tão negligenciado! O senhor sentia tristeza por causa de seus próprios sofrimentos, e ela também sentia, então, e o senhor não tem dó dos sofrimentos dela! Eu chorei, *Master* Heathcliff, veja: uma mulher velha, e só uma empregada. E o senhor, depois de fingir tanta afeição, e tendo razões para quase adorá-la, poupa todas as suas lágrimas para sua própria pessoa, e fica aí deitado, todo sossegado. Ah, o senhor é um menino sem coração e egoísta!

— Não dá para eu ficar com ela — respondeu ele, emburrado. — Sozinho, eu não fico. Ela chora tanto que eu não consigo suportar. E ela não para, embora eu diga que vou chamar meu pai. E eu o chamei mesmo, uma vez; e ele ameaçou estrangulá-la, se ela não ficasse quieta, mas ela começou a chorar de novo, no momento em que ele saiu do quarto. Gemendo e se lamentando, a noite inteira, embora eu gritasse de aflição por eu não conseguir dormir.

— O Sr. Heathcliff saiu? — perguntei, percebendo que o infeliz não tinha condições de sentir dó da tortura mental de sua prima.

— Ele está no pátio — respondeu Linton — falando com o Doutor Kenneth, que diz que o tio está morrendo, de verdade, finalmente! Eu estou

contente, porque vou ser patrão da Granja depois dele. E Catherine sempre falou da Granja como a casa *dela*. Não é dela! É minha... papai diz que tudo o que Catherine tem é meu. Todos os livros bons dela são meus! Ela se ofereceu para dá-los para mim, e os passarinhos tão lindos, e o pônei dela, Minny, se eu lhe desse a chave do nosso quarto e a deixasse sair; mas eu lhe disse que ela não tinha nada para dar, eles eram meus, tudo meu. E então ela chorou, e pegou uma miniatura pendurada no pescoço dela, e disse que eu poderia ficar com aquilo (dois retratos em um camafeu de ouro, de um lado a mãe dela, e do outro, meu tio, quando eles eram moços). Isso foi ontem... eu disse que *elas* eram meus também, e tentei tirá-los dela. A rancorosa criatura não queria deixar; ela me empurrou, e me machucou. Eu soltei um grito, isso deixa Catherine apavorada! Ela ouviu papai vindo, e ela quebrou as molas e dividiu o camafeu e me deu o retrato da mãe dela; o outro ela tentou esconder, mas papai perguntou o que estava acontecendo e eu expliquei tudo. Ele pegou o retrato que estava comigo, e mandou que ela desse o dela para mim; ela se recusou, e ele... ele bateu nela, e o arrancou da corrente, e o esmagou com o pé.

— E o senhor ficou feliz ao vê-la apanhar? — perguntei, tendo meus desígnios ao encorajá-lo a falar.

— Eu fechei os olhos — respondeu ele. — Eu fecho os olhos ao ver meu pai bater em um cachorro, ou em um cavalo. Ele bate com tanta força! Mas, no começo eu fiquei contente... ela merecia um castigo por me castigar! Mas quando papai foi embora, ela me fez ir até a janela e me mostrou o rosto dela, cortado por dentro, na bochecha, e a boca se enchendo de sangue; e então ela pegou os pedacinhos do retrato, e se sentou voltada para a parede, e não falou comigo desde então, e eu às vezes acho que ela não consegue falar de dor. Não me agrada essa ideia! Mas ela é uma criatura perversa por chorar sem parar; e ela está tão pálida e nervosa, eu estou com medo dela!

— E o senhor poderia arrumar a chave, se quisesse? — perguntei.

— Sim, quando estou lá em cima — respondeu ele. — Mas eu não posso ir lá para cima agora.

— Em qual quarto ela está? — eu perguntei.

— Oh! — exclamou ele. — Eu não vou dizer para você qual é! É nosso segredo. Ninguém, nem Hareton, nem Zillah, deve saber. Chega! Você me cansou... vá embora, vá embora! — disse ele escondendo o rosto no braço e fechando os olhos de novo.

Eu achei melhor ir embora sem ver o Sr. Heathcliff e trazer ajuda para minha patroazinha, lá da Granja.

Ao chegar lá, o espanto dos demais empregados quando me viram, e também sua alegria, foram intensos; e quando souberam que sua patroazinha estava bem, dois ou três estavam prestes a subir correndo e anunciar a novidade aos gritos na porta do quarto do Sr. Edgar; mas eu me encarreguei de dar a notícia.

Como ele havia se alterado, mesmo naqueles poucos dias! Ele estava deitado, a própria imagem da tristeza e da resignação, esperando a morte. Tão jovem ele parecia: embora tivesse mesmo trinta e nove anos, daria para dizer que era uns dez anos mais novo, pelo menos. Ele pensava em Catherine, pois ele murmurava o nome dela. Eu toquei a mão dele, e falei:

— Catherine está vindo, meu caro patrão! — sussurrei. — Ela está viva, e bem; e estará aqui, assim espero, esta noite.

Eu me assustei com os primeiros efeitos da notícia: ele se soergueu e olhou ansioso pelo quarto, e então caiu deitado, sem sentidos.

Assim que ele se recuperou, contei a respeito de nossa visita e detenção compulsórias, lá no Morro. Eu disse que Heathcliff me obrigara a entrar, o que não era bem verdade! Eu falei o mínimo possível contra Linton; também poupei-o da descrição de toda a brutal conduta do pai dele, não tendo a intenção de acrescentar mais amarguras, se eu pudesse evitar, à sua taça já transbordante.

Ele adivinhou na hora que um dos propósitos de seu inimigo era garantir a posse não apenas de seus bens pessoais, como também da sua propriedade, para o filho, ou melhor, para si mesmo; entretanto, por que Heathcliff não poderia esperar sua morte era um mistério para meu patrão, já que ele ignorava como ele e o sobrinho por pouco não iriam partir deste mundo ao mesmo tempo.

De qualquer modo, ele achou que seria melhor alterar seu testamento. Em vez de deixar o dinheiro de Catherine à sua disposição, ele resolveu colocá-lo na mão de tutores, para ela usá-lo durante a vida, e para os filhos dela, caso ela os tivesse, depois dela. Assim, o dinheiro não poderia cair nas mãos do Sr. Heathcliff, caso Linton morresse.

Tendo recebido suas ordens, eu despachei um empregado para ir buscar o advogado, e mais quatro, munidos de armas adequadas, para ir tirar minha patroazinha das mãos de seu carcereiro. Todos demoraram a voltar. O empregado que saíra sozinho voltou em primeiro lugar.

Ele disse que o Sr. Green, o advogado, não estava em casa quando ele chegou lá, e teve de esperar duas horas até o advogado voltar. E então Green lhe disse que tinha um compromisso a cumprir no vilarejo, mas que ele estaria na Granja da Cruz do Tordo antes do amanhecer.

Os quatro empregados também voltaram desacompanhados. Eles trouxeram a notícia de que Catherine estava doente demais para sair de seu quarto, e Heathcliff não permitira que eles a vissem.

Eu dei uma boa repreensão nos tolos, por terem acreditado na história, que eu não contaria para meu patrão; decidida a levar uma tropa até o Morro, quando amanhecesse, e invadir a casa, literalmente, a não ser que a prisioneira fosse tranquilamente entregue em nossas mãos.

O pai dela *vai* vê-la!, eu jurei, e tornei a jurar, nem que aquele demônio seja morto na porta da própria casa tentando evitar que isso aconteça!

Felizmente, eu fui poupada tanto da viagem quanto do trabalho.

Eu havia descido às três horas para pegar um jarro de água; e estava passando pelo *hall* com o jarro nas mãos, quando uma batida enérgica na porta da frente me fez dar um pulo.

Ah, é o Green, pensei, me lembrando — somente o Green, e continuei a andar, tencionando mandar outra pessoa para abrir a porta; mas a batida se repetiu, não alta, mas ainda assim, importuna.

Eu coloquei o jarro no balaústre, e corri para receber Green. A lua da colheita brilhava clara, lá fora. Não era o advogado, minha doce patroazinha, que pulou no meu pescoço, soluçando:

— Ellen! Ellen! Papai está vivo?

— Sim! — exclamei. — Sim, meu anjo, ele está! Louvado seja Deus, a senhorita está a salvo conosco de novo!

Ela queria subir correndo, sem fôlego do jeito que estava, até o quarto do Sr. Linton; mas eu a obriguei a se sentar em uma cadeira, e a fiz tomar água, e lavei seu rosto pálido, esfregando-o com meu avental para lhe dar um pouco de cor. Então eu disse que iria na frente, contar que ela havia chegado, implorando-lhe que dissesse que seria feliz com o jovem Heathcliff. Ela me encarou, mas logo compreendendo por que eu lhe aconselhara a dizer aquela falsidade, ela me garantiu que não reclamaria.

Eu não tinha condições de presenciar o encontro deles. Eu fiquei parada do lado de fora da porta do quarto, e mal me aventurei a me aproximar da cama, então.

Foi tudo muito tranquilo, entretanto; o desespero de Catherine era tão silencioso quanto a alegria do pai. Ela o amparou, calma, ao menos em aparência; e ele fixou no rosto dela os olhos, que pareciam ficar ainda maiores com o êxtase.

Ele morreu tranquilo, Sr. Lockwood, tranquilo. Beijando o rosto dela, ele murmurou:

— Eu vou me encontrar com ela, e você, filha querida, há de nos encontrar — e não se mexeu mais nem falou de novo, mas continuou com aquele olhar extático e radiante, até que seu pulso imperceptivelmente parou, e sua alma partiu. Ninguém poderia ter percebido o momento exato de sua morte, tão tranquila ela foi.

Talvez Catherine já tivesse chorado todas as suas lágrimas, ou o pesar dela talvez fosse grande demais para deixá-las correr. O fato é que ela ficou sentada lá, com os olhos secos, até o sol nascer; e ficou sentada até o meio-dia, e teria permanecido lá, meditando ao lado do leito de morte, mas eu insisti que ela saísse e fosse descansar um pouco.

Foi bom eu ter conseguido tirá-la de lá, pois na hora do jantar apareceu o advogado, que tinha antes estado no Morro dos Ventos Uivantes para receber instruções a respeito de como deveria proceder. Ele havia se vendido ao Sr. Heathcliff, e foi essa a razão de seu atraso para atender ao chamado de meu patrão.

Felizmente, nenhum pensamento voltado para questões terrenas passou pela cabeça do Sr. Linton para perturbá-lo depois da chegada da filha.

O Sr. Green assumiu a função de dar ordens para tudo e para todos em relação à casa. Ele avisou que todos os empregados, menos eu, seriam mandados embora. E teria levado a autoridade que lhe fora concedida ao ponto de insistir que Edgar Linton não fosse enterrado ao lado da esposa, mas na capela, com a família. Havia o testamento, entretanto, para impedir que isso acontecesse, e meus protestos em voz alta contra qualquer transgressão de suas instruções.

O funeral foi apressado; Catherine, agora Sra. Linton Heathcliff, teve permissão para ficar na Granja até que o corpo do pai tivesse saído de lá.

Ela me contou que sua angústia havia finalmente impelido Linton a correr o risco de soltá-la. Ela ouviu os empregados que eu havia mandado, brigando na porta, e conseguiu entender o que Heathcliff respondera. Isso a deixou desesperada. Linton, que havia sido levado à pequena saleta logo depois da minha partida, foi forçado a pegar a chave antes que seu pai voltasse a subir.

Ele usou o subterfúgio de abrir e então de fechar a porta, sem passar a chave, e quando chegou a hora de ir dormir, suplicou para dormir no quarto de Hareton, e seu desejo foi satisfeito, pelo menos uma vez.

Catherine fugiu silenciosamente antes de o dia nascer. Ela não ousou sair pelas portas, receando que os cachorros dessem sinal de alarme. Ela passou pelos quartos vazios, e examinou suas janelas; e, felizmente, chegando ao que havia sido de sua mãe, passou com facilidade pela sua gelosia, e desceu até o chão, com auxílio do abeto, que fica ao lado. Seu cúmplice foi castigado pelo papel desempenhado na fuga dela, apesar de suas tímidas desculpas.



XXIX

Na noite após o funeral, minha patroazinha e eu estávamos sentadas na biblioteca; ora pensando com tristeza em nossa perda (uma de nós desesperada), ora fazendo conjecturas em relação ao triste futuro.

Nós havíamos acabado de concluir que o melhor destino que poderia ser reservado a Catherine seria a permissão de continuar a morar na Granja, pelo menos enquanto Linton vivesse: ele tendo a permissão de se juntar a ela aqui, e eu de continuar como caseira. Isso parecia ser um arranjo favorável demais para poder ser esperado, e, mesmo assim, eu tinha esperanças, e comecei a me animar com a perspectiva de permanecer na minha casa, e no meu emprego, e, acima de tudo, com minha amada patroazinha, quando um empregado (um dos que havia sido mandado embora, mas ainda não havia partido) entrou apressadamente, e disse que “aquele demônio do Heathcliff” estava vindo pelo pátio: nós deveríamos fechar a porta na cara dele?

Mesmo que tivéssemos sido loucas o suficiente para ordenar essa medida, nós não tivemos tempo. Ele não fez nem a gentileza de bater, ou de anunciar seu nome; ele era o patrão, e se valeu dos privilégios de um patrão para entrar diretamente, sem dizer uma palavra.

O som da voz de nosso informante o levou à biblioteca; ele entrou e, mandando o empregado sair, fechou a porta.

Era o mesmo cômodo em que ele havia sido introduzido, como convidado, dezoito anos antes: a mesma lua brilhava através da janela, e a mesma paisagem outonal era vista lá fora. Nós ainda não havíamos acendido as velas, mas todo o cômodo era visível, até mesmo os retratos na parede: o esplêndido rosto da Sra. Linton, e o gracioso rosto de seu marido.

Heathcliff foi até a lareira. Também ele havia sido pouco alterado pelo tempo. Lá estava o mesmo homem, seu rosto moreno um pouco mais

abatido, e mais sério, seu corpo talvez uns dez quilos mais pesado, e nenhuma outra diferença.

Catherine havia se levantado com um impulso de sair correndo, quando o viu.

— Pare! — disse ele, segurando-a pelo braço. — Chega de sair correndo! Aonde você iria? Eu vim para levá-la para casa; e espero que você seja uma filha obediente, e não encoraje meu filho a novas desobediências. Eu fiquei perplexo, não sabia como castigá-lo ao descobrir a parte que ele havia desempenhado no caso. Ele parece uma bolha de sabão, tocar nele iria destruí-lo; mas você vai ver pela cara dele que ele levou o que merecia! Eu o levei para baixo uma noite, anteontem, e o coloquei sentado em uma cadeira, e não encostei mais nele depois disso. Mandeí Hareton sair, e ficamos sozinhos na sala. Duas horas depois, chamei Joseph para levá-lo para cima de novo. Desde então, minha presença causa tanto pavor para os nervos dele quanto a de um fantasma; e eu imagino que ele me veja com frequência, embora eu não esteja por perto. Hareton diz que ele acorda e grita no meio da noite horas inteiras; e chama por você para protegê-lo de mim. Quer você goste de seu precioso marido ou não, você tem de ir. Ele é problema seu agora; eu entrego todo o interesse que tenho por ele em suas mãos.

— Por que não deixa Catherine continuar aqui? — supliquei. — E mande *Master* Linton para ficar com ela. Como o senhor odeia os dois, não vai sentir falta deles; eles só *podem* ser um tormento diário para seu coração insensível.

— Estou procurando um inquilino para a Granja — respondeu ele —, e quero meus filhos perto de mim, com toda a certeza... além do mais, essa mocinha tem de me pagar o pão que come; não vou mantê-la no luxo e na ociosidade depois de Linton partir. Apresse-se, e se apronte. E não me obrigue a forçá-la.

— Eu vou — disse Catherine. — Linton é tudo que eu tenho para amar neste mundo; e, embora o senhor tenha feito o possível para que eu o detestasse, e ele a mim, o senhor não consegue fazer com que nós nos

odiamos! E eu desafio o senhor a machucá-lo quando eu estiver por perto, e desafio o senhor a me assustar.

— Você é uma defensora arrogante! — retrucou Heathcliff. — Mas, eu não gosto de você o suficiente para machucá-lo; você vai ter todos os benefícios da tortura, enquanto ela durar. Não serei eu quem vai fazer você detestá-lo, vai ser o doce temperamento dele. Ele está amargo como fel por causa da sua deserção, e de suas consequências; não espere agradecimentos por essa nobre devoção. Eu o ouvi fazendo um belo quadro do que ele faria com você, se fosse forte como eu, para Zillah. A inclinação está lá, e a própria fraqueza dele vai aguçar sua inteligência para encontrar algo que substitua a força.

— Eu sei que ele tem uma natureza ruim — disse Catherine. — Ele é seu filho. Mas eu me sinto feliz por ter uma natureza melhor, para perdoá-lo; e sei que ele me ama e, por essa razão, eu o amo. Sr. Heathcliff, o senhor não tem *ninguém* que o ame; e, por mais infelizes que o senhor nos faça, nós ainda vamos ter a vingança de pensar que sua crueldade nasce de sua infelicidade ainda maior! O senhor é infeliz, não é? Solitário, como o demônio, e invejoso como ele? *Ninguém* o ama... *Ninguém* vai chorar pelo senhor, quando o senhor morrer! Eu não queria ser o senhor!

Catherine havia falado com uma espécie de lúgubre triunfo. Ela parecia ter se decidido a entrar no espírito de sua futura família e a sentir prazer com os sofrimentos de seus inimigos.

— Você vai se lamentar por ser você mesma, e logo — disse seu sogro —, se ficar aqui mais um minuto. Ande, sua bruxa, e pegue suas coisas.

Ela se retirou, desdenhosa.

Na ausência dela, eu comecei a pedir para ficar com o emprego de Zillah no Morro, oferecendo para dar-lhe o meu; mas ele nem quis ouvir falar nisso. Ele me mandou ficar quieta, e então, pela primeira vez, permitiu-se lançar um olhar rápido ao redor da biblioteca, e olhou os quadros. Tendo examinado o da Sra. Linton, ele disse:

— Vou ficar com esse lá em casa. Não que eu precise dele, mas...

Ele se voltou bruscamente para o fogo, e continuou a falar, com o que, na falta de palavra melhor, eu tenho de chamar de sorriso:

— Vou contar para você o que fiz ontem! Persuadi o coveiro, que estava cavando o túmulo do Linton, a remover a terra que cobria a tampa do caixão dela, e o abri. Eu quase achei que ficaria lá, ao ver o rosto dela... ainda é o rosto dela... e o coveiro penou para me fazer sair de lá; mas ele disse que o rosto iria se alterar, se o ar soprasse sobre ele, e então eu soltei um dos lados do caixão, e o cobri (não o lado do Linton, maldito seja ele! Queria que o dele estivesse soldado com chumbo), e subornei o coveiro para tirá-lo, quando eu for enterrado, e tirar o lado do meu caixão também. Vou providenciar para que façam isso, e então, quando Linton chegar perto de nós, ele não vai saber quem é quem!

— O senhor foi muito perverso, Sr. Heathcliff! — exclamei. — O senhor não teve vergonha de perturbar os mortos?

— Eu não perturbei ninguém, Nelly — respondeu ele. — Só dei um pouco de descanso para mim mesmo. Eu vou me sentir bem mais tranquilo agora, e vocês vão ter uma chance maior de me manter embaixo da terra, quando eu for parar lá. Perturbá-la? Não! Ela tem me perturbado, noite e dia, por dezoito anos... incessantemente... sem remorsos... até a noite de ontem... e na noite de ontem, eu fiquei tranquilo. Sonhei que estava dormindo o sono final, ao lado daquela criatura adormecida, com meu coração sem bater, e meu rosto gelado contra o dela.

— E se ela tivesse se transformado em pó, ou pior, com que o senhor teria sonhado, então? — disse eu.

— Com me dissolver junto com ela, e ficar ainda mais feliz! — respondeu ele. — Você acha que tenho medo de qualquer mudança desse tipo? Eu esperava tal transformação ao erguer a tampa, mas estou mais feliz por ela não começar até eu poder compartilhar dela. Além do mais, a não ser que eu tivesse tido uma nítida impressão de suas feições impassíveis, esse sentimento estranho dificilmente teria sido removido. Ele começou de um jeito estranho. Você sabe, eu fiquei enlouquecido depois da morte dela; e incessantemente, de um amanhecer até o outro amanhecer, rezei para ela voltar para mim... o espírito dela... Eu tenho uma estranha fé nos fantasmas; tenho certeza de que eles podem existir, e existem mesmo, entre nós!

No dia em que ela foi enterrada, a neve caiu. À noite, fui até o cemitério. Estava tão soturno quanto o inverno: tudo ao redor estava deserto. Não fiquei com medo de que o tolo do marido dela fosse sair andando pela valeira tão tarde, e ninguém mais tinha nada para fazer lá.

Estando sozinho, e consciente de que apenas dois metros de terra solta eram a única barreira entre nós, eu disse para mim mesmo: “Vou segurá-la em meus braços de novo! Se ela estiver fria, vou pensar que é o vento do norte que *me* deixa gelado; e se ela estiver imóvel, é por estar dormindo”.

Peguei uma enxada do depósito de ferramentas e comecei a cavar com todas as minhas forças; a enxada raspou no caixão. Passei a trabalhar com minhas mãos; a madeira começou a estalar nas dobradiças, eu estava prestes a alcançar meu objetivo, quando tive a impressão de ouvir um suspiro de alguém que estava acima da terra, na borda do túmulo, e se inclinando. “Se eu conseguisse tirar isso”, murmurei, “eu gostaria que eles jogassem a terra por cima de nós dois!”, e continuei com maior desespero ainda.

Então ouvi outro suspiro, bem perto dos meus ouvidos. Parecia que eu sentia o hálito morno deslocando o vento gelado. Eu sabia que nenhuma criatura viva estava por perto; mas com tanta certeza quanto você percebe a aproximação de uma pessoa no escuro, embora ela não possa ser vista, com a mesma certeza senti que Cathy estava lá, não abaixo de mim, mas sobre a terra.

Uma sensação súbita de alívio fluiu do meu coração por todos os meus membros. Eu abandonei meu trabalho insano e me senti consolado na hora, consolado de um jeito inexprimível. A presença dela estava comigo; ela ficou lá enquanto eu tornava a colocar a terra no túmulo, e me conduziu para casa. Você pode rir, se quiser, mas eu tinha certeza de que a veria lá. Eu tinha certeza de que ela estava comigo, e eu não podia deixar de conversar com ela.

Tendo chegado lá no Morro, corri ansioso para a porta. Ela estava trancada; e eu lembro, o desgraçado do Earnshaw e minha esposa impediam a minha entrada. Eu me lembro de ter parado e batido nele até ele perder o fôlego, e então de ir correndo para o andar de cima, para meu quarto, que era o dela. Olhei ao redor de mim, impaciente. Eu a sentia ao meu lado;

quase dava para vê-la, e, no entanto, eu não *conseguia*! Eu devo ter suado sangue, então, devido à angústia do meu desejo, ao fervor das minhas súplicas para poder vê-la uma vez mais! E não vi. Ela se mostrou, assim como era em vida, um demônio para comigo. E, desde então, às vezes mais, às vezes menos, tenho sido o joguete desse tormento intoleravelmente infernal, mantendo meus nervos tão tensos que, se eles não se parecessem com *catgut*, eles teriam, há muito tempo, se tornado tão fracos como os de Linton.

Quando eu me sentava na casa com Hareton, parecia que, se eu saísse, iria encontrá-la; quando eu andava pela charneca, iria vê-la vindo na minha direção. Quando eu saía de casa, me apressava em voltar; ela tinha de estar em algum lugar lá no Morro, eu tinha certeza! E quando eu dormia no quarto dela (tive de renunciar a isso), não conseguia ficar deitado lá; porque no instante em que eu fechava os olhos, ou ela estava do lado de fora da janela, ou fazendo os painéis deslizarem, ou entrando no quarto, ou até mesmo descansando seu rosto amado no mesmo travesseiro, como ela fazia quando era criança. E eu tinha de abrir os olhos para ver. E então eu os abria e fechava umas cem vezes por noite, para sempre ser desapontado! Isso acabou comigo! Tantas vezes gemi em voz alta, até aquele velho patife do Joseph sem dúvida acreditar que minha consciência me torturava.

Mas agora que a vi, eu estou calmo... um pouco. Foi uma estranha maneira de matar, não por polegadas, mas por frações de um fio de cabelo, me iludindo com a sombra de uma esperança, por dezoito anos!

O Sr. Heathcliff fez uma pausa e enxugou a testa. Seu cabelo se colava a ela, por causa do suor. Os olhos estavam fixos nas cinzas avermelhadas do fogo; as sobrancelhas não estavam contraídas, mas erguidas quase perto das têmporas, diminuindo o ar de amargura de seu rosto, mas dando-lhe um aspecto peculiar de transtorno, e uma dolorosa aparência de tensão mental dirigida a um tema que o consumia. Ele havia parcialmente se dirigido a mim, que fiquei em silêncio; eu não gostava de ouvi-lo falar!

Depois de uma breve pausa, ele dirigiu suas reflexões para o quadro, tirou-o da parede e apoiou-o no sofá para contemplá-lo melhor; e enquanto

ele estava assim ocupado, Catherine entrou, anunciando que estaria pronta assim que seu pônei fosse arreado.

— Mande-o para mim amanhã — disse-me Heathcliff, e então se voltando para ela, acrescentou. — Você pode muito bem ficar sem seu pônei; a noite está bonita, e você não vai precisar de pôneis lá no Morro dos Ventos Uivantes, pois seus próprios pés serão suficientes para quaisquer caminhadas que você vá fazer. Venha comigo.

— Adeus, Ellen — sussurrou minha querida patroazinha. Quando ela me beijou, senti seus lábios gelados. — Vá me ver, Ellen, não se esqueça.

— Cuide para não fazer isso, Sra. Dean! — disse o novo pai dela. — Quando eu quiser falar com a senhora, virei aqui. Não quero nada da sua bisbilhotice na minha casa.

Ele fez sinal para ela ir na frente dele; e, lançando um olhar que partiu meu coração, ela obedeceu.

Lá da janela, eu fiquei observando-os ir pelo jardim. Heathcliff havia colocado o braço de Catherine sob o seu, embora ela não aceitasse essa atitude a princípio, com toda certeza; e com passos rápidos ele a fez ir pela aleia, cujas árvores os ocultaram.



XXX

Eu fui visitar o Morro, mas não a vi desde que ela foi embora; Joseph segurou a porta quando eu fui lá perguntar dela, e não me deixou entrar. Ele disse que a Sra. Linton “tinha o que fazê” e que o patrão não estava. Zillah me contou um pouco como é o jeito de eles viverem lá; caso contrário, eu mal saberia quem estava morto, e quem estava vivo.

Ela acha que Catherine é arrogante e não gosta dela, dá para eu ver pelo jeito como ela fala. Logo que chegou lá, minha patroazinha pediu-lhe ajuda, mas o Sr. Heathcliff disse-lhe para cuidar de sua vida, e deixar que sua nora tomasse conta de si mesma, e Zillah aquiesceu de boa vontade, por ser uma mulher egoísta e de mentalidade estreita. Catherine demonstrou uma irritação infantil por causa dessa negligência, e a pagou com desprezo, colocando assim minha informante entre seus inimigos, tão certo como se ela tivesse lhe causado um grande mal.

Eu conversei com Zillah bastante tempo, há cerca de seis semanas, pouco antes de o senhor chegar, um dia em que nós nos encontramos por acaso na charneca; e ela me contou o seguinte:

— A primeira coisa que a Sra. Linton fez — disse ela —, ao chegar no Morro, foi correr para o andar de cima, sem nem ao menos desejar boa noite para mim e para Joseph; ela se trancou no quarto de Linton, e ficou lá até de manhã. Então, enquanto o patrão e Earnshaw estavam tomando café da manhã, ela entrou na casa e perguntou toda trêmula se poderiam chamar o médico, porque o primo dela estava muito doente.

— Nós sabemos disso! — respondeu Heathcliff. — Mas a vida dele não vale um tostão, e eu não vou gastar um tostão com ele.

— Mas eu não sei o que fazer — disse ela —, e se ninguém for me ajudar, ele vai morrer!

— Saia desta sala! — exclamou o patrão. — E não quero ouvir mais uma palavra a respeito dele! Ninguém aqui se importa com o que acontecer

com ele; se você se importa, faça o papel de enfermeira; se não se importa, feche-o no quarto e deixe-o lá.

Então ela começou a me importunar, e eu disse que já tinha trabalho suficiente com aquela criatura maçante; todos tinham suas tarefas, e a dela era a de cuidar de Linton. O Sr. Heathcliff me havia dado ordens para deixar esse serviço nas mãos dela.

Como eles se ajeitaram, eu não sei dizer. Acho que ele se agitava bastante, e gemia lá com os seus botões, noite e dia; e ela tinha muito pouco tempo para descansar, dava para dizer, por causa do rosto branco dela e dos olhos cansados. Às vezes ela vinha até a cozinha com ar atarantado, como se estivesse com muita vontade de pedir ajuda, mas eu não ia desobedecer ao patrão. Eu nunca tenho coragem de desobedecer, Sra. Dean, e embora eu achasse errado que o Kenneth nunca fosse chamado, não era minha função nem dar conselhos nem me lamentar; e eu sempre me recusei a interferir.

Uma ou duas vezes, depois de nós termos nos deitado, aconteceu de eu abrir minha porta de novo, e vê-la chorando, sentada no alto da escada; e então eu me fechava de novo, rapidinho, com medo de sentir vontade de interferir. Eu tinha dó dela, sim, eu sei; mesmo assim, eu não queria perder meu emprego, a senhora sabe!

Finalmente, uma noite ela entrou decidida em meu quarto, e me apavorou, dizendo:

— Diga para o Sr. Heathcliff que o filho dele está morrendo... tenho certeza de que ele está, agora. Levante-se agora mesmo, e fale com ele!

Tendo dito isso, ela desapareceu de novo. Eu fiquei deitada uns quinze minutos, ouvindo e tremendo. Nada se movia. A casa estava em silêncio.

Ela está enganada, eu disse para mim mesma. Ele deu uma melhorada. Eu não preciso perturbar ninguém. E comecei a cochilar. Mas meu sono foi perturbado uma segunda vez, por um toque agudo do sino (o único sino que nós temos, colocado de propósito para Linton); e o patrão me chamou para eu ir ver o que estava acontecendo e dizer para eles que ele não queria que aquele barulho se repetisse.

Eu dei o recado de Catherine. Ele xingou em voz baixa, e em poucos minutos saiu com uma vela acesa e foi para o quarto deles. Eu fui atrás. A

Sra. Heathcliff estava sentada ao lado da cama, as mãos segurando os joelhos. Seu sogro entrou, ergueu a luz perto do rosto de Linton, olhou-o e o tocou; depois se voltou para ela.

— Então... Catherine — disse ele —, como você se sente?

Ela ficou em silêncio.

— Como você se sente, Catherine? — repetiu ele.

— Ele está tranquilo, e eu estou livre — respondeu ela. — Eu deveria me sentir bem... mas — continuou ela, com uma amargura que não conseguia esconder — vocês me deixaram tanto tempo lutando sozinha contra a morte, que eu sinto e vejo só a morte! Eu me sinto como se estivesse morta!

E ela parecia estar morta mesmo! Eu dei para ela um pouquinho de vinho. Hareton e Joseph, que haviam acordado com o barulho do sino e dos passos, e ouviram a nossa conversa do lado de fora do quarto, entraram. Joseph estava feliz, eu acredito, com a morte do rapaz. Hareton parecia um pouco atrapalhado, mas na verdade ele estava mais ocupado em encarar Catherine do que em pensar em Linton. Mas o patrão mandou ele ir deitar de novo: nós não queríamos a ajuda dele. Depois o patrão fez Joseph levar o corpo para o quarto dele, e me disse para eu voltar para o meu, e a Sra. Heathcliff ficou sozinha.

De manhã, ele me mandou dizer que ela devia descer para o café da manhã. Ela havia trocado de roupa, e parecia que ia dormir: disse que estava se sentindo mal e eu nem me espantei ao ouvir isso. Eu contei para o Sr. Heathcliff, e ele respondeu:

— Bem, deixe-a em paz até depois do funeral; e vá lá em cima de vez em quando para ajudá-la no que for preciso. Assim que ela der sinais de melhora, me avise.

Cathy ficou lá em cima duas semanas, segundo Zillah, que ia vê-la duas vezes por dia e estava disposta a ser bem mais amistosa, mas suas tentativas de ser mais gentil foram repelidas com orgulho e prontidão.

Heathcliff subiu uma vez, para mostrar-lhe o testamento de Linton. Ele havia deixado todos os bens móveis que haviam sido dele, e os dela, para o pai. A pobre criatura fora ameaçada, ou coagida, a fazer isso durante a

ausência dela, quando o tio dele havia morrido. Das terras, como ele era menor de idade, ele não podia dispor. Entretanto, o Sr. Heathcliff as reivindicou e manteve em nome dos direitos de sua esposa, e dele também, eu suponho que legalmente. De qualquer modo, Catherine, sem dinheiro e sem amigos, não pode contestar o ato dele.

Ninguém além de mim, disse Zillah, jamais se aproximou da porta do quarto dela, a não ser aquela vez; e ninguém perguntava nada a respeito dela. A primeira vez em que ela desceu até a sala foi em uma tarde de domingo.

Ela havia gritado, quando levei o seu jantar, que não aguentava mais ficar no frio. Eu lhe disse que o patrão estava indo para a Granja da Cruz do Tordo; e Earnshaw e eu não iríamos impedi-la de descer. Então, assim que ouviu o cavalo de Heathcliff sair trotando, ela apareceu, vestida de preto, e os cachos dourados penteados para trás, por cima das orelhas, tão modesta quanto uma quacre; ela não conseguia penteá-los sozinha.

Joseph e eu geralmente vamos à capela aos domingos (a Igreja, o senhor sabe, não tem ministro agora, explicou a Sra. Dean, e eles chamam o templo Metodista, ou Batista, eu não sei dizer qual deles é, lá em Gimmerton, de capela). Joseph tinha saído, continuou Zillah, mas eu achei mais adequado ficar em casa. Os jovens sempre ficam melhor quando um adulto está por perto, tomando conta, e Hareton, apesar de toda a timidez dele, não é um modelo de bom comportamento. Eu avisei para ele que sua prima provavelmente iria se sentar conosco, e que ela sempre tinha sido acostumada a respeitar o Dia do Senhor, então seria melhor ele colocar de lado as armas e o serviço que ele fazia dentro de casa, enquanto ela ficasse conosco.

Ele ficou vermelho com a notícia, e deu uma olhada nas suas mãos e roupas. O óleo de lubrificar e a pólvora foram escondidos em um instante. Eu vi que ele pretendia fazer companhia para ela; e adivinhei, por causa dos modos dele, que ele queria ficar apresentável; então, dando risada, como eu não tenho coragem de fazer quando o patrão está por perto, eu me ofereci para ajudá-lo, se ele quisesse, e ri da confusão dele. Ele ficou emburrado, e começou a praguejar.

Então, Sra. Dean, ela continuou, vendo que eu não estava gostando do jeito dela, a senhora parece pensar que sua patroa é fina demais para o Sr. Hareton, e talvez a senhora tenha razão; mas, para ser honesta, eu bem que gostaria de dar uma amansada no orgulho dela. E o que todo o estudo e a delicadeza dela vão fazer por ela agora? Ela está tão pobre quanto a senhora ou eu; até mais pobre, eu diria. A senhora está fazendo suas economias, e eu também estou indo por esse caminho.

Hareton permitiu que Zillah o ajudasse; e ela o agradou até ele ficar de bom humor. Então, quando Catherine desceu, já meio esquecido dos insultos anteriores dela, ele tentou ser agradável, segundo disse a caseira.

Ela entrou, disse Zillah, tão fria quanto gelo, e tão altiva quanto uma princesa. Eu me levantei e lhe ofereci meu lugar na poltrona. Não, ela torceu o nariz pra minha gentileza. Earnshaw se levantou também, e disse-lhe para ir até o escano e se sentar perto da lareira; ele tinha certeza de que ela estava enfriando.

— Eu estou *enfriando* faz um mês, ou mais — respondeu ela, salientando a palavra, com tanto desdém quanto foi capaz.

E ela pegou uma cadeira e a colocou bem longe de nós dois.

Tendo ficado sentada até se esquentar, ela começou a olhar ao redor, e descobriu alguns livros no armário; ela se levantou na mesma hora de novo, esticando os braços para tentar pegá-los, mas eles estavam muito no alto.

Seu primo, depois de observar as tentativas dela por alguns minutos, finalmente criou coragem para ajudá-la; ela segurou o vestido, e ele o encheu com os primeiros que conseguiu pegar.

Esse foi um grande passo para o moço. Ela não agradeceu; mesmo assim, ele se sentiu contente por ela aceitar sua ajuda, e se aventurou a ficar por trás dela enquanto ela examinava os livros, e mesmo a se inclinar e a apontar o que lhe chamava sua atenção em algumas gravuras antigas que havia neles. Também não ficou intimidado com o jeito petulante de ela afastar a página dos dedos dele; ele se contentou em se afastar um pouco, e a ficar olhando para ela, ao invés de para o livro.

Ela continuou a ler, ou a procurar alguma coisa para ler. A atenção dele, aos poucos, ficou muito concentrada nos cabelos dela, espessos e sedosos; o

rosto dela não dava para ele ver, e ela não podia vê-lo. E, talvez sem se dar conta do que estava fazendo, mas atraído como uma criança pela luz de uma vela, finalmente ele passou do olhar para o toque; ele estendeu a mão e acariciou uma mecha, tão gentilmente como se fosse um passarinho. Foi a mesma coisa do que se ele tivesse enfiado uma faca no pescoço dela; ela se voltou na hora, muito irritada.

— Saia daqui, agora mesmo! Como ousa me tocar? Por que está parado aí? — exclamou ela, com tom de repulsa. — Não suporto você! Eu vou subir de novo, se você se aproximar de mim!

O Sr. Hareton se encolheu, com um ar tão tolo quanto possível; ele se sentou no escano, muito quieto, e ela continuou a examinar os volumes, por mais meia hora. Finalmente, Earnshaw atravessou a sala e me disse em voz baixa:

— Vosmecê podia pedir pra ela ler pra gente, Zillah? Tô cansado de num fazer nada; e eu gosto... eu bem que gostava de ouvir ela! Num diz que eu que quero, vosmecê pede.

— O Sr. Hareton gostaria que a senhora lesse para nós — disse, eu na hora. — Ele acharia isso muita gentileza, e ficaria muito agradecido.

Ela fechou a cara. Erguendo o olhar, respondeu:

— O Sr. Hareton, e vocês todos, farão a gentileza de entender que rejeito qualquer falsa bondade que vocês tenham a hipocrisia de oferecer! Eu desprezo vocês, e não terei nada a dizer para nenhum de vocês! Quando eu teria dado minha vida por uma palavra gentil, até mesmo para ver o rosto de um de vocês, todos se mantiveram afastados. Mas eu não vou reclamar para vocês. Eu fui obrigada a vir aqui por causa do frio, mas não para divertir vocês, nem para gozar da companhia de vocês.

— Que é que eu podia tê feito? — começou Earnshaw. — Como é que eu podia tê culpa?

— Ah, você é uma exceção — respondeu a Sra. Heathcliff. — Eu nunca senti falta de uma criatura como você.

— Mas, eu ofereci mais de uma vez, e pedi — disse ele, perturbado com o atrevimento dela. — Eu pedi pro Sr. Heathcliff pra ele deixar eu ficar tomando conta no seu lugar...

— Fique quieto! Eu vou ficar lá fora, ou em qualquer lugar, para não ter sua voz desagradável nos meus ouvidos — disse minha patroazinha.

Hareton resmungou que, por ele, ela podia ir pros inferno, e, pegando sua pistola, não evitou mais suas habituais ocupações dominicais.

A partir de então ele passou a falar, com muita liberdade; e ela logo em seguida achou melhor se retirar para sua solidão. Mas o frio havia se instalado, e, apesar do seu orgulho, ela era forçada a ficar em nossa companhia, cada vez mais. Contudo, eu dei um jeito para que minhas boas intenções não fossem mais desprezadas. Desde então, tenho sido tão fria quanto ela; e entre nós ela não tem quem a ame ou goste dela (e ela não merece), pois, se alguém lhe disser uma coisinha qualquer, ela dá uma resposta ríspida sem respeitar ninguém! Ela é grosseira até com o patrão, e só falta desafiá-lo a bater nela; e quanto mais ela é magoada, mais venenosa fica.

A princípio, ao ouvir esse relato de Zillah, eu me decidi a abandonar meu emprego, arrumar um chalé e levar Catherine para ficar comigo; mas o Sr. Heathcliff permitiria isso tanto quanto ele aceitaria colocar Hareton em uma casa só dele. Eu não vejo remédio, atualmente, a não ser que ela possa se casar de novo; e ajeitar esse plano não está em minhas mãos.

E assim terminou a história da Sra. Dean. Apesar das profecias do médico, estou recuperando as forças rapidamente, e, embora seja apenas a segunda semana de janeiro, estou me propondo a ir a cavalo, daqui um dia ou dois, até o Morro dos Ventos Uivantes, para informar ao meu senhorio que devo passar os próximos seis meses em Londres; e, se ele quiser, pode depois de outubro procurar outro inquilino para a propriedade, pois eu não passaria outro inverno aqui por nada deste mundo.



XXXI

Ontem o dia estava luminoso, calmo e frio. Eu fui ao Morro assim como havia me proposto a fazer; minha caseira me pediu para levar um bilhete para sua patroazinha, e eu não me recusei, pois a boa mulher não tinha consciência de qualquer impropriedade em sua solicitação.

A porta da frente estava aberta, mas o portão estava cuidadosamente fechado, assim como em minha última visita; eu bati e chamei Earnshaw, que estava entre os canteiros do jardim; ele o abriu, e eu entrei. Ele é um homem rústico, mas muito bem-apegoado. Prestei especial atenção nele desta vez; mas, ao que parece, ele faz o máximo possível para tirar o mínimo proveito de suas qualidades.

Eu perguntei se o Sr. Heathcliff estava em casa, e ele disse que não; mas estaria de volta na hora do jantar. Eram onze horas, e anunciei minha intenção de entrar e aguardá-lo, e ao ouvir isso Earnshaw imediatamente jogou de lado suas ferramentas e me acompanhou, na função de cão de guarda, e não como um substituto para meu anfitrião.

Nós entramos juntos. Catherine estava lá, fazendo-se útil no preparo de alguns legumes para a refeição vindoura; ela parecia ainda mais taciturna, e menos viva, que quando eu a havia visto pela última vez. Ela mal ergueu os olhos para me observar, e continuou com sua tarefa com o mesmo desprezo de antes para com as fórmulas usuais de cortesia, sem dar o menor sinal de reconhecimento ao meu aceno e ao meu bom-dia.

Ela não parece ser tão amável, eu pensei, como a Sra. Dean queria me fazer acreditar. Ela é linda, sem dúvida; mas não um anjo.

Earnshaw rispidamente disse a ela que levasse suas coisas para a cozinha.

— Leve você mesmo — disse ela, afastando-as assim que havia acabado, e se retirando para um banco perto da janela, onde começou a

esculpir figuras de pássaros e de animais com as sobras de nabo em seu regaço.

Eu me aproximei dela, fingindo querer dar uma olhada no jardim; e, habilmente, pelo menos segundo imaginei, deixei cair o bilhete da Sra. Dean nos joelhos dela, sem ser percebido por Hareton. Mas ela perguntou em voz alta:

— O que é isso? — E o jogou de lado com descaso.

— Uma carta de sua velha conhecida, a caseira da Granja — respondi, aborrecido por ela ter revelado minha ação gentil, e temeroso de que pudessem pensar que era uma carta de minha parte.

Ela a teria apanhado com avidez ao ouvir a informação, mas Hareton foi mais rápido: ele a agarrou e a colocou no bolso de seu casaco, dizendo que o Sr. Heathcliff deveria dar uma olhada nela em primeiro lugar.

Com isso, Catherine silenciosamente desviou o rosto de nós e, muito discreta, pegou seu lenço e o levou aos olhos; seu primo, depois de lutar um pouco para controlar seus sentimentos mais amistosos, pegou a carta e a jogou no chão perto dela com tanta falta de gentileza quanto foi capaz.

Catherine a pegou e leu com avidez; então me fez algumas perguntas relativas aos habitantes, racionais e irracionais, de seu antigo lar. Olhando na direção dos morros, murmurou para si mesma:

— Eu gostaria de estar andando lá com a Minny! Eu gostaria de estar subindo lá... Oh! Estou cansada... eu estou *encantada*, Hareton!

E ela recostou sua linda cabeça no peitoril, com um meio bocejo e meio suspiro, e mergulhou em um devaneio entristecido, sem se importar ou perceber se nós havíamos prestado atenção nela.

— Sra. Heathcliff — disse eu, depois de ficar sentado em silêncio por algum tempo —, a senhora não sabe que eu sou um conhecido seu? E tão íntimo, que acho estranho a senhora não vir conversar comigo. Minha caseira não se cansa de falar a seu respeito e de elogiá-la; e ela vai ficar muito desapontada se eu não voltar com notícias suas, a não ser a de que a senhora recebeu a carta dela, e não disse nada!

Ela pareceu se espantar com o que eu dissera, e perguntou:

— Ellen gosta do senhor?

— Sim, gosta muito — respondi, sem hesitar.

— O senhor deve lhe dizer — continuou ela — que eu responderia à carta dela, mas não tenho com que escrever, nem mesmo um livro do qual eu possa arrancar uma folha.

— Não tem livros! — exclamei. — Como a senhora consegue viver aqui sem eles, se eu posso tomar a liberdade de perguntar? Embora eu tenha uma grande quantidade deles, frequentemente me sinto entediado na Granja; tirem de mim os meus livros, e eu ficaria desesperado!

— Eu lia sempre, quando os tinha — disse Catherine —, e o Sr. Heathcliff nunca lê; então se lhe meteu na cabeça destruir meus livros. Faz semanas que não dou uma olhada sequer em um livro. Só uma vez eu mexi nos livros de teologia do Joseph, para grande irritação dele; e uma vez, Hareton, eu me deparei com um sortimento secreto em seu quarto (alguns livros latinos e gregos, e alguns de contos e de poesia; todos velhos amigos). Eu trouxe os de contos e de poesia para cá; e você os juntou, como uma pega junta colheres de prata, só pelo amor ao roubo! Eles são inúteis para você; ou então você os escondeu por maldade, já que não pode desfrutar deles, ninguém mais pode. Talvez *sua* inveja tenha aconselhado o Sr. Heathcliff a me privar de meus tesouros! Mas tenho quase todos eles escritos em meu cérebro, e impressos no meu coração, e você não pode me privar desses!

Earnshaw enrubesceu violentamente, quando sua prima fez a revelação a respeito das suas reservas pessoais de livros, e gaguejou uma indignada negativa para as acusações feitas.

— O Sr. Hareton tem vontade de aumentar seu conhecimento — disse eu, tentando ajudá-lo. — Ele não sente *inveja*, mas tenta se *equiparar* aos seus dotes, senhora. Ele será uma pessoa muito instruída em poucos anos!

— E quer que eu me transforme em uma pateta, enquanto isso — respondeu Catherine. — Sim, eu o ouço tentando soletrar e ler em voz baixa, e que belas trapalhadas ele faz! Eu gostaria que você declamasse *Chevy Chase*, como fez ontem; foi mesmo muito engraçado! Eu ouvi você... e eu ouvi você folhear o dicionário, para procurar as palavras mais difíceis, e então praguejando, porque não conseguia ler as definições!

Evidentemente, o jovem não gostou nem um pouco de servir de riso por causa de sua ignorância, e então servir de riso por desejar acabar com ela. Eu tive uma reação parecida, e, lembrando-me da história contada pela Sra. Dean sobre a primeira tentativa dele de iluminar as trevas em que ele havia sido educado, observei:

— Mas, Sra. Heathcliff, todos nós tivemos o nosso começo, e todos tropeçamos e vacilamos no início do caminho e, se em vez de nos ajudar, nossos professores tivessem nos ridicularizado, nós ainda estaríamos tropeçando e vacilando.

— Oh! — respondeu ela. — Eu não quero limitar as conquistas dele. Mesmo assim, ele não tem direito de se apropriar do que é meu, e de tornar isso ridículo para mim com seus erros grosseiros e sua má pronúncia! Aqueles livros, tanto os de contos como os de poesia, eram sagrados para mim por causa de outras associações, e eu odeio vê-los aviltados e profanados pelos lábios dele! Além do mais, ele selecionou meus trechos favoritos, os que eu mais amo declamar, como se fosse por maldade deliberada!

O peito de Hareton arfou em silêncio por um minuto; ele lutava contra um forte sentimento de mortificação e ira, que não era fácil de conter.

Eu me levantei, e, com a gentil intenção de diminuir o embaraço dele, assumi meu posto na porta, observando a paisagem externa, enquanto ficava lá parado.

Ele seguiu meu exemplo e saiu do cômodo, mas voltou logo em seguida, carregando uma meia dúzia de livros nas mãos, que ele jogou no regaço de Catherine, exclamando:

— Fique com eles! Eu não quero mais ouvir falar neles, ou ler, ou pensar neles de novo!

— Eu não vou ficar com eles, agora! — respondeu ela. — Eu vou associá-los a você, e odiá-los.

Ela abriu um que havia obviamente sido folheado, e leu um trecho no tom incerto de um iniciante; então deu risada e o jogou longe.

— E ouçam! — continuou ela, provocadora, começando a ler da mesma maneira um trecho de uma antiga balada.

Mas o amor-próprio dele não aguentaria maiores tormentos. Eu ouvi, e não com total desaprovação, uma reprimenda manual dada à língua ferina dela. A desaforada tinha dado o melhor de si para magoar os sentimentos suscetíveis, embora rústicos, do primo, e um argumento físico era o único recurso de que ele dispunha para acertar as contas e reparar seus efeitos em quem os infligira.

Em seguida, ele pegou os livros e os jogou no fogo. Eu vi na expressão do rosto dele quão angustiante era oferecer aquele sacrifício ao mau humor. Eu fiquei pensando que, enquanto eles se consumiam, Earnshaw lembrava o prazer já causado por eles, e o triunfo e o prazer crescentes que ele havia antecipado; e imaginei ter adivinhado o estímulo para seus estudos secretos, também. Ele tinha se contentado com o trabalho braçal e os prazeres grosseiros, até Catherine cruzar seu caminho. Vergonha por causa do desprezo dela, e o anseio por sua aprovação haviam sido os primeiros móveis para as aspirações mais elevadas dele; e em vez de poupá-lo de um, e garantir-lhe a outra, suas tentativas de se elevar haviam produzido exatamente o resultado contrário.

— Sim, esse é todo o bem que um bruto como você pode extrair deles! — gritou Catherine, sugando o lábio ferido, e olhando o incêndio com olhos indignados.

— É *melhor* ficar de boca fechada, agora! — respondeu ele, exaltado.

E como sua agitação impedia outras manifestações, ele foi apressado para a entrada, onde eu abri caminho para ele passar. Mas, mal ele havia cruzado a soleira, encontrou o Sr. Heathcliff, que vinha pelo caminho e, segurando o ombro dele, perguntou:

— O que foi que aconteceu, meu rapaz?

— Num foi nada! — disse ele, e partiu, para gozar a sua tristeza e a sua raiva sozinho.

Heathcliff ficou olhando-o, e suspirou.

— Vai ser estranho, se eu me frustrar! — murmurou, sem ter consciência de que eu estava atrás dele. — Mas, quando tento achar as feições do pai no rosto dele, a cada dia vejo mais as *dela*! Como diabos ele pode se parecer tanto? Mal consigo olhar para ele.

Ele voltou os olhos para o chão, e entrou melancólico. Havia uma expressão inquieta e ansiosa em seu rosto, que eu jamais havia percebido antes, e ele parecia mais magro.

Sua nora, ao vê-lo pela janela, imediatamente fugiu para a cozinha, de forma que fiquei sozinho.

— Fico feliz por vê-lo fora de casa de novo, Sr. Lockwood — disse ele, em resposta à minha saudação —, e por motivos egoístas, parcialmente; não acredito que eu conseguisse compensar a sua perda nesta região desolada. Eu me perguntei, mais de uma vez, o que o trouxe para cá.

— Um vão capricho, eu temo, senhor — foi minha resposta —, ou então um vão capricho vai me afastar daqui. Vou partir para Londres na próxima semana, e já devo avisar que não estou com vontade de ficar com a Granja da Cruz do Tordo além dos doze meses que concordei em alugá-la. Creio que não volte a morar lá.

— Oh, é mesmo! O senhor se cansou de ficar banido do mundo, não cansou? — disse ele. — Porém, se veio pedir para não pagar por um lugar que não vai ocupar, sua jornada foi inútil. Eu nunca deixo de cobrar o que me devem, de forma alguma.

— Eu não estou vindo para pedir nada! — exclamei, consideravelmente irritado. — Caso o senhor queira, vou acertar tudo agora — completei, tirando meu caderno de cheques de minha carteira.

— Nada disso — replicou ele, tranquilo. — O senhor vai deixar aqui o suficiente para cobrir suas dívidas, caso não volte. Não estou com tanta pressa! Sente-se e jante conosco; um convidado que provavelmente não repetirá a visita pode em geral ser bem recebido. Catherine! Venha pôr a mesa! Onde está você?

Catherine reapareceu, carregando uma bandeja com facas e garfos.

— Você pode jantar com Joseph — murmurou Heathcliff em um aparte —, e ficar na cozinha até ele ir embora.

Ela obedeceu às ordens dele, com muita exatidão; talvez não estivesse tentada a transgredi-las. Vivendo entre palhaços e misantropos, ela provavelmente não tem condições de apreciar uma classe melhor de pessoas, quando as encontra.

Com o Sr. Heathcliff, amargo e sombrio de um lado, e Hareton, absolutamente mudo, do outro, eu fiz uma refeição bastante melancólica, e me despedi cedo. Eu teria saído pela parte de trás, para dar uma última olhada em Catherine e aborrecer o velho Joseph; mas Hareton recebeu ordens de pegar meu cavalo, e meu anfitrião em pessoa me acompanhou até a porta, então não pude realizar meu desejo.

Quão triste a vida corre naquela casa!, pensei, enquanto cavalgava pela estrada. Que concretização de algo mais romântico que um conto de fadas teria sido para a Sra. Linton Heathcliff, caso ela e eu tivéssemos nos apaixonado, como sua boa ama desejava, e fôssemos juntos para a agitada atmosfera da cidade!



XXXII

1802.

Neste mês de setembro, fui convidado a devastar a charneca de um amigo, no norte; e, em minha viagem até sua casa, inesperadamente me encontrei a uns vinte e quatro quilômetros de Gimmerton. O dono de uma estalagem à beira da estrada estava segurando um balde de água para matar a sede de meus cavalos, quando uma carroça carregada com aveia fresca, recém-colhida, passou por nós, e ele observou:

— Esses aí vem de Gimmerton, ora! Eles começa a colheita sempre três semana depois do resto do pessoal.

— Gimmerton? — repeti; minha residência naquela localidade já estava se transformado em uma lembrança indistinta. — Ah! Eu sei! É muito longe daqui?

— São uns vinte e dois quilômetro lá por cima dos morro; e uma estrada bem das ruim — respondeu ele.

Um impulso súbito se apoderou de mim: visitar a Granja da Cruz do Tordo. Ainda nem era meio-dia, e imaginei que tanto fazia eu passar a noite sob meu próprio teto, ou em uma estalagem. Além do mais, eu podia perder um dia sem maiores problemas, no intuito de acertar os negócios com meu senhorio, e assim me poupar do aborrecimento de ter de invadir a região novamente.

Tendo descansado um pouco, dei instruções para meu criado perguntar qual era o caminho para o vilarejo; e, impondo grande cansaço a nossos cavalos, nós vencemos a distância em umas três horas.

Eu o deixei lá, e segui sozinho para o vale. A igreja cinzenta parecia ainda mais cinzenta, e o solitário cemitério, ainda mais solitário. Eu percebi um carneiro das charnecas aparando a turfa baixa nos túmulos. O tempo estava agradável e quente, quente demais para viajar; mas o calor não me impediu de apreciar a paisagem encantadora lá no alto e abaixo. Se eu a

tivesse visto mais perto do mês de agosto, tenho certeza de que ela teria me tentado a passar um mês em meio à sua solidão. No inverno, nada mais triste, no verão, nada mais divino, que aqueles vales escondidos pelos morros, e as íngremes e ásperas ondulações cobertas de urzes.

Eu cheguei à Granja antes do pôr do sol, e bati à porta para ser admitido; mas a família havia se retirado para as dependências dos fundos, a julgar por um fio fino e azulado de fumaça que se encaracolava da chaminé da cozinha, e eles não me ouviram.

Eu entrei no pátio. Sob o pórtico, uma menina de nove ou dez anos de idade estava sentada fazendo tricô, e uma mulher idosa se reclinava nos degraus, fumando um meditativo cachimbo.

— A Sra. Dean está lá dentro? — perguntei à dama.

— A Senhora Dean? Não! — respondeu. — Ela num mora mais aqui; ela tá lá no Morro.

— A senhora é a caseira, então? — prossegui.

— É, eu fico tomano conta da casa — retrucou ela.

— Bem, sou o Sr. Lockwood, o patrão. Gostaria de saber se há algum quarto em que eu possa me alojar? Quero ficar aqui a noite toda.

— O patrão! — exclamou ela, atônita. — Ora, quem é que havia de sabê qu' o senhor vinha vino? O senhor devia de tê avisado. Num tem nenhum canto seco e decente aqui nessa casa, num tem memo!

Ela colocou o cachimbo de lado e se apressou a entrar, a menina a seguiu, e eu entrei também; logo percebei que seu relato era verdadeiro e, além do mais, que eu quase a fizera perder a cabeça com minha chegada não muito desejada.

Eu lhe pedi que se acalmasse: eu iria sair dar um passeio; e, nesse ínterim, ela deveria tentar arrumar um canto em uma sala onde eu pudesse cear, e um quarto onde eu pudesse dormir. Nada de varrer e tirar o pó, somente um bom fogo e lençóis secos eram necessários.

Ela parecia disposta a fazer o melhor possível; embora tenha jogado o espanador nas grades da lareira pensando que era o atiçador, e usado de forma inadequada diversos outros itens de sua profissão; mas eu me retirei,

confiando em sua energia para me providenciar um local onde eu pudesse repousar quando voltasse.

O Morro dos Ventos Uivantes era o objetivo do passeio a que me propusera. Uma reflexão posterior me fez voltar, quando eu já havia saído do pátio.

— Está tudo bem lá no Morro? — perguntei para a mulher.

— Pelo qu' eu sei, tá tudo bem! — respondeu ela, passando rapidamente com um balde cheio de carvão em brasa.

Eu teria perguntado por que a Sra. Dean havia abandonado a Granja; mas era impossível retardá-la em meio a tamanha crise, então, eu me virei e saí, caminhando tranquilamente com o brilho do sol poente atrás de mim, e a delicada majestade da lua nascendo à minha frente: um desaparecendo, e a outra se iluminando, enquanto eu saía do parque, e subia para a estrada lateral calçada de pedras que levava à residência do Sr. Heathcliff.

Antes que eu me aproximasse dela, tudo que restava do dia era uma baça luminosidade cor de âmbar para os lados do oeste; mas eu conseguia ver cada pedregulho no caminho, e cada folha de capim à luz daquela lua esplêndida.

Eu não tive nem de pular o portão, nem de bater à porta: ela cedeu à minha mão.

Mas que progresso!, pensei. E percebi outro, com auxílio das minhas narinas; um perfume de goivos e de brassicáceas pairava no ar, por entre as singelas árvores frutíferas.

Tanto as portas quanto as gelosias estavam abertas; mesmo assim, como geralmente acontece em um distrito minerador, um fogo forte e rubro iluminava a chaminé; o conforto que os olhos tiram dele fazem com que o calor extra seja suportável. Mas a casa do Morro dos Ventos Uivantes é tão grande que seus habitantes têm muito espaço para se afastar de sua influência; e, realmente, os habitantes que lá se encontravam haviam se sentado não muito longe de uma das janelas. Ainda lá fora, eu podia tanto vê-los quanto ouvi-los conversando; e por isso fiquei olhando e ouvindo, movido por uma mescla de curiosidade e de inveja, que iam aumentando à medida que eu chegava mais perto.

— *Con-trá-ri-o* — disse uma voz, tão doce quanto um sino de prata. — E já é a terceira vez, seu bobo! Eu não vou dizer de novo... Lembre-se, ou eu puxo seu cabelo!

— Contrário, então — respondeu outra voz, com tom mais profundo, mas brando. — E agora me dê um beijo, por eu fazer tudo tão bem.

— Não, leia tudo antes direitinho, sem um único erro.

O moço que falava começou a ler. Era um homem jovem, respeitavelmente vestido, sentado à mesa, e tendo um livro à sua frente. Suas belas feições brilhavam de prazer, e os olhos ficavam impacientemente desviando da página para uma mãozinha branca sobre seu ombro, e esta, com um ligeiro tapinha no rosto, fazia com que ele se comportasse ao detectar sinais de falta de atenção.

A dona da mãozinha estava parada atrás; seus cachos louros e brilhantes se misturavam, de tempos em tempos, com os cabelos castanhos dele, quando ela se curvava para supervisionar os estudos dele; e o rosto dela... Era uma sorte ele não poder vê-lo, ou ele nunca teria conseguido concentrar sua atenção. Eu podia, e mordi os lábios, despeitado, por ter desperdiçado a chance de fazer algo além de ficar encarando aquela beleza avassaladora.

A tarefa foi concluída, mas não sem que mais erros acontecessem, porém o aluno exigiu uma recompensa, e recebeu pelo menos uns cinco beijos, os quais, no entanto, ele retribuiu generosamente. Então, eles foram até a porta, e, a julgar por sua conversa, eu achei que eles iriam sair e dar uma volta pela charneca. Eu supus que seria condenado, no coração de Hareton Earnshaw, se não fosse pela sua boca, às maiores profundezas do inferno se desse sinais da minha mísera presença em sua vizinhança naquela hora, e sentindo-me muito mesquinho e maligno, eu saí de mansinho para buscar refúgio na cozinha.

Lá também não havia empecilhos para a entrada; e, à porta, estava sentada minha velha amiga, Nelly Dean, costurando e cantando uma música que era frequentemente interrompida lá de dentro, por palavras duras e cheias de desprezo e intolerância, proferidas com um tom que estava longe de ser musical.

— Eu preferia muito mais tê ele praguejano nas minha zoreia de manhã até de noite, e não ouvi vosmecê, de jeito nenhum! — disse o ocupante da cozinha, em resposta a um comentário de Nelly que não cheguei a ouvir. — É tamanha vergonha, eu num posso abri o Livro Sagrado que vosmecê começa a cantá as grória pra Satanás, e toda sua mardade que pode existi neste mundo! Ora! Vosmecê tá é muito bem agora, e aquela lá é outra, e o pobre do minino vai se perdê no meio das duas. Pobre do minino! — acrescentou ele com um gemido. — Ele tá enfeitado, tenho certeza disso! Senhor! Jurga eles, que num tem mais lei nem justiça entre as pessoa!

— Não! Ou então nós estaríamos sentados em uma fogueira flamejante, eu suponho — retrucou a cantora. — Mas, fique quieto, velho, e leia sua Bíblia como um cristão, e não se preocupe comigo. Essa é “O Casamento da Fada Annie”; uma fermosa canção, que dá vontade de dançar.

A Sra. Dean estava prestes a recomeçar, quando eu entrei, e, reconhecendo-me na hora, ela se levantou de um pulo, exclamando:

— Ora, bendito seja, Sr. Lockwood! Como o senhor foi capaz de pensar em voltar desse jeito? Está tudo fechado na Granja da Cruz do Tordo. O senhor deveria ter nos avisado!

— Já dei as ordens para ser acomodado lá, enquanto eu ficar por aqui — respondi. — Eu vou embora amanhã. E como a senhora foi transferida para cá, Sra. Dean? Conte-me.

— Zillah foi embora, e o Sr. Heathcliff quis que eu viesse, logo depois de o senhor ter ido para Londres, e ficasse até que o senhor voltasse. Mas, entre, por favor! O senhor veio andando desde Gimmerton esta noite?

— Da Granja — respondi. — E, enquanto eles me preparam um local para eu ficar lá, quero acertar meus negócios com seu patrão, porque não acho que vá ter outra oportunidade tão cedo.

— Quais negócios, senhor? — disse Nelly, me conduzindo para dentro da casa. — Ele saiu agora, e não vai voltar tão cedo.

— Sobre o aluguel — respondi.

— Ah, então é com a Sra. Heathcliff que o senhor deve acertar as contas — observou ela. — Ou melhor, comigo. Ela ainda não aprendeu a cuidar de seus negócios, e eu estou agindo em nome dela; não há ninguém mais.

Eu fiz cara de surpresa.

— Ah! Então o senhor não soube da morte de Heathcliff, pelo que estou vendo! — continuou ela.

— Heathcliff morreu? — exclamei, espantado. — Há quanto tempo?

— Faz três meses; mas, sente-se, e deixe que eu pegue seu chapéu, e vou lhe contar tudo a respeito. Espere, o senhor não comeu nada, comeu?

— Eu não desejo nada. Já pedi que me preparassem a ceia em casa. A senhora se sente também. Eu nunca imaginei que ele fosse morrer! Conte-me como que isso foi acontecer. A senhora disse que não espera a volta deles por algum tempo... os dois jovens?

— Não... tenho de brigar com eles todas as noites, por causa dos passeios tardios, mas eles não se importam comigo. Pelo menos, beba um pouco da nossa cerveja escura; isso vai lhe fazer bem, o senhor parece cansado.

Ela correu para pegá-la, antes que eu pudesse recusar, e ouvi Joseph perguntando se “num era um escândalo dos grande ela tê uns namorado naquela idade dela? E além do mais, ir pegá bebida pr’ eles no celero do patrão! Ele morria era de vergonha de ficá por aqui e vê isso”.

Ela não ficou por lá para retrucar, mas tornou a entrar, em seguida, carregando uma transbordante caneca de prata, cujo conteúdo eu elogiei com o devido empenho. E logo em seguida ela me forneceu a continuação da história de Heathcliff. Ele teve um fim “estranho”, em suas próprias palavras.

Eu fui chamada aqui no Morro uma quinzena depois de o senhor nos ter deixado, disse ela; e obedeci com alegria, por causa de Catherine.

Minha primeira conversa com ela me deixou muito triste e chocada! Ela havia mudado tanto desde que nós nos tínhamos separado! O Sr. Heathcliff não me explicou por que havia mudado de ideia a respeito de minha vinda para cá; ele só me disse que me queria aqui, e estava cansado de ver Catherine. Eu deveria fazer da pequena saleta minha sala de estar, e mantê-la comigo. Já era o suficiente ser obrigado a vê-la duas vezes por dia.

Ela pareceu ficar contente com esse arranjo; e, aos poucos, eu trouxe em segredo muitos livros e outras coisas que haviam constituído sua diversão lá na Granja; e me iludi com a ideia de que nós poderíamos viver em relativo conforto.

A ilusão não durou muito tempo. Catherine, a princípio contente, em pouco tempo ficou irritadiça e inquieta. Por um lado, ela era proibida de sair do jardim, e a afligia demais ficar confinada a seus estreitos limites, à medida que a primavera passava; por outro lado, ao vir trabalhar aqui, eu era obrigada a deixá-la sozinha com frequência, e ela reclamava de solidão. Ela preferia brigar com Joseph na cozinha a ficar sentada sozinha e tranquila.

Eu não me importava com as escaramuças deles; mas Hareton com frequência tinha de buscar abrigo na cozinha também, quando o patrão queria ter a casa só para ele. E, embora, no começo, Catherine ou saísse quando ele chegava, ou comesse a me ajudar, silenciosa, em meu serviço, e evitasse notá-lo, ou falar com ele (e embora ele fosse sempre tão sombrio e silencioso quanto possível), depois de certo tempo, o comportamento dela mudou, e ela era incapaz de deixá-lo em paz: falando com ele; fazendo comentários sobre a estupidez e a folga dele; dizendo-se espantada com o fato de ele aguentar a vida que tinha; como ele conseguia ficar a noite inteira olhando o fogo e cochilando.

— Ele é igualzinho a um cachorro, não é, Ellen? — observou ela uma vez. — Ou a um burro de carga? Ele faz o serviço dele, come a comida dele, e dorme, eternamente! Que mente vazia e triste ele deve ter! Você sonha, Hareton? E se sonha, é com o quê? Mas você não fala comigo!

E então ela olhava para ele; mas ele nem abria a boca e nem olhava para ela.

— Talvez ele esteja dormindo, agora — continuou ela. — Ele está sacudindo os ombros, assim como a Juno faz. Pergunte-lhe, Ellen.

— O Sr. Hareton vai é pedir para o patrão mandá-la lá para cima, se a senhorita não se comportar! — disse eu. Ele tinha não apenas sacudido os ombros, mas cerrado o punho, como se estivesse tentado a usá-lo.

— Sei por que Hareton nunca fala, quando estou na cozinha — exclamou ela, em outra ocasião. — Ele tem medo de que eu possa rir dele. Ellen, o que você acha? Ele começou a aprender a ler sozinho, uma vez; e, porque eu dei risada, ele queimou seus livros, e abandonou a tentativa! Ele não foi um tolo?

— E a senhorita não foi malcriada? — disse eu. — Responda-me.

— Talvez tenha sido — continuou ela —, mas eu não esperava que ele fosse tão bobo. Hareton, se eu lhe desse um livro, você o aceitaria agora? Eu vou tentar!

Ela colocou um livro que estivera olhando nas mãos dele; ele o jogou de lado, e resmungou que se ela não parasse com aquilo, ele quebraria o pescoço dela.

— Bem, eu vou colocá-lo aqui — disse ela —, na gaveta da mesa, e vou dormir.

Então ela sussurrou para mim que era para eu ver se ele iria pegá-lo, e saiu. Mas ele nem chegou perto do livro, e eu contei isso para ela de manhã, para sua grande decepção. Eu vi que ela estava triste por causa do mau humor e da indolência constantes dele. Sua consciência a reprovava por tê-lo feito fugir da oportunidade de se elevar; ela havia feito isso de modo muito eficaz. Mas ela dava tratos à imaginação para remediar o dano; enquanto eu passava roupa, ou fazia qualquer outra tarefa que eu não tinha condições de fazer na saleta, ela trazia algum livro interessante, e o lia em voz alta para mim. Quando Hareton estava por lá, ela geralmente fazia uma pausa em uma parte sugestiva, e deixava o livro por lá. Isso ela fez várias vezes; mas, ele era teimoso como uma mula e, em vez de morder a isca que ela jogava, nos dias chuvosos ele pegou o hábito de fumar com Joseph, e os dois se sentavam como autômatos, um de cada lado da lareira, o mais velho felizmente surdo demais para entender as perversas iniquidades dela, como ele as teria chamado; o mais novo, dando o melhor de si para ignorá-las. Nas tardes agradáveis, Hareton ia caçar, e Catherine bocejava e suspirava e me importunava para eu falar com ela, e corria para o pátio ou para o jardim no instante em que eu começava; e, como último recurso, chorava e dizia que estava cansada de viver, e que sua vida era inútil.

O Sr. Heathcliff, que havia ficado cada vez mais inclinado à solidão, havia praticamente banido Earnshaw de seus aposentos. Por causa de um acidente, no começo de março, o rapaz se tornou por alguns dias parte integrante da cozinha. A pistola dele havia explodido enquanto ele estava sozinho nos morros; um fragmento cortou seu braço e ele perdeu muito sangue antes de poder voltar para casa. Como consequência, ele foi condenado a ficar à tranquilidade ao pé da lareira, até se recuperar de novo.

Catherine ficou contente por tê-lo ali: de qualquer modo, isso fez com que ela detestasse ainda mais seu quarto no andar de cima; e ela me instava a achar o que fazer na parte de baixo da casa, para ela poder me acompanhar.

Na segunda-feira da semana da Páscoa, Joseph foi até a feira de Gimmerton levando um pouco de gado; e, à tarde, eu estava ocupada arrumando roupa branca na cozinha. Earnshaw estava sentado, taciturno como sempre, no canto da lareira, e minha patroazinha matava o tempo desenhando figuras nos vidros das janelas, e alternava a sua diversão cantarolando em voz baixa e soltando exclamações sussurradas, e lançando olhares rápidos de aborrecimento e de impaciência na direção do primo, que estava firme fumando e olhando a grade da lareira.

Quando eu disse a ela que não podia continuar trabalhando se ela ficasse na frente do meu foco de luz, ela se retirou para a lareira. Eu prestei pouca atenção a suas atitudes, mas, logo em seguida, eu a ouvi começar a falar:

— Eu percebi, Hareton, que eu quero... que eu fico feliz... que eu gostaria que você fosse meu primo agora, se você não tivesse ficado tão aborrecido comigo, e não fosse tão ríspido.

Hareton não respondeu.

— Hareton, Hareton, Hareton, você está me ouvindo? — continuou ela.

— Some daqui! — grunhiu ele, com um tom de voz rude e inflexível.

— Deixe que eu pegue esse cachimbo — disse ela, estendendo a mão cautelosamente, e tirando-o da boca dele.

Antes que ele tivesse condições de tentar pegá-lo de volta, ele estava quebrado, e no meio do fogo. Ele a xingou e pegou outro.

— Pare! — gritou ela. — Você tem de me ouvir, antes; e não consigo falar enquanto essa fumaça fica flutuando no meu rosto.

— E vosmecê vai pro inferno! — exclamou ele, com raiva. — E me deixa em paz!

— Não — insistiu ela —, eu não vou... Eu não sei o que fazer para fazer você falar comigo, e você está determinado a não entender. Quando chamo você de estúpido, eu não quero dizer nada... eu não quero dizer que desprezo você. Vamos, você tem de prestar atenção em mim, Hareton... você é meu primo, e você tem de me aceitar.

— Eu é que num vou tê nada com vosmecê e com seu orgúio sujo, e seus maldito truque caçoísta! — respondeu ele. — Eu vô pro inferno, de corpo e alma, antes de olhar de novo pro seu lado. Some do meu caminho, agora!

Catherine franziu as sobrancelhas, e se retirou para o banco sob a janela, mordendo o lábio, e tentando, ao cantarolar baixinho uma música estranha, evitar uma tendência cada vez mais forte de chorar.

— O senhor deveria ser amigo de sua prima, Sr. Hareton — interrompi —, já que ela se arrepende de sua petulância! Isso faria muito bem para o senhor... faria do senhor outro homem, tê-la como companhia.

— Companhia! — exclamou ele —, quando ela me odeia, e num me acha bom nem pra limpar os sapato dela! Não, nem que com isso eu virasse rei, eu num ia ser desprezado por querer a amizade dela nunca mais.

— Não sou eu que odeio você, é você que me odeia! — soluçou Catherine, não mais disfarçando sua perturbação. — Você me odeia tanto quanto o Sr. Heathcliff, e ainda mais.

— Vosmecê é uma mardita mentirosa — começou Earnshaw. — Por que então eu fiz ele ficar bravo ficando do seu lado, umas cem vezes? E isso quando vosmecê caçoava de mim e me desprezava, e... continua me atormentando, e eu saio lá fora e digo que vosmecê me pôs pra fora da cozinha!

— Eu não sabia que você tinha ficado do meu lado — respondeu ela, secando os olhos. — E estava infeliz e era ruim com todas as pessoas; mas

agora agradeço a você e peço que você me perdoe, o que mais eu posso fazer?

Ela voltou para a lareira e estendeu a mão com sinceridade.

Ele enrubesceu e ficou com uma cara fechada de dar medo, e manteve os punhos firmemente cerrados, e o olhar fixo no chão.

Instintivamente, Catherine deve ter entendido que era perversidade inflexível, e não antipatia, que o levava a agir com tanta teimosia, porque, depois de ficar por alguns instantes indecisa, ela se inclinou e deu no rosto dele um beijo gentil.

O diabrete achou que eu não a tinha visto e, afastando-se, reassumiu seu antigo posto perto da janela, muito comportada.

Eu balancei minha cabeça, com ar de reprovação, e então ela ficou vermelha e murmurou:

— Ora! O que eu deveria ter feito, Ellen? Ele não queria trocar um aperto de mãos comigo, e não me olhava. Eu tenho de mostrar de algum jeito que gosto dele, e que quero que nós sejamos amigos.

Se o beijo convenceu Hareton, não sei dizer; por alguns minutos ele tomou muito cuidado para que seu rosto não ficasse visível; e, quando ele o ergueu, ele não sabia para onde olhar.

Catherine ficou ocupada embrulhando cuidadosamente um belo livro em papel branco e, tendo-o amarrado com um pedaço de fita, e o endereçado ao “Sr. Hareton Earnshaw”, ela me pediu que fosse sua embaixadora, e levasse o presente ao seu destinatário.

— E diga para ele que, se ele o aceitar, eu vou ensiná-lo a ler direito — disse ela —; e, se ele recusar, eu irei lá para cima e nunca mais vou importuná-lo de novo.

Eu o levei, e repeti a mensagem, sendo observada ansiosamente pela minha empregadora. Hareton não abriu os dedos, então eu deixei o pacote nos joelhos dele. Ele não o jogou longe, tampouco. Eu voltei para meu trabalho: Catherine colocou os braços sobre a mesa e apoiou neles a cabeça, até ouvir o ligeiro ruído do papel sendo removido; então ela saiu de mansinho e sentou-se quietinha ao lado do primo. Ele estremeceu e seu rosto se iluminou. Toda sua rudeza e sua grosseria inflexível o haviam

abandonado; ele não tinha coragem, a princípio, de dizer uma palavra, para responder ao olhar interrogativo dela, e ao pedido murmurado.

— Diga que me perdoa, Hareton, diga! Você pode me fazer tão feliz dizendo essa palavrinha.

Ele murmurou alguma coisa inaudível.

— E você vai ser meu amigo? — acrescentou Catherine.

— Não, vosmecê vai sentir vergonha de mim sua vida inteira — respondeu ele. — E mais envergonhada quanto mais me conhecer; e eu não vou guentiar isso.

— Então, você não vai ser meu amigo? — disse ela, sorrindo, doce como mel, e se aproximando ainda mais.

Não deu para eu ouvir mais nenhuma conversa inteligível; mas, ao dar uma olhada de novo, vi dois rostos tão radiantes voltados para a página do livro, que eu não duvidei de que o tratado havia sido ratificado de ambos os lados, e que os inimigos eram, a partir de então, aliados fiéis.

A obra que eles estudavam estava cheia de belas figuras que, somadas à posição dos dois jovens, tinham poder de atração suficiente para manter ambos imóveis, até Joseph voltar para casa. Ele, pobre homem, estava completamente horrorizado com o espetáculo de Catherine sentada no mesmo banco que Hareton Earnshaw, apoiando a mão no ombro dele, e espantado com o fato de seu favorito suportar a proximidade dela. Isso o afetou demais para permitir que ele fizesse qualquer observação sobre o assunto aquela noite. Sua emoção só foi aliviada com os profundos suspiros que ele soltou enquanto solenemente colocava sua grande Bíblia sobre a mesa, e a cobria com as sujas notas de dinheiro tiradas de seu bolso, o produto de suas transações do dia. Finalmente, ele fez Hareton sair do seu banco.

— Leva isso pro patrão, meu minino — disse ele —, e espera por lá, eu vô indo pro meu quarto. Esse canto aqui num é decente, nem bom pra nós; nós tem que saí, e percurá otro lugar.

— Vamos, Catherine — disse eu —, nós “tem que saí” também. Já acabei de passar a roupa, a senhorita está pronta para subir?

— Mas não são oito horas! — respondeu ela, levantando-se de má vontade. — Hareton, eu vou deixar este livro na cornija, e vou trazer mais amanhã.

— Cada livro que vosmecê dexá, eu vô levá eles pra dentro de casa — disse Joseph —, e vai sê muita sorte se vosmecê encontrá eles de novo, então, faça o que vosmecê quisé!

Catherine o ameaçou, dizendo que a biblioteca dele pagaria pela dela; e sorrindo ao passar por Hareton, subiu cantando, com o coração mais alegre, eu me arrisco a dizer, do que ela jamais havia sentido sob aquele teto antes, a não ser, talvez, durante suas primeiras visitas a Linton.

A intimidade, assim iniciada, cresceu rapidamente, embora ela passasse por interrupções temporárias. Earnshaw não seria civilizado de um dia para o outro, e minha patroazinha não era nenhuma filósofa, e nenhum modelo de paciência; mas as mentes de ambos se voltavam para o mesmo ponto: uma amando e desejando estimar, e o outro amando e desejando ser estimado; e, no final, os dois deram um jeito de alcançar o que queriam.

O senhor vê, Sr. Lockwood, que era fácil demais conquistar o coração da Sra. Heathcliff; mas agora eu estou feliz por o senhor não ter tentado. A realização de meus desejos vai ser a união desses dois; não vou sentir inveja de ninguém no dia do casamento deles — não haverá uma mulher mais feliz que eu em toda a Inglaterra!



XXXIII

Na manhã daquela segunda-feira, Earnshaw ainda não tinha condições de realizar suas tarefas habituais e, por isso, ficou por perto da casa; rapidamente percebi que seria impossível manter minha pupila perto de mim, como de costume.

Ela desceu antes que eu, e foi para o jardim, onde ela havia visto o primo fazendo algum serviço leve. Quando fui chamá-los para tomar o café da manhã, vi que ela o havia persuadido a abrir um grande espaço no canteiro onde estavam os arbustos de groselheira, e eles estavam atarefados planejando juntos uma importação de plantas da Granja.

Eu fiquei apavorada com a devastação que havia sido feita em uns meros trinta minutos; os arbustos de groselha preta eram a menina dos olhos de Joseph, e a Srta. Cathy havia resolvido fazer um canteiro de flores bem no meio deles!

— Pronto! Tudo isso vai ser mostrado para o patrão — exclamei — na hora em que for descoberto. E que desculpas vocês têm para tomarem tais liberdades com o jardim? Nós vamos ter uma bela de uma briga por causa disso: vejam se não vamos! Sr. Hareton, eu fico espantada por o senhor não ter mais juízo, por ter feito tanta desordem a pedido dela!

— Eu esqueci que elas eram do Joseph — respondeu Earnshaw, bastante perplexo —, mas eu digo pro Joseph que fui eu que fiz isso.

Nós sempre fazíamos nossas refeições com o Sr. Heathcliff. Eu ocupava o posto de patroa da casa fazendo o chá e cortando a carne; então eu era indispensável à mesa. Catherine geralmente se sentava perto de mim, mas naquele dia foi devagarzinho para perto do Hareton; eu logo vi que ela não seria mais discreta em sua amizade do que havia sido em sua hostilidade.

— E agora, veja lá, não vá conversar com seu primo e nem prestar muita atenção nele — foram minhas instruções ditas em voz baixa assim

que entramos na sala. — Isso com certeza vai aborrecer o Sr. Heathcliff, e ele vai ficar bravo com o dois.

— Eu não vou fazer isso — respondeu ela.

No minuto seguinte, ela já estava sentada ao lado dele, colocando primulas no prato de mingau do primo.

Ele não ousou falar com ela, ele mal ousava olhá-la; e, mesmo assim, ela foi provocando, até ele duas vezes ficar a ponto de explodir numa risada. Eu olhei feio, e então ela deu uma olhada rápida na direção do patrão, cuja mente estava ocupada com outros assuntos além das pessoas que lhe faziam companhia, como demonstrava o seu rosto, e ela ficou séria por um momento, observando-o com profunda gravidade. Em seguida, ela se voltou, e recomeçou com suas tolices; finalmente, Hareton soltou uma gargalhada abafada.

O Sr. Heathcliff teve um sobressalto; seus olhos rapidamente examinaram nossos rostos. Catherine o enfrentou com seu habitual olhar de nervosismo mesclado com desafio, que ele odiava.

— Ainda bem que você está fora de meu alcance — exclamou ele. — Que demônio se apossou de você para me encarar, continuamente, com esses olhos infernais? Abaixе esse olhar! E não me faça me lembrar de sua existência de novo. Eu pensei que havia curado você de sua vontade de rir!

— Fui eu — murmurou Hareton.

— O que você está dizendo? — perguntou o patrão.

Hareton olhou o seu prato e não repetiu a confissão.

O Sr. Heathcliff ficou encarando-o um pouco, e então silenciosamente continuou com sua refeição e com suas ponderações, que haviam sido interrompidas.

Nós quase havíamos acabado, e os dois jovens prudentemente ficaram bem longe um do outro; dessa forma eu não esperava mais problemas durante a refeição, quando Joseph apareceu na porta, revelando, por seus lábios trêmulos e olhos cheios de fúria, que o insulto cometido contra seus preciosos arbustos havia sido detectado.

Ele devia ter visto Cathy e o primo perto do lugar antes de examiná-lo, porque, embora seus maxilares se mexessem como os de uma vaca

ruminando, e tornassem sua fala difícil de entender, ele começou a dizer:

— Eu vô pegá meu dinheiro, e eu vô s'imbora! Eu bem que *gostaria* de morrê onde eu trabaiei por sessenta ano, e eu pensei qu'eu ia botá meus livro lá no sótão, e minhas coisa, e eles ia tê a cozinha pra eles; pr'eu ficá em paz. Foi difícil abri mão do meu cantinho perto do fogo, mas eu pensei que *dava* pr'eu fazê isso! Mas não, ela tirô meu jardim de mim e, palavra de honra, Patrão, num dá pr'eu guentá isso! Vosmecê pode baixá a cabeça, e vosmecê vai... *eu* num tô costumado com isso, e um home véio num se costuma logo com coisa nova; eu preferia de ganhá meu pão e minha vida carçano as estrada com uma marreta!

— Mas, seu idiota! — interrompeu Heathcliff. — Deixe disso! Qual é o seu problema? Não vou interferir em suas brigas com a Nelly. Por mim, ela pode jogar você no depósito de carvão.

— Num é a Nelly! — respondeu Joseph. — Eu é que num ia saí do meu lugar por causa da Nelly; infeliz inúti como ela é, graças a Deus!, *ela* num pode robá a arma de ninguém! Ela nunca que foi bonita pros home prestá tenção nela sem dá umas piscada. É essa princesa horrive e sem graça, que enfeitiçô nosso minino, com o zóio aceso dela, e os modo atrevido dela... até... Não! Isso corta meu coração! Ele esqueceu tudo o qu'eu fiz pra ele, e com ele, e foi direto rancá uma renca intera das groséia das mais bonita, lá no jardim!

E ele começou a se lamentar, debilitado pela noção de suas mais amargas ofensas, e pela ingratidão de Earnshaw e pelo perigoso estado em que ele se encontrava.

— O idiota está bêbado? — perguntou o Sr. Heathcliff. — Hareton, é com você que ele está bravo?

— Eu arranquei uns dois ou três arbustos — respondeu o jovem —, mas vou colocar eles no lugar de novo.

— E por que você os arrancou? — perguntou o patrão.

Catherine, muito esperta, fez sua intervenção.

— Nós queríamos plantar umas flores lá — exclamou ela. — Eu sou a única pessoa culpada, pois pedi para ele fazer isso.

— E quem diabos deu ordem para *você* encostar um dedo em uma folha do jardim? — perguntou seu sogro, bastante surpreso. — E quem deu ordens para *você* obedecê-la? — acrescentou ele, se voltando para Hareton.

Este estava sem fala; sua prima retrucou:

— O senhor não deveria se importar com um pedaço de jardim que eu quero enfeitar, quando tomou todas as minhas terras!

— Suas terras, sua desavergonhada insolente? Você nunca teve nada! — disse Heathcliff.

— E meu dinheiro — continuou ela, devolvendo o olhar irado dele, e, enquanto isso, mordendo um pedaço de casca de pão, o resto de seu café da manhã.

— Calada! — exclamou ele. — Termine o café, e suma!

— E as terras do Hareton, e o dinheiro dele — prosseguiu a criaturinha descuidada. — Hareton e eu somos amigos, agora; e vou contar para ele tudo a seu respeito!

O patrão ficou paralisado, perplexo, por alguns instantes; ele ficou pálido, e se levantou, olhando-a o tempo todo com uma expressão de ódio mortal.

— Se o senhor me bater, Hareton vai bater no senhor! — disse ela. — Então, é melhor o senhor voltar a se sentar.

— Se Hareton não colocar você para fora da sala, eu vou mandá-lo para o inferno — rugiu Heathcliff. — Bruxa maldita! Você ousa colocá-lo contra mim? Suma com ela! Está me ouvindo? Jogue-a na cozinha! Eu vou matá-la, Ellen Dean, se você deixar que ela apareça na minha frente de novo!

Em voz baixa, Hareton tentou persuadi-la a sair.

— Arraste-a daqui! — exclamou Heathcliff, furioso. — Você vai ficar falando? — e ele se aproximou para executar suas próprias ordens.

— Ele não vai mais obedecer às suas ordens, seu homem perverso, nunca mais! — disse Catherine. — E logo vai detestá-lo, tanto quanto eu!

— Quieta, quieta! — murmurou o jovem, em tom de censura. — Eu não vou ouvir você falando assim com ele. Chega!

— Mas você vai deixar que ele me bata? — exclamou ela.

— Já chega! — disse ele, com voz baixa e determinada.

Tarde demais: Heathcliff a havia agarrado.

— E agora *você* saia! — disse ele para Earnshaw. — Bruxa desgraçada! Desta vez ela me provocou quando eu não tinha condições de suportar; e vou fazê-la se arrepender para sempre!

A mão dele estava nos cabelos dela; Hareton tentou soltar os cachos, pedindo-lhe que não a machucasse dessa vez. Seus olhos negros brilhavam; ele parecia prestes a fazer Catherine em pedaços, e eu estava prestes a me arriscar e ir socorrê-la quando, subitamente, seus dedos se afrouxaram, ele passou a segurá-la pelo braço, e olhou fixamente o rosto dela. Então, ele passou a mão pelos olhos, ficou parado um momento, aparentemente para se recompor e, tornando a se voltar para Catherine, disse com uma calma fingida:

— Você tem de aprender a não me deixar fora de controle, ou eu vou mesmo matar você, qualquer hora! Vá com a Sra. Dean, e fique com ela, e limite sua insolência aos ouvidos dela. Quanto a Hareton Earnshaw, se eu o pegar escutando o que você diz, vou mandá-lo ganhar o pão onde ele possa consegui-lo! Seu amor vai fazer dele um pária, e um mendigo. Nelly, leve-a, e saiam daqui, todos vocês! Deixem-me sozinho!

Eu levei minha patroazinha para fora da sala; ela estava feliz demais por ter escapado, para resistir. O outro foi atrás, e o Sr. Heathcliff ficou com a sala só para ele, até a hora do jantar.

Eu havia aconselhado Catherine a jantar no andar de cima; mas, assim que ele viu o lugar dela vazio, ele me mandou chamá-la. Ele não falou com nenhum de nós, comeu muito pouco e logo depois saiu, avisando que não deveria voltar antes do anoitecer.

Durante a ausência dele, os dois novos amigos se acomodaram na casa, onde eu ouvi Hareton censurar sua prima com severidade por ela fazer uma revelação da conduta do sogro em relação ao pai dele.

Ele disse que não aceitaria que uma palavra fosse dita para ele contra o Sr. Heathcliff. Se ele fosse o demônio, isso não faria diferença: ele ficaria ao lado dele; e ele preferiria que ela o xingasse, como costumava fazer, a vê-la criticar o Sr. Heathcliff.

Catherine estava ficando irritada por causa disso; mas ele conseguiu fazê-la ficar de boca fechada perguntando se ela gostaria que ele falasse mal do pai dela. E então ela compreendeu que Earnshaw defendia a reputação do patrão com unhas e dentes, e estava unido a ele por laços tão fortes que a razão não conseguiria romper: elos forjados pelo costume, que seria uma crueldade tentar enfraquecer.

Ela demonstrou ter bom coração, daquele dia em diante, evitando tanto as queixas quanto as expressões de antipatia referentes à Heathcliff, e me confessou seu pesar por ter tentado causar atrito entre ele e Hareton. Na verdade, desde esse dia, eu não acredito que ela tenha murmurado contra seu opressor uma palavra sequer quando o primo estava por perto.

Quando essa ligeira desavença passou, eles ficaram unidos de novo, e tão entretidos quanto possível, em suas diversas tarefas de aluno e de professora. Eu vinha me sentar com eles, depois de ter terminado meu trabalho, e me sentia tão calma e confortada ao observá-los que não percebia o tempo passar. O senhor sabe, os dois pareciam, até certo ponto, meus filhos: por muito tempo eu tinha tido orgulho dela, e agora, eu tinha certeza, ele seria também uma fonte de igual satisfação. Sua natureza honesta, calorosa e inteligente afastou rapidamente as nuvens de ignorância e de degradação em que ele havia sido criado; e os louvores sinceros de Catherine agiram como um estímulo para a diligência dele. Sua mente, ao se iluminar, iluminou suas feições e acrescentou vivacidade e nobreza a seu aspecto. Eu mal podia imaginar que era a mesma criatura que havia visto no dia em que descobrira minha patroazinha no Morro dos Ventos Uivantes, depois do passeio dela às Colinas de Penistone.

Enquanto eu os admirava, e eles trabalhavam, a noite caiu, e com ela voltou o patrão. Ele se aproximou de nós inesperadamente, entrando pela porta da frente, e teve uma visão desobstruída de nós três antes que nós tivéssemos tempo de erguer nossas cabeças para olhá-lo.

Bem, refleti, nunca houve uma cena mais agradável, ou mais inofensiva, e vai ser uma vergonha das grandes repreender os dois. O fogo avermelhado iluminava as formosas cabeças dos dois, e mostrava suas faces, animadas com o ávido interesse das crianças; pois, embora ele tivesse vinte e três

anos, e ela dezoito, eles tinham tantas coisas novas para sentir e aprender que nenhum dos dois sentia ou demonstrava as sensações de uma maturidade sóbria e desencantada.

Eles ergueram juntos o olhar, e viram o Sr. Heathcliff. Talvez o senhor nunca tenha reparado que os olhos deles são idênticos, e são os olhos de Catherine Earnshaw. A atual Catherine não tem outra semelhança com ela, a não ser o formato da testa, e certo dilatar das narinas que a faz parecer muito arrogante, quer ela queira ou não. Em relação a Hareton, a semelhança vai ainda mais longe: ela é ímpar e se manifesta o tempo todo; e, naquele momento, ela era particularmente forte, porque seus sentidos estavam atentos, e suas faculdades mentais despertadas por uma atividade pouco habitual.

Eu suponho que essa semelhança tenha desarmado o Sr. Heathcliff: ele foi até a lareira, demonstrando evidente agitação, que no entanto logo passou enquanto ele olhava o rapaz; ou talvez eu devesse dizer que sua natureza apenas se alterou pois ainda estava presente.

Ele tirou o livro das mãos dele, e deu uma olhada rápida na página aberta; então o devolveu sem dizer nada, apenas fazendo um gesto para que Catherine saísse. O companheiro dela logo saiu também, e eu estava a ponto de ir atrás deles, mas o Sr. Heathcliff me disse para ficar um pouco mais.

— Mas se não é uma triste conclusão! — observou ele, tendo refletido um pouco a respeito da cena que acabara de testemunhar. — Um fim absurdo para meus esforços insanos? Eu pego alavancas e picaretas para demolir as duas casas, e me disciplino para ser capaz de trabalhar como Hércules; e, quando tudo está pronto e sob meu controle, percebo que a vontade de tirar uma sequer telha de cada telhado desapareceu! Meus antigos inimigos não me derrotaram; agora seria a hora exata de me vingar nos seus descendentes. Eu poderia fazer isso; ninguém conseguiria me impedir. Mas, qual é a serventia? Não tenho vontade de bater, não vou me dar ao trabalho de erguer a mão! Isso soa como se eu tivesse labutado o tempo todo apenas para mostrar um belo traço de magnanimidade. Isso está

longe de ser verdade: eu perdi a capacidade de apreciar a destruição deles, e estou indolente demais para destruir à toa.

Nelly, uma estranha mudança está se aproximando; estou muito perto dela, agora. Sinto tão pouco interesse pela vida quotidiana que mal me lembro de comer e de beber. Esses dois, que acabaram de sair daqui, são os únicos objetos que retêm uma aparência material definida para mim; e essa aparência me causa dor, uma dor que beira a agonia. A respeito *dela*, não vou falar, e não quero pensar; mas eu sinceramente gostaria que ela fosse invisível: a presença dela invoca apenas sensações enlouquecedoras. *Ele* me afeta de maneira diferente; e, contudo, se eu pudesse fazer isso sem correr o risco de parecer insano, nunca mais o veria! Você talvez pense que estou inclinado a perder a razão — acrescentou ele, fazendo um esforço para sorrir — se eu tentar descrever os milhares de associações e de ideias passadas que ele desperta, ou personifica... Mas você não vai falar a respeito do que eu estou contando, e minha mente está tão eternamente voltada para si mesma que, finalmente, é tentador voltá-la para outra pessoa.

Cinco minutos atrás, Hareton parecia uma personificação de minha juventude, não um ser humano. Eu me identifiquei com ele de modos tão diversos que teria sido impossível me dirigir a ele racionalmente.

Em primeiro lugar, sua extraordinária semelhança com Catherine estabeleceu uma perigosa ligação dele com ela. Porém, isso que você poderia supor fosse o fator mais poderoso para atrair minha imaginação é, na verdade, o mais fraco, pois, para mim, o que não está conectado com ela? Eu não consigo olhar para o chão, sem que os traços dela não estejam fixados nas pedras! Em cada nuvem, em cada árvore... preenchendo o ar da noite, e percebida por lampejos em cada objeto durante o dia, eu estou rodeado pela imagem dela! A semelhança zomba de mim nas faces mais comuns de homens e de mulheres, nos meus próprios traços. O mundo todo é uma pavorosa coleção de lembranças de que ela existiu, e de que eu a perdi!

Bem, a aparência de Hareton era o fantasma do meu amor imortal, de meus esforços enlouquecidos para garantir meus direitos, de minha

degradação, do meu orgulho, da minha felicidade e da minha angústia...

Mas, é loucura repetir esses pensamentos para você; eles só vão lhe explicar por que, mesmo eu relutando em estar sempre sozinho, a companhia de Hareton não me é benéfica! Pelo contrário, ela aumenta o tormento constante que sofro; e isso em parte contribuiu para que eu me sinta indiferente ao modo como ele e sua prima estão se relacionando. Não consigo dar-lhes atenção, não mais.

— Mas o que o senhor quer dizer com uma *mudança*, Sr. Heathcliff? — perguntei, assustada com os modos dele, embora ele não estivesse nem correndo o risco de perder os sentidos, nem de morrer. De acordo com minha opinião, ele estava bem forte e saudável; e, quanto ao seu modo de pensar, desde a infância ele tinha sentido prazer em se dedicar a pensamentos sombrios e se entregar a estranhas fantasias. Ele podia ter sido obcecado pelo tema de seu ídolo morto; mas, em todos os outros aspectos, o raciocínio dele era tão bom quanto o meu.

— Eu não vou saber o que é, até que ela chegue — disse ele. — Só tenho uma consciência parcial dela, agora.

— O senhor não está se sentindo doente, está? — perguntei.

— Não, Nelly, não estou — respondeu ele.

— Então, o senhor não está com medo da morte? — prossegui.

— Medo? Não! — respondeu ele. — Eu não tenho nem medo, nem um pressentimento, nem uma esperança de morrer. E por que deveria ter? Com minha constituição rija, e meus modos de vida morigerados, e ocupações que não apresentam riscos, eu devo, e provavelmente *irei*, ficar aqui na Terra até que mal se encontre um fio de cabelo negro em minha cabeça. E, no entanto, não consigo continuar desse jeito! Eu tenho de me lembrar de respirar, quase! Tenho de lembrar ao meu coração que ele tem de bater! E é como dobrar uma mola enrijecida; é por compulsão que eu faço o menor ato que não seja incitado por um pensamento, e por compulsão, que eu me dou conta de qualquer coisa viva, ou morta, que não esteja associada a uma ideia universal. Eu tenho um único desejo, e todo meu ser e minhas faculdades estão ansiando para alcançá-lo. E eles estão ansiando por isso há tanto tempo, e com tanta resolução, que estou convencido de que ele *vai* ser

alcançado, e *logo*, porque ele devorou minha existência. Eu fui tragado pela antecipação de sua realização.

Minhas confissões não me trouxeram alívio, mas elas podem explicar algumas fases do meu estado de espírito que tenho demonstrado e que, de outra forma, seriam incompreensíveis. Oh, Deus! É uma longa luta! Eu gostaria que ela se acabasse!

Ele começou a andar pelo quarto, murmurando coisas horríveis para si mesmo, até eu me sentir inclinada a acreditar, como ele disse que Joseph pensava, que sua consciência havia transformado seu coração em um inferno na terra. Eu fiquei pensando como aquilo iria terminar.

Embora poucas vezes antes ele tivesse revelado esse estado de espírito, mesmo através de olhares, era seu estado habitual, não tenho dúvidas: ele próprio afirmou isso; mas nem uma pessoa sequer, vendo o comportamento dele, teria pensado no fato. O senhor não pensou, quando o viu, Sr. Lockwood; e nessa época de que estou falando, ele estava com essa mesma disposição, somente um pouco mais inclinado à contínua solidão, e talvez ainda mais lacônico na companhia dos outros.



XXXIV

Por alguns dias depois daquela noite, o Sr. Heathcliff evitou se encontrar conosco para as refeições; no entanto, ele não consentia, formalmente, em excluir Hareton e Cathy. Ele tinha aversão a ceder tão completamente aos próprios sentimentos, preferindo, ao contrário, se ausentar; e comer uma vez a cada vinte e quatro horas parecia dar-lhe sustento suficiente.

Uma noite, depois de todos terem ido dormir, eu o ouvi descer as escadas, e sair pela porta da frente; eu não o ouvi entrar de volta e, de manhã, descobri que ele ainda estava fora.

Nós estávamos em abril: o tempo estava agradável e cálido, a grama tão verde quanto as chuvas e a luz do sol poderiam deixá-la, e as duas macieiras anãs, perto do muro ao sul da casa, floresciam.

Depois do café da manhã, Catherine insistiu que eu levasse uma cadeira e me sentasse, com meu trabalho, sob os abetos no canto da casa; e instigou Hareton, que estava então perfeitamente recuperado de seu acidente, a cavar e arrumar o jardimzinho dela, que havia sido transferido para aquele canto sob a influência das reclamações de Joseph.

Eu estava confortavelmente me deliciando com a fragrância primaveril ao meu redor, e com o doce e belo azul do céu acima, quando minha patroazinha, que havia dado uma corrida até perto do portão em busca de alguns brotos de primulas para fazer a cercadura, voltou com as mãos apenas parcialmente cheias, e nos informou que o Sr. Heathcliff estava vindo.

— E ele falou comigo — acrescentou ela, com a fisionomia perplexa.

— O que ele disse? — perguntou Hareton.

— Ele me disse para eu sumir o mais rápido que pudesse — respondeu ela. — Mas ele tinha uma aparência tão diferente da habitual, que eu parei um momento para ficar encarando-o.

— Como? — perguntou Hareton.

— Ora, quase alegre e animado... não, quase pouco... muito entusiasmado *mesmo*, e enlouquecido e alegre! — respondeu ela.

— Então seus passeios noturnos o divertem — observei, fingindo não me importar. Na verdade, estava tão espantada quanto ela e ansiosa para verificar a veracidade de sua afirmação, pois ver o patrão com aparência feliz não seria um acontecimento de todos os dias. Arrumei uma desculpa para entrar.

Heathcliff estava parado na porta aberta. Ele estava pálido e tremia; entretanto, com certeza, havia um estranho brilho de felicidade em seus olhos que alterava o aspecto de todo seu rosto.

— O senhor quer tomar o café da manhã? — perguntei. — O senhor deve estar com fome, depois de ficar perambulando a noite inteira!

Eu queria descobrir onde ele havia estado, mas não queria perguntar diretamente.

— Não, não estou com fome — respondeu ele, virando o rosto e falando com um tom cheio de desprezo, como se intuísse que eu estava tentando adivinhar a razão de seu bom humor.

Eu fiquei perplexa, sem saber se aquela seria a ocasião adequada para oferecer um pouco de conselhos.

— Não acho que seja certo ficar andando por aí — observei —, em vez de ficar na cama. Não é uma coisa sensata, de qualquer modo, nesta época úmida. Eu me arriscaria a dizer que o senhor vai pegar um resfriado forte, ou uma febre; há alguma coisa estranha com o senhor, agora!

— Nada que eu não consiga suportar — retrucou ele —, e com o maior prazer, desde que você me deixe em paz. Vá, e não me aborreça.

Eu obedeci e, ao passar, percebi que a respiração dele estava rápida como a de um gato.

Sim, eu fiquei pensando com meus botões, nós vamos ter alguém doente. Não consigo imaginar o que ele anda fazendo!

Naquela noite, ele se sentou para jantar conosco e recebeu um prato cheio das minhas mãos, como se desejasse compensar o jejum anterior.

— Eu não estou resfriado, nem com febre, Nelly — observou ele, aludindo às palavras que eu dissera de manhã. — E estou pronto para fazer justiça à comida que você me deu.

Ele pegou a faca e o garfo, e ia começar a comer, quando a vontade pareceu se extinguir repentinamente. Ele colocou os talheres sobre a mesa, olhou ansioso para o lado da janela, e então se levantou e saiu.

Nós o vimos andando de um lado para o outro, no jardim, enquanto terminávamos nossa refeição. Earnshaw disse que iria lá perguntar por que ele não queria comer, pois ele achava que nós o havíamos aborrecido de algum jeito.

— Bem, ele vem vindo? — exclamou Catherine, quando seu primo tornou a entrar.

— Não — respondeu ele —, mas ele parecia muito feliz mesmo! Só ficou impaciente porque eu falei com ele duas vezes, e então me mandou vir ficar com você. Ele não conseguia entender como eu preferia a companhia de qualquer outra pessoa.

Eu coloquei o prato dele, para mantê-lo aquecido, perto da lareira. Depois de uma ou duas horas, quando o cômodo estava vazio, ele entrou de novo, e nem um pouco mais calmo: a mesma aparência inatural (ela não era natural) de felicidade sob suas sobrancelhas negras; a mesma palidez, e os dentes visíveis, de vez em quando, em um tipo de sorriso. O corpo dele termia, não como a pessoa treme quando está resfriada ou fraca, mas como vibra uma corda esticada em excesso; mais como uma agitação, e não um tremor.

Eu vou perguntar o que está acontecendo, pensei; quem mais poderia perguntar? E exclamei:

— Recebeu boas notícias, Sr. Heathcliff? O senhor está com uma aparência estranhamente animada.

— E de onde viriam boas notícias para mim? — disse ele. — Eu estou animado por causa da fome; e, aparentemente, não posso comer.

— Seu jantar está aqui — retruquei. — Por que o senhor não o comeria?

— Eu não quero agora — murmurou ele, rapidamente. — Eu vou esperar até a hora da ceia. E, Nelly, de uma vez por todas, por favor, fale para Hareton e a outra ficarem fora de minhas vistas. Não quero ser perturbado por ninguém; quero este cômodo somente para mim.

— Há alguma nova razão para esse banimento? — perguntei. — Diga-me porque o senhor está tão estranho, Sr. Heathcliff! Onde o senhor esteve a noite passada? Eu não estou perguntando por pura curiosidade, mas...

— Você está perguntando por pura curiosidade — interrompeu ele, com uma risada. — No entanto, vou responder. A noite passada, eu estive no limiar do inferno. Hoje, estou a poucos passos de meu paraíso. Eu o estou vendo... nem um metro me separa dele! E agora é melhor você ir. Você não vai ver nem ouvir nada que possa assustá-la, se não ficar se intrometendo.

Tendo varrido o chão perto da lareira e tirado a mesa, eu saí mais perplexa que antes.

Ele não saiu mais de casa naquela tarde, e ninguém se intrometeu na solidão dele, até que, às oito horas, eu achei melhor, embora não tivesse sido solicitada, levar uma vela e a ceia para ele. Ele estava recostado à borda de uma gelosia aberta, mas não estava olhando para fora; seu rosto estava voltado para a penumbra do interior. O fogo havia se apagado e se transformado em cinzas; o cômodo estava repleto do ar úmido e morno da noite cheia de nuvens, e tão parado, que não apenas o murmúrio do ribeiro lá em Gimmerton podia ser ouvido, mas suas ondulações e seu marulhar sobre os pedregulhos, ou entre as pedras maiores que ele não cobria.

Eu soltei uma exclamação de descontentamento ao ver a grade da lareira tão suja, e comecei a fechar os postigos, um depois do outro, até me aproximar daquele em que ele se encontrava.

— Devo fechar este? — perguntei, para atraí-lo, pois ele não se mexia.

A luz incidiu em seu rosto, enquanto eu falava. Oh, Sr. Lockwood, não tenho como dizer que susto senti, com aquela visão momentânea! Aqueles olhos negros e fundos! Aquele sorriso, e aquela palidez mortal! Para mim, não parecia o Sr. Heathcliff, e sim uma aparição; aterrorizada, deixei a vela se inclinar na direção da parede, e ela me deixou na escuridão.

— Sim, feche — respondeu ele, com sua voz costumeira. — Mas veja só, se não é pura falta de jeito! Por que você segurou a vela na horizontal? Ande rápido, e traga outra.

Eu saí correndo tomada por um medo infantil, e disse para Joseph:

— O patrão quer que você leve uma vela para ele, e torne a acender o fogo — pois eu não ousava voltar lá naquele momento.

Joseph colocou um pouco de brasas na pá, e foi; mas trouxe tudo de volta na mesma hora, com a bandeja da ceia na outra mão, explicando que o Sr. Heathcliff estava indo dormir e que ele não queria comer nada até de manhã.

Nós o ouvimos subindo as escadas na mesma hora; ele não foi para o quarto que costumava ocupar, mas se dirigiu para aquele que tinha a cama de carvalho. A janela daquele cômodo, como já mencionei antes, é larga o suficiente para qualquer pessoa passar por ela, e eu tive a sensação de que ele estava planejando outro passeio noturno, a respeito do qual ele preferia que nós não tivéssemos a menor ideia.

Será ele um espírito do mal, ou um vampiro?, fiquei pensando. Eu tinha lido sobre esses horríveis demônios encarnados. E então comecei a pensar como eu tinha cuidado dele na infância, e como o vi crescer e ser tornar um jovem. Tinha ficado ao lado dele praticamente durante todo o tempo! Que coisa mais absurda era eu me deixar vencer por aquela sensação de terror.

Mas, de onde ele veio, aquela criaturinha morena, acolhida por um bom homem para ser sua danação?, murmurou a superstição, enquanto eu pegava no sono. E, meio dormindo, comecei a imaginar uma família adequada para ele; e, repetindo meus pensamentos de quando estava acordada, segui o rumo da existência dele uma vez mais, com variantes aflitivas. Por fim, imaginava sua morte e funeral, dos quais tudo de que eu consigo me lembrar é o fato de estar extremamente aborrecida por ter a função de ditar uma inscrição para a lápide dele, e consultar o coveiro a respeito do assunto; e, como ele não tinha sobrenome, e nós não sabíamos dizer a idade dele, fomos obrigados a nos contentar com a única palavra, “Heathcliff”. Isso acabou se tornando verdade; fomos mesmo obrigados a

isso. Se o senhor entrar no campo-santo, vai ler na lápide dele apenas um nome e a data de sua morte.

O amanhecer me fez voltar ao meu bom senso. Eu me levantei e fui para o jardim, assim que havia luz suficiente, para ver se havia pegadas sob a janela dele. Não havia nenhuma.

Ele ficou em casa, pensei, e vai ficar bem hoje!

Eu preparei o café da manhã para todos, como era meu costume, mas disse para Hareton e Catherine tomarem o deles antes de o patrão descer, pois ele ia ficar deitado até mais tarde. Eles preferiram comer ao ar livre, sob as árvores, e eu ajeitei uma mesinha para acomodá-los.

Ao tornar a entrar, percebi que o Sr. Heathcliff estava lá embaixo. Ele e Joseph estavam conversando a respeito de alguns negócios da propriedade; ele deu instruções claras e precisas sobre o assunto, mas falou muito rápido, e voltava continuamente a cabeça para o lado, e tinha a mesma expressão excitada, ainda mais exagerada.

Quando Joseph saiu, ele se sentou no lugar em que normalmente ficava, e eu coloquei uma tigela de café na sua frente. Ele a puxou mais para perto, e então apoiou os braços na mesa e olhou para a parede oposta, como eu supus, examinando um pedaço particular dela, de alto a baixo, com olhos brilhantes e inquietos, e com tamanho interesse que sua respiração parou por cerca de meio minuto.

— Vamos! — exclamei, empurrando um pedaço de pão para perto da mão dele. — Coma e beba isso, enquanto está quente. A comida está a sua espera há quase uma hora.

Ele não percebeu minha presença, e ainda assim sorriu. Eu preferiria tê-lo visto ranger os dentes a vê-lo sorrir daquela maneira.

— Sr. Heathcliff! Patrão! — gritei. — Pelo amor de Deus, não fique olhando desse jeito, como se tivesse visto uma alma do outro mundo.

— Pelo amor de Deus, não grite tão alto — respondeu ele. — Olhe ao redor e me diga, estamos sozinhos?

— Claro — foi minha resposta. — É claro que estamos!

Mesmo assim, involuntariamente eu obedeci, como se não tivesse muita certeza.

Com um gesto das mãos, ele abriu um espaço adiante, entre a louça do café da manhã, e se inclinou para frente, para olhar com maior comodidade.

Então, eu percebi que ele não estava olhando para a parede, pois quando o olhei, tive a exata impressão de que ele olhava alguma coisa a dois metros de distância. E, o que quer que fosse, aquilo proporcionava, aparentemente, tanto prazer quanto dor, em extremos singulares; pelo menos, a expressão angustiada e ao mesmo tempo extasiada de seu rosto sugeria essa ideia.

O objeto imaginado não estava parado, tampouco; os olhos de Heathcliff o seguiam com vigilância incansável, e, mesmo quando ele falava comigo, eles nunca se afastavam.

Em vão eu falei com ele a respeito de sua prolongada abstinência de comida; se ele se movesse para tocar em alguma coisa, atendendo às minhas súplicas, se ele esticasse o braço para pegar um pedaço de pão, seus dedos se cerravam, antes de pegá-lo, e permaneciam sobre a mesa, esquecidos de seu objetivo.

Eu me sentei, perfeito modelo de paciência, tentando atrair a atenção dele, consumida por sua introvertida especulação, até ele se irritar e se levantar, perguntando por que eu não o deixava fazer suas refeições quando tivesse vontade e dizendo que, da próxima vez, eu não precisava ficar servindo; eu poderia colocar a mesa e sair.

Tendo pronunciado essas palavras, ele saiu da casa, andando devagar pelo caminho do jardim, e desapareceu através do portão.

As horas se arrastaram, cheias de ansiedade, outra noite chegou. Eu só fui me deitar quando já era bem tarde; e quando me deitei, não conseguia dormir. Ele voltou depois da meia-noite e, ao invés de ir para a cama, se trancou no quarto lá embaixo. Eu ouvi, e fiquei me revirando na cama; finalmente, me vesti e descí. Era cansativo demais ficar lá deitada, me apoquentando com centenas de fúteis apreensões.

Eu distingi os passos do Sr. Heathcliff, incansavelmente andando de um lado para o outro; ele frequentemente quebrava o silêncio com uma inspiração profunda, que se parecia com um gemido. Ele também murmurava palavras isoladas; a única que eu consegui entender foi o nome de Catherine, misturado com alguma sentida expressão afetuosa ou de

sofrimento. Ele falava como alguémalaria com uma pessoa que estivesse presente: em voz baixa e sincera, vinda do fundo de sua alma.

Eu não tinha coragem de entrar direto naquele cômodo, mas queria afastá-lo de seus devaneios, e, por isso, me concentrei no fogo da cozinha, aticei-o e comecei a varrer as cinzas. Isso o fez sair antes do que eu esperava. Ele abriu a porta imediatamente e disse:

— Nelly, venha cá... já amanheceu? Traga sua vela.

— Já vão soar quatro horas da manhã — respondi. — O senhor deve querer uma vela para levar lá para cima; pode acender uma neste fogo.

— Não, eu não quero ir para cima — disse ele. — Venha cá, e acenda o fogo para *mim*, e faça o que for preciso fazer neste cômodo.

— Eu preciso atizar o carvão primeiro, antes de poder levar um pouco aí — respondi, pegando uma cadeira e o fole.

Enquanto isso ele ficou andando de um lado para o outro, em um estado que se aproximava do desespero; os suspiros profundos sucediam uns aos outros com tanta frequência a ponto de não deixar espaço para uma respiração normal entre eles.

— Quando amanhecer, vou chamar Green — disse ele. — Quero esclarecer algumas dúvidas legais com ele enquanto consigo dirigir um pensamento a esses assuntos, e enquanto tenho condições de agir com calma. Ainda não fiz meu testamento e não consigo decidir como deixar minha propriedade! Eu gostaria de poder aniquilar tudo da face da Terra!

— Eu nãoalaria desse jeito, Sr. Heathcliff — interrompi. — Deixe o seu testamento em paz por enquanto; o senhor será poupado do arrependimento de suas muitas injustiças, ainda! Eu nunca esperei que seus nervos pudessem ser afetados, eles estão, agora, e demais, entretanto; e quase que unicamente por sua culpa. O jeito como o senhor passou estes últimos três dias teria derrubado um Titã! Coma alguma coisa, e descanse um pouco. O senhor só precisa se olhar no espelho para ver como está precisando de ambos. Seu rosto está encovado, e seus olhos injetados de sangue, como os de uma pessoa que está morrendo de fome e quase cega por falta de sono.

— Não é minha culpa se eu não consigo comer ou descansar — retrucou ele. — Garanto para você que não é por desígnio meu. Vou fazer os dois, assim que for possível. Seria a mesma coisa você pedir a um homem que está se debatendo na água que descansasse a poucas braçadas da praia! Eu preciso alcançá-la primeiro, e então vou descansar. Bem, pouco importa o Sr. Green; quanto a me arrepender de minhas injustiças, não cometi nenhuma injustiça, e não me arrependo de nada. Estou muito feliz e, contudo, não estou feliz o suficiente. O êxtase de minha alma está matando meu corpo, mas ela não se satisfaz.

— Feliz, patrão? — exclamei. — Mas que estranha felicidade! Se o senhor me ouvisse sem ficar bravo, eu poderia lhe oferecer alguns conselhos que o fariam ficar mais feliz.

— E quais seriam eles? — perguntou Heathcliff. — Ofereça-os.

— O senhor se dá conta, Sr. Heathcliff — disse eu —, de que, desde a época em que tinha treze anos de idade, o senhor tem vivido uma vida egoísta e pouco cristã? Provavelmente nunca teve uma Bíblia nas mãos durante todo esse tempo. O senhor deve ter se esquecido do conteúdo desse livro, e talvez não tenha ocasião para procurá-lo agora. Seria tão penoso mandar chamar alguém, um ministro de qualquer denominação, não importa qual, para explicar esse conteúdo, e mostrar como o senhor se afastou de seus preceitos, e quão pouco preparado estará para o céu, a não ser que ocorra uma mudança antes de o senhor morrer?

— Eu estou mais agradecido do que bravo, Nelly — disse ele —, por você me fazer pensar na maneira como desejo ser enterrado. Devo ser levado ao cemitério à noite. Você e Hareton podem, se quiserem, me acompanhar; e preste muita atenção para o que coveiro obedeça às minhas instruções relacionadas aos dois caixões! Nenhum ministro precisa aparecer e nada precisa ser dito a meu respeito. Eu vou lhe dizer, já quase alcancei o meu céu; quanto a esse das outras pessoas, ele é tão desvalorizado quanto pouquíssimo cobiçado por mim!

— E suponhamos que o senhor persistisse nesse jejum obstinado, e morresse por causa disso, e eles se recusassem a enterrá-lo no recinto da

igreja? — disse eu, chocada com a indiferença dele com a religião. — O senhor gostaria disso?

— Eles não vão fazer isso — retrucou ele. — Se fizerem, você deve providenciar para que eu seja removido em segredo; e se negligenciar isso, você vai provar, na prática, que os mortos não são aniquilados!

Assim que ouviu os outros membros da família se mexendo ele se retirou para o seu antro, e eu respirei aliviada. Mas, à tarde, enquanto Joseph e Hareton estavam trabalhando, ele veio até a cozinha de novo, e com um olhar alucinado, me pediu que fosse me sentar na casa, ele queria alguém do lado dele.

Eu me recusei, dizendo abertamente que a conversa e os modos estranhos dele me assustavam, e que eu não tinha nem a coragem e nem a vontade de ficar a sós em sua companhia.

— Acho que você me considera um demônio! — disse ele, com sua risada sombria. — Alguma coisa horrível demais para viver sob um teto decente!

Então, voltando-se para Catherine, que estava lá e se escondera atrás de mim com a aproximação dele, ele acrescentou, com um pouco de desprezo:

— Você vem, benzinho? Não vou machucar você. Não! Para você, eu sou pior que o demônio. Bem, há uma pessoa que não vai fugir de minha companhia! Por Deus! Ela é incansável. Oh, maldição! Nem dá para exprimir como isso é demais para a carne e o sangue suportarem, até mesmo os meus.

Ele não solicitou a companhia de ninguém mais. Ao anoitecer, ele foi para seu quarto. A noite inteira e até a manhã já estar adiantada, nós o ouvimos gemendo e falando consigo mesmo. Hareton estava ansioso para entrar, mas eu lhe disse para ir buscar Kenneth, que deveria vir vê-lo.

Quando Kenneth veio e eu pedi para entrar, tentando abrir a porta, descobri que ela estava trancada; Heathcliff nos mandou para o inferno. Ele estava melhor, e queria ficar sozinho; então o médico foi embora.

O dia seguinte estava muito úmido. Na verdade, chovia a cântaros, desde o amanhecer; e, enquanto eu fazia a minha caminhada matinal ao

redor da casa, vi que a janela do quarto do patrão se agitava, aberta, e a chuva entrava direto por ela.

Ele não pode estar na cama, pensei; essa chuva o deixaria molhado até os ossos! Ou ele já se levantou, ou saiu. Mas eu não vou mais ficar protelando, vou criar coragem e olhar!

Tendo conseguido entrar com auxílio de outra chave, corri para abrir os painéis, pois o quarto estava vazio; ao colocá-los rapidamente para o lado, eu dei uma olhada. O Sr. Heathcliff estava lá, deitado de costas.

Os olhos dele se encontraram com os meus, tão penetrantes e ferozes, que eu tive um sobressalto; e então ele pareceu sorrir.

Não dava para eu pensar que ele estivesse morto, mas seu rosto e a garganta estavam encharcados por causa da chuva; as roupas de cama pingavam, e ele estava absolutamente imóvel. A gelosia, batendo de um lado para o outro, havia arranhado uma das mãos que se apoiava no peitoril; o sangue não corria da pele ferida, e quando encostei meus dedos nela, não podia mais ter dúvidas: ele estava morto e rígido!

Eu fechei a janela; afastei seu longo cabelo negro de sua testa; tentei fechar seus olhos, para acabar, se possível, com aquele pavoroso olhar de exultação que parecia tão vivo, antes que qualquer outra pessoa pudesse vê-lo. Eles não se fechavam; pareciam caçoar de minhas tentativas, e seus lábios entreabertos e seus dentes brancos e aguçados caçoavam também! Tomada por outro ataque de covardia, gritei chamado Joseph. Joseph subiu arrastando os pés, e fez um barulhão, mas se recusou terminantemente a lidar com ele.

— O capeta levô a arma dele — exclamou o velho — e por mim ele deve de levá a carcaça dele também, de contrapeso. Ora! Que jeito ruim ele tem, como quem tá se rindo pra morte! — disse o velho pecador rindo com jeito de caçoadada.

Eu achei que ele pretendia sair pulando em volta da cama; mas, subitamente se recompondo, ele caiu de joelhos e ergueu as mãos para o céu, e deu graças pelo fato de o patrão de verdade e a antiga linhagem terem recuperado seus direitos.

Eu fiquei perplexa com o espantoso acontecimento; e inevitavelmente minhas lembranças se voltaram para os tempos antigos com um tipo de tristeza opressiva. Mas o pobre do Hareton, que havia sido mais prejudicado, foi o único que realmente sofreu bastante. Ele ficou sentado ao lado do corpo a noite inteira, chorando com muito sentimento. Ele segurava a mão dele, e beijava aquele rosto sarcástico e selvagem que todos os outros evitavam contemplar; e lamentava a morte dele com a tristeza profunda que surge naturalmente de um coração generoso, apesar de tão duro quanto o aço temperado.

Kenneth não conseguiu estabelecer qual havia sido a causa da morte do patrão. Eu ocultei o fato de ele não ter comido nada por quatro dias, com medo de isso poder causar problemas. Além do mais, tenho certeza de que ele não se absteve de propósito; foi a consequência de sua estranha doença, e não a causa.

Nós o enterramos, para escândalo de toda a vizinhança, como ele havia desejado. Earnshaw, eu, o coveiro e seis homens para carregar o caixão, formávamos todo o cortejo.

Os seis homens partiram quando deixaram o caixão no túmulo: nós ficamos para vê-lo sendo coberto. Hareton, com a face coberta de lágrimas, pegou céspedes verdes e colocou-as sobre o monte de terra com as próprias mãos. Agora, o túmulo está tão liso e verdejante quanto os túmulos vizinhos. E espero que seu ocupante repouse igualmente tranquilo. Mas o povo da região, se o senhor perguntar, havia de jurar sobre a Bíblia que ele *caminha*. Há quem fale que o encontrou perto da igreja, e na charneca, e mesmo dentro desta casa. Bobagens, o senhor vai dizer, e assim digo eu. Contudo, o velho que está lá ao pé do fogo afirma ter visto duas pessoas olhando pela janela do quarto dele, todas as noites de chuva, desde a morte de Heathcliff, e uma coisa estranha aconteceu comigo cerca de um mês atrás.

Eu estava indo para a Granja uma noite (uma noite escura que ameaçava chuva) e, bem na curva do Morro, eu me encontrei com um menininho com um carneiro e dois cordeiros à frente dele; ele chorava com todas as forças,

e eu achei que os cordeiros estivessem assustadiços e não aceitassem ser conduzidos.

— Qual é o problema, meu rapazinho? — perguntei.

— É o Heathcliff co' uma mulher que tão lá, no topo do morro — soluçou ele —, e eu num tenho corage de passá por eles.

Eu não vi nada; mas nem os animais e nem ele saíam do lugar, então eu lhe disse para pegar a estrada mais lá para baixo.

Provavelmente ele mesmo criou os fantasmas, enquanto atravessava sozinho a charneca, pensando nas tolices que tinha ouvido os pais e os amigos repetindo. Mesmo assim, não gosto de sair no escuro, agora; e não gosto de ficar sozinha nesta casa desolada... eu não consigo evitar. Vou ficar muito feliz quando eles saírem daqui e se mudarem para a Granja!

— Então eles vão morar na Granja? — perguntei.

— Sim — respondeu a Sra. Dean. — Assim que eles se casarem; e isso vai acontecer no Dia de Ano Novo.

— E então quem vai ficar morando aqui?

— Ora, Joseph vai tomar conta da casa e talvez um garoto venha lhe fazer companhia. Eles vão morar na cozinha, e o resto vai ser fechado.

— Para uso dos fantasmas que resolvam habitar na casa — observei.

— Não, Sr. Lockwood — disse Nelly, balançando a cabeça. — Eu acredito que os mortos estejam em paz, mas não é certo falar deles com leviandade.

Nesse momento, o portão do jardim se escancarou; os caminhantes estavam voltando.

— *Eles* não têm medo de nada — resmunguei, observando sua aproximação pela janela. — Juntos, enfrentariam Satã e todas as suas legiões.

Enquanto eles chegavam à soleira da porta e paravam para dar uma última olhada na lua ou, para ser mais exato, olhar um para o outro à luz da lua, eu me senti irresistivelmente impelido a fugir deles de novo; e, colocando uma lembrança nas mãos da Sra. Dean e ignorando as censuras dela à minha rudeza, desapareci pela cozinha, enquanto eles abriam a porta da casa, e desse modo teria confirmado a opinião de Joseph a respeito das

indiscrições de sua companheira de serviço, se não tivesse ele, felizmente, me reconhecido como uma pessoa respeitável ante o doce tinir de um soberano a seus pés.

Minha caminhada para casa foi prolongada por um desvio na direção da igreja. Quando estava sob seus muros, eu percebi que a decadência havia feito progresso, mesmo em sete meses: muitas janelas mostravam fendas negras desprovidas de vidros. As telhas sobressaíam, aqui e ali, além da linha do teto, para serem gradualmente destruídas pelas próximas tempestades de outono.

Eu procurei, e logo descobri, as três lápides na encosta perto da charneca: a do meio, cinzenta e quase coberta pela urze, a de Edgar Linton, apenas suavizada pela turfa e o musgo que cresciam a seus pés; e a de Heathcliff, ainda nua.

Eu permaneci perto delas um pouco, sob aquele céu tranquilo. Vi as mariposas esvoaçando entre as urzes e as campânulas; ouvi o vento suave soprando entre o mato, e fiquei pensando como qualquer pessoa jamais poderia imaginar um repouso inquieto para quem repousava naquela terra tranquila.



POSFÁCIO

ESTRANHO AMOR

LENITA MARIA RIMOLI ESTEVES*

Nem seria necessário dizer como é difícil escrever sobre uma obra que já foi tão comentada, estudada e discutida. Pensei, então, em partir de dois pontos principais: um deles é o impacto dessa obra em um leitor dos nossos dias, principalmente nos leitores mais jovens. O segundo ponto seria o amor entre Heathcliff e Catherine e o modo como a construção desse amor se dá ao longo da narrativa — tudo isso em uma visão muito pessoal.

Partindo então do primeiro ponto: sem dúvida, *O Morro dos Ventos Uivantes* deve causar estranhamento em um jovem leitor dos nossos tempos. O isolamento dos habitantes das duas propriedades quase vizinhas — o Morro dos Ventos Uivantes e a Granja da Cruz do Tordo — em relação ao resto do mundo é algo que com certeza chamaria atenção de um leitor contemporâneo. Além disso, várias características que derivam desse isolamento, como as uniões entre membros das duas famílias, que até causam confusão numa primeira leitura, mesmo porque os nomes se repetem. Outro fator que chama a atenção é como os personagens estão integrados à natureza que os rodeia. Vivendo em um ambiente rural onde o mais moderno veículo é a carroça, os personagens têm tempo para apreciar e descrever a natureza. As duas Cathys, quando meninas, divertem-se observando bichos e pássaros, colhendo flores e frutas ou simplesmente passeando pela charneca.

A morte dos personagens, que muitas vezes é muito precoce, também causa estranheza. As pessoas podem morrer porque apanham chuva ou frio, ou porque ficam confinadas por alguns dias sem comer, ou ainda porque, ao serem contrariadas em suas vontades, têm acessos de cólera que as deixam completamente transtornadas e causam um indescritível dano a suas almas.

Os aspectos que poderíamos chamar de “góticos” (a presença constante da morte, a convicção alimentada por Catherine e Heathcliff de que o elo que os une vai ultrapassar essa fronteira, Heathcliff desenterrando o corpo de Cathy para tê-la nos braços uma última vez e a fantasmagórica garotinha que assombra Lockwood logo no começo do livro) talvez já não sejam tão diferentes do que um leitor ou espectador jovem costuma apreciar: afinal, existe um elo explícito entre *O Morro dos Ventos Uivantes* e a chamada *Saga Crepúsculo*, já que *O Morro...* é o romance favorito de Bella e Edward, personagens principais da saga. Dizem até alguns que uma obra promove a outra. E, contrariando a intuição de alguns, há pessoas dizendo que o romance de Emily Brontë é que teve sua memória reavivada pela citação na saga. “A intuição de alguns” a que me refiro tenderia a acreditar que a saga é que pegou carona no romance, inegável clássico da literatura inglesa.

Mas *O Morro...* tem qualidades únicas. Os personagens são muito bem-delineados, têm presença marcante, sem ser por demais típicos. O mais típico (e talvez menos importante para a trama), Joseph, acrescenta uma graça especial à história. Ele é um velho carola e rabugento que, apesar disso, mostra, à sua moda, uma afeição genuína pelo “minino” Hareton. Nelly é a âncora de toda a trama, não só por narrá-la a Lockwood, mas também por estar efetivamente envolvida em todos os acontecimentos da história. Hareton é um personagem intrigante, que acaba por mostrar o que o descuido ou o cuidado podem legar a uma pessoa. A segunda Cathy é uma Catherine atenuada, no sentido de ser mais amorosa, dedicada ao pai e estar sempre em busca de afeto, o que não é tão fácil dado o seu isolamento. Todavia, pressionada pela dominação opressora de Heathcliff, ela não se dobra, no que se aproxima muito da personalidade da mãe. O pai de Cathy, Edgar Linton, no início não é muito simpático. O leitor, até certa altura da narrativa, tende a “torcer” por Heathcliff, que foi injustiçado, rebaixado em sua condição e privado de bens materiais e culturais que lhe estariam garantidos se o velho Earnshaw não tivesse morrido quando ele ainda era adolescente.

Mas o grande espetáculo do livro, a atração principal, os personagens que, de longe, *despontam* os demais (não por esses últimos não serem marcantes, mas pela força de suas caracterizações) são Cathy e Heathcliff. Eles têm certos traços em comum, que fazem Cathy dizer a Nelly que ela “é Heathcliff”. Os dois desenvolvem, logo que se conhecem, uma afinidade que ultrapassa as convenções sociais, as diferenças de gênero e até a morte. Eles têm uma sintonia fina: um sabe o que o outro sente, um se preocupa com o outro, um coloca o outro como a porção mais importante da sua vida; e, no entanto, eles não conseguem se entender, muito menos ser felizes.

O leitor sabe que os dois são pessoas intensamente apaixonadas. Que eles gostam de ficar ao ar livre, explorando o ambiente que os rodeia. Sabe também que eles se apreciam muito, e que os dois têm personalidades voluntariosas e cheias de caprichos. Acima de tudo, eles se identificam. Mas o que causa essa identificação, o próprio cerne da relação deles, não é revelado. Ao leitor não é permitido entrar na alma deles, para saber exatamente por que Cathy fala que “é Heathcliff”. Nem mesmo aos momentos genuinamente felizes dos dois o leitor tem acesso. A leitura revela a afinidade que existe entre eles, mas não o que exatamente constitui essa afinidade. Na leitura, “ouvimos” dizer que eles tiveram momentos em que, sozinhos, viveram aventuras eletrizantes, mas essas cenas não estão diretamente descritas.

Diretamente descritas são as cenas de conflito entre os dois. E essas são muitas. A partir do momento em que Catherine se afasta do Morro e passa algumas semanas com a família Linton, fica encerrado, de certa forma, esse tempo idílico da infância em que ela e Heathcliff foram tão felizes, e que não nos é dado a conhecer.

Os personagens de *O Morro...* não são complexos como um Bentinho de *Dom Casmurro*, por exemplo; e, no entanto, nós temos acesso à complexidade da alma de Bentinho. Claro, existe a diferença básica entre o narrador em primeira e em terceira pessoa. Ou, para contrapor mais um tipo, existe uma diferença entre Nelly, a principal narradora do romance de Emily Brontë, e um narrador onisciente, como ocorre em *O primo Basílio*, de Eça de Queirós.

No caso de *O Morro dos Ventos Uivantes*, percebemos a trama a partir do olhar de Nelly, que só é “onisciente” no sentido de participar de praticamente todos os acontecimentos da história. E alguém poderia argumentar que, se Nelly não saía para passear pelos campos juntamente com Heathcliff e Cathy, ela não poderia descrever para o leitor esses momentos. Mas ela poderia ouvir (e depois nos contar) Cathy ou mesmo Heathcliff rememorando esses momentos. A felicidade de Heathcliff e Cathy pertence unicamente a eles dois. Para o leitor resta testemunhar as discussões incendiadas, as graves acusações mútuas, e uma espécie de inferno em vida que cada um enfrenta que faz os dois ansiarem pela morte, quando afinal terão paz e, eles têm certeza, poderão se reunir de novo.

O romance tem, por isso, o poder de se fixar em nossa memória, de continuar causando arrepios mesmo depois de muito tempo de leitura. Fica gravada em nós a intensidade do sentimento que une Cathy e Heathcliff: um sentimento indomado, muitas vezes agressivo, apaixonado e enigmático. O que será que alimentava a paixão de Cathy a ponto de colocar seu casamento — e mesmo sua vida — em risco por causa de Heathcliff? E o que será que alimentava a paixão de Heathcliff a ponto de ele já não suportar conviver com nada que o faça se lembrar de Cathy, nem mesmo a filha dela, nem mesmo Hareton, por quem ele nutre uma certa simpatia?

É esse sentimento arrebatado, paradoxal, violento e insondável que mantém vivo o interesse pela história. São os enigmas que não conseguimos resolver que nos atraem de volta a *O Morro...*, são as lacunas de informação que nos deixam perplexos diante de um amor tão intenso, tão contraditório e tão singular. Um amor que faz de Heathcliff um homem perverso, violento, amargo, torturado e egoísta ao extremo. Um homem vingativo, que passa a vida inteira arquitetando planos para arruinar a vida daqueles que se interpuseram em seu caminho.

Para um senso comum mais ingênuo, parece estranho que alguém capaz de amar tanto seja ao mesmo tempo capaz de ser tão cruel. Mas então surge outro fato que talvez explique, mas sem esclarecer, essa personalidade tão enigmática de Heathcliff. Ninguém sabe de onde ele veio, nem mesmo se ele era estrangeiro ou não. Quando o velho Earnshaw o encontra em

Liverpool, ele pronuncia umas palavras que ninguém entende. Teria sido ele contrabandeado por viajantes e mercadores que aportavam naquela cidade? Estaria nessa sua origem obscura a explicação para seu comportamento tão atormentado? Teria Heathcliff, como sugere o velho Joseph, algum tipo de pacto com os seres da escuridão? Teria a garotinha que assombra Lockwood, pedindo para entrar porque está com frio, algum tipo de existência real, em vez de ser apenas uma projeção da imaginação conturbada do visitante do Morro?

Aí reside outro encanto da história. Brontë equilibra com talento as referências ao sobrenatural, de um lado, e a racionalização, de outro. Nós nunca temos provas concretas de que as aparições de Cathy (para Lockwood, para Heathcliff, para o garotinho da aldeia que diz tê-la visto juntamente com Heathcliff depois da morte dele) realmente “aconteceram” ou não. Pode ter sido tudo fruto de sugestão. Por outro lado, o clima da obra como um todo tem uma forte contribuição do fantasmagórico e do sobrenatural, sem ser exatamente uma história de terror.

Essas características de composição fazem de *O Morro dos Ventos Uivantes* uma obra única, que merece lugar de destaque entre os romances do século XIX, época em que o gênero se estabeleceu definitivamente como forma de arte e nova tendência literária. Um “clássico”, como gostam de dizer alguns. Em outras palavras, uma obra que sobrevive ao avanço do tempo e perdura, encantando leitores em todo o mundo.

* Professora e pesquisadora na área de tradução, vinculada ao Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP. É também tradutora profissional, trabalhando junto a editoras há mais de 20 anos.



SOBRE A TRADUTORA

Solange Pinheiro é formada em Letras / Tradutor e Intérprete pelo Centro Universitário Ibero-Americano. Fez mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês (Tradução) na Universidade de São Paulo, instituição em que também obteve o título de Doutora em Letras (Filologia e Língua Portuguesa). Em 2016, terminou o pós-doutorado no Programa de Estudos da Tradução da USP, na área de italiano.

© Copyright desta tradução: Editora Martin Claret Ltda., 2014.
Título original: *Wuthering Heights*.

direção MARTIN CLARET

produção editorial CAROLINA MARANI LIMA
MAYARA ZUCHELI

direção de arte e capa JOSÉ DUARTE T. DE CASTRO

ilustração de capa SMCFEETERS / SHUTTERSTOCK

diagramação GIOVANA GATTI QUADROTTI

revisão técnica LENITA MARIA RIMOLI ESTEVES

revisão RAPHAEL VASSÃO NUNES RODRIGUES

Este livro segue o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brontë, Emily, 1818-1848.

O morro dos ventos uivantes [livro eletrônico] / Emily Brontë; tradução e introdução
Solange Pinheiro. — São Paulo — Martin Claret, 2021.

Título original: *Wuthering heights*

ISBN 978-65-5910-046-0

1. Romance inglês I. Pinheiro, Solange II. Título.

21-59662

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura inglesa 823

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

EDITORA MARTIN CLARET LTDA.

Rua Alegrete, 62 – Bairro Sumaré – CEP: 01254-010 – São Paulo, SP

Tel.: (11) 3672-8144 – www.martinclaret.com.br